

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

JULIANA BACAN ZANI

**O ENSINO DA LINGUAGEM ORAL: PARA UMA
MODELIZAÇÃO DO GÊNERO JORNALÍSTICO
“GRANDE REPORTAGEM”**

Itatiba
2013

JULIANA BACAN ZANI - R. A. 002201200618

**O ENSINO DA LINGUAGEM ORAL: PARA UMA
MODELIZAÇÃO DO GÊNERO JORNALÍSTICO
“GRANDE REPORTAGEM”**

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-graduação *Stricto Sensu* em
Educação da Universidade São
Francisco, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luzia Bueno.

Itatiba
2013

801.8	Zani, Juliana Bacan.
Z35e	O ensino da linguagem oral : para uma modelização do gênero jornalístico “grande reportagem” / Juliana Bacan Zani. -- Itatiba, 2013. 255 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Educação da Universidade São Francisco. Orientação de: Luzia Bueno. 1. Linguagem e línguas – Estudo e ensino. 2. Linguagem oral. 3. Jornalismo – Linguagem. 4. Gêneros textuais. 5. Telejornalismo 6. Análise do discurso. I. Bueno, Luzia. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

ZANI, J. O ensino da linguagem oral: para uma modelização do gênero jornalístico “grande reportagem” – Dissertação de Mestrado – Itatiba, 2013

Errata

Folha	Onde se lê	Leia-se
13	conforme constatou Bueno (2009), em estudos realizados com um grupo de profissionais (professores, coordenadores, autores de livro didático, editores) de um curso de extensão da PUC-SP, os gêneros orais não têm sido tratados como objeto de ensino-aprendizagem, devido à falta de conhecimento do professor em como proceder.	conforme constatou Bueno (2009) apud SWIDERSKI (2012, p. 16-17), em estudos realizados com um grupo de profissionais (professores, coordenadores, autores de livro didático, editores) de um curso de extensão da PUC-SP, os gêneros orais não têm sido tratados como objeto de ensino-aprendizagem, devido à falta de conhecimento do professor em como proceder.
23	A noção de gêneros discursivos foi abordada na antiguidade por Platão e Aristóteles e o sentido abrangia a área artístico-literária (MARCUSCHI, 2008). No entanto é no Círculo de Bakhtin que encontramos uma ressignificação do conceito de gênero	A noção de gêneros discursivos foi abordada na antiguidade por Platão e Aristóteles e o sentido abrangia a área artístico-literária (MARCUSCHI, 2008 apud SWIDERSKI, 2012, p. 30). No entanto é no Círculo de Bakhtin que encontramos uma ressignificação do conceito de gênero
23	Bakhtin/Volochínov (2010) apresenta uma concepção de linguagem enquanto ato social, a qual possibilita um olhar para a heterogeneidade discursiva. As atividades de interação verbal, os enunciados (orais ou escritos) revelam um estilo de linguagem em condições específicas/finalidades de cada campo da comunicação discursiva (estilo, construção composicional e conteúdo temático). Sendo assim, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272).	Bakhtin/Volochínov (2010) apud SWIDERSKI (2012, p. 32) apresenta uma concepção de linguagem enquanto ato social, a qual possibilita um olhar para a heterogeneidade discursiva. As atividades de interação verbal, os enunciados (orais ou escritos) revelam um estilo de linguagem em condições específicas/finalidades de cada campo da comunicação discursiva (estilo, construção composicional e conteúdo temático). Sendo assim, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272).
24	Segundo Bronckart (1999), o texto é uma	SWIDERSKI (2012, p. 36) destaca que:

	produção verbal, seja ela oral ou escrita, portanto empírica, situado num dado contexto, que apresenta formas e tamanhos diferentes, mas ao mesmo tempo é dotado de características comuns, as quais manifestam uma relação de interdependência com o contexto imediato de produção.	[recuo] Segundo Bronckart (1999), o texto é uma produção verbal, seja ela oral ou escrita, portanto empírica, situado num dado contexto, que apresenta formas e tamanhos diferentes, mas ao mesmo tempo é dotado de características comuns, as quais manifestam uma relação de interdependência com o contexto imediato de produção.
24	Bronckart (2009) afirma que quando é possível agrupar um conjunto de textos que foram produzidos sob uma dada formação social, condições de funcionamento similares e características linguísticas relativamente comuns, estamos diante de uma espécie de texto, que o interlocutor produz uma unidade empírica de linguagem. No entanto, as características de um gênero de texto não são estáveis, e sim estão em perpétuo movimento, ou seja, os gêneros modificam-se e alguns deixam de existir, enquanto outros se transformam caracterizando-se em um novo gênero.	Bronckart (2009) apud SWIDERSKI (2012, p. 37) afirma que quando é possível agrupar um conjunto de textos que foram produzidos sob uma dada formação social, condições de funcionamento similares e características linguísticas relativamente comuns, estamos diante de uma espécie de texto, que o interlocutor produz uma unidade empírica de linguagem. No entanto, as características de um gênero de texto não são estáveis, e sim estão em perpétuo movimento, ou seja, os gêneros modificam-se e alguns deixam de existir, enquanto outros se transformam caracterizando-se em um novo gênero.
25	Desde a Antiguidade, pode-se dizer que houve uma tentativa de classificação dos gêneros, para a qual vários critérios foram estabelecidos. De acordo com Bronckart (2009, p. 73), essa dificuldade de classificação deve-se à diversidade de critérios utilizados para definir um gênero onde se pode levar em consideração: (a) o tipo de atividade humana implicada (gênero jornalístico, gênero literário, gênero religioso, etc.); (b) o efeito comunicativo visado (gênero épico, lírico, poético, etc.); (c) a natureza e/ou tamanho do suporte (artigo de jornal, reportagem, novela, etc.); (d) o conteúdo temático	SWIDERSKI (2012, 37) reforça p. que, desde a Antiguidade, pode-se dizer que houve uma tentativa de classificação dos gêneros, para a qual vários critérios foram estabelecidos. De acordo com Bronckart (2009, p. 73), essa dificuldade de classificação deve-se à diversidade de critérios utilizados para definir um gênero onde se pode levar em consideração: (a) o tipo de atividade humana implicada (gênero jornalístico, gênero literário, gênero religioso, etc.); (b) o efeito comunicativo visado (gênero épico, lírico, poético, etc.); (c) a natureza e/ou tamanho do suporte (artigo de jornal, reportagem,

	(romance policial, receita de cozinha, etc.); além da possibilidade de muitos outros critérios.	novela, etc.); (d) o conteúdo temático (romance policial, receita de cozinha, etc.); além da possibilidade de muitos outros critérios.
31	Num plano abstrato (arquétipos psicológicos), os tipos de discurso são representações sociais que o agente produtor mobiliza no momento da produção de um texto. Essas representações dizem respeito ao conteúdo temático em relação ao mundo ordinário em que se situa a produção, bem como das representações acerca de si (agente produtor) e do outro (agente receptor), do lugar e do momento da produção (espaço-tempo). Já no nível concreto (plano dos tipos linguísticos), segundo o ISD, é possível apreciar os tipos de discursos se efetivarem semioticamente no quadro de uma língua materna.	Num plano abstrato (arquétipos psicológicos), os tipos de discurso são representações sociais que o agente produtor mobiliza no momento da produção de um texto. Essas representações dizem respeito ao conteúdo temático em relação ao mundo ordinário em que se situa a produção, bem como das representações acerca de si (agente produtor) e do outro (agente receptor), do lugar e do momento da produção (espaço-tempo). Já no nível concreto (plano dos tipos linguísticos), segundo o ISD, é possível apreciar os tipos de discursos se efetivarem semioticamente no quadro de uma língua materna. (SWIDERSKI, 2012)
31-32	Portanto, os tipos de discurso, além de representações de mundos discursivos são estruturas linguísticas comuns que servem para organizar um texto, ou seja, são “formas linguísticas” que são identificáveis nos textos e que traduzem ou semiotizam os mundos discursivos compreendidos como “atitudes de locução”. (BRONCKART, 2006, p.150).	Portanto, os tipos de discurso, além de representações de mundos discursivos são estruturas linguísticas comuns que servem para organizar um texto, ou seja, são “formas linguísticas” que são identificáveis nos textos e que traduzem ou semiotizam os mundos discursivos compreendidos como “atitudes de locução”. (BRONCKART, 2006, p. 150 apud SWIDERSKI, 2012).
32	Bronckart (2009) considerando que há dois mundos discursivos: um da ordem do expor (mundo comentado), onde o conteúdo temático e o espaço-tempo no qual se inscreve o agente produtor apresenta, de forma conjunta em relação ao mundo ordinário; e um da ordem do narrar (mundo narrado), em que o conteúdo temático e as coordenadas de espaço-tempo são disjuntos do	Bronckart (2009) apud SWIDERSKI (2012, p. 39-40) considerando que há dois mundos discursivos: um da ordem do expor (mundo comentado), onde o conteúdo temático e o espaço-tempo no qual se inscreve o agente produtor apresenta, de forma conjunta em relação ao mundo ordinário; e um da ordem do narrar (mundo narrado), em que o conteúdo temático e as coordenadas de

	discursivos é analisada em relação mundo ordinário. Num segundo momento, a noção de mundos à ação de linguagem. A ação de linguagem é vista como implicada quando se faz necessário ter acesso às condições de produção para interpretar um texto. Ao contrário, quando essas condições de produção não interferem de modo decisivo sobre o processo de interpretação, estamos diante de uma ação de linguagem autônoma.	espaço-tempo são disjuntos do mundo ordinário. Num segundo momento, a noção de mundos discursivos é analisada em relação à ação de linguagem. A ação de linguagem é vista como implicada quando se faz necessário ter acesso às condições de produção para interpretar um texto. Ao contrário, quando essas condições de produção não interferem de modo decisivo sobre o processo de interpretação, estamos diante de uma ação de linguagem autônoma.
33	Os tipos de discurso são, portanto, classificados em: discurso teórico; discurso interativo; discurso interativo relatado; e narração. Em um texto, esses discursos podem aparecer de maneira conjunta, no entanto, um deles irá predominar. Para verificar qual o tipo de discurso que predomina em um texto é necessária uma análise de caráter estatístico sobre a frequência de determinadas unidades linguísticas que caracterizam um ou outro discurso.	Os tipos de discurso são, portanto, como reforça SWIDERSKI (2012, p. 33), classificados em: discurso teórico; discurso interativo; discurso interativo relatado; e narração. Em um texto, esses discursos podem aparecer de maneira conjunta, no entanto, um deles irá predominar. Para verificar qual o tipo de discurso que predomina em um texto é necessária uma análise de caráter estatístico sobre a frequência de determinadas unidades linguísticas que caracterizam um ou outro discurso.
49-50	Encontramos em Marcuschi (2001) uma breve contextualização histórica da visão dicotômica de oralidade e escrita. Segundo o autor, na década de 1970, pesquisadores como Goody (1997), Olson (1977) e Ong (1982) propõem a “grande divisão” entre oralidade (fala) e escrita. A partir de estudos voltados para o fato linguístico buscam-se as diferenças entre uma modalidade e outra de uso de uma língua. A tese estabelecida é de que a oralidade é contextualizada, dependente, implícita, redundante, não-planejada,	Encontramos em Marcuschi (2001) apud uma breve contextualização histórica da visão dicotômica de oralidade e escrita. Segundo o autor, na década de 1970, pesquisadores como Goody (1997), Olson (1977) e Ong (1982) propõem a “grande divisão” entre oralidade (fala) e escrita. A partir de estudos voltados para o fato linguístico buscam-se as diferenças entre uma modalidade e outra de uso de uma língua. A tese estabelecida é de que a oralidade é contextualizada, dependente, implícita, redundante, não-planejada,

	imprecisa, não-normatizada, fragmentada. Já a escrita é considerada descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada, completa, atividade tecnológica, inovação constante, analítica.	imprecisa, não-normatizada, fragmentada. Já a escrita é considerada descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada, completa, atividade tecnológica, inovação constante, analítica. SWIDERSKI (2012, p. 65)
50	Nesse sentido, o autor exemplifica que no grupo dos gêneros tipicamente escritos estaria o artigo científico, as leis, o relatório técnico, a notícia do jornal impresso, o formulário, a carta pessoal, o bilhete, a carta comercial, o telegrama, a ata de reunião etc., por serem produzidos por meio gráfico e a partir de uma concepção discursiva escrita. No grupo dos gêneros tipicamente orais, estaria a exposição acadêmica, a conferência, a aula, a piada, a notícia ao vivo, a entrevista pessoal, o inquérito, o debate, a conversa pública, a conversa telefônica etc., por serem produzidos por meio sonoro e apresentarem uma concepção discursiva oral. Por fim, no grupo dos gêneros produzidos na interface oralidade-escrita ou escrita-oralidade estaria a notícia televisiva, a notícia radiofônica, os comunicados, os anúncios classificados, a explicação técnica.	Nesse sentido, SWIDERSKI (2012, p. 66) destaca que, o autor exemplifica que no grupo dos gêneros tipicamente escritos estaria o artigo científico, as leis, o relatório técnico, a notícia do jornal impresso, o formulário, a carta pessoal, o bilhete, a carta comercial, o telegrama, a ata de reunião etc., por serem produzidos por meio gráfico e a partir de uma concepção discursiva escrita. No grupo dos gêneros tipicamente orais, estaria a exposição acadêmica, a conferência, a aula, a piada, a notícia ao vivo, a entrevista pessoal, o inquérito, o debate, a conversa pública, a conversa telefônica etc., por serem produzidos por meio sonoro e apresentarem uma concepção discursiva oral. Por fim, no grupo dos gêneros produzidos na interface oralidade-escrita ou escrita-oralidade estaria a notícia televisiva, a notícia radiofônica, os comunicados, os anúncios classificados, a explicação técnica.
54	O Modele Didactique du Genre, ou seja, Modelo Didático de Gênero (MDG), consiste em um estudo sistematizado com um número significativo de textos de um dado gênero, visando a conhecer suas características predominantes.	O Modele Didactique du Genre, ou seja, Modelo Didático de Gênero (MDG), consiste em um estudo sistematizado com um número significativo de textos de um dado gênero, visando a conhecer suas características predominantes. (SWIDERSKI (2012, p. 41)
55	De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), um MDG é o resultado de uma descrição provisória das principais características de	De acordo com Dolz e Schneuwly (2004) apud SWIDERSKI (2012, p. 41), um MDG é o resultado de uma descrição

	um gênero a partir da perspectiva da educação. Por exemplo, um professor tendo acesso a um modelo didático do gênero seminário, possibilita conhecer e selecionar o conteúdo ao qual deve ser dado prioridade, bem como definir os objetivos do trabalho em sala de aula.	provisória das principais características de um gênero a partir da perspectiva da educação. Por exemplo, um professor tendo acesso a um modelo didático do gênero seminário, possibilita conhecer e selecionar o conteúdo ao qual deve ser dado prioridade, bem como definir os objetivos do trabalho em sala de aula.
55	A construção de um MDG, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p.82), é pautada em três aspectos que interagem entre si. Trata-se dos princípios de legitimidade, de relevância (ou pertinência) e de solidarização.	Para SWIDERSKI (2012, p. 41), a construção de um MDG, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p.82), é pautada em três aspectos que interagem entre si. Trata-se dos princípios de legitimidade, de relevância (ou pertinência) e de solidarização.
55	O segundo trata-se da escolha de conhecimentos de referências, elencados a partir do princípio de legitimidade e dos propósitos e objetivos educacionais (o que estamos tomando como pressupostos político-educacionais). Por fim, o terceiro princípio trata de tornar coerente o conhecimento a ser trabalhado a partir do MDG, haja vista que tanto o princípio de legitimidade como o princípio de pertinência acaba por influenciar nas características do gênero (em seu contexto de produção e circulação) a ser trabalhado em sala de aula (gênero de ensino).	O segundo trata-se da escolha de conhecimentos de referências, elencados a partir do princípio de legitimidade e dos propósitos e objetivos educacionais (o que estamos tomando como pressupostos político-educacionais). Por fim, o terceiro princípio trata de tornar coerente o conhecimento a ser trabalhado a partir do MDG, haja vista que tanto o princípio de legitimidade como o princípio de pertinência acaba por influenciar nas características do gênero (em seu contexto de produção e circulação) a ser trabalhado em sala de aula (gênero de ensino). SWIDERSKI (2012, p. 41).
57	Conforme proposto pelo Grupo de Genebra e por pesquisadores brasileiros que seguem os pressupostos do ISD, os critérios delimitados no quadro acima possibilitam o reconhecimento de aspectos gerais de um dado gênero e a transposição didática deste a um gênero de ensino, além de servir de princípio metodológico para análise das capacidades de linguagem.	SWIDERSKI (2012, p. 44) destaca que, conforme proposto pelo Grupo de Genebra e por pesquisadores brasileiros que seguem os pressupostos do ISD, os critérios delimitados no quadro acima possibilitam o reconhecimento de aspectos gerais de um dado gênero e a transposição didática deste a um gênero de ensino, além de servir de princípio metodológico para análise das capacidades de

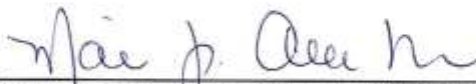
		linguagem.
57-58	O ISD parte do pressuposto de que o ensino sistematizado de uma língua precisa focar o desenvolvimento das capacidades de linguagem, e o MDG, assim como a Sequência Didática, são instrumentos significativos para subsidiar a construção de um conhecimento que pode nos possibilitar um trabalho significativo com os gêneros em sala de aula.	O ISD parte do pressuposto de que o ensino sistematizado de uma língua precisa focar o desenvolvimento das capacidades de linguagem, e o MDG, assim como a Sequência Didática, são instrumentos significativos para subsidiar a construção de um conhecimento que pode nos possibilitar um trabalho significativo com os gêneros em sala de aula. SWIDERSKI (2012, p. 44)

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

Juliana Bacan Zani defendeu a dissertação "O ENSINO DA LINGUAGEM ORAL: PARA UMA MODELIZAÇÃO DO GÊNERO JORNALÍSTICO "GRANDE REPORTAGEM" aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 05 de dezembro de 2013 pela Banca examinadora constituída pelos professores:



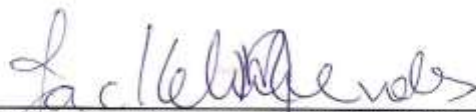
Profa. Dra. Luzia Bueno
Orientadora e Presidente



Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Examinadora

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Gláís Sales Cordeiro
Examinadora



Profa. Dra. Jackeline Rodrigues Mendes
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Dentre as tantas pessoas que, de alguma forma, contribuíram com minha trajetória enquanto pesquisadora gostaria de agradecer:

A Deus, força superior que me motiva e alimenta minha alma;

A CAPES que garantiu os recursos deste projeto;

À orientadora Prof.^a Dr.^a Luzia Bueno, eterna mestre, pela conduta profissional e por tanto acreditar, incentivar, possibilitar, me fazer crescer e me transformar.

Às professoras Dra. Gláís Sales Cordeiro e Dra. Márcia Ap. Amador Máscia que participaram da minha qualificação e muito contribuíram; pela leitura cuidadosa e pelos questionamentos suscitados para o percurso desta pesquisa;

À Prof.^a Dra. Jacqueline por aceitar o convite de participar da banca de defesa do Mestrado, juntamente com as professoras Dra. Gláís e Dra. Márcia.

A todas as professoras do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, pelos ensinamentos, em especial Prof.^a Dra. Adair Nacarato.

Às amigas Ângela Pereira e Maria Jussara Zamarian, por compartilharem as angústias do Mestrado e sempre estarem por perto com palavras de carinho e força para continuar a jornada.

À eterna amiga, Renata Correa, simplesmente por dividir todo o seu conhecimento e os momentos de alegrias, tristezas, ganhos. Alguém que me ensinou a ver a vida de outra maneira e superar os desafios do Mestrado e que juntas vencemos.

A todos os colegas do grupo ALTER-AGE, pelas discussões, apoio e por sugestões durante a pesquisa, em especial a professora Dra. Eliane Gouvêa Lousada.

Aos meus pais, Ivani e José, por todos os princípios e valores que hoje me compõem, e principalmente pela força para superar cada dificuldade, isso fez com que mais uma etapa fosse cumprida.

Ao meu esposo, Evandro, pelo companheirismo, incentivo e, sobretudo, pela ajuda constante neste trabalho, pela compreensão surpreendente, pela palavra certa nos momentos difíceis. Estar junto, não significa estar ao lado, mas sim no lado de dentro, no coração.

A todos os meus familiares que me incentivaram e me socorreram nos momentos difíceis.

Aos meus verdadeiros amigos, em especial Denise Arcuri e Osmir Cruz que, com palavras de incentivo, muito me fizeram acreditar que a conclusão deste trabalho seria possível.

Aos meus queridos alunos da Faculdade de Vinhedo, que me deram a oportunidade de aprender com suas experiências e, principalmente, de poder participar ativamente do crescimento profissional de cada um.

Enfim, meu muito obrigado a todos que de algum modo, direta ou indiretamente, fizeram parte desta pesquisa e souberam compreender meus momentos de ausência.

*“As palavras só têm significado na corrente do
pensamento e da vida”*

(Ludwig Wittgenstein)

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é identificar as características que definem o gênero jornalístico grande reportagem a fim de elaborar um modelo didático que possa guiar a ação do professor na elaboração de sequências didáticas, para o ensino de gêneros orais em contexto escolar. Para a efetivação desta discussão, adotamos o modelo de análise de textos do Interacionismo sociodiscursivo, desenvolvido por Bronckart (2004, 2009), a proposta de ensino de gêneros por meio da construção de modelo didático e sequência didática de Schneuwly & Dolz (1998, 2004), bem como a teoria de análise da conversação proposta por Marcuschi (2001, 2003). A fim de atingir o nosso objetivo selecionamos, assistimos, transcrevemos e analisamos dois programas de diferentes emissoras de televisão. Diante das análises, percebemos que o gênero jornalístico grande reportagem é muito complexo, necessitando fazer primeiramente um levantamento de suas características, tomando-o como gênero de referência, para depois modelizá-lo. Com o resultado, acreditamos que as características levantadas do gênero jornalístico grande reportagem e a elaboração de um modelo didático, possam dar oportunidades aos professores de se apropriarem de conhecimentos sobre o gênero em questão, possibilitando-lhes ainda como intervir didaticamente, levando os alunos a compreenderem, dominarem e se apropriarem de conhecimentos que desenvolvam e ampliem as suas capacidades de linguagem.

Palavras – Chave: gêneros de textos orais; modelo didático, interacionismo sociodiscursivo

ABSTRACT

The aim of this research is to identify the characteristics that define the journalistic genre big report and prepare a didactic model that can guide the development of teaching sequences, for the teaching oral genres in the school context. To investigate and discuss this material, we adopt the model of analysis of texts Interactionism sociodiscursive developed by Bronckart (2004, 2009), the proposed teaching of genres by building a model of teaching and instructional sequence Schneuwly & Dolz (1998, 2004) as well as the theory proposed by conversation analysis Marcuschi (2001, 2003). To achieve our goal we select, watch, transcribe and analyze two programs of different television stations. Given the analyzes, we noticed that the journalistic genre big report is very complex and needs to first assess their characteristics, taking it as a kind of reference for later it modelizá. With the result, we believe that the characteristics of the journalistic genre big report and the preparation of a didactic model, can provide opportunities for teachers to appropriate knowledge about the genre in question, allowing them even to intervene didactically, leading students to understand, dominating and appropriating knowledge to develop and expand their language skills.

Keywords: genres of oral texts; didactic model; interactionism sociodiscursive

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tipos de discurso	33
FIGURA 2 – Esquema da Sequência Didática	59
FIGURA 3 – Categorias e Gêneros dos programas na TV brasileira	67
FIGURA 4 – Categorias do Globo Repórter	94
FIGURA 5 – Categorias do Câmera Record	114

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Critérios para modelo didático do gênero (MDG)	59
QUADRO 2 – Indicação dos textos do corpus final	77
QUADRO 3 – Normas de Transcrição	78
QUADRO 4 – Modelo para transcrição de um gênero audiovisual	80
QUADRO 5 – Legenda para análise	80
QUADRO 6 – Modelo de Análise	83
QUADRO 7 – Meios não-linguísticos	84
QUADRO 8 – Análise do Programa de Televisão – Aspectos Linguísticos .	85
QUADRO 9 – Análise do Programa de Televisão: Aspectos não- linguísticos	87
QUADRO 10 – Ficha técnica do Globo Repórter	89
QUADRO 11 – Temas do Globo Repórter	91
QUADRO 12 – Ficha técnica do Câmera Record	111
QUADRO 13 – Temas do Câmera Record	112
QUADRO 14 – Dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO INTERACIONISMO SÓCIO-DISCURSIVO.....	18
1.1 QUADRO DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO	18
1.2 GÊNEROS DE TEXTO NO ISD	23
1.3 MODELO DE PRODUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE TEXTUAL DO ISD.....	26
1.3.1 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS	26
1.3.2 ARQUITETURA TEXTUAL	29
1.3.2.1 A INFRAESTRUTURA.....	29
1.3.2.2 MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO	38
1.3.2.2.1 CARACTERÍSTICAS DO TEXTO FALADO.....	40
1.3.2.3 MECANISMOS ENUNCIATIVOS.....	43
2 O ENSINO DE GÊNEROS E MODELO DIDÁTICO.....	46
2.1 O ENSINO DE GÊNEROS	47
2.2 GÊNEROS ORAIS NO ENSINO	49
2.2.1 MEIOS NÃO-LINGÜÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO ORAL.....	52
2.3 MODELO DIDÁTICO DE GÊNERO	54
2.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	58
3 GÊNEROS TELEVISIVOS.....	61
3.1 A TELEVISÃO NO BRASIL E O INTERESSE TEÓRICO EM RELAÇÃO AO FENÔMENO TELEVISÃO....	61
3.2 A ESCOLA E A TELEVISÃO	64
3.3 GÊNERO JORNALÍSTICO: FORMATO GRANDE REPORTAGEM.....	68
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	74
4.1 QUESTÃO DE PESQUISA.....	74
4.2 COLETA DE DADOS.....	76
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	81
5 GÊNERO DE REFERÊNCIA	88
5.1 GLOBO REPÓRTER.....	88
5.1.1 CONTEXTO DE PRODUÇÃO.....	88
5.1.2 A ARQUITETURA INTERNA DO TEXTO	94
5.1.2.1 INFRAESTRUTURA GERAL DO TEXTO	94
5.1.2.2 ÂNCORA.....	95

5.1.2.3	REPÓRTERES	97
5.1.2.4	ESPECIALISTAS	104
5.1.2.5	SUJEITO COMUM	105
5.1.3	ASPECTOS NÃO-LINGÜÍSTICOS	107
5.1.3.1	MEIOS PARA-LINGÜÍSTICOS	107
5.1.3.2	MEIOS CINÉSICOS	108
5.1.3.3	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	109
5.1.3.4	ASPECTO EXTERIOR	110
5.1.3.5	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES	110
5.2	CÂMERA RECORD	111
5.2.1	CONTEXTO DE PRODUÇÃO	111
5.2.2	A ARQUITETURA INTERNA DO TEXTO	115
5.2.2.1	INFRAESTRUTURA GERAL DO TEXTO	116
5.2.2.2	ÂNCORA	116
5.2.2.3	REPÓRTER	118
5.2.2.4	SUJEITO COMUM	122
5.2.3	ASPECTOS NÃO-LINGÜÍSTICOS	123
5.2.3.1	MEIOS PARA-LINGÜÍSTICOS	124
5.2.3.2	MEIOS CINÉSICOS	124
5.2.3.3	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	125
5.2.3.4	ASPECTO EXTERIOR	126
5.2.3.5	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES	126
6	UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO JORNALÍSTICO GRANDE REPORTAGEM E ENCAMINHAMENTOS PARA ELABORAÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	127
6.1	PREPARAÇÃO DO PROGRAMA	131
6.2	GRAVAÇÃO DO PROGRAMA	135
6.3	EDIÇÃO	137
6.4	SÍNTESE DO MODELO DIDÁTICO	138
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	145
	ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA: GLOBO REPÓRTER	151
	ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA: CÂMERA RECORD	181

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta pesquisa é identificar as características que definem o gênero jornalístico grande reportagem a fim de elaborar um modelo didático que possa guiar a ação do professor na elaboração de sequências didáticas, para o ensino de gêneros orais em contexto escolar.

Esta pesquisa se insere nas temáticas estudadas pelo grupo de pesquisa do qual participamos: Grupo ALTER-AGE/CNPQ, coordenado pelas professoras Eliane Gouvêa Lousada (USP) e Luzia Bueno (USF).

O interesse pela temática surgiu ao longo da minha trajetória educacional relacionada a minha formação, da qual farei um relato de forma breve.

Durante a minha graduação em Letras, que ocorreu entre os anos de 1995 a 1997, os conhecimentos sobre a natureza da linguagem ainda apresentavam fortes traços do estruturalismo, tendo como foco o ensino. No entanto, eu já tinha o interesse em saber como trabalhar a leitura e incentivar a exploração da oralidade. Logo em seguida, nos anos de 1998 e 1999, fiz especialização em psicopedagogia, entretanto o foco da minha pesquisa não estava relacionada às questões de linguagem.

Atuei durante dez anos na Educação Infantil como professora de inglês e como coordenadora pedagógica. Durante esse período, o meu interesse em relação aos aspectos da linguagem foram aumentando. Em 2009, fiz especialização em Educação Infantil e o meu trabalho de pesquisa voltou-se à análise de atividades de leitura e o desenvolvimento da linguagem oral.

Em 2010, fui fazer uma complementação em Pedagogia e dei continuidade as pesquisas voltadas ao ensino da linguagem oral. Nessa mesma época, fui convidada para atuar no ensino superior, para ministrar a disciplina Linguagem oral e escrita, no curso de Pedagogia. Em contato com as alunas do curso, notamos a desvalorização dos gêneros orais em sala de aula e de trabalhos efetivos nas escolas em que as alunas estavam estagiando. Logo, resolvi desenvolver um projeto de pesquisa e em 2012 ingressei no mestrado.

A escolha da temática também me motivou devido, principalmente, às discussões sobre a importância do ensino de gêneros para que os alunos saibam agir em

diferentes situações de comunicação propiciadas a partir dos PCNs e de várias publicações dos últimos anos.

Assim, partindo do pressuposto de que a produção oral, a escuta, a leitura e a escrita estão presentes em nosso cotidiano de forma articulada, uma contribuindo para o desenvolvimento da outra, cabe à escola fazer com que todos os alunos tenham o conhecimento e domínio das duas modalidades, oral e escrito, e das múltiplas funções da linguagem, já que esta possui diferentes manifestações. Segundo Rojo (2001), a escola é lugar de letramento e dele decorre, quer suas práticas sejam orais ou escritas, sendo assim, a união de letramento, escola e os gêneros orais pode potencializar o processo de ensino aprendizagem.

Dolz e Schneuwly (2004) e Marcuschi (2001) enfatizam a relevância de se trabalhar a oralidade, a fim de se aproveitar o discurso oral que os alunos já possuem ao ingressarem na escola, para que, futuramente, possam realizar discursos elaborados. Pois nesta fase, o aluno deve utilizar a linguagem como um meio de comunicação, expressão do pensamento, dos sentimentos e das vivências, representação, interpretação e modificação da realidade.

No entanto, conforme constatou Bueno (2009), em estudos realizados com um grupo de profissionais (professores, coordenadores, autores de livro didático, editores) de um curso de extensão da PUC-SP, os gêneros orais não têm sido tratados como objeto de ensino-aprendizagem, devido à falta de conhecimento do professor em como proceder. Em contrapartida, temos como hipótese de que a desvalorização dos gêneros orais, estaria relacionada à falta de materiais que pudessem apresentar proposições de trabalhos sistematizados, que abordassem o assunto.

Assim, fizemos um levantamento de trabalhos sobre gêneros orais e encontramos alguns estudos sobre: rádio escolar (BALTAR, 2012); comentário jornalístico radiofônico (SILVA, 2009); notícia televisiva (SWIDERSKI, 2012); exposição oral (GOMES-SANTOS, 2012); sitcom –Friends (STUTZ e CRISTÓVÃO).

Com o intuito de contribuir com as pesquisas direcionadas ao ensino de gêneros orais e preocupadas em trazer para a sala de aula, um gênero que estivesse disponível a todos os alunos, buscamos um suporte na televisão, pois desde o seu surgimento a TV tomou grandes proporções e invadiu os lares, independentemente da classe social. Segundo o IBGE, em 2000, 87,9% dos domicílios tinham um aparelho de rádio em casa, contra 87,2% de televisores e 83,4% de geladeiras. Já pelo Censo de 2010, os aparelhos de TV estão presentes em 95,1% das residências.

Após a definição de onde extrair o gênero, e com base nas pesquisas já realizadas utilizando os gêneros orais, buscamos um que possibilitaria o desenvolvimento das capacidades de linguagem e que despertasse o interesse dos alunos, fazendo também o uso de novas linguagens. No caso da TV, nos últimos anos, tem sido cada vez mais frequente o seu uso, não somente para motivar os alunos, mas também como fonte de aprendizagem. Disciplinas como história, geografia, português, ciências, biologia, encontrarão em alguns programas, veiculados pela TV, um vasto material.

Além disso, a crescente utilização de mídias nos processos educacionais manifesta a necessidade de que as práticas pedagógicas estejam próximas da realidade social do aprendiz, estimulando o prazer pela linguagem oral e escrita e pela leitura mediante o uso de representações diversas, como sons e imagens. De acordo com Almeida (2007, p. 165), “a integração de tecnologias na educação permite romper com as paredes da sala de aula e da escola, integrando-se à comunidade que a cerca, à sociedade da informação e a outros espaços produtores de conhecimento”.

Nesse sentido, é preciso desenvolver estratégias pedagógicas eficazes em seus mais variados espaços educacionais, interligando o contexto social e histórico, ou seja, propiciar ao aluno que desenvolva a capacidade de questionar, levá-lo a compreender as ideologias existentes e a refletir sobre elas, possibilitando-lhe desconstruí-las e construir outras. De acordo com Street (2003), essas práticas sociais variadas demandam por diferentes letramentos, ou mesmo, como diria o autor, múltiplos letramentos.

Dessa forma, optamos por explorar o gênero jornalístico grande reportagem, que consiste na composição sob a forma de um vídeo ou filme, com uma série de informações respeitantes a um acontecimento particular, da atualidade, ou a um fenômeno da sociedade, tratando os assuntos em profundidade e de várias facetas. São exemplos desse gênero, programas como o Globo Repórter da rede Globo.

Nossa proposta de pesquisa é contribuir para um trabalho efetivo utilizando o gênero oral, apresentando possibilidade de trabalho com gêneros concretos, pois acreditamos que quanto mais precisa for a descrição das dimensões ensináveis de um gênero, mais fácil será a apropriação deste como instrumento para que professor possa elaborar um trabalho de ensino que possibilite o desenvolvimento das capacidades de linguagem de seus alunos.

Assim, para atender nossa proposta investigativa, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender quais e como são as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem;
- Organizar as dimensões ensináveis em um quadro esquemático, como modelo didático.

Gostaríamos de evidenciar que nesta pesquisa estamos considerando a elaboração de um modelo didático a partir de dois textos, pois o gênero em questão apresenta vários pontos a serem analisados e por se tratar de uma pesquisa de mestrado, devido ao tempo disponível, só foi possível a análise aprofundada destes. Para a elaboração de um modelo didático, é necessária a análise de vários exemplares, a revisão da bibliografia produzida por especialistas, além do levantamento das capacidades que precisam ser desenvolvidas pelos alunos. Ainda que não contemple as características de um modelo didático tal como definem os autores Schneuwly e Dolz (2004), podemos considerar nosso trabalho como um modelo, já que o mesmo nos permite traçar estratégias de como se poderia efetivamente fazer um modelo didático a partir da análise de mais exemplares do gênero. Como existem poucos estudos sobre os gêneros orais, defendemos a importância de trabalhos como o nosso para que os professores tenham subsídios e possam desenvolver um ensino mais significativo do oral.

Em se tratando de estudos sobre gêneros textuais, queremos deixar claro que nos últimos trinta anos, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento têm-se dedicado mais sistematicamente ao estudo de gêneros. Entre eles, encontramos: a) a visão de gêneros de Bakhtin, que serviu de base para quase todos os estudos sobre gêneros; b) a escola norteamericana, com as contribuições de Carolyn Miller, John Swales, Charles Bazerman e c) a escola de Genebra, com Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart.

Logo, para realizar nosso estudo, adotamos como linha teórico-metodológica central o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), conforme Bronckart (1999, 2006, 2008), que orienta as pesquisas e os pressupostos propriamente didáticos sobre o ensino de gêneros e as questões referentes ao desenvolvimento humano, considerando também o papel da linguagem neste desenvolvimento.

No entanto, para se pensar no trabalho com o ensino dos gêneros, segundo Machado e Cristóvão (2006), nesse quadro epistemológico, precisa-se ter em mente a

questão da transposição didática¹ dos conhecimentos teóricos sobre a produção de linguagem e a adaptação desses conhecimentos à realidade de sala de aula, assumindo-se, de uma forma consistente uma determinada teoria do desenvolvimento humano. A transposição didática, tomada nesta pesquisa, é baseado no conceito que foi rediscutido pela escola de Genebra.

É da preocupação com a transposição didática dos modelos teóricos que abordam os textos e os gêneros de textos que nasce a proposta dos modelos didáticos dos gêneros e das sequências didáticas voltados para o ensino e a aprendizagem da língua materna em Genebra.

Machado e Cristóvão (2006) apontam que, de acordo com os pesquisadores, para construção de sequências didáticas é necessária a construção de um modelo didático de gênero, o qual irá guiar a elaboração das atividades das sequências didáticas.

O modelo didático é uma das etapas necessárias e que antecede à realização de um conjunto de atividades sistematicamente organizadas, que é chamada de sequência didática, cujo objetivo é proporcionar, ao aprendiz, o desenvolvimento de capacidades para agir com e por meio da linguagem.

Dessa forma, é necessário compreender que o ensino de um determinado gênero nunca será a mera transposição exata dos conhecimentos cientificamente construídos sobre esse gênero. Assim, sabemos que a nossa pesquisa será uma contribuição para os professores, sendo que o objetivo do modelo didático do gênero jornalístico grande reportagem é nortear o ensino-aprendizagem dos gêneros de textos nas práticas escolares. A construção do modelo didático é apenas uma das etapas para a realização efetiva desse ensino, pois sabemos que esse modelo será readaptado, repensado pelos professores, não sendo aplicado da maneira exata como foi elaborado.

Frente ao nosso questionamento e para dar conta dos objetivos, descrevendo o percurso da investigação, as bases teóricas e análise do material levantado, organizamos este trabalho em 7 capítulos.

No capítulo 1, apresentaremos o quadro conceitual mais amplo do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), as noções de textos e gêneros de textos e o modelo de produção do ISD. No capítulo 2, exporemos o ensino de gêneros e o modelo

¹ Termo introduzido pela primeira vez pelo sociólogo Michel Verret em 1975 e rediscutido por Yves Chevallard em 1985 em seu livro *La Transposition Didatique*, onde ele mostra as transposições ou os movimentos que um saber sofre quando passa de um campo científico (aquele que os cientistas descobrem) para o saber a ensinar, na escola, (aquele que está nos livros didáticos) e desse para o saber verdadeiramente ensinado (aquele que realmente acontece em sala de aula).

didático de gênero. O capítulo 3 abordará os Gêneros televisivos, a história da televisão e o gênero grande reportagem.

No capítulo 4, trataremos os procedimentos metodológicos utilizados para esta pesquisa, e, no capítulo 5 apresentaremos os resultados da análise de dados, partindo do gênero de referência. No capítulo 6, apresentaremos um modelo didático do gênero jornalístico grande reportagem, explorando suas dimensões ensináveis. Para finalizar, no capítulo 7, faremos as nossas considerações.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO INTERACIONISMO SÓCIO-DISCURSIVO

Neste capítulo, primeiramente, apresentaremos o quadro conceitual mais amplo do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que é a base teórico-metodológica central de nossa pesquisa. Em seguida, discutiremos as noções de textos e gêneros de textos, que são assumidas nesse quadro teórico. E, por fim, abordaremos o modelo de produção do ISD, que permite reconhecer as formas concretas do uso da linguagem, o qual será utilizado nesse trabalho para levantar as características ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem.

1.1 Quadro do Interacionismo Sociodiscursivo

Nesta seção, apresentamos o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo que se fundamenta em uma visão do desenvolvimento humano baseado nos trabalhos de Spinoza (1677/1954), de Marx (1845/1951) e de Vigotski (1934/1997).

O ISD é uma corrente da psicologia da linguagem que se inscreve no Interacionismo Social de Vigotski e assume como problema principal de seus estudos interpretar o funcionamento e o desenvolvimento humano. O ISD distingue-se do Interacionismo Social, ao voltar-se para os estudos da conduta humana e do desenvolvimento do pensamento consciente humano, no qual a linguagem exerce um papel fundamental (BRONCKART, 2006, p.10). Em razão dessa importância atribuída à linguagem, é que se acrescenta o adjetivo “discursivo”,

Nesse sentido, o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) desenvolve uma teoria sobre o funcionamento e desenvolvimento humano em que o agir e a linguagem a ele associada desempenham um papel fundamental, ao mesmo tempo em que nos fornece procedimentos de análise para textos.

Desenvolvido inicialmente por Bronckart e outros pesquisadores do Departamento de Didática de Línguas da Universidade de Genebra, depois por Bronckart e o Grupo Langage, Action et Formation - LAF, o ISD conta atualmente com as contribuições de pesquisadores brasileiros dos grupos ALTER-LAEL e ALTER-

CNPq, ALTER-AGE congregando estudiosos de várias universidades brasileiras, como PUC-SP, PUC-MG, PUC-RJ, UNISINOS, UFG, UEL, UniCEUB, USP, além de pesquisadores portugueses da Universidade de Lisboa (UNL) e argentinos da Universidade de Mendoza.

Segundo Bronckart (2006), o ISD inspira-se em um conjunto de princípios que pode ser resumido em três temas: *o materialismo* (ideia de que o universo é matéria em atividade constante, evoluindo e dando forma a objetos cada vez mais complexos), *o monismo* (se tudo, em essência é matéria, só é possível adotar uma visão monista, pois não faz sentido fazer uma separação entre o físico e o psíquico) e *o evolucionismo* (a evolução humana deve ser pensada em uma perspectiva histórica e dialética, construindo uma genealogia que segue uma linha indireta e descontínua), defendendo a ideia de que o universo é a matéria em atividade constante, evoluindo e dando forma a objetos cada vez mais complexos.

Seguindo essa perspectiva, o programa de pesquisa do ISD, organiza-se em um método de análise descendente constituído por três níveis que se encontram em um constante movimento dialético, ou seja, estão em um diálogo constante, alterando-se mutuamente, que são os pré-construídos, as mediações formativas e o desenvolvimento.

No nível dos pré-construídos, o objetivo do ISD é o de analisar as condições de funcionamento efetivo dos textos, partindo do princípio de que os gêneros textuais são os produtos de uma atividade linguageira coletiva, organizada pelas formações sociais e visando adaptar os formatos textuais às exigências das atividades gerais.

Já no nível das mediações, o ISD postula que as mediações formativas se realizam em vários locais, com aprendizes de estatutos diversos (Bronckart, 2008), permitindo a transmissão dos pré-construídos sociais às novas gerações. Essa mediação e transmissão do conhecimento desses pré-construídos são agrupadas em três conjuntos: processos educativos informais, processos educativos formais e processos de transações sociais.

Finalmente, no nível do desenvolvimento, o ISD interessa-se, por um lado, pelas condições de construção das pessoas e, por outro, pelas condições da transformação dos construídos socio-históricos, ou seja, os mecanismos de apropriação e de interiorização por meio dos quais os indivíduos constroem seus conhecimentos e sua identidade.

O ISD assume e admite que:

os pré-construídos humanos mediatizados orientam o desenvolvimento das pessoas, estas, por sua vez, com o conjunto de

suas propriedades ativas, alimentam continuamente os pré construídos coletivos (elas os desenvolvem, os transformam, os contestam etc.) [...] as mediações (re)constroem os elementos do meio coletivo, no próprio movimento em que contribuem para a construção das propriedades psicológicas individuais (BRONCKART, 2006, p.112).

Assim, ao assumir esse movimento na constituição do desenvolvimento consciente humano que é mediatizado pela linguagem e voltado para o estatuto da conduta humana, o ISD toma para seu quadro as noções de agir, atividade e ação, com contributos de outras teorias, desenvolvendo as concepções de um agir linguageiro, próprio da conduta humana, em atividades de linguagem que exercem um papel regulador das atividades coletivas em uma dada formação social.

Para Bronckart (2009), a concepção que Vigostki atribuiu à linguagem como papel central no desenvolvimento, não explorou o papel da linguagem como um “instrumento” propriamente humano, nem mesmo quando o projeto foi retomado por Leontiev. Sendo assim, Bronckart, visando superar essa lacuna deixada por esses autores, busca em outras teorias as fontes que lhe ajudem a explicitar o papel da linguagem no desenvolvimento humano, retomando e reformulando o trabalho de Habermas para explicitar a relação entre o agir humano e a linguagem.

No ISD, o termo *agir* é compreendido como um comportamento ativo de qualquer organismo vivo. Em relação ao agir humano, este se refere às diferentes formas de intervenção que os seres humanos exercem no mundo (BRONCKART, 2006, p. 137) efetivadas por atos ou gestos, sendo considerados por Bronckart (2004) como cadeias de processos. Esse agir humano pode ser distinguido em um agir não verbal, denominado como agir geral, e um agir verbal, compreendido como um agir de linguagem.

Essas duas dimensões do mesmo agir humano relacionam-se às concepções de atividade e ação humanas compreendidas sob a ordem do sociológico e do psicológico, respectivamente. Sob a ótica do sociológico, podemos destacar as atividades coletivas “estruturas de colaboração que organizam as interações dos indivíduos com o meio”, e a atividade de linguagem como a reguladora dessa interação nas atividades coletivas. Elas são responsáveis por “assegurar o entendimento indispensável à realização das atividades gerais, contribuindo para seu planejamento, sua regulação e sua avaliação” (BRONCKART, 2006, p.138).

Para Bronckart (2006), pautando-se na noção de atividade de Leontiev, são as atividades as responsáveis pelo processo de mediação e organização da interação do ser com o meio social. E, ainda inspirado na noção do agir comunicativo de Habermas, acrescenta que, no seio dessas atividades coletivas, estão articuladas atividades linguageiras com a função de assegurar o entendimento indispensável para suas realizações, sendo, portanto, responsáveis pela efetiva regulação das atividades coletivas. Essas dimensões da atividade humana só podem ser observadas sob um ângulo relacional, ou seja, tanto a atividade coletiva quanto a de linguagem dependem uma da outra, sendo problemáticas, dessa forma, a distinção entre elas.

No quadro dessas atividades coletivas e de linguagem, são atribuídas ações aos indivíduos. Essas ações humanas são observadas sob a ótica do psicológico, pois a sua efetivação, tanto sob um ponto de vista externo (ação geral) quanto interno (ação de linguagem), dependem das avaliações sociais referentes a qualquer atividade coletiva, sendo, portanto, o resultado da mobilização das propriedades das atividades mediadas pela linguagem, carregados de motivos e intenções (BRONCKART, 2006). É no campo dessas atividades coletivas que as pessoas interagem, constroem seus conhecimentos, (re)constroem as próprias atividades e criam outras à medida que a sociedade se transforma, o que se torna possível pelo uso da linguagem verbal no seio da atividade de linguagem realizada pelo ser humano.

Desse modo, o agir geral pode ser compreendido no âmbito das atividades coletivas e das ações realizadas pelos organismos vivos nessas atividades. O agir linguageiro, por sua vez, pode ser compreendido no âmbito das atividades de linguagem e das ações de linguagem realizadas por indivíduos específicos, como o resultado da apropriação, pelo sujeito, dos construtos sócio-históricos, que lhe permite conhecimento para que possa assumir sua responsabilidade na interação verbal, tornando-se agente ou o ator da ação. Tanto a atividade de linguagem quanto a ação de linguagem não são dissociadas das atividades coletivas e ações, mas constituem-nas e são constituídas por elas, da mesma forma, como o agir geral e o agir de linguagem não podem ser considerados como partes do agir humano, mas como dimensões constitutivas dele (BRONCKART, 2006).

Assim, chegamos ao princípio da abordagem de Habermas, a qual considera que o agir se realiza levando em consideração as representações coletivas que são organizadas em sistemas de mundos, conhecidos como mundo objetivo, mundo social e mundo subjetivo.

Ao mundo objetivo estão ligados os conhecimentos coletivos adquiridos em relação ao mundo físico, ou seja, toda e qualquer atividade se realiza no mundo material, constituído por pessoas e situações concretas. A ação do indivíduo ou grupo nesse meio leva em consideração o conhecimento abstraído desse mundo material, sendo o conhecimento e as representações criadas socialmente sobre esse espaço que permitem ao produtor participar eficazmente da atividade na qual está envolvido. Por exemplo, um grupo de 20 adolescentes pretende jogar uma partida de voleyball, a quadra de tênis não é o melhor lugar para isso.

O mundo social é constituído pelos conhecimentos acumulados pela pessoa em relação às regras sociais, elaboradas por um grupo particular e específico e aplicadas na organização das tarefas comuns. Por exemplo, para jogar uma partida de voleyball, mesmo por brincadeira, temos regras claras sobre como conduzir a bola, quantos integrantes devem ter em cada equipe.

O mundo subjetivo, por sua vez, se constitui pela soma do conhecimento coletivo acumulado pelo indivíduo engajado nos grupos sociais e de seus traços psíquicos, que constituem suas características próprias. Em toda atividade, os indivíduos trazem a sua própria visão de si e a visão que outros têm de si. Por exemplo, ao jogar uma partida de voleyball, o jogador se vê e sabe que os outros o veem, ou não, como um jogador habilidoso.

Para Bronckart (2008), no processo de interação verbal, a pessoa mobiliza o conhecimento desses três mundos representados, e que aparecerão em suas ações, seja ela geral ou de linguagem, ou seja, todo agir humano exhibe pretensões de validade, mostrando-se como verdadeiro em relação ao mundo físico; adequado às normas sociais vigentes, em relação ao mundo social; e autêntico e sincero em relação ao mundo subjetivo.

Segundo o mesmo autor (2009), o agir linguageiro, que designa a realidade linguageira constituída de práticas de linguagem situadas, realiza-se por meio de textos organizados em gêneros. O texto corresponderia a uma unidade comunicativa ou interativa global e poderia ser definido como uma unidade de agir linguageiro que veicula uma mensagem organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário, em um determinado espaço e num determinado tempo (BRONCKART, 2006). Dessa forma, como existem diferentes formas de agir linguageiro, ou de textos, o autor propõe o uso de “gêneros de textos” e não de gêneros do discurso. Temática esta que iremos abordar na seção a seguir.

1.2 Gêneros de Texto no ISD

Os textos apresentam especificidades que dependem das características da situação de interação na qual são produzidos, das características da atividade que está sendo comentada e das condições sócio-históricas de sua produção. Em outras palavras, segundo Bronckart (2006), todo texto pertence sempre a um gênero, apresentando propriedades genéricas, resultantes da escolha do gênero textual que parece adaptar-se à situação, mas tem especificidades sempre únicas, que derivam das escolhas do produtor em função de sua situação de produção particular.

Ao falarmos em gêneros, parece-nos primordial esclarecer as origens do conceito, assim como as evoluções e modificações propostas pelos pesquisadores nos quais nos baseamos. A noção de *gêneros discursivos* foi abordada na antiguidade por Platão e Aristóteles e o sentido abrangia a área artístico-literária (MARCUSCHI, 2008). No entanto é no Círculo de Bakhtin que encontramos uma ressignificação do conceito de gênero, pois é na obra de Mikhail Bakhtin (2003, p. 262), que se definem os gêneros do discurso como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados, presentes em cada esfera da atividade humana e sociohistoricamente construídos”.

Bakhtin/Volochínov (2010) apresenta uma concepção de linguagem enquanto ato social, a qual possibilita um olhar para a heterogeneidade discursiva. As atividades de interação verbal, os enunciados (orais ou escritos) revelam um estilo de linguagem em condições específicas/finalidades de cada campo da comunicação discursiva (estilo, construção composicional e conteúdo temático). Sendo assim, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Dentro do quadro teórico do ISD, Bronckart (2009) propõe o termo gênero textual, afirmando que são os textos que se organizam em gêneros, ficando a terminologia tipos de discurso para uma outra categoria que engloba os diferentes “mundos discursivos” que o produtor do texto pode criar e que explicaremos mais à frente.

Para Bronckart (2009), somos confrontados com um universo de textos, organizados em gêneros, que se encontram sempre em processo de modificação. Nosso contato com os gêneros textuais ao longo de nossa história faz com que tenhamos construído um conhecimento intuitivo das regras e das propriedades desses gêneros,

mesmo que de forma inconsciente (MACHADO, 2009b). Segundo Bronckart (1999), o texto é uma produção verbal, seja ela oral ou escrita, portanto empírica, situado num dado contexto, que apresenta formas e tamanhos diferentes, mas ao mesmo tempo é dotado de características comuns, as quais manifestam uma relação de interdependência com o contexto imediato de produção.

Bronckart (2009) afirma que quando é possível agrupar um conjunto de textos que foram produzidos sob uma dada formação social, condições de funcionamento similares e características linguísticas relativamente comuns, estamos diante de uma espécie de texto, que o interlocutor produz uma unidade empírica de linguagem. No entanto, as características de um gênero de texto não são estáveis, e sim estão em perpétuo movimento, ou seja, os gêneros modificam-se e alguns deixam de existir, enquanto outros se transformam caracterizando-se em um novo gênero.

O autor estabelece, ainda, a relação de imbricação dos gêneros de textos às situações de ação de linguagem, pois, para ele, os gêneros de textos estão organizados de acordo com os valores de uso presentes nas formações sociais. Para Bronckart, as formações sociais:

elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando que sejam chamados de gêneros de texto) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores (BRONCKART, 2009, p. 137).

Os gêneros de textos constituem-se como formas pré-existentes nessas formações sociais, onde existem antes da ação de linguagem de um determinado agente específico e são regulados pelas avaliações sociais, o que permite constituí-los, em um determinado período histórico, como uma espécie de “reservatório de modelos de referência” (MACHADO, 2007b, p. 250) dos quais um produtor se serve ao realizar uma ação languageira. Dessa forma, os indivíduos, em uma determinada atividade social, agem languageiramente produzindo textos, cujos formatos e modelos já se encontram pré-estabelecidos pela atividade, num processo denominado por Bronckart (2006, p.154) de “adoção” ao gênero.

Diante do exposto, confirma-se que “os gêneros de textos são produtos de configurações de escolhas entre possíveis, que se encontram momentaneamente “cristalizados” ou estabilizados pelo uso”. (BRONCKART, 2006, p. 143). Sendo assim, não se pode estabelecer relação direta entre espécies de agir de linguagem e gêneros de textos, o que acaba impossibilitando a classificação estável e definitiva dos gêneros.

Desde a Antiguidade, pode-se dizer que houve uma tentativa de classificação dos gêneros, para a qual vários critérios foram estabelecidos. De acordo com Bronckart (2009, p. 73), essa dificuldade de classificação deve-se à diversidade de critérios utilizados para definir um gênero onde se pode levar em consideração: (a) o tipo de atividade humana implicada (gênero jornalístico, gênero literário, gênero religioso, etc.); (b) o efeito comunicativo visado (gênero épico, lírico, poético, etc.); (c) a natureza e/ou tamanho do suporte (artigo de jornal, reportagem, novela, etc.); (d) o conteúdo temático (romance policial, receita de cozinha, etc.); além da possibilidade de muitos outros critérios.

Então, o ISD parte do pressuposto de que, para a identificação e classificação de um gênero de texto, é preciso considerar os segmentos que o compõem, sendo no segmento linguístico que é possível apreciar características relativamente estáveis. “São esses segmentos constitutivos de um gênero que devem ser considerados como tipos linguísticos, ou seja, como formas de semiotização ou de colocação em discurso” (BRONCKART, 2009, p. 138).

Dessa forma, são compreendidas como gêneros as diversas espécies de textos que provém das atividades de linguagem. Assim, para Bronckart (2008, p. 277) “os gêneros têm uma interação muito nítida que não é, evidentemente, jamais mecânica ou biunívoca com os tipos de atividades ou de práticas humanas. Dessa forma, as atividades de linguagem se manifestam por meio das práticas de diversos discursos.

Entretanto, os gêneros, conforme exposto por Schneuwly (2004, p. 27), “são uma base de orientação da ação discursiva”, sendo necessário, dentro das infinitas possibilidades de gêneros, escolhê-los e adequá-los às situações de ação. No entanto essa adequação só será possível se houver apropriação dos gêneros por parte do sujeito.

Através dos conhecimentos pré-construídos sobre um determinado gênero é possível a interação e a produção de enunciados entre os interlocutores. Caso contrário, conforme exposto por Bakhtin (2003, p. 283), “as trocas verbais seriam quase impossíveis”, uma vez que haveria a necessidade de criar um enunciado novo a cada situação.

Logo, a escolha de um gênero é determinado pela esfera, pelas necessidades que se fazem presentes dentro da própria temática, pelo conjunto de interlocutores do que querem dizer e pela produção do locutor.

Tendo por bases as noções de textos e gêneros de textos, apresentaremos, na seção seguinte, o modelo de produção, interpretação e análise textual do ISD, que tem

sido base para a análise das características identificáveis dos gêneros de textos e que será utilizado em nossa pesquisa.

1.3 Modelo de produção, interpretação e análise textual do ISD

Para analisar textos, pertencentes a diferentes gêneros, Bronckart (2006, 2008, 2009) propõe um modelo da arquitetura interna dos textos que se concentra na análise do folhado textual, composto: pela infraestrutura global do texto, dividida, por sua vez, em plano geral/global do texto, tipos de discurso, sequências; pelos mecanismos de textualização, divididos em conexão, coesão nominal e coesão verbal; e pelos mecanismos de responsabilização enunciativa, que são constituídos das modalizações e das vozes presentes no texto. Além disso, antes de qualquer análise textual, Bronckart (2009) postula a necessidade de compreender o contexto de produção do texto, tanto no nível mais geral do contexto mais amplo, quanto no nível da ação de linguagem que dá origem ao texto.

Esse modelo de produção e análise, desde a sua primeira elaboração esboçada na obra ‘Le fonctionnement des discours’ (1985), de Bronckart *et al*, vem sofrendo ampliações num percurso de três décadas, conforme afirma Bronckart (2006). Essas elaborações se encontram no segundo modelo explicitado na obra “Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif”, de Bronckart (1997). Convém dizer que essas alterações e ampliações são resultados das abordagens das pesquisas que são desenvolvidas no quadro teórico do ISD.

1.3.1 As condições de produção dos textos

De acordo com Bronckart (2006), quando um actante produz um texto, ele é exposto a uma diversidade de fatores / parâmetros que condicionarão a produção linguageira. Sendo assim, ao analisar as condições de produção de um texto, deve-se levar em consideração as representações que uma pessoa tem sobre a situação de ação de linguagem ou situação de produção, ou seja, as representações que o produtor tem

sobre si e o seu papel, sobre o co-emissor e o papel que esse exerce como destinatário, o tempo e o local de produção, observando as instituições envolvidas, o quadro social no qual essa ação de linguagem é realizada e outras representações que possa haver.

O actante ao agir com a linguagem realiza uma ação que pode ser definida como “conhecimento disponível em um organismo ativo sobre as diferentes facetas de sua própria intervenção verbal” (BRONCKART, 2009, p.99). Assim, para a realização dessa ação de linguagem, o actante mobiliza o seu conhecimento sobre essa situação, que, por sua vez, não deve ser entendida como um simples acontecimento, mas como uma situação de ação de linguagem que assinala as propriedades dos mundos representados.

Desse modo, em uma dada situação de produção, uma pessoa age languageiramente (ação de linguagem), expondo conhecimentos representativos dos mundos formais. Nessa situação de produção, o produtor deve ater-se às representações desses mundos sob duas direções: uma primeira, que é denominada de contexto de produção, e uma segunda, a do conteúdo temático.

Segundo Bronckart (2009, p. 93) “o **contexto de produção** pode ser definido como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado”. Ao analisar um texto é necessário primeiramente olhar para o contexto imediato em que o texto foi produzido, ou seja, a situação de ação de linguagem que deu origem ao texto, ou ainda, levantando hipóteses sobre: quem escreveu o texto, para quem o escreveu, em qual instituição, com qual objetivo.

É importante estarmos atentos para o contexto físico que deu origem ao texto, mas, sobretudo ao contexto sociossubjetivo, ou seja, tentando compreender o local social de onde fala/escreve o enunciador, para qual destinatário o texto foi provavelmente produzido, em qual local social ele foi produzido e que efeitos o enunciador queria produzir no destinatário. Além disso, cabe lembrar que o contexto deve ser analisado desde o contexto mais amplo, sociohistórico, ao contexto mais imediato, da ação de linguagem. Para facilitar, Bronckart (2009), faz um agrupamento em dois subconjuntos, de acordo com a noção dos mundos formais/representados: o primeiro, o mundo objetivo e o segundo, mundo social e subjetivo, compreendido como mundo sociossubjetivo.

Em se tratando aos parâmetros do mundo objetivo, Bronckart (2009) afirma que todo texto é realizado por um agente, em um momento e em um espaço presentes no contexto físico. Esses parâmetros seriam um conjunto de conhecimentos mobilizados

em relação ao emissor, a pessoa física que produz o texto, chamada de produtor e também locutor, quando se referir à modalidade oral, ao receptor, a pessoa física que recebe o texto, denominada como co-produtor ou interlocutor, quando se referir à produção na modalidade oral e estiver em interação imediata com o produtor.

Quanto aos parâmetros do mundo sociossubjetivo, o autor afirma que um texto é produzido em uma atividade de uma formação social e que essa tem valores e regras a serem seguidas pelo produtor, que tem conhecimentos abstraídos da própria situação de ação de linguagem. Dessa forma, os parâmetros referentes ao mundo sociossubjetivo incidem sobre os conhecimentos sobre o enunciador (o papel assumido pelo emissor), o destinatário (o papel social assumido pelo receptor), lugar social (papel da instituição) e o objetivo (o efeito que o emissor quer causar no destinatário).

Em relação aos parâmetros emissor / enunciador e receptor / destinatário, o autor acrescenta que não podem ser vistos separadamente, visto que um mesmo emissor produz um texto, assumindo ora o papel de pai ora o papel de professor, da mesma forma que pode se dirigir a um mesmo receptor no seu papel de pai, vizinho. Assim, para indicar as instâncias emissor/enunciador no ato da produção verbal, ele aborda as terminologias “agente-produtor” ou “autor”(BRONCKART, 2009, p.95).

Com relação ao conteúdo temático referente a um texto, ele pode ser definido como “o conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas, isto é, que são traduzidas pelas unidades declarativas da língua natural utilizada” (BRONCKART, 2009, p.97). Essas informações resultam das representações e dos conhecimentos adquiridos pelo produtor no decorrer de suas experiências e se encontram em sua mente antes mesmo da verbalização.

Outro elemento a se considerar, nas condições de produção de um texto, são os modelos dos gêneros já disponíveis e em uso em uma determinada comunidade, e que podem ser apreendidos “não só em função de suas propriedades linguísticas objetivas” (BRONCKART, 2009, p.147), mas também pela função que exercem socialmente. Assim, há de se levar em conta também a relação que a produção de linguagem tem com a atividade humana, em geral, e a atividade languageira. (BRONCKART, 2009).

Para ilustrar esse primeiro nível de análise, tomemos como exemplo o gênero oral Arguição do Candidato para Qualificação ou Defesa de Mestrado e Doutorado, cujo suporte foi o modelo didático do gênero em questão, apresentado no VII SIGET - Os gêneros textuais/discursivos nas múltiplas esferas da atividade humana realizado em setembro de 2013 – Fortaleza/Ceará, pelas autoras Zani e Bueno (2013)

O gênero oral arguição do candidato para qualificação ou defesa de mestrado e doutorado ocorre na esfera social acadêmica, em uma instituição escolar, pública ou privada, em nível de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado e Doutorado. Trata-se de uma apresentação para um pequeno grupo de nível social acadêmico, ou seja, professores doutores especialistas no tema apresentado pelo candidato. E o aluno/pesquisador assume o papel de cientista em formação que irá expor um conteúdo, no caso sua pesquisa, a destinatários especialistas, ou seja, a banca examinadora, sobre o tema a ser tratado.

Nesse sentido, são as condições de produção que antecedem o texto empírico que irão influenciar a estrutura organizacional do texto. Essa estrutura organizacional do texto é conhecida, neste modelo teórico do ISD, como “Arquitetura Textual”, que iremos apresentar na próxima seção.

1.3.2 Arquitetura Textual

À arquitetura textual, também, denominada como folhado textual se reservam as propriedades linguísticas, discursivas e enunciativas que fazem parte da organização estrutural do texto. Essa denominação se dá por compreender que essas propriedades textuais encontram-se organizadas em três camadas que estão intimamente ligadas sob uma espécie de camadas superpostas, não permitindo, portanto, serem observadas isoladamente. Essas três camadas ou níveis de produção, interpretação e análise estão organizadas em infraestrutura geral do texto, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos.

Entretanto, Bronckart (2009, p. 120) deixa evidente que “como qualquer distinção metodológica, esse esquema apresenta um caráter parcialmente artificial e nossas análises poderão apenas imperfeitamente fazer justiça às múltiplas interações existentes entre os três níveis”.

1.3.2.1 A Infraestrutura

A infraestrutura, considerada por Bronckart (2009), é a camada textual de nível “mais profundo”, pois apresenta estruturas mais complexas de organização. Constitui-se por dois regimes de organização diferentes: o primeiro, compreendido como o da planificação geral do conteúdo temático, e o segundo, o dos tipos de discurso e pelas sequências que nele eventualmente aparecem.

Segundo Bronckart (2006, p.146), a planificação geral do texto, denominada também como plano global ou planejamento geral do conteúdo temático, é a forma como esse conteúdo é organizado, ou seja, as formas de planificação deste conteúdo. Essa organização é cognitiva e o produtor organiza o conteúdo de acordo com a mobilização que faz do conhecimento que tem a respeito do tema sobre o qual realiza sua produção verbal e, sobretudo, sobre os mundos discursivos e os parâmetros gerais do eixo do Expor e do Narrar, que explicaremos quando abordarmos os tipos de discurso. Para esse autor, essas coordenadas gerais se configuram nos tipos discursivos que são os primeiros a influenciarem na organização do plano global.

O plano global ou geral de um texto:

é descrito não com base em uma análise detalhada dos tipos de discurso e das diversas formas de planificação que ele combina, mas na forma de um *resumo* do conteúdo temático, que faz abstração exatamente da maior parte dessas formas técnicas de estruturação interna do texto” (BRONCKART, 2009, p. 248).

Cada texto tem suas particularidades e especificidades que se ligam às especificidades de um dado gênero, podendo assumir formas extremamente variadas. Essas particularidades dizem respeito ao tamanho, conteúdo temático, às condições externas à produção (suporte, variante oral-escrito), à forma como se articulam no texto os tipos de discurso e os tipos de sequências e das outras formas de planificação (BRONCKART, 2009, p.249).

No entanto, Adam (2008, p.255), apresenta o plano global como plano de textos, o qual considera como a forma de organização da estrutura do texto. Ele propõe que, na organização da estrutura textual, os tipos de sequências exercem um papel fundamental. Assim, propõe, que os textos são estruturados pelos protó(tipos) sequenciais narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal, o que permite esse autor a trabalhar com a noção *tipos de textos*. Adam (2008) afirma também que em um dado texto haverá a presença predominante de um tipo de sequência, entretanto, poderá comportar em seu interior tipos sequenciais diferentes.

Para esse autor existem, ainda, planos de textos fixos, prescritos pelos gêneros, que permitem a construção e reconstrução da organização global do texto e planos de textos ocasionais, resultados do processo de reconstrução de determinadas estruturas textuais sugeridas no percurso histórico. Bronckart (2009, p. 248), por sua vez, retomando Adam (1992), afirma que esses tipos sequenciais são estruturas menores, subordinadas aos tipos de discurso e que é somente na relação do conteúdo temático com os tipos de discursos que se pode reconstruir o plano global de um texto.

De acordo com Bronckart (2009), sua tese se baseia inversamente ao que Adam propõe, considerando que:

se todo texto é necessariamente composto de tipos de discurso, baseados em operações constitutivas de mundos discursivos, as sequências, tal como Adam as define, só aparecem no texto eventualmente, como manifestações de operações suplementares, de caráter dialógico. (BRONCKART, 2009, p. 250).

Essa tese é em decorrência da constatação de que os tipos de sequências são, em grande parte, determinadas pelos tipos de discurso, como aponta Bronckart (2009). Com isso, a partir desse momento abordaremos o segundo regime de organização do texto, neste primeiro nível de análise da arquitetura textual, os tipos de discursos.

Para Bronckart (2009), os tipos de discurso “são as materializações linguísticas dos ‘mundos virtuais’ (ou mundos discursivos) que são construídos, necessariamente, em qualquer produção verbal” (BRONCKART, 2009, p. 16). Assim, podemos dizer que os tipos de discurso não são apenas uma entidade concreta, e sim um duplo caráter, como sendo uma entidade abstrata e concreta.

Num plano abstrato (arquétipos psicológicos), os tipos de discurso são representações sociais que o agente produtor mobiliza no momento da produção de um texto. Essas representações dizem respeito ao conteúdo temático em relação ao mundo ordinário em que se situa a produção, bem como das representações acerca de si (agente produtor) e do outro (agente receptor), do lugar e do momento da produção (espaço-tempo). Já no nível concreto (plano dos tipos linguísticos), segundo o ISD, é possível apreciar os tipos de discursos se efetivarem semioticamente no quadro de uma língua materna.

Portanto, os tipos de discurso, além de representações de mundos discursivos são estruturas linguísticas comuns que servem para organizar um texto, ou seja, são “formas

linguísticas” que são identificáveis nos textos e que traduzem ou semiotizam os mundos discursivos compreendidos como “atitudes de locução”. (BRONCKART, 2006, p.150).

Ao propor as noções tipos de discursos e mundos discursivos, Bronckart remete à descrição dos mundos formais de Habermas, à interiorização das representações desses mundos por parte dos produtores e à caracterização das unidades linguísticas que fazem parte dos segmentos dos textos.

Da relação tecida entre e/ou sobre essas três questões se constrói o que o autor considera como mundo ordinário e mundo discursivo. O mundo ordinário é identificado como os mundos representados pelos agentes humanos ou, em outras palavras, o mundo em que se desenvolvem as ações de agentes humanos. Os mundos discursivos são compreendidos como as atitudes de locução ou os modos de locução.

Bronckart (2009) considerando que há dois mundos discursivos: um da ordem do expor (mundo comentado), onde o conteúdo temático e o espaço-tempo no qual se inscreve o agente produtor apresenta, de forma conjunta em relação ao mundo ordinário; e um da ordem do narrar (mundo narrado), em que o conteúdo temático e as coordenadas de espaço-tempo são disjuntos do mundo ordinário.

Num segundo momento, a noção de mundos discursivos é analisada em relação à ação de linguagem. A ação de linguagem é vista como implicada quando se faz necessário ter acesso às condições de produção para interpretar um texto. Ao contrário, quando essas condições de produção não interferem de modo decisivo sobre o processo de interpretação, estamos diante de uma ação de linguagem autônoma.

Com isso, o autor distingue os mundos discursivos em quatro mundos: mundo do expor implicado, mundo do expor autônomo, mundo do narrar implicado e mundo do narrar autônomo. Ligados a esses mundos discursivos, encontram-se, conforme já dissemos, os tipos de discursos: ao mundo do expor implicado, o discurso interativo; ao mundo do expor autônomo, o discurso teórico; ao mundo do narrar implicado, o relato interativo; e, finalmente, ao mundo do narrar autônomo, a narração. O quadro a seguir, exposto em Bronckart (2009, p. 157), estabelece o paralelo entre esses tipos linguísticos e a organização temporal e de agentividade.

FIGURA 1 – Tipos de discurso

		Coordenadas gerais dos mundos	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR
Relação ao ato de produção	Implicação	Discurso interativo	Relato interativo
	Autonomia	Discurso teórico	Narração

(BRONCKART, 2009, p. 157)

Os tipos de discurso são, portanto, classificados em: discurso teórico; discurso interativo; discurso interativo relatado; e narração. Em um texto, esses discursos podem aparecer de maneira conjunta, no entanto, um deles irá predominar. Para verificar qual o tipo de discurso que predomina em um texto é necessária uma análise de caráter estatístico sobre a frequência de determinadas unidades linguísticas que caracterizam um ou outro discurso.

De acordo com Bronckart (2009, p.157-179), cada tipo discursivo é constituído por um conjunto de marcas linguísticas que ajudam em sua identificação nos segmentos textuais em que ocorrem, sendo que os tipos de discurso apresentam as seguintes marcas que os identificam, conforme constatamos a seguir.

O discurso interativo pode ser monologado ou dialogado, oral ou escrito, apresentar frases interrogativas, imperativas ou exclamativas (frases não declarativas), ter os tempos verbais (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e futuro perifrástico) articulados entre si, possuir dêiticos pessoais (eu/nós, meu, nosso), espaciais (aqui, neste lugar) e temporais (agora, hoje), presença de pronomes e pessoas verbais em primeira pessoa, uma predominância de anáforas nominais em oposição a anáforas pronominais e presença de verbos auxiliares de modo “poder”, assim como de outros auxiliares de valor pragmático “querer, dever, ser preciso”.

Vejamos alguns exemplos retirados do modelo didático do gênero oral arguição do candidato para qualificação ou defesa de mestrado e doutorado (ZANI e BUENO, 2013):

- (1) A **minha** pesquisa o objetivo geral é *investigar*.... E os objetivos específicos? *Levar* junto aos docentes.....(Vídeo 2).

- (2) O que *vou apresentar* **aqui hoje** é uma interpretação minha das histórias que **eu** vi. (Vídeo 4).

Assim, os segmentos (1) e (2) marcam implicação com relação ao ato de produção, pois os organizadores linguísticos espaciais, temporais e as unidades pronominais [em negrito] remetem diretamente o sujeito e ao espaço dessa interação ou o momento da interação. Encontramos frases interrogativas [sublinhado] para reforçar o assunto e introduzir um novo tema. Ainda encontramos verbos no futuro do subjuntivo [itálico].

O discurso teórico apresenta as seguintes características: geralmente, pode ser monologado e escrito, ter frases declarativas, pronomes, verbos e adjetivos de 1ª pessoa plural com valor genérico, presença de organizadores argumentativos, modalização lógica e o auxiliar de modo ‘poder’, a ausência de dêiticos temporais, espaciais e de pessoas, presença de frases passivas e anáforas nominais, tempos verbais presente e pretérito perfeito com valor genérico, presença do tempo verbal futuro do pretérito. O segmento a seguir mostra algumas dessas características:

- (3) O meu referencial teórico. Eu trabalhei nos seguintes conceitos... bom **com relação a modalidade** **Ou seja**, o aprendiz..... **um outro fundamento** interativo é..... e o terceiro que é.....

O segmento (3) se caracteriza por uma autonomia em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem de que o texto se origina, ou seja, não há nenhuma unidade linguística que se refere ao agente produtor, há uma relação de independência total em relação a esse agente e em nenhuma unidade linguística refere-se ao espaço-tempo da produção.

O discurso relato interativo apresenta as seguintes características: pode ser monologado, em uma situação de interação que pode ser real ou imaginária, oral ou escrita, ausência de frases não declarativas, presença dos tempos verbais pretérito perfeito e imperfeito aos quais, às vezes, são associados o futuro do presente, futuro do pretérito e/ou o mais-que-perfeito, presença de organizadores temporais (advérbios, sintagma proposicional, coordenativos e subordinativos), pronomes adjetivos em 1ª e 2ª pessoa do singular e plural referindo-se ao produtor e ao receptor/destinatário da interação verbal, e anáforas pronominais associadas às nominais.

Como no gênero arguição (ZANI e BUENO, 2013) não apresenta o tipo de discurso relato interativo, retiramos um trecho da autobiografia de “Schwarzenegger” para esboçar um exemplo:

Exemplo 4

As primeiras lembranças que tenho são de **minha** mãe lavando roupa e **meu** pai recolhendo carvão com uma pá. **Eu** não **devia** ter mais de 3 anos, mas a imagem que guardo dele é especialmente vívida na **minha** memória. Era um sujeito grande, atlético, e **fazia** muitas coisas sozinho. **Todos os anos**, no outono, **recebíamos** nosso estoque de carvão para o inverno, um carregamento trazido de caminhão e despejado em uma pilha em frente à casa, e nesse dia específico do qual me lembro **meu** pai **deixou** que Meinhard e **eu** ajudássemos a levar o carvão para o porão de casa. **Nós** sempre **ficávamos** muito orgulhosos de ser seus assistentes. (autobiografia "Arnold Schwarzenegger: A Inacreditável História da Minha Vida")

O tipo de discurso narração apresenta as seguintes características: monologado e geralmente escrito, apresenta como tempos verbais dominantes o pretérito perfeito e pretérito imperfeito associado ao pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito, presença de organizadores temporais, anáforas pronominais e nominais, ausência de adjetivos, presença dos pronomes de 3ª pessoa e ausência de pronomes de 1ª e 2ª pessoa do singular e plural. O segmento a seguir, é um exemplo fictício, onde identificamos como um segmento de Narração:

Exemplo 5

No primeiro dia de trabalho, o diretor **entregou** os relatórios da empresa e **discutiu** as metas para 2013.

Para Bronckart (2009, p. 186), “os quatro tipos de discurso definidos podem aparecer tanto em textos originalmente produzidos em modalidade oral quanto em textos originalmente produzidos em modalidade escrita”, evidenciando que o fato de um texto ser originalmente oral ou escrito não incide exatamente sobre os tipos de discurso, mas que essa escolha da modalidade a ser usada na ação de linguagem encontra-se no plano do contexto.

Uma vez delimitada a noção de tipos de discurso, realizaremos a seguir uma discussão sobre o terceiro elemento desse primeiro nível de análise, os tipos de sequências.

Segundo Bronckart (2008b, p.89), os tipos de sequências são os “modos de planificação” do conteúdo temático ou ainda uma forma de organização sequencial desse conteúdo. São, portanto, o “produto de uma re-estruturação de um conteúdo temático já organizado na memória do produtor na forma de macroestruturas” (BRONCKART, 2009, p. 234).

Diferentemente dos tipos de discurso, para Bronckart (1999) essas sequências podem ou não estar presentes, aparecem geralmente combinadas (é difícil encontrar em um texto uma só sequência) e baseadas em Adam (1992) divide-as em: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva e dialogal. Além disso, o autor apresenta o grau zero da sequência narrativa, na qual não há intriga, tensão, que seria o script, e o grau zero das sequências argumentativa e explicativa, a esquematização, mobilizada quando não há a necessidade de explicar algo de difícil compreensão ou argumentar em favor ou contra algo que pode ser contestável.

A sequência narrativa mobiliza personagens implicados em acontecimentos organizados em eixos sucessivos sustentados por uma intriga, apresenta cinco fases principais e duas fases (menos restrita) cuja posição na sequência depende do posicionamento do narrador em relação ao que é narrado. Suas fases são assim distribuídas: situação inicial ou orientação, complicação ou nó, fase de ações ou reações, fase de resolução ou desenlace, situação final, fase de avaliação, fase de moral. De acordo com Bronckart (2009) as sequências narrativas também podem comportar um número de fases limitado, sendo situação inicial, complicação e resolução.

A sequência descritiva apresenta fases que não se organizam em uma ordem linear obrigatória, mas que se combinam hierarquicamente, e comporta três fases principais: fase de Âncoragem, fase de aspectualização, fase de relacionamento e reformulação. Esse tipo de sequência pode aparecer tanto nos tipos de discurso do eixo do Narrar quanto nos do eixo do Expor, as unidades linguísticas que a constituem podem diferenciar em função do tipo de discurso (BRONCKART, 2009).

A sequência argumentativa, de acordo com Bronckart (2009), retomando Adam (1992), por exemplo, apresenta quatro fases: a da premissa, da apresentação dos argumentos, apresentação dos contra-argumentos e a conclusão. Entretanto, Bronckart (2009) afirma que nem sempre essas fases são seguidas, visto que há textos em que elas

aparecem de modo simplificado, podendo passar da premissa para a conclusão ou da argumentação à conclusão, ou de modo complexo, podendo os argumentos aparecer entrelaçados aos contra-argumentos.

A essa perspectiva, o autor retoma o caráter dialógico das sequências prototípicas e afirma que a organização da sequência argumentativa varia de acordo com as escolhas e representações do produtor. Esse tipo de sequência aparece, sobretudo, nos tipos de discursos *Interativo* e *Teórico*. Sendo assim, apresenta a sequência argumentativa com as cinco fases: premissa; argumentos; contra-argumentos; argumentos; conclusão.

A sequência explicativa tem sua origem a partir de um fenômeno incontestável. Ao produzir um texto dessa sequência, o produtor quer que o destinatário compreenda o objeto de seu discurso. Essa sequência comporta quatro fases: constatação inicial, problematização, resolução, conclusão-avaliação, podendo apresentar, conforme Bronckart (2009), formas de extensão e complexidade variáveis.

A sequência dialogal concretiza-se nos segmentos de discursos interativos dialogados estruturados em turnos de fala assumidos ora pelos produtores, ora por personagens postos em cena no interior do discurso, apresentando-se em três fases: de abertura, transacional e encerramento. Em um diálogo de um encontro de amigos, por exemplo, na fase de abertura, temos o início do diálogo, em alguns casos, com um cumprimento, e a tomada do tema. Na segunda fase, a transação entre os interlocutores, e, na última fase, o encerramento (a conclusão, despedida, finalização do assunto).

A sequência injuntiva são segmentos de textos que visam a fazer agir o destinatário de algum modo ou em uma certa direção. É identificado pela presença das formas verbais do imperativo ou infinitivo, ausência de estruturação espacial ou hierárquica (BRONCKART, 2009).

No entanto, existem ainda outras formas de planificação: de script e de esquematizações. No script observa-se que “os acontecimentos ou ações constitutivos da história são dispostos em ordem cronológica, sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão” (BRONCKART, 2009, p. 238). Assim considera como grau zero de planificação dos segmentos da ordem do NARRAR. Já as formas de esquematizações são “constitutivas da lógica natural (definição, enumeração, enunciado de regras, cadeia casual), que podem ser consideradas como grau zero de planificação dos segmentos da ordem do EXPOR”. (BRONCKART, 2009, p. 239)

Tomemos novamente o modelo didático arguição do candidato para qualificação ou defesa de mestrado e doutorado (ZANI e BUENO, 2013), para exemplificar.

No corpus analisado foi encontrado, predominantemente, dois tipos de sequências: explicativa e a esquematização.

Nas fases de apresentação dos objetivos e hipóteses, encontra-se a sequência de esquematização, onde sua organização é simplesmente informativa e constitutiva de uma lógica natural, sendo assim, consideradas como o grau zero de planificação dos segmentos da ordem do EXPOR.

Já na fase de apresentação da fundamentação teórica, metodologia e análise dos dados, encontra-se a sequência explicativa, a qual sua textualização apresenta na forma de sequência simples (constatação inicial, problematização, resolução e conclusão). A sequência explicativa tem sua origem a partir de um fenômeno incontestável. Ao produzir um texto dessa sequência, o produtor quer que o destinatário compreenda o objeto de seu discurso, Bronckart (2009).

Podemos concluir que a escolha de qualquer uma dessas sequências irá depender do objetivo do enunciador, ou seja, do agente-produtor, tendo em vista seus destinatários. No entanto, muitas vezes haverá textos em que teremos dificuldades de classificar as sequências, ou muitas vezes, as mesmas não aparecerão. A identificação dos tipos de discurso e dos tipos de sequências no interior do texto é realizada através de marcas linguísticas. Estas marcas, nesse modelo de análise, encontra-se no nível intermediário, conhecido como mecanismos de textualização, o qual trataremos a seguir.

1.3.2.2 Mecanismos de textualização

Para Bronckart (2009), o segundo nível do folhado textual é constituído dos mecanismos de textualização, caracterizado pela coerência e pela coesão, que irá garantir ao texto a sua coerência temática. Esses mecanismos são organizados em três grupos: mecanismos de conexão, mecanismos de coesão nominal e mecanismos de coesão verbal, no entanto, de acordo com Bulea (2010), atualmente os mecanismos de coesão verbal² são tratados juntamente aos referidos tipos de discurso.

² se realizam principalmente por meio de formas verbais (ou tempos dos verbos).

Os mecanismos de conexão marcam “as grandes articulações da progressão temática e são realizados por um subconjunto de unidades a que chamamos organizadores textuais”, e assinalam “as transições entre os tipos de discurso constitutivos de um texto, entre fases de uma sequência ou de uma outra forma de planificação e podem ainda assinalar articulações locais entre frases”.(BRONCKART, 2009, p. 263).

Os mecanismos de conexão são marcados linguisticamente por palavras ou expressões que pertencem às categorias gramaticais como advérbio, preposição, substantivo, conjunções (coordenativas e subordinativas). É importante ressaltar que além dessas marcas, os mecanismos de conexão podem ser identificados, na escrita, também por algumas marcas que Bronckart (2009) chamou de procedimentos paralinguísticos, sendo eles a formatação, os títulos, marcas de pontuação, e, no oral, as pausas, acentuações entonativas e outros.

Esses organizadores textuais também podem ser agrupados de acordo com o seu valor semântico. “Alguns organizadores tem um valor mais temporal (depois, súbito, antes que); outros, um valor mais ‘lógico’ (de um lado, ao contrário, porque); outros ainda, um valor mais espacial” (no alto, desse lado, mais longe).(BRONCKART, 2009, p. 267). Bronckart (2009) observou que os organizadores temporais são mais frequentes na ordem do narrar, os lógicos na ordem do expor; no entanto, ambos podem figurar nos dois eixos.

Observemos os seguintes segmentos retirados do gênero Arguição (ZANI e BUENO, 2013):

- (5) [...] e também medir o trabalho total [...] e além de medir eu vou comparar. (VÍDEO 1).
- (6) **Mas** a gente já tem, **então** a gente já sabe [...] **então** não é tão comum. (VÍDEO 3).
- (7) **Diante desse contexto** o meu problema consiste no seguinte. [...] **Diante** do meu problema o meu objetivo é [...]. (VÍDEO 1).
- (8) **Além disso**, o pânico está relacionado [...] (VÍDEO 3).
- (9) E os objetivos específicos? [...] E o professor? (VÍDEO 2).

Observa-se que neste gênero é recorrente encontrar conectores com função de ligação (5 e 6), que juntam duas frases com sentido de adição e com sentido de oposição. Os conectores com função de ligação são os de maior predominância juntamente com os conectores com função de iniciar uma nova unidade comunicativa (7

e 8) e o uso de frases interrogativas para chamar a atenção dos ouvintes (9), principalmente na fase de apresentação dos objetivos e a fundamentação teórica.

Os mecanismos de coesão nominal explicitam as relações de dependências existentes entre argumentos que têm as mesmas propriedades referenciais, sendo identificados por sintagmas nominais ou por pronomes que assumem uma função sintática determinada pelo sujeito ou objeto. Sua função é de introduzir uma unidade significativa, ou seja, um elemento novo (relações catafóricas), ou realizar uma retomada (relações anafóricas), apresentando duas categorias de marcação: anáforas pronominais (pronomes pessoais, relativos, possessivos demonstrativos e reflexivos), encontradas, com maior frequência, nos discursos da ordem do Narrar; e as anáforas nominais compostas por sintagmas nominais de diversos tipos, encontradas com maior frequência em discursos da ordem do Expor.

No entanto, como o modelo de análise de texto proposto por Bronckart (1999, 2006, 2008), não dá conta dos marcadores conversacionais em um texto falado, nós o completamos com os estudos apresentados por Koch (2007, 2012) e Marcuschi (2003), que apresentaremos na subseção seguinte.

1.3.2.2.1 Características do texto falado

De acordo com Koch (2012), o texto falado tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias de sua produção, não sendo absolutamente caótico, desestruturado.

Para a autora, o locutor, em situações de interação, em determinado momento, é o detentor da palavra não é o único responsável pela produção do seu discurso e ainda ressalta:

como bem mostra Marcuschi, de uma atividade de coprodução discursiva, visto que os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto: eles não só procuram ser cooperativos como também “conegociam”, “coargumentam”, a tal ponto que não teria sentido analisar separadamente as produções de cada interlocutor. (KOCH, 2012, p. 80)

Koch (2012) aponta que no texto falado, as regularidades, que possui em sua materialidade as marcas do processo formulativo-interativo, se manifestam como

tendências de estruturação, definidas pelo caráter sistemático, por sua recorrência em contextos definidos, pelas marcas formais e pelo preenchimento de funções interacionais. “Entre as principais estratégias de processamento do texto falado, podem citar-se a *inserção* e a *reformulação, quer retórica, quer saneadora*.” (KOCH, 2012, p. 84)

A inserção constitui segmentos discursivos de extensão variável, suspendendo temporariamente o tópico em andamento e inserindo algum tipo de material linguístico, facilitando a compreensão dos parceiros e desempenhando funções interativas de: “explicar, ilustrar, atenuar, fazer ressalvas, introduzir avaliações ou atitudes do locutor, etc.” (KOCH, 2007, p. 110)

A título de exemplo, observe-se:

(12)... então nós tínhamos por um lado naquela época muitas crianças com problemas... e havia uma necessidade ...de se pegar essas crianças e adaptá-las à escola comum né? *porque... quanto mais uma criança possa(se) adaptar a uma escola comum... melhor... não há necessidade de formação... especial:: para educador:: e nada disso né?... e por outro lado uma necessidade de desenvolvimento da indústria...* (KOCH, 2012, p. 84)

(13) As cooperativas também são...entidades...realmente bastante significativas... dentro de uma conjuntura... ou dentro da conjuntura... nacional por exemplo para citar especificamente o caso... do nosso país... sabemos por exemplo que países altamente evoluídos... como é o caso por exemplo da Suécia... que é um país que pratica na opinião de alguns... um socialismo considerado como democrático.(KOCH, 2012, p. 85)

No exemplo (12) a função do segmento inserido é de introduzir explicações ou justificativas. Já no exemplo (13) a função da inserção é de apresentar exemplificações e explicações a respeito da Suécia.

A reformulação retórica efetiva-se por meio de repetições e parafraseamentos, tendo como função principal de reforçar a argumentação, podendo também facilitar a compreensão através da desaceleração do ritmo da fala. Já a reformulação saneadora ocorrer com a finalidade de correções ou reparados e de repetições ou paráfrases saneadoras.

Voltemos aos exemplos:

(14) Sabemos por exemplo... que o sindicato... dos comerciários para falar de um assunto que nos toca... **patí particularmente...** possui

uma granja na cidade de Carpina... e que proporciona... àquela imensa... leva... de associados... um lazer realmente magnífico... um momento de:... descanso... um momento de: felicidade podemos dizer assim... a todos aqueles... que vão... até lá em busca de paz de sossego e de tranquilidade... sabemos também... que... (KOCH, 2012, p. 89)

No exemplo (14) a palavra em negrito apresenta uma correção, já no texto em itálico apresenta uma paráfrase e desaceleração no ritmo da fala.

Além dos tipos e funções apresentados na atividade de construção do texto falado encontramos também os marcadores conversacionais, elementos discursivos frequentes nos textos falados e que foram amplamente estudados por Marcuschi (2003).

Marcuschi (2003, p. 282) salienta que os marcadores conversacionais têm um caráter multifuncional, pois operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória. Esse caráter multifuncional também é ressaltado por Castilho (1989, p. 273-274), que admite que todos os marcadores conversacionais (o qual denomina marcadores discursivos) exercem uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto.

Quanto à posição no turno, os marcadores classificam-se em:

-Iniciais: não, mas, acho que, não é assim, que caracterizam o início ou a tomada de turno.

-Mediais: né?, sabe?, entende?, digamos, advérbios, conjunções, alongamentos, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno.

-Finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusa, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno.

A posição dos marcadores não é fixa, ou seja, o mesmo marcador conversacional pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e medial); não é? (medial e final). Essa propriedade decorre do caráter multifuncional dos marcadores conversacionais, características salientadas por dois autores já citados neste texto: Marcuschi (op. cit.) e Castilho (op. cit.).

Os marcadores também têm como características:

a) Concordância, discordância, dúvida:

- concordância: tá, tá bem, OK, certo, claro, evidente, sem dúvida, etc.
- discordância: não, isso não, assim também não, não é bem assim, etc.
- dúvida: será? é mesmo? tem certeza?

b) Hesitação: ah, eh, é..., uhn... etc.

- c) Início e fim de uma digressão.
 - início: fazendo um parênteses, desculpe interromper, mas..., antes que me esqueça, a propósito, etc.
 - fim: voltando ao assunto, fechando os parênteses, voltando ao que eu (você) estava dizendo, etc.
- d) Sequência da narrativa: aí, então aí, depois, depois então, daí, etc.

Assim, ao quadro do modelo de análise de textos, proposto por Bronckart (1999, 2006, 2008), acrescentaremos, nos mecanismos de textualização, as características da análise da conversação propostos por Koch (2007, 2012) e Marcuschi (2003). A seguir, discutiremos o terceiro e último nível de produção e análise proposto na arquitetura textual.

1.3.2.3 Mecanismos enunciativos

No terceiro nível do folhado textual, encontramos os mecanismos enunciativos que dão a clarificação dialógica do texto (BRONCKART, 2009). Nesse nível, pode-se analisar a questão das modalizações, responsáveis pelas diversas avaliações do enunciador sobre um ou outro aspecto do conteúdo temático e que podem ser divididas, segundo Bronckart (2009) em lógicas, deônticas, pragmáticas e apreciativas.

As modalizações lógicas (ou epistêmicas) exprimem o grau de verdade ou certeza sobre o que se enuncia, sendo marcadas por verbos como *poder* e *dever*, além de palavras ou expressões como *talvez*, *certamente*, *é verdade que*, etc.

As modalizações deônticas apoiam-se nos valores, nas opiniões e regras do mundo social, ou seja, “consistem em julgamentos que mobilizam valores sociais” (Bulea, 2010, p. 71). Elas são marcadas por verbos ou expressões como *dever*, *ter obrigação*, *é permitido*, *é preciso*, etc.

As modalizações pragmáticas indicam alguns aspectos da responsabilidade (capacidades, intenções ou razões) do personagem, grupo ou instituição em um texto em relação às suas próprias ações. São representadas por verbos como *tentar*, *querer*, *pretender*, *poderia fazer*, etc.

As modalizações apreciativas explicitam a posição subjetiva do enunciador em relação ao que é dito, ao usar verbos como *gostar*, *apreciar* ou advérbios como *infelizmente*, *felizmente*, etc.

Já as vozes explicitam as instâncias que assumem ou se responsabilizam pelo que está sendo dito e também fazem parte dos mecanismos enunciativos.

As vozes enunciativas visam fazer visíveis as instâncias de agentividade que têm responsabilidade sobre o que é dito em um texto (BRONCKART, 2006, p.149). Segundo esse mesmo autor, as vozes podem ser definidas como as “entidades que assumem a responsabilidade do que é enunciado” (BRONCKART, 2009, p. 326) podendo ser agrupadas em três categorias - vozes de personagens, vozes sociais e voz do autor.

As vozes de personagens são as vozes de seres humanos ou entidades humanizadas (por exemplo, animais e cena) que assumem responsabilidade pelo conteúdo temático. Podem ser marcadas, na escrita, diretamente com aspas, travessões, itálico, verbos de dizer ou o nome do próprio personagem.

As vozes sociais são as vozes dos grupos sociais expressas nas produções, que não intervêm como agentes de um determinado texto, mas são mencionadas nos textos como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático.

A voz do autor, por sua vez, é aquela que procede diretamente da “pessoa que está na origem da produção textual” (BRONCKART, 2009, p. 327), que pode intervir para avaliar ou comentar sobre algo que é enunciado.

No gênero textual arguição do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado e Doutorado (ZANI e BUENO, 2013), a voz do autor se sobressai na maioria das fases, sendo ele quem assume o papel de textualizador, que articula os tipos de discurso, do plano geral do texto e dos mecanismos de textualização, segmento (10). Na fase da Fundamentação Teórica, Metodologia e Análise dos dados além de evidenciar a voz do autor, aparece também à voz de outros autores, segmento (11).

(10) Porém quando **eu** vou prescrever os exercícios para essa população, **eu** quero saber a intensidade desses exercícios.....(VÍDEO 1)

(11) Segundo

Assim, pode-se concluir que tanto as modalizações quanto as vozes servem para orientar a interpretação dos destinatários. No entanto é válido ressaltar também que as modalizações são independentes dos tipos de discurso, podendo estar relacionadas ao gênero ao qual pertence o texto. (BRONCKART, 2009, p. 334).

Esse modelo, conforme a orientação geral do interacionismo sociodiscursivo, é um “instrumento metodológico para a identificação e a conceitualização das operações psicológicas que são subjacentes ao agir linguageiro.” (BULEA, 2010, p. 71). Nesse sentido, esse modelo de produção, interpretação e análise permite aos pesquisadores no quadro do ISD utilizá-lo nas mais variadas situações de leituras e interpretações de seus dados, como também para a análise de gêneros de textos e elaboração de modelo didático; contudo, é preciso complementá-lo de acordo com o gênero que se vai analisar, pois cada um tem propriedades diferentes.

No capítulo seguinte, faremos uma explanação sobre a abordagem dada ao ensino de gêneros, realizada pelo grupo de pesquisadores de Genebra (LAF e GRAFE), como também por grupo de pesquisadores brasileiros (ALTER/CNPq), e mais especificamente sobre os gêneros orais, tema principal de nossa pesquisa. Realizamos essa abordagem tendo em vista o nosso objetivo de intervir didaticamente, ao propor a elaboração de um modelo didático do gênero jornalístico grande reportagem.

2 O ENSINO DE GÊNEROS E MODELO DIDÁTICO

A abordagem que será apresentada neste capítulo foi primeiramente pensada pela equipe de pesquisadores da Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, na década de 1980. Seu objetivo era investigar questões relacionadas ao ensino de língua materna (francês). Atualmente, com os aprofundamentos e mudanças que ocorrem nos focos de suas pesquisas, essa equipe se constituiu em dois grupos, um mais voltado para as questões epistemológicas do agir humano no discurso em diferentes situações de trabalho (LAF), e outro mais voltado para as questões de didáticas de ensino (GRAFE).

O segundo grupo, tendo como expoentes maiores os pesquisadores Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e o colaborador Jean-Paul Bronckart, atualmente, se dedica à elaboração de princípios e métodos do ensino do francês por meio do ensino-aprendizagem da produção de gêneros de textos orais e escritos na aplicação e desenvolvimento de sequências didáticas.

Já no Brasil, seguindo os mesmos princípios motivadores dos grupos de Genebra, o grupo ALTER/CNPq e seus grupos parceiros como o ALTER_AGE/CNPQ realizam suas pesquisas nesses dois campos. Na abordagem sobre a questão didática, esses grupos realizam suas pesquisas voltadas para o ensino de língua materna (português) e a elaboração de modelos e sequências didáticas para o ensino desde as séries iniciais de letramento ao ensino de pós-graduação, para a resolução de problemas voltados ao ensino de disciplinas de língua estrangeira (inglês e francês), elaboração de material com a finalidade de acompanhar os processos de formação inicial e continuada de professores dos diferentes níveis de ensino, e para o estabelecimento de critérios para a avaliação de materiais didáticos e das capacidades de linguagem dos alunos na produção e leitura de textos, tendo por base o modelo de produção e análise de Bronckart (2009).

Sendo assim, este capítulo está subdividido em quatro seções: primeiramente apresentaremos aportes e questionamentos para o ensino de gêneros, em seguida, um conceito mais amplo dos gêneros orais. Na terceira seção abordaremos o modelo didático de gênero elaborado pelo grupo de Genebra e finalizando este capítulo trazendo discussões sobre sequência didática.

2.1 O ensino de gêneros

Os gêneros textuais, segundo Schneuwly (2004), costumam ser entendidos como “complexos e heterogêneos [...], produtos sócio-históricos, definíveis empiricamente, além de serem instrumentos semióticos para a ação da linguagem” (SCHNEUWLY, 2004, p. 136). Assim, retomando a tese do ISD de que o desenvolvimento do pensamento consciente humano se dão por meio da linguagem, mais precisamente, por meio de práticas languageiras situadas e de que o ensino exerce um importante papel para o desenvolvimento humano, Dolz e Schneuwly (2004) propõem um ensino voltado a essas práticas de linguagem que se realizam em textos organizados em gêneros. Essa proposta se centra na questão de que o ensino dessas práticas permite o desenvolvimento de capacidades de linguagem nas pessoas, ou seja, a capacidade de agir com a linguagem em diferentes práticas sociais.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004):

o desenvolvimento das capacidades de linguagem constitui-se, sempre, parcialmente, num mecanismo de reprodução, no sentido de que modelos de práticas de linguagem estão disponíveis no ambiente social e de que membros da sociedade que os dominam têm a possibilidade de adotar estratégias [...] para que os aprendizes possam se apropriar deles. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 52).

Essas capacidades de linguagem envolvidas na produção de um texto são de três tipos: capacidade de ação, capacidade discursivas e capacidades linguístico-discursivas.

Desse modo, as *capacidades de ação* (situação de produção) são as que mobilizamos para termos ciência de qual gênero textual está em questão. Além disso, também mobilizamos as capacidades de ação quando conseguimos identificar em que situação de comunicação o texto foi produzido, como quem o produziu, a quem, com que objetivo, onde, em que momento e a que se refere. (TARDELLI, 2003) Já as *capacidades discursivas* (estrutura textual) dizem respeito ao modo como o texto foi organizado, mais especificamente à organização e à elaboração do conteúdo, ou seja, o gerenciamento da infraestrutura geral do texto. As *capacidades linguístico-discursivas* (linguagem) referem-se aos recursos linguísticos utilizados adequadamente no contexto de produção de um determinado gênero.

Dolz & Schneuwly (2004) afirmam que a noção de capacidades de linguagem evocam os conhecimentos de um aprendiz para a produção de um gênero, onde há numa situação de interação determinada, assim, “adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidade de ação); mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas); dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas) (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p.52).

A análise e a observação dessas capacidades de linguagem dos aprendizes antes e durante o processo de ensino permitem a realização de uma intervenção didática mais precisa por parte do professor, a fim de possibilitar o desenvolvimento de capacidades de linguagem que os aprendizes ainda não tenham e que possam ir adquirindo durante o processo.

O gênero de texto pode ser considerado como instrumento de ensino e aprendizagem, no sentido de que ele pode constituir-se como um fator de desenvolvimento dessas capacidades de linguagem (capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva).

Schneuwly (2004) ao considerar o gênero como instrumento o faz sob três ângulos. O primeiro, no sentido de que o gênero dotado das características (unidade de conteúdo temático, composição e estilo) pode ser “adaptado a um destinatário preciso, a um conteúdo preciso, a uma finalidade dada numa determinada situação”. (SCHNEUWLY, 2004, p.27). O segundo, no sentido de que os gêneros prefiguram as ações de linguagem possíveis, mesmo que parcialmente, da seguinte forma: os gêneros já existentes ou disponíveis no intertexto servem como modelos a serem apropriados por um sujeito quando realiza sua ação de linguagem, tendo em vista a situação de linguagem que o envolve. Nesse sentido, se concretiza a afirmação do autor de que o instrumento é um meio de conhecimento. E, terceiro, no sentido de que a estrutura organizacional do gênero (tratamento do conteúdo, tratamento comunicativo e tratamento linguístico) pode servir como guia para o uso dos diferentes níveis de operações necessárias para a produção de um texto pertencente a um gênero.

Assim, Schneuwly (2004), faz uso de outra metáfora, a qual considera o gênero como um “megainstrumento”, “como uma configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação”. (SCHNEUWLY, 2004, p.28).

Os gêneros seriam, dessa forma, “ferramentas” ou “instrumentos” ou “megainstrumentos”, que, quando apropriados por um sujeito, se tornam mediadores do conhecimento, usados nas interações verbais, nas mais variadas situações comunicativas tanto formais quanto informais. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.80).

Sob essa perspectiva, ao introduzir o ensino do gênero na escola é preciso compreendê-lo como um “objeto e instrumento de trabalho para o desenvolvimento da linguagem” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.80) e que esse, ao ser trabalhado na escola, é uma variante do gênero de referência e é preciso adaptá-lo à situação de produção do contexto escolar. Não se trata do ensino do gênero pelo gênero, mas de “aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo, para melhor compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela”, e também de “desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros próximos ou distantes”. Sendo assim, esse desdobramento é que torna o ensino do gênero complexo e mais ainda, a dificuldade de escolher, dentre uma enorme variedade de gêneros, aqueles que podem tornar-se objeto de ensino, e principalmente quando nos referimos aos gêneros orais, tema central desta pesquisa.

Neste sentido, discutiremos na seção a seguir, os gêneros orais no ensino e um conceito mais amplo desse gênero.

2.2 Gêneros orais no ensino

Os gêneros orais fazem parte do dia a dia de qualquer cidadão, presentes nas conversas, nas entrevistas de emprego, nos telejornais, nas palestras, nos seminários, etc. Contudo eles vêm sendo relegados a um segundo plano em detrimento da escrita, tanto nas pesquisas quanto no ensino nas escolas.

Essa situação não é recente; ainda que sem falar em gêneros, as discussões sobre o oral já mostravam essa relação desfavorável com a escrita. Encontramos em Marcuschi (2001) uma breve contextualização histórica da visão dicotômica de oralidade e escrita. Segundo o autor, na década de 1970, pesquisadores como Goody (1997), Olson (1977) e Ong (1982) propõem a “grande divisão” entre oralidade (fala) e escrita. A partir de estudos voltados para o fato linguístico buscam-se as diferenças entre uma modalidade e outra de uso de uma língua. A tese estabelecida é de que a

oralidade é contextualizada, dependente, implícita, redundante, não-planejada, imprecisa, não-normatizada, fragmentada. Já a escrita é considerada descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada, completa, atividade tecnológica, inovação constante, analítica.

Na década de 1980, conforme Marcuschi (2001) surge a concepção de *continuum* entre oralidade e escrita, através dos estudos de Tannen (1982), Coulmas e Ehlich (1983), Nystrand (1982), e começa-se a pesquisar as relações de semelhanças entre uma modalidade e outra. Porém, “a suposta mudança da divisão para o *continuum* é mais retórica do que real” (Street, 1995 *apud* Marcuschi, 2001, p. 29).

Sem incorrer na crítica de Street, Marcuschi (2001) mostra que é possível postular o *continuum* fala-escrita, defendendo a ideia de que se pode trabalhar a questão do letramento e da oralidade no contexto das práticas comunicativas, propondo classificar os gêneros textuais orais e escritos como: (a) gêneros tipicamente orais (GTO); (b) gêneros tipicamente escritos (GTE); (c) gêneros produzidos na interface (GTO-E) ou (GTE-O).

Nesse sentido, o autor exemplifica que no grupo dos gêneros tipicamente escritos estaria o artigo científico, as leis, o relatório técnico, a notícia do jornal impresso, o formulário, a carta pessoal, o bilhete, a carta comercial, o telegrama, a ata de reunião etc., por serem produzidos por meio gráfico e a partir de uma concepção discursiva escrita. No grupo dos gêneros tipicamente orais, estaria a exposição acadêmica, a conferência, a aula, a piada, a notícia ao vivo, a entrevista pessoal, o inquérito, o debate, a conversa pública, a conversa telefônica etc., por serem produzidos por meio sonoro e apresentarem uma concepção discursiva oral. Por fim, no grupo dos gêneros produzidos na interface oralidade-escrita ou escrita-oralidade estaria a notícia televisiva, a notícia radiofônica, os comunicados, os anúncios classificados, a explicação técnica.

Ao tratar do oral a partir dos gêneros, Marcuschi consegue rever a relação desfavorável entre o oral e a escrita, fornecendo assim um elemento que pode ser trazido para a sala de aula. Diante do exposto, pode-se considerar que o trabalho com os gêneros discursivos/textuais, seja um ótimo objeto de ensino aprendizagem. E como apontado por Rojo(2001), a escola é um lugar enunciativo privilegiado para colocar em circulação as modalidades oral e escrita do discurso.

Portanto, de acordo com Rojo (2001), é preciso refletir sobre o papel da escola no processo de ensino/aprendizagem e na construção não só das formas típicas dos

discursos escritos, mas também das formas típicas da oralidade. Afinal, nas interações, mesmo com textos escritos, o oral pode estar presente, já que, por exemplo, lemos romances e os comentamos com amigos; discutimos alguma notícia cujo tema nos causa indignação e relemos poemas ou bilhetes para compartilhar com outros um texto de que gostamos.

Sendo assim, não é mais possível investigar questões relacionadas às práticas da leitura e da escrita na sociedade, “permanecendo apenas no aspecto linguístico sem uma perspectiva crítica, uma abordagem etnograficamente situada e uma inserção cultural das questões nos domínios discursivos” (Marcuschi, 2001, p. 25). Defende o autor que é preciso observar práticas linguísticas em situações em que a escrita e a fala são pontos centrais para as atividades comunicativas. Nesse sentido, caberia à escola recuperar essas situações e explorar aquelas que seriam importantes para o sucesso comunicativo de seus alunos.

Segundo Marcuschi (2005, p. 35): “O trabalho com gêneros é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos, no dia-a-dia. Pois nada que fizemos linguisticamente está fora de ser feito em algum gênero”. Com relação aos gêneros escritos, já encontramos orientações oficiais, vide PCNs, muitos materiais didáticos, além de resultados de pesquisas. Faltaria, nesse momento, ampliarmos os nossos conhecimentos sobre gêneros orais e sobre como trabalhá-los em sala de aula.

Apesar de a linguagem oral estar presente na sala de aula, ela não é trabalhada da forma como deveria, mas incidentalmente, como mencionam Dolz e Schneuwly (2004). A criança já tem um domínio muito bom do oral quando ingressa na escola, conhecendo vários gêneros orais do cotidiano. Isso ocorre pelas conversas com os familiares, que contam acontecimentos vividos, discutem problemas, pedem informações. Mas há vários outros gêneros orais que a criança desconhece. Portanto, caberia à instituição escolar trabalhar as situações de comunicação oral presentes no dia a dia dos alunos, ampliando para gêneros da comunicação pública formal, como entrevistas, debates, seminários, entre outros.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 175), “o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para confrontá-los com outras formas mais institucionais mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores”. Pressupõe-se que essas formas são dificilmente aprendidas sem que haja uma

intervenção didática que auxilie os alunos a agirem e interagirem em diferentes situações da comunicação.

Para o ensino dos gêneros orais, seguindo os pressupostos de Dolz e Schneuwly (2004), deve-se primeiramente construir um modelo didático de gênero, ou seja, um levantamento de suas características no nível do contexto de produção, da organização textual, da linguagem e dos meios não linguísticos. Isso deve ocorrer para que, posteriormente, possamos ensinar ao aluno em que situações poderá usar esse gênero, como estruturá-lo, qual linguagem e postura utilizar, ou seja, poderemos levá-lo a desenvolver as capacidades de linguagem e as capacidades não-verbais de que ele precisará para participar plenamente das situações comunicativas. Vale ressaltar que os meios não-linguísticos são recursos que fazem parte somente do discurso oral. Assim, próxima subseção, apresentaremos as características dos aspectos não-verbais.

2.2.1 Meios não-linguísticos da comunicação oral

Toda comunicação oral não se limita somente na utilização dos meios linguísticos, é preciso também destacar que existem os meios não-linguísticos que estão presentes, seja ela através de mímicas faciais, olhares, gestos, tonalidade da voz. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Assim, Schneuwly e Dolz (2004), organizam esses aspectos não-linguísticos em: 1) meios para-linguísticos; 2) meios cinésicos; 3) posição dos locutores; 4) aspecto exterior; 5) disposição dos lugares.

Em relação aos meios para-linguísticos (1) é preciso estar atento à qualidade da voz, melodia, elocução e pausas, respiração, risos e suspiros. De acordo com Kyrillos (2003, p. 21), “a voz precisa ser estável, bem colocada e, ao mesmo tempo, deve transmitir o conteúdo da notícia de maneira clara e com credibilidade.” É preciso que a articulação dos sons seja de forma clara e precisa, ou seja, não deve haver trocas de sons.

A velocidade da fala é outro fator que precisamos estar atentos, pois o ritmo acelerado pode prejudicar a precisão dos sons emitidos e ao contrário, o ritmo lento tende a dispersar o telespectador. E ainda, o ritmo acelerado pode demonstrar ansiedade ou nervosismo e a velocidade lenta sugerir monotonia, cansaço e falta de interesse.

Outro ponto a ser destacado nos meios paralinguísticos são as pausas, que podem ser consideradas como elementos importantes para a boa compreensão da mensagem. Para Kyrillos (2003):

As pausas estão relacionadas aos sinais de pontuação e à necessidade de respirar; porém, muitas vezes podem ser utilizadas de forma estratégica, como recurso de interpretação. Sua duração varia: pode ser curta, no caso da pausa respiratória, ou longa, em determinadas situações de fala, quando se tem intenção expressiva. (KYRILLOS, 2003, p. 60)

Que são as atitudes corporais, os movimentos, gestos, troca de olhares, mímicas faciais. Durante a fala, os gestos ocorrem naturalmente, acompanhando nosso raciocínio. Para Kyrillos (2003, p.72), “os gestos das mãos devem representar o mesmo conteúdo da fala, sem contradizê-la ou anulá-la”.

As “mãos” têm a função de desenhar a fala, pontuando e fixando suas ideias para o ouvinte, no entanto é preciso tomar cuidado com o excesso de movimentos, pois a ação pode cansar, contaminando a imagem e deslocando a atenção do telespectador. Assim, é preciso estar atento ao uso dos gestos, de maneira racional e adequado ao contexto e conteúdo da mensagem.

Outro aspecto relevante em relação aos aspectos não-linguísticos são os meios cinésicos (2) que é a expressão facial, considerada como a principal fonte de informações não-verbais. De acordo com Kyrillos (2003, p. 82), “quando ocorrem simultaneamente aos movimentos de cabeça e aos gestos das mãos, as expressões faciais podem abrir ou fechar os canais de comunicação, completar ou qualificar respostas verbais e não-verbais”. Por tanto, as expressões faciais devem ser sempre simpática, buscando interação com o telespectador.

Os meneios de cabeça, também são relevantes e podem ser associados ou não às expressões faciais. Para baixo, para cima, para frente e ou para os lados, os meneios de cabeça podem pontuar frases, acompanhar a entonação e reforçá-la. E por fim, é preciso lembrar-se da postura, pois primeiramente ela permitirá a impostação vocal, ou seja, ao manter o tronco ereto e a cabeça com o queixo levemente abaixado, permitirá a livre movimentação da laringe.

A postura tem ainda outra implicação, pois ela é também um indicador não-verbal do nível de envolvimento e empatia entre os interlocutores. Para Kyrillos (2003, p. 89), “as mudanças posturais devem pontuar as passagens de um assunto a outro. Os movimentos serão sempre pequenos, mas significativos.”

Com relação ao aspecto posição dos locutores (3), de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), correspondem à ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias e contato físico.

Já o aspecto exterior (4) consiste em roupas, disfarces, penteado, óculos, acessórios. Assim como a linguagem verbal este aspecto também é parte importante do universo da comunicação. Para Umberto Eco, em sua obra *Psicologia do Vestir*, o vestuário “fala”, ou seja, pelo traje que você usar, as pessoas terão uma boa ideia do tipo de pessoa que você é. Por isso o traje precisa atender às expectativas que as pessoas tem a seu respeito e corresponder à sua identidade.

A disposição dos lugares (5), último item apresentado por Schneuwly e Dolz (2004), chama a atenção para a análise dos lugares, disposição dos móveis e objetos presentes no ambiente em que ocorrem a comunicação, a iluminação, decoração e ventilação.

Assim, as linguagens não-verbais não são complementares, elas fazem parte do nosso dia-a-dia, constituindo também modalidade de exercício da linguagem. Um sorriso, um gesto gentil, um olhar simples pode atrair a simpatia do público, sendo também, esses elementos que contribuem para a produção de sentido do texto. De acordo com Koch (2012, p.30), “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação”.

Na próxima seção apresentaremos o Modelo Didático de Gênero (MDG), denominação apreciada em Dolz e Schneuwly (2004), mas que parte dos critérios de análise de textos delineados em Bronckart (2009).

2.3 Modelo Didático de Gênero

O *Modele Didactique du Genre*, ou seja, Modelo Didático de Gênero (MDG), consiste em um estudo sistematizado com um número significativo de textos de um dado gênero, visando a conhecer suas características predominantes. A denominação de ‘modelo didático de um gênero’ surgiu em Genebra-Suíça, no quadro do interacionismo sociodiscursivo, elaborada pelo grupo de pesquisadores da equipe de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra na década de 1980.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), um MDG é o resultado de uma descrição provisória das principais características de um gênero a partir da perspectiva da educação. Por exemplo, um professor tendo acesso a um modelo didático do gênero seminário, possibilita conhecer e selecionar o conteúdo ao qual deve ser dada prioridade, bem como definir os objetivos do trabalho em sala de aula.

Para De Pietro (1996/1997, p. 108) o modelo didático a ser ensinado é “um objeto descritivo e operacional, construído para apreender o fenômeno complexo da aprendizagem de um gênero”, ou seja, a construção do mesmo possibilita conhecer as dimensões constitutivas do gênero e selecionar as que podem ser ensinadas e necessárias para um determinado grupo escolar.

Para Machado e Cristóvão (2006), o modelo didático serve como um exemplo, um norteador para ensino-aprendizagem dos gêneros de textos, sendo apenas uma das etapas para a realização efetiva desse ensino, considerando que ensino só funciona se o gênero não for tomado como um estereótipo único e imutável.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 81), em um modelo didático é preciso estar explícito o que é implícito em um gênero, ou seja, os saberes já existentes sobre o gênero (sobre o qual será construído o modelo), tanto no domínio da pesquisa científica quanto pelos profissionais especialistas. Os autores, ainda, acrescentam que o modelo didático deve ser “uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores”, devendo evidenciar as dimensões ensináveis de um gênero. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.82).

A construção de um MDG, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p.82), é pautada em três aspectos que interagem entre si. Trata-se dos princípios de legitimidade, de relevância (ou pertinência) e de solidarização. O primeiro consiste em se ter referência aos saberes teóricos ou elaborados por especialistas, a respeito de um gênero, ou seja, qual aporte teórico o gênero está sendo abordado e o que os especialistas dizem sobre ele. O segundo trata-se da escolha de conhecimentos de referências, elencados a partir do princípio de legitimidade e dos propósitos e objetivos educacionais (o que estamos tomando como pressupostos político-educacionais). Por fim, o terceiro princípio trata de tornar coerente o conhecimento a ser trabalhado a partir do MDG, haja vista que tanto o princípio de legitimidade como o princípio de pertinência acaba por influenciar nas características do gênero (em seu contexto de produção e circulação) a ser trabalhado em sala de aula (gênero de ensino).

Dolz, Schneuwly e Haller (2004), apontam que para a construção de um modelo didático do gênero, deve-se primeiramente conhecer o estado da arte dos estudos sobre esse gênero; as capacidades e as dificuldades dos alunos ao trabalharem com o gênero selecionado, as experiências de ensino/aprendizagem desse gênero, assim como as prescrições expressos em diversos documentos oficiais. (DOLZ, SCHNEUWLY & HALLER, 2004, p.180)

Para Machado (2000), a construção de um modelo didático de um gênero precisa levar em conta questões que implicam na identificação desse gênero por meio de uma análise de um conjunto de textos empíricos e que são socialmente considerados como pertencentes ao gênero selecionado. Entretanto, alguns problemas surgem ao construir o modelo e a análise dos gêneros, primeiro, pelo fato da própria complexidade de identificação, descrição e classificação dos gêneros, pois podem receber mais de uma nomeação socialmente; e, segundo, pela constante transformação que a própria natureza sócio-histórica que os colocam.

Cristóvão (2001) apresenta, por sua vez, alguns elementos a serem observados para a identificação dos gêneros, estando eles delineados no modelo de produção de texto proposto por Bronckart (2009), e que consiste na análise: do contexto de produção; da arquitetura interna do texto; e das escolhas lexicais, que abordamos, detalhadamente, no capítulo I.

Tais critérios de análise foram organizados, de modo sintético, no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Critérios para modelo didático do gênero (MDG)

Contexto de produção		
Mundo físico	O emissor: a pessoa física que produz o texto	
	O receptor: a(s) pessoa(s) física(s) que recebe(m) o texto	
	Lugar de produção do texto	
	O momento de produção: o tempo concreto da produção do texto	
Mundo sócio-subjetivo	O enunciador: o papel social do emissor naquela situação específica	
	O destinatário: o papel social do receptor naquela situação específica	
	O lugar social: a formação social do lugar onde o texto é produzido	
	O objetivo: o efeito que se quer produzir sobre o destinatário	
Arquitetura interna do texto (folhado textual)		
Infraestrutura geral	Plano Geral:	Conteúdo temático
	Tipos de discursos:	Mundo do expor autônomo conjunto(teórico)
		Mundo do expor implicado conjunto(interativo)
		Mundo do narrar autônomo disjunto(narração)

		Mundo do narrar implicado disjunto (relato interativo)
	Tipos de sequências:	Narrativa
		Descritiva
		Argumentativa
		Explicativa
		Dialogal
		Outras formas de planificação
Mecanismos de textualização	Conexão:	Advérbios ou locuções adverbiais com valor transfrástico
		Sintagmas preposicionais e alguns sintagmas nominais com estatuto de adjunto adverbial
		Conjunções de coordenação
		Conjunções de subordinação
	Coesão nominal:	Anáforas pronominais (pronomes, pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos)
		Anáforas nominais (sintagmas nominais)
	Coesão Verbal	Os processos efetivamente verbalizados;
		Os eixos de referência, relativos a cada tipo de discurso;
A duração psicológica da produção.		
Mecanismos enunciativos	Vozes:	De personagens
		Sociais
		Do autor empírico
	Modalização:	Apreciativa
		Deôntica
		Lógica
		Pragmática
Escolhas lexicais		
	Adjetivos afetivos	
	Adietivos axiológicos	

Conforme proposto pelo Grupo de Genebra e por pesquisadores brasileiros que seguem os pressupostos do ISD, os critérios delimitados no quadro acima possibilitam o reconhecimento de aspectos gerais de um dado gênero e a transposição didática deste a um gênero de ensino, além de servir de princípio metodológico para análise das capacidades de linguagem. Contudo, ao tratarmos dos gêneros orais, percebemos a necessidade de complementarmos tal quadro, já que ele nos parece mais adequado para a análise de textos escritos. Essa complementação enriquece o quadro interdisciplinar do ISD, não ferindo, assim, os seus princípios.

O ISD parte do pressuposto de que o ensino sistematizado de uma língua precisa focar o desenvolvimento das capacidades de linguagem, e o MDG, assim como a Sequência Didática, são instrumentos significativos para subsidiar a construção de um

conhecimento que pode nos possibilitar um trabalho significativo com os gêneros em sala de aula.

O modelo didático é construído após o levantamento das características dos textos pertencentes a um determinado gênero, e é considerado como sendo a descrição das características ensináveis deste. Portanto, o modelo didático é uma das etapas importantes e necessárias para a realização da intervenção didática. Essa intervenção é a realização de um conjunto de atividades sistematicamente organizadas, em torno de um gênero textual oral ou escrito, com o objetivo de proporcionar, ao aprendiz, o desenvolvimento de capacidades para agir com e por meio da linguagem, a qual é denominada como sequência didática – SD que, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), tem a finalidade de “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

2.4 Sequência Didática

Visando a atender a um problema que norteia o ensino-aprendizagem de línguas, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a SD foi desenvolvida para responder a questão, “Como ensinar a expressão oral e escrita?”, atendendo às seguintes exigências:

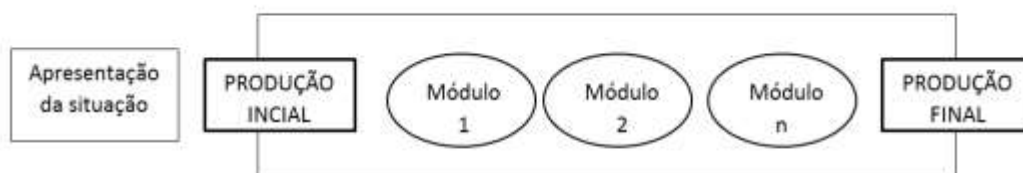
- permitir o ensino da oralidade e da escrita a partir de um encaminhamento, a um só tempo, semelhante e diferenciado;
 - propor uma concepção que englobe o conjunto da escolaridade obrigatória;
 - centrar-se, de fato, nas dimensões textuais da expressão oral e escrita;
 - oferecer um material rico em textos de referência, escritos e orais, nos quais os alunos possam inspirar-se para suas produções;
 - ser modular, para permitir uma diferenciação do ensino;
 - favorecer a elaboração de projetos de classe;
- (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 96)

Ao atender essas exigências, a SD revela-se numa metodologia significativa para ser utilizada no planejamento e execução de projetos de ensino. Assim, a SD é constituída de uma produção inicial, feita sobre uma situação de comunicação que orientaria

a sequência didática, e de módulos que levam os alunos a se confrontarem com os problemas do gênero tratado de forma mais particular. Como fechamento, haveria uma produção final. Esses três passos constituiriam o projeto de classe.

Essa estrutura de uma sequência didática – SD é representada pelo seguinte esquema:

FIGURA 2 – Esquema da Sequência Didática



(DOLZ, NOVERRZ & SCHNEUWLY, 2004; p. 98)

Na primeira etapa, “**Apresentação da situação**” constroem-se as representações da situação de comunicação por meio da produção inicial, visando fundamentar a necessidade de produção e a aprendizagem, relacionando-a a um gênero textual (oral ou escrito). Nesta etapa é também o momento de refletir sobre a necessidade real da interação verbal, questionando a quem se dirige a produção, de que forma e quem participará.

A segunda dimensão envolveria o conteúdo, que já é apresentado aos alunos na situação de comunicação dada. É proposto então uma “**produção inicial**”, cujo papel é o de ser instrumento de regulação e a primeira ocasião de aprendizagem, construindo-se as representações da situação de comunicação. Por meio da produção inicial, conhecem-se as capacidades de linguagem já existentes e as potencialidades dos alunos, permitindo ao professor avaliar os conteúdos que os alunos ainda não dominam e, com base nessas informações, delimitar as questões que serão objeto de trabalho na próxima etapa, em que consiste nos “**módulos**”.

De acordo com os autores, trabalhar nos módulos é partir daquilo que os alunos ainda não dominam sozinhos e a serem desafiados. As atividades propostas nos módulos precisam conduzir os alunos a uma autonomia frente aos objetivos delimitados. É preciso trabalhar problemas de diferentes níveis, variar as atividades e capitalizar as aquisições, ou seja, fazer uma listagem dos pontos que foram estudados. Assim, “o movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessária ao domínio de um gênero.” (DOLZ, NOVERRAZ e

SCHNEUWLY, 2004, p.103). Esse movimento leva a “**produção final**”, que possibilitará aos alunos revelarem o que foi apreendido, ou não, de um determinado gênero, ao longo da SD.

No capítulo seguinte, abordaremos algumas questões voltadas para o gênero televisivo, centrando-se no gênero jornalístico grande reportagem, que é utilizado nesta pesquisa.

3 GÊNEROS TELEVISIVOS

Neste capítulo contextualizaremos a televisão e sua linguagem na sociedade contemporânea. Para tanto, organizamos a apresentação em três seções: na primeira, faremos uma breve introdução sobre a televisão no Brasil e o interesse teórico sobre esse fenômeno, em seguida, abordaremos a relação escola e televisão e, por fim, apresentaremos o gênero jornalístico grande reportagem.

3.1 A Televisão no Brasil e o interesse teórico em relação ao fenômeno televisão

A televisão pode ser considerada o veículo de maior penetração e disseminação de mensagens, por apresentar os traços da ideologia capitalista, ícone representativo da indústria cultural. A televisão demorou a ser disseminada pelo mundo, tendo sua expansão somente após a Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, os primeiros experimentos de transmissão de voz aconteceram 30 anos antes do surgimento do primeiro aparelho de televisão. Realizada pelo Padre Gaúcho Roberto Landell Moura, a primeira radiotransmissão sem fio (transmitida por ondas eletromagnéticas) pôde ser captada a uma distância de aproximadamente oito quilômetros, da Avenida Paulista para o Alto de Sant’Ana, em 1893. (BRASIL, 2013).

Como padre, Landell encontrou dificuldades perante à igreja, que não via com “bons olhos” seus inventos e foi considerado louco por suas ideias, inclusive, por pessoas ligadas ao governo. Em 1904, o Padre Landell começa a criar o projeto de transmissão de imagens a distância o que seria chamado mais tarde de televisão. O “grande prêmio que recebe” é a destruição de seu laboratório por fanáticos religiosos, na cidade de Campinas, SP. Neste mesmo ano, nos Estados Unidos, Landell registrou suas patentes – transmissor de ondas, telégrafo sem fio e telefone sem fio. (VALIM, 2010).

Em 1939, durante a Feira Internacional de Amostras, realizada no Rio de Janeiro, aconteceram as primeiras demonstrações de imagens em circuito fechado no país. Após nove anos, em 1948, chegaram a ser transmitidos alguns ensaios, mas foi em

1950, com a importação dos equipamentos de estúdio e aparelhos receptores de TV, que Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, dono dos Diários Associados (cadeia de jornais e emissoras de rádio), deu início às transmissões, regularmente, de sinal aberto de televisão no Brasil, na cidade de São Paulo, sendo o primeiro programa brasileiro transmitido o “TV na Taba”

De acordo com Valim (2010), mesmo em condições precárias para manter uma grade de programação diária, a TV no Brasil foi se consolidando e no segundo semestre foi dado início ao primeiro telejornal chamado “Imagens do Dia”. No final de 1950, foram autorizadas as concessões para transmissão da TV Tupi e TV Record, em São Paulo e a TV Jornal do Comércio, em Recife.

A indústria cultural no Brasil não se diferenciou de outros países, pois em conjunto com a tecnologia de inovação, seguiu na busca pelo domínio do “mercado” cultural. Em 1951, duas empresas de publicidade americanas trouxeram para o Brasil a experiência da utilização da televisão como veículo publicitário, e assim os patrocinadores passaram a determinar quais programas deveriam ser produzidos e veiculados.

A disseminação da televisão nesse período foi muito rápida, pois apesar do alto custo, a posse de um aparelho de TV simbolizava “status”. No final do ano de 1951, aproximadamente sete mil televisores estavam presentes entre Rio de Janeiro e São Paulo, número que subiu para onze mil no ano seguinte, chegando ao final da década com mais de 200 mil televisores.

Enquanto a televisão chegava ao Brasil, em outros países surgia o interesse teórico em relação ao fenômeno da televisão como meio de linguagem. Nessa década de 50, surgiu uma tendência acadêmica, ligada ao campo da comunicação e da semiótica, que passou a estudar a TV em seus diversos aspectos.

De acordo com Napolitano (2003, p. 30), um teórico seminal é Marshall MacLuhan, que em 1954, declarou: “Passamos hoje da produção de mercadorias empacotadas para o empacotamento da informação”. Para MacLuhan, a televisão constituía a chamada cultura da “nova oralidade”, onde, no momento da transmissão de uma mensagem, os receptores passaram a integrar-se numa cadeia de discussão conjunta, possibilitando a troca e reelaboração de informações veiculadas pelos meios mecânicos e eletrônicos.

Outro teórico que, embora não encarasse a televisão como barbárie cultural, mas que tomou para si a tarefa de reunir as posições críticas acerca do assunto, foi o italiano

Umberto Eco, propondo algumas balizas para analisar o fenômeno da televisão. Para Umberto Eco:

A análise da TV deve levar em conta três elementos: 1) Intenções do remetente – da mensagem; 2) As estruturas comunicacionais – o meio e o código da mensagem; 3) As reações do receptor – a situação sócio-histórica do público receptor e seus repertórios culturais para a decodificação da mensagem consumida. (NAPOLITANO, 2003, p. 153)

Ao longo dos anos 60, as pesquisas e análises sobre a televisão continuaram, porém partindo do conceito de “indústria cultural”, proposto por Theodor Adorno que analisava como um todo os meios de comunicação e as mercadorias culturais, considerando que ao assistirmos a um programa de TV, o que estava em jogo não era o conteúdo específico, mas o consumo de uma mercadoria simbólica.

Melo (1985) compara o papel da televisão no universo lúdico das pessoas, à meta definida por Adorno:

[...] a televisão ocupa um papel excepcional, pela possibilidade que tem de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados, aproximando-se daquela meta que Adorno define como “a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho sem sonho. (MELO, 1985, p. 58)

Durante os anos 70 e 80, novas pesquisas foram elaboradas, procurando aprofundar alguns pontos e relativizar as conclusões genéricas. Michel De Certeau e Rene Berger podem ser destacados. De acordo com Napolitano (2003, p. 33), De Certeau “procurou resgatar o papel ativo dos grupos sociais na decodificação e utilização das mídias contemporâneas, sem negar o caráter de consumo embutido nesta relação”.

De Certeau (1994), analisando a TV e o tempo em que as pessoas se entregam assistindo a um programa televisivo, questionou “o que é que o consumidor “fabrica” com essas imagens e durante essas horas” (DE CERTEAU, 1994, p. 93). Seu olhar estava voltado ao receptor da mensagem, ao cidadão comum, cuja fabricações se disseminam na rede da produção televisiva, urbanística e comercial.

Para De Certeau (1994, p. 94), essas redes de produção “são tanto menos visíveis como as redes do enquadramento se fazem mais apertadas, ágeis e totalitárias”. Os conhecimentos e as simbologias impostos pela televisão “são objetos de manipulações pelos praticantes e não seus fabricantes” (DE CERTEAU, 1994, p. 95).

Portanto, de acordo com De Certeau (1994), é preciso analisar o uso que o telespectador faz da televisão, por si só, pois “o consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila”. (DE CERTEAU, 1994, p.95).

Assim, para De Certeau (1994), o fenômeno televisivo, sendo um fenômeno cotidiano, está inserido num campo pouco conhecido das ciências sociais.

Para pensar nas transformações históricas operadas a partir do advento da televisão, Rene Berger enumerou três pressupostos, que são por Napolitano (2003, p, 155):

1. Ocorre a gênese de um novo imaginário do qual “participamos” inconscientemente;
2. As máquinas (o “meio”) também se tornam agentes do imaginário, ao lado dos seres humanos;
3. O “direito à palavra” deixa de ser exclusivo dos letrados, decorrendo deste processo uma série de ambiguidades e tensões políticos-culturais.

As pesquisas de Umberto Eco e Berger propõem alguns eixos de análise que servem para fundamentar uma abordagem da linguagem televisual, que são: a sistematização dos gêneros de programas televisuais; o esboço de uma tipologia televisiva; análise da “retórica” televisual (plano, sequência, emissões, programas).

Esta breve fundamentação teórica tem por finalidade alertar sobre o amplo espectro de discussão que cerca a televisão e para enfatizar que o trabalho em sala de aula, utilizando esse recurso, deve ser procedido de uma discussão sobre o papel social desta. Na próxima seção, apresentaremos a relação escola e a televisão.

3.2 A escola e a televisão

Usar a TV na sala de aula, alguns anos atrás, era praticamente o prolongamento daquilo que as crianças faziam todo dia em suas próprias casas, ou seja, permanecer horas diante da telinha. E ainda, segundo Napolitano (2003) motivo de crítica por parte de alunos e professores, mas ao chegar em seus lares, na solidão e no silêncio, se entregam, à luz mágica e abismal da TV, acriticamente, fascinados aos suspiros das novelas e às falácias dos telejornais.

É preciso admitir que a televisão faz parte da vida da maioria das pessoas e que esta pode ser uma grande aliada para o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, é preciso parar de criticar e buscar alternativas para inseri-la no contexto escolar.

A televisão, o cinema e outros produtos audiovisuais sempre estiveram ligados à educação, e de certa forma, indiretamente desempenham um papel relevante, pois passam continuamente informações, mostram modelos de comportamento, ensinam diferentes linguagens (cultas, coloquiais e multimídia). Assim, a midiabilidade³, para Napolitano (2003, p. 12) “é um dos principais problemas a serem pensados pela escola, ao objetivar a incorporação do material veiculado pela TV como fonte de aprendizagem”, onde o papel da escola, tendo em vista o trabalho com a TV, é de pensar o grau de midiabilidade envolvidos no trabalho escolar e sua influência na vida de seus alunos e o grupo escolar.

O audiovisual na educação tem sido pensado, muitas vezes, apenas como ilustração de conteúdos curriculares e esta talvez seja a primeira aproximação do audiovisual com a educação. No entanto, para Almeida (1994), a transmissão de informações por meio de imagem-som possibilita uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento.

Um programa de TV não é apenas outra fonte de conteúdo, mero substituto do livro ou de outros materiais didáticos. É outro meio que têm sua própria linguagem e outras possibilidades de aproveitamento no processo ensino aprendizagem. Assim como seu conteúdo deve ser problematizado, transformado numa discussão que não se limita ao que ele expõe literalmente, a própria natureza desse rico material deve constituir foco de interesse nas atividades planejadas pelo professor.

A leitura da TV, como aponta Pontes (2011, p. 28) deve ser também um dos objetivos, visando ao domínio de uma linguagem que está presente em praticamente todos os processos de comunicação na atualidade. Como toda linguagem, ela tem seus códigos que precisam ser compreendidos, se queremos tirar dela todo o proveito que pretendemos, no processo educativo.

Assim, qualquer programa de TV pode ter seus conteúdos explorados de forma a motivar a discussão, o debate, o diálogo em torno do tema, dos argumentos apresentados, do seu formato artístico (estética, beleza de imagens) e técnico (linguagem televisiva), entre muitas vertentes.

³ Implica a existência de um campo social dominado pela mídia, sobretudo a mídia eletrônica, catalisando um conjunto de experiências e identidades sociais.

Considerando que a TV é um meio de comunicação linear, unilateral ⁴, em um processo educativo, precisamos dar atenção especial à intercomunicação, ao envolvimento ativo do receptor. O professor deve ser o mediador, capaz de estabelecer o diálogo, o debate, o questionamento com o material visto na TV, possibilitando assim o desenvolvimento do espírito crítico.

Para Moran (2013), a escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. A televisão não é somente tecnologia de apoio às aulas, é mídia, meio de comunicação. É preciso analisá-la, dominar suas linguagens e produzir, divulgar o que está sendo feito. Podemos incentivar que os alunos filmem, apresentem suas pesquisas em vídeo, em CD ou em páginas WEB - páginas na Internet. E depois analisar as produções dos alunos e a partir delas ampliar a reflexão teórica.

O uso da TV em sala de aula deve ser encarado como um projeto, de preferência coletivo, partilhado entre diversos profissionais de um estabelecimento escolar. De acordo com Napolitano (2003), uma providência inicial para trabalhar com a TV em sala de aula é selecionar os temas, respeitando a faixa etária, a cultura geral e midiática do aluno e a escolha e o conhecimento do gênero televisivo.

A TV possui programas que obedecem a uma linguagem e uma estética particular e que se distribuem numa grade de programação familiar, ou seja, possui uma gramática que lhe é própria. Esta enorme variedade de tipos de programas, costuma-se chamar de “gêneros televisivos”. De acordo com Souza (2004, p. 51) “o desenvolvimento dos gêneros dos programas de televisão reflete um pouco dos meios que antecedem a tela eletrônica”. O autor ressalta também que a estrutura básica e formatação dos programas tem um fator econômico, sendo o motivo dessa padronização de categorias e gêneros como um produto a venda, ou seja, pensada pela ótica de uma indústria e o comprador desse produto é o mercado publicitário.

Assim, as emissoras precisam atender as necessidades dos anunciantes e tentam aproximar-se de todo o tipo de público, principalmente a televisão com sinal aberto, que é chamada nos Estados Unidos de broadcast. As redes Cultura, SBT, Globo, Record, Rede TV, Bandeirantes, fazem o chamado broadcast, pois tem uma programação dirigida para toda a população brasileira, da classe A à D.

⁴ Aqui não estamos considerando a TV digital, com promessas de interatividade, pois ela ainda é uma realidade muito limitada.

Dessa forma, tentar aproximação com todo tipo de público, “produto, comercial e emissora” precisam ser compatíveis. A combinação dos elementos programa-intervalo e comercial-emissora cria a identidade das redes. (SOUZA, 2004, p. 52). Um gênero determinado atrai certo tipo de patrocinador, que forma a característica da rede. Assim cada emissora tem sua personalidade e cada programa, seu status. De acordo com Moran (1991, p. 48) “os programas de maior agrado tendem a prender mais a atenção do telespectador durante o intervalo comercial”.

No geral, os programas televisivos são agrupados de acordo com a função social que desempenham. A programação de cada emissora adota critérios que promovem a divisão do mercado e “tem se baseado na classe social dos telespectadores, que irão indicar uma série de padrões de consumo e gostos relacionados a programação.

Dessa forma, os programas da televisão brasileira são classificadas em: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros, conforme figura a seguir:

FIGURA 3 – Categorias e Gêneros dos programas na TV brasileira

CATEGORIA	GÊNERO
Entretenimento	Auditório * Colunismo social * Culinário * Desenho animado * Docudrama * Esportivo * Filme * Game Show (competição) * Humorístico * Infantil * Interativo * Musical * Novela * Quis show (perguntas e respostas) * Reality show (tv-realidade) * Revista * Série brasileira * Sitcom (comédia de situações) * Talk show * Teledramaturgia (ficção) * Variedades * Western (faroeste)
Informação	Debate * Documentário * Entrevista * Telejornal
Educação	Educativo * Instrutivo
Publicidade	Chamada * Filme comercial * Político * Sorteio * Telecompra
Outros	Especial * Eventos * Religioso

- SOUZA, J. C. A. de. Gêneros e formatos na televisão brasileira – São Paulo: Summus, 2004.

De acordo com Harris Watts (apud Souza, 2004), programas informativos significa possibilitar ao telespectador que, ao final da exibição, saiba um pouco mais de um determinado assunto, do que sabia no início do programa. Programas com a finalidade de informar são necessários em qualquer produção, com exceção aqueles

dirigidos inteiramente para o entretenimento. Para o autor, programas de entretenimento não significam somente sorrir e cantar. Podem interessar, surpreender, divertir, mas sempre despertando a vontade de assistir. Isso é entretenimento e segundo Melo (1998):

apresenta a seguinte classificação e os respectivos resultados da pesquisa da Abepec realizada em conjunto com outros profissionais: A televisão brasileira é quase exclusivamente um veículo de entretenimento. Para cada 10 horas de programas exibidos, 8 se classificam nessa categoria. Complementarmente, ela dedica 1 hora a programas informativos(jornalísticos) e 1 hora a programas educativos ou especiais. (MELO, 1998, p. 79)

Portanto, seguindo essa classificação, de acordo com Souza (2004) existem três categorias que abrangem a maioria dos gêneros, sendo entretenimento, informativo e educativo. Para o autor existe uma quarta categoria “especiais” que é tratada na mesma pesquisa, no entanto há controvérsias quanto ao significado na própria programação:.

No Brasil, os “especiais” são produções exclusivas e inéditas apresentadas pelas emissoras como programas diferenciados, que podem ser de vários gêneros. Musicais, minisséries e entrevistas são algumas dessas produções chamadas “especiais” pelas redes brasileiras. (SOUZA, 2004, p. 39)

No entanto, encontramos em Carvalho (2010), uma definição mais clara, principalmente em relação a reportagens especiais. Para o autor ela está presente na emissoras de canal aberto, sobre os mais variados assuntos, podendo ser vistas em programas de grandes reportagens, que a maior parte da emissoras tem, sendo o Globo Repórter, SBT, Repórter, entre outros).

O que irá tornar uma reportagem especial é tratamento que será dado a ela, cujo Carvalho (2010, p. 21), “um tratamento mais primoroso , tanto de conteúdo quanto plástico). Dessa forma, concluímos que o gênero jornalístico “grande reportagem” se assemelha com a situação de produção da “reportagem especiais”. Assim, na próxima seção, abordaremos o gênero televisivo, mais especificamente, o gênero jornalístico “grande reportagem” que é utilizado nesta pesquisa.

3.3 Gênero Jornalístico: Formato Grande Reportagem

O jornalismo é uma atividade da comunicação coletiva que se manifesta por meio do jornal impresso, revista, rádio, televisão (MELO, 2003, p.13). Com suas raízes na escrita, a atividade jornalística surge como resultado de exigências socioculturais que se manifestaram nas operações mercantis e financeiras que movimentavam a sociedade europeia do século XV.

De acordo com Melo (2003), as primeiras manifestações do jornalismo atendiam às necessidades de informação dos habitantes das cidades, súditos e governantes, porém é a partir do final do século XVII que essa atividade começa a se despontar. Assim, desde o seu nascimento, o jornalismo assume uma natureza política e social, que reflete em uma atividade “comprometida com o exercício do poder político, difundindo ideias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista” (MELO, 2003, p. 23).

Para Barbeiro e Lima (2003), o jornalismo trata-se de uma atividade, que tem como objetivo maior, provocar reações que despertem o espírito crítico da sociedade, sendo assim, a relação com a estrutura sociocultural é determinante para a vida do jornalismo.

Melo (2003) afirma que as produções jornalísticas sofrem influência da cultura em que se inscrevem, sendo necessário detalhar suas ocorrências e definições de acordo com as variáveis temporais e espaciais, ou seja, os gêneros jornalísticos devem abranger à cultura de uma determinada região ou país, em um determinado período histórico.

São as regras dos gêneros que configuram basicamente os formatos, e nestes se ancora o reconhecimento cultural dos grupos. Produtores usam certos elementos e convenções do gênero que, em retorno, são aceitos ou não pela audiência. Por outro lado, a audiência orienta sua interação com o programa de acordo com as expectativas geradas pelo próprio reconhecimento do gênero.

Na grade de programação de uma emissora de TV, os programas são apresentados num fluxo constante, o reconhecimento do gênero auxilia o receptor a diferenciar um programa de outro, além de posicioná-lo de maneira diferenciada a partir do que está sendo exibido: um telejornal, uma telenovela, um filme, etc. Para Jesus Martín Barbero (1998), os gêneros televisivos são estratégias de comunicabilidade entre as partes envolvidas, no caso, o programa e os telespectadores.

Para Melo (2003, p.44) a classificação dos gêneros “restringe-se a universos culturais delimitados”, propondo a divisão em duas categorias: jornalismo opinativo

(que compreendem os gêneros resenha, editorial, comentário, coluna, crônica) e jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista).

Diante de um universo abrangente da TV, mais especificamente no gênero jornalístico, um dos formatos que vem sendo bastante usado é a “grande reportagem”, que nos últimos tempos, se tornou o “carro-chefe” de vários programas na TV aberta, como “Conexão Repórter” exibido toda quinta-feira às 21h15 no SBT, “A Liga”, todas às terças-feiras às 22h pela Bandeirantes, “Globo Repórter” que passa às sextas-feiras às 22h20 na TV Globo, “Câmera Record” todas às sextas-feiras às 00h00 entre outros.

De acordo com Spinelli (2012), o programa televisivo pioneiro a usar a grande reportagem como formato para as matérias foi o Globo Repórter, exibido no dia 3 de abril de 1973, às 23h, que inicialmente foi estruturado com o formato de documentário, realizado por diretores que vinham de uma tradição cinematográfica como Paulo Gil Soares e Eduardo Coutinho. O programa destinava-se a analisar com profundidade os principais acontecimentos jornalísticos nacionais e internacionais do mês, que, por uma questão de tempo, não podiam ser detalhados nos telejornais.

O formato grande reportagem toma grandes dimensões em programas jornalísticos, principalmente em canais abertos de televisão, sendo o documentário um gênero pouco frequente, restringindo-se a canais fechados. De acordo com Melo (2012), isso se dá porque nas TVs comerciais a produção jornalística é pautada na informação factual e no imediatismo da transmissão de informação, assim, dificultando o investimento na produção de documentários, pois requerem uma pesquisa mais aprofundada do tema a ser abordado e uma disponibilidade maior de tempo para a produção do mesmo.

Outro elemento que pode ser destacado para diferenciar o formato documentário e grande reportagem, de acordo com Spinelli (2012), é o papel do repórter na constituição da informação, pois a autora acredita que na reportagem a figura do repórter é o núcleo fundamental, já no caso do documentário, “pode até existir uma pessoa ou mais na condução da história, porém o modo como ela aparece no vídeo não precisa apresentar os princípios de imparcialidade e objetividade jornalísticas”. (SPINELLI, 2012, p.3).

A Grande Reportagem pode ser considerada um gênero da linguagem audiovisual, por apresentar os materiais audiovisuais de cunho jornalístico, produzidos por jornalistas ou não, que apresentam características diferentes das notícias televisivas,

tais como o tempo de duração – normalmente maior que as notícias televisivas diárias – e o temário.

O formato traz características peculiares, e entre elas a se não mais importante é o aprofundamento do tema abordado de forma que a discussão sobre o assunto se esgote no desenvolvimento da grande reportagem. “O fio condutor da grande reportagem deve permitir abordar o maior número possível de aspectos da situação ou do fenômeno do qual se quer dar conta” (JESPERS, 1998, p.169)

Segundo Jaspers (1998, p.168), a grande reportagem “consiste na composição sob forma de um vídeo ou de um filme, de uma série de informações respeitantes a um acontecimento particular, da atualidade, ou a um fenômeno particular da sociedade, numa mensagem real de uma certa duração.”

Concentrando a sua atenção numa situação ou num fenômeno particular, a grande reportagem é, ainda segundo Jaspers (1998), intensiva por tratar os assuntos em profundidade, abordando várias facetas.

Sendo assim, é evidente que a duração de uma grande reportagem é mais longa que as demais matérias que fazem parte da informação diária dos telejornais. A preparação de uma grande reportagem exige um minucioso trabalho de investigação, que inclui visitas prévias ao local, marcações antecipadas de encontros e coleta de informações que possam servir de background. De igual forma, a fase da montagem/realização da matéria é bastante exigente, visto que este gênero congrega uma variedade de elementos de mediação que vão desde entrevistas diversificadas, imagens de ilustração, «vivos», cenas reais ou reconstituídas, entre outros.

Dessa forma, pode-se dizer que a composição da grande reportagem consiste na elaboração da pauta, na gravação do programa (reportagem) e na edição, ou seja, três etapas fundamentais para o desenvolvimento de um bom programa. Para Carvalho (2010, p. 35) a pauta é um desafio importantíssimo que bem fundamentada evita a perda de tempo e estabelece um consenso entre os profissionais envolvidos, reduzindo a incidência de erros na condução das matérias. Outro fator importante nessa etapa é considerar a escolha das fontes que serão entrevistadas, primeiramente, é preciso que as entrevistas tragam uma abordagem nova sobre a temática e, segundo, que possibilite maior pluralidade de opiniões, permitindo uma melhor leitura do telespectador sobre o assunto retratado. Conforme Carvalho (2010, p. 40): “O objetivo é sempre ampliar a gama de informações para o telespectador, para que em última análise ele tire as próprias conclusões”.

Na gravação do programa, o qual Carvalho (2010) chama de reportagem, é preciso estabelecer os locais de gravação, as perguntas que serão feitas aos entrevistados e antes de captar o material, repórter e editor precisam definir a linguagem plástica, ou seja, estabelecer o tipo de enquadramento, o uso de arte e vinheta. Aqui é preciso destacar que, para a entrevista, o repórter precisa saber escutar, saber perguntar e saber como fazer isso no momento mais adequado. Chantler e Harris (1998) aconselham o repórter a se preparar para fazer a entrevista, procurando saber conhecer o entrevistado, sua personalidade, seus atos.

Com relação a edição é preciso ter um olhar atento e exige que se enxergue todas as matérias antes de começar a escrever e definir o que vai em cada uma. Para Carvalho (2010) “todo o material que chega da rua deve ser “decupado”, ou seja visto nos mínimos detalhes. Assim é importante definir de onde o texto irá partir e onde irá chegar, escolher as melhores falas e imagens e as músicas que irão compor a matéria.

Ainda podemos encontrar na estruturação básica da reportagem: passagem, off, sonora - que formam o corpo coeso. De acordo com Carvalho (2010, p. 45), “a fala do repórter acontece em *off*, quando a voz está ilustrada com imagens, e em passagens, quando a figura do repórter está na tela”, no entanto quando os entrevistados aparecem dando um depoimento, é classificado como “sonora”. Outra característica que encontramos na produção de uma reportagem é o uso do áudio, que tem como finalidade a composição plástica e informação. O uso do áudio, como nos mostra Carvalho (2010, 68), tem a finalidade de dar um “respiro” nas reportagens, o qual é chamado de *sobe som*. Já as trilhas sem letras, são chamadas de trilhas brancas, que são utilizadas com mais frequência durante as reportagens e são associadas ao chamado *sobe som*. Encontramos também o *background*, que são os sons do próprio ambiente e que tem a função de enriquecer a reportagem, ou seja, dar vida.

Deste modo, podemos observar que o gênero jornalístico grande reportagem tem suas características próprias e diferentes elementos que precisam ser muito bem pensados e esquematizados para a edição de uma reportagem. Da pauta à exibição da notícia, vários profissionais estão envolvidos no trabalho e seguem, de maneira geral, uma estrutura de redação, sendo: diretor de jornalismo, chefe de redação, editor chefe, repórteres, produtores, pauteiros, editores, entre outros. Para Carvalho (2010), as estruturas não se modificam muito de uma redação para a outra e em televisão tudo é feito em equipe.

O diretor de jornalismo define a linha editorial dos produtos jornalísticos; o chefe de redação estabelece e acompanha as diretrizes do funcionamento da redação de acordo com a linha editorial; o editor-chefe estrutura a ordem das notícias e acompanha o trabalho dos editores; os repórteres convertem fatos em notícias e realizam matérias externas; os pauteiros pesquisam, apuram e elaboram as pautas; os editores trabalham em conjunto com os repórteres, montam as reportagens; o departamento de arte cria a identidade gráfica. Portanto, em televisão, mais específico em telejornalismo, a equipe deve trabalhar de forma afinada, como aponta Carvalho (2010, p. 20).

Neste capítulo, discutimos a história da televisão no Brasil e os estudos e influências desta na educação. Abordamos também um estudo sobre o gênero televisivo e as características do gênero jornalístico grande reportagem. No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia que empregamos para concretizar nossa pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo visa apresentar os procedimentos teórico-metodológicos desta pesquisa que tem como objetivo central identificar as características que definem o gênero jornalístico grande reportagem a fim de elaborar um modelo didático que possa guiar a ação do professor na elaboração de sequências didáticas, para o ensino de gêneros orais em contexto escolar. Como objetivos específicos, compreender quais e como são as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem e organizar essas dimensões ensináveis em um quadro esquemático, considerando-o como um modelo didático.

Para tanto, este capítulo será dividido em três seções. Primeiramente, apresentaremos as questões que nortearam a pesquisa; em seguida o procedimento de geração de dados da nossa pesquisa; e na terceira seção, os procedimentos usados para análise e interpretação dos dados de acordo com os aportes teóricos do ISD.

4.1 Questão de pesquisa

As questões norteadoras nas quais nos pautamos para a análise do texto coletado, foram:

- Quais são as características que definem o gênero jornalístico grande reportagem?
- Quais são as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem?

A fim de responder a esta pergunta, foi preciso subdividi-la em outras menores:

Para o nível linguístico:

a) Quais são as características e as dimensões ensináveis da situação de produção do texto?

- Quem fala;
- Público alvo;

- Onde é produzido;
- Qual objetivo;

b) Quais são as características e as dimensões ensináveis em relação a infraestrutura do texto?

- Plano Geral;
- Tipos de discurso;
- Quais são os tipos de sequência (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal);

c) Quais são as características e dimensões ensináveis dos mecanismos de textualização?

- Conexão;
- Coesão nominal;
- Coesão verbal;
- Características do texto falado;
- Marcadores conversacionais;

d) Quais são as características e as dimensões ensináveis dos mecanismos enunciativos?

- Vozes (de personagens, sociais e do autor);
- Modalização

Para o nível não-linguístico:

e) Quais são as características e as dimensões ensináveis em relação aos aspectos não verbais:

- Meios para-linguísticos (qualidade da voz, melodia, risos);
- Meios cinésicos (postura física, olhares, mímicas);
- Posições dos locutores (ocupação de lugares, espaço pessoal, contato físico);
- Aspectos exteriores (roupas, disfarces, penteados);
- Disposições dos lugares (disposição, iluminação, decoração, lugares);

4.2 Coleta de dados

A coleta de dados realizou-se no segundo semestre de 2012. Inicialmente, foi desenvolvida levantando os programas existentes, em canais abertos de televisão, do gênero jornalístico grande reportagem. A escolha pelos programas em canais abertos foi devido ao fácil acesso e por se tratar de um “broadcast”, conforme discutido no capítulo 3, tendo a finalidade de uma programação dirigida a todos.

Nesta primeira etapa, buscamos na literatura, em pesquisas na internet e em canais de televisão, as descrições dos programas para verificar se pertenciam ao mesmo gênero. Encontramos seis programas de diferentes emissoras sendo:

- Dois programas da Rede Globo: Globo Repórter e Profissão Repórter
- Dois programas da TV Cultura: Cultura Documentários e DOCTV
- Um programa do SBT: Conexão Repórter
- Um programa da Rede Record: Câmera Record

No entanto, tivemos grandes dificuldades, pois os programas não tinham o gênero bem definido. Por exemplo, para o Globo Repórter encontramos sua classificação como documentário e como grande reportagem e ao assistirmos os programas indicados, percebemos que havia característica bem diferentes. Assim, buscamos na literatura mais informações a respeito dos gêneros televisivos e encontramos, em Carvalho (2010) e Jaspers (1998), detalhes sobre os formatos dos programas e chegamos à conclusão de que, dos indicados, somente dois correspondiam ao gênero jornalístico grande reportagem sendo o Câmera Record e o Globo Repórter.

Definimos então como corpus da nossa pesquisa, dois programas de diferentes emissoras, sendo:

- Um programa da Rede Globo:
Globo Repórter: programa exibido semanalmente às sextas-feiras no horário das 22h20 às 23h25. Possui uma equipe própria de repórteres que aprofunda o conhecimento do público sobre assuntos polêmicos ou de interesse geral.
- Um programa da Rede Record:

Câmera Record: programa exibido semanalmente aos sábados das 00h00 às 01h00. Um programa jornalístico temático que traz grandes documentários produzidos pelas equipes de reportagem no Brasil e com a participação dos correspondentes internacionais do Jornalismo Record nos quatro continentes.

Após a definição do nosso corpus de pesquisa, buscamos no Youtube vídeos completos dos programas. A busca foi feita no Youtube, pois os vídeos disponíveis no site das emissoras, são apenas trechos das reportagens e para ter acesso ao vídeo completo, principalmente o do Globo Repórter, é preciso ser assinante. Assim optamos pelo Youtube, pois qualquer pessoa tendo acesso a um computador com internet disponível consegue baixar e gravar o vídeo desejado. A temática escolhida dos programas foi da categoria aventura, por tratar de lugares diferentes e ser tema atrativo para os alunos e professores, dando a oportunidade de serem explorados nas aulas de geografia, história, ciências. O quadro a seguir nos indica os textos do corpus final desta pesquisa.

QUADRO 2 – Indicação dos textos do corpus final

SEGMENTO	PROGRAMA	DURAÇÃO DE GRAVAÇÃO	TEMA	DATA DE EXIBIÇÃO
Anexo 1	Globo Repórter	39 min. e 31 seg.	Rio Amazonas 2: Nascente e Foz	05/08/2011
Anexo 2	Câmera Record	53 min. e 46 seg.	As maravilhas do Tocantins	05/10/2012

Do Globo Repórter, o vídeo escolhido foi exibido em 05/08/2011, com duração de trinta e nove minutos e trinta e um segundos, com o tema: Rio Amazonas 2: Nascente e Foz. O programa, em parceria com o projeto Globo Natureza, apresentou uma viagem nas águas amazônicas. Duas equipes de reportagem chegam à pequena lagoa que dá origem ao maior rio do mundo e mostram a aventura de atravessar as águas entre as montanhas do Peru. O programa convida o telespectador a conhecer a nascente mais distante e mais alta do Rio Amazonas e vivenciar a aventura de atravessar, entre condores, lhamas e flamingos, o caminho das águas entre as montanhas do Peru, e ver

povoados fantasmas, canyons gigantescos e a cidade perdida dos incas, Machu Pichu. No lado brasileiro, a força do rio que devora ilhas e leva a terra de um lado para outro.

Em relação ao Câmera Record, o vídeo escolhido foi exibido em 05/10/20, com duração de cinquenta e três minutos e quarenta e seis segundos, com o tema: As maravilhas do Tocantins. O programa apresenta o deslumbrante Estado do Tocantins e mostra as espécies raras de animais, as paisagens exuberantes e as tradições do povo local.

Em seguida, os vídeos selecionados foram gravados e transcritos, seguindo as normas para transcrição extraídos de Castilho e Preti (1986, p. 9-10) conforme quadro abaixo:

QUADRO 3 – Normas de Transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal
Hipóteses do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo de tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	: : podendo aumentar para : : : : ou mais	ao emprestarem os... éh:::... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))

Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	--	...a demanda de moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as [linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá...
Indicações de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós”...

Outras observações em relação à transcrição, foram consideradas neste trabalho, sendo:

- Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
- Números por extenso.
- Não se indica ponto de exclamação.
- Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Após assistir aos vídeos e transcrevê-los, sentimos a necessidade de organizar um quadro, apresentando o texto falado-escrito(transcrição), as imagens que aparecem durante a fala e o sons, por se tratar de um gênero audiovisual. Assim, fizemos uma outra transcrição –das imagens e do áudio, seguindo o modelo abaixo:

QUADRO 4 – Modelo para transcrição de um gênero audiovisual

Transcrição	Imagem /Vídeo	Música
1 (00:01) –	(00:01) –	(00:01) –
2		
3		

Em seguida, realizamos uma análise inicial, em cada texto, conforme o modelo de produção e análise do ISD e as adaptações que nós fizemos a esse modelo, para levantar as características de cada programa e futuramente fazer as análises para obter dados detalhados e específicos do gênero em questão. Nesta etapa, fomos pintando, grifando e circulando o texto utilizando diferentes cores, conforme suas características. Para isso seguimos os seguintes critérios, conforme quadro abaixo:

QUADRO 5 – Legenda para análise

Tipos de Discurso		
Unidades que indicam implicação	Unidades que indicam conjunção	Unidades que indicam disjunção
Pronomes de primeira pessoa do singular/plural (eu/nós, mim, nosso); Formas verbais de primeira pessoa do singular/plural (aplicarei, observamos); Dêiticos temporais (agora, hoje); Dêiticos Espaciais (aqui, neste lugar).	Verbos conjugados no presente do indicativo (indica, cobra); Verbos no futuro do presente do indicativo (aplicarei, usarei); Verbos no futuro perifrástico (vão ler, vamos dividir);	Verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo (tentou, fez); Verbos conjugados no imperfeito do indicativo (tentava, fazia); Verbos conjugados no futuro do pretérito do indicativo (tentaria, faria);
Marcadores Conversacionais		
 Iniciais	 Mediais	 Finais
não, mas, acho que, não é assim, que caracterizam o início ou a tomada de turno.	né?, sabe?, entende?, digamos, advérbios, conjunções, alongamentos, que são	né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusa, que assinalam a

	responsáveis pelo desenvolvimento do turno	passagem implícita ou explícita do turno.	
<u>Concordância, discordância, dúvida</u>	<u>Hesitação</u>	<u>Início e fim de uma digressão</u>	<u>Sequência da narrativa</u>
- <u>concordância</u> : tá, tá bem, OK, certo, claro, evidente, sem dúvida, etc. - discordância: não, isso não, assim também não, não é bem assim, etc. - <u>dúvida</u> : será? É mesmo? tem certeza?	Ah, eh, é..., uhn, etc.	- <u>início</u> : fazendo um parênteses, desculpe interromper, mas..., antes que me esqueça, a propósito, etc. - <u>fim</u> : voltando ao assunto, fechando os parênteses, voltando ao que eu/você estava dizendo, etc.	Aí, então aí, depois, depois então, daí, etc.

Para identificar os tipos de discurso, organizamos um quadro em três colunas para analisar: a) unidades que indicam implicação; b) unidades que indicam conjunção; e c) unidades que indicam disjunção.

Assim, pintamos em: a) unidades que indicam implicação, de vermelho os pronomes de primeira pessoa do singular e plural; de verde as formas verbais de primeira pessoa do singular e plural; de amarelo os dêiticos temporais e de rosa os dêiticos espaciais. Em b) unidades que indicam conjunção, pintamos de azul claro os verbos conjugados no presente do indicativo; de cinza claro os verbos no futuro do presente do indicativo e de verde bandeira os verbos no futuro perifrástico. E em c) unidades que indicam disjunção, pintamos de roxo os verbos conjugados no pretérito do indicativo; de azul escuro os verbos no imperfeito do indicativo e de vermelho escuro os verbos no futuro do pretérito do indicativo.

Para indicar os marcadores conversacionais, circulamos de roxo os marcadores iniciais de turnos; de rosa os mediais e verde os finais. Os marcadores de concordância, discordância e dúvida foram grifados de laranja; os de hesitação tiveram grifos em amarelo; os que marcam o início e fim de uma digressão foram grifados de vermelho e para identificar os marcadores da sequência narrativa grifamos de verde.

4.3 Procedimentos de análise dos dados

A análise dos programas escolhidos foi feita levando em consideração os procedimentos estabelecidos pelo quadro teórico metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e a complementação por nós realizada. Desse modo, foram analisados: a situação de produção, a infraestrutura textual (plano geral do conteúdo temático, tipos de discursos e tipos de sequência), os mecanismos de textualização (dentro dos mecanismos de textualização, analisamos também os marcadores conversacionais) e os mecanismos enunciativos; além dos aspectos não-linguísticos.

Primeiramente analisamos o contexto de produção em que os textos estão inseridos e, em seguida, descrevemos a arquitetura interna dos textos, considerando que o produtor de um texto deve tomar decisões na execução da produção textual, tendo em vista o quadro contextual, ou seja, ele deverá refletir na situação de ação de linguagem em que ele está inscrito, o contexto de produção e o “assunto” - o conteúdo temático que o agente produtor quer produzir, de acordo com os parâmetros dos mundos físico e sociossubjetivo.

Após essa primeira análise, observaremos as escolhas do produtor do texto em relação ao plano geral do texto, os tipos de discurso que serão organizados através das sequências e ou outros tipos de planificação. A reflexão sobre o contexto, que compreende o quadro das escolhas referentes aos tipos de discurso e às sequências textuais, é chamado por Bronckart (2009, p.119) de infraestrutura geral de um texto.

Em se tratando da análise dos mecanismos de textualização, as conexões desempenham um papel fundamental nos planos de textos, nas fases das sequências e nos tipos de discursos. Os organizadores textuais propriamente ditos ordenam as partes referentes ao tempo e ao espaço (caso dos organizadores espaciais e temporais). Já os mecanismos de coesão nominal tanto podem introduzir temas e/ou personagens, quanto assegurar sua retomada ou substituição no desenvolvimento do texto, fazendo com que o produtor do texto organize as informações novas e as já fornecidas por meio de cadeias referenciais formada por sintagmas nominais e pronominais (BRONCKART, 2009, p.268).

Ainda nos mecanismos de textualização iremos analisar as características do texto falado, proposto por Koch (2007, 2012) e os marcadores conversacionais (MARCUSCHI, 2003).

Para o nível enunciativo do texto, estaremos analisando as vozes que dizem respeito a: vozes de personagens, vozes sociais e voz do autor empírico e podem se

manifestar de maneira direta ou indireta; e a modalização – que expressam comentários ou opiniões sobre o conteúdo.

Tais critérios de análise foram organizados, de modo sintético, no quadro a seguir:

QUADRO 6 – Modelo de Análise

Níveis de análise, conforme Bronckart (2009) e nossas adaptações			Análise
(a) Contexto de produção			
1) Mundo físico	O emissor: a pessoa física que produz o texto		
	O receptor: a(s) pessoa(s) física(s) que recebe(m) o texto		
	Lugar de produção do texto		
	O momento de produção: o tempo concreto da produção do texto		
2) Mundo sócio-subjetivo	O enunciador: o papel social do emissor naquela situação específica		
	O destinatário: o papel social do receptor naquela situação específica		
	O lugar social: a formação social do lugar onde o texto é produzido		
	O objetivo: o efeito que se quer produzir sobre o destinatário		
(b) Arquitetura interna do texto (folhado textual)			
1) Infraestrutura geral	Plano Geral	Conteúdo temático	
	Tipos de discursos:	Mundo do expor autônomo conjunto (teórico)	
		Mundo do expor implicado conjunto (interativo)	
		Mundo do narrar autônomo disjunto (narração)	
		Mundo do narrar implicado disjunto (relato interativo)	
	Tipos de sequências:	Narrativa	
		Descritiva	
		Argumentativa	
		Explicativa	
		Dialogal	
		Outras formas de planificação	
2) Mecanismos de textualização	Conexão:	Advérbios ou locuções adverbiais com valor transfrástico	
		Sintagmas preposicionais e alguns	

		sintagmas nominais com estatuto de adjunto adverbial	
		Conjunções de coordenação	
		Conjunções de subordinação	
	Coesão nominal:	Anáforas pronominais (pronomes pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos)	
		Anáforas nominais (sintagmas nominais)	
	Coesão verbal:	Os processos efetivamente verbalizados	
		Os eixos de referência, relativos a cada tipo de discurso	
		A duração psicológica da produção	
	Características do texto falado:	Inserção Reformulação retórica (repetição ou parafraseamento)	
	Marcadores conversacionais:	Posição no turno (iniciais, mediais e finais)	
		Concordância, discordância, dúvida	
		Hesitação	
	3) Mecanismos enunciativos	Vozes:	De personagens
			Sociais
			Do autor empírico
		Modalização:	Apreciativa
			Deôntica
			Pragmática

Para analisar os aspectos não linguísticos, organizamos o quadro abaixo, seguindo o esquema expostos por Schneuwly e Dolz (2004):

QUADRO 7 – Meios não-linguísticos

Aspecto Analisado	Características	Aspectos encontrados
Meios para-linguísticos	- boa qualidade da voz - elocução e pausas - respiração controlada - ritmo controlado	
Meios cinésicos	- atitudes corporais	

	- movimentos - gestos - troca de olhares - mímicas faciais	
Posição dos locutores	- ocupação de lugares - espaço pessoal - distâncias - contato físico	
Aspecto Exterior	- roupas - disfarces - penteado - óculos - limpeza	
Disposição dos Lugares	- lugares - disposição - iluminação - disposição das cadeiras - ordem - ventilação - decoração	

Ao iniciar a análise dos programas, percebemos a complexidade do gênero e como explicitado, anteriormente, o nosso objetivo é levantar as características ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem. Dessa forma, sentimos a necessidade de organizar a análise a partir dos vários enunciadores presentes no corpus da nossa pesquisa. Por tanto, elaboramos o seguinte quadro, que fizemos uso nesta pesquisa.

QUADRO 8 – Análise do Programa de Televisão: Aspectos Linguísticos

ANÁLISE DO PROGRAMA _____

CONTEXTO DE PRODUÇÃO				
DESTINATÁRIO	ENUNCIADOR	LUGAR SOCIAL	OBJETIVO	PORTADOR

ASPECTOS DISCURSIVOS E LINGUÍSTICOS					
Infraestrutura Textual				MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO	MECANISMOS ENUNCIATIVOS
ENUNCIADOR	ESTRUTURA/TEMA	TIPOS DE DISCURSO	SEQUÊNCIA	COERÊNCIA TEMÁTICA	COERÊNCIA PRAGMÁTICA
Âncora	Abertura				
Repórter	<i>Primeiro Bloco</i>				
Especialista					
Sujeito comum					
Âncora					

Obs.: A seção dos aspectos discursivos e linguístico se repete para cada conteúdo temático identificado no texto.

Como enunciadores estamos chamando de âncora, o apresentador do programa, no nosso caso, temos o Sérgio Chapelin (Globo Repórter) e Marcos Hummel (Câmera Record). De especialistas, os profissionais de diferentes áreas que irão trazer informações mais técnicas e científicas e que darão maior credibilidade em relação as informações, podemos considerar os historiadores, cientistas, biólogos, pesquisadores, entre outro. Para o sujeito comum, consideramos as pessoas que irão complementar a temática abordada, com suas experiências e histórias de vida, sendo moradores de diferentes regiões, aposentados, professores.

Com relação aos blocos, analisamos sua estruturação, pois os programas dividem a temática a ser explorada em bloco e são apresentados entre os intervalos do programa.

Do mesmo modo, para a análise dos meios não-linguísticos, organizamos a análise a partir dos vários enunciadores, conforme o seguinte quadro:

QUADRO 9 – Análise do Programa de Televisão: Aspectos não-linguísticos

ANÁLISE DO PROGRAMA _____

ASPECTOS NÃO-LINGUÍSTICOS						
Enunciador	Tema	Meios para-linguísticos	Meios Cinésicos	Posição dos Locutores	Aspecto Exterior	Disposição dos Lugares
- Âncora /Apresentador:	- Abertura / Fechamento					
- Repórter	- Primeiro ao Quarto Bloco					
- Especialistas	- Primeiro ao Quarto Bloco					
-Sujeito comum	- Primeiro ao terceiro Bloco					

Acreditamos que o conjunto dessas categorias de análises, apresentados nos quadros anteriores, nos permitirá uma maior compreensão do gênero jornalístico grande reportagem, o qual consideramos como gênero de referência. No entanto, como o nosso objetivo é subsidiar as ações dos professores para elaborar sequências didáticas para o ensino, será necessário, a partir do gênero de referência, modelizar o gênero jornalístico grande reportagem, considerando as capacidade de ações a serem desenvolvidas.

Após a análise dos programas, fizemos uma comparação entre os quadros e a modelização do gênero em questão, chegando aos resultados, que serão apresentadas no próximo capítulo.

5 GÊNERO DE REFERÊNCIA

Neste capítulo, abordaremos as características dos dois textos do gênero de referência que utilizamos como corpus da nossa pesquisa a partir dos resultados da análise. Para isso, organizamos a nossa apresentação em duas seções: primeiramente apresentaremos o Globo Repórter e, em seguida, o Câmera Record.

5.1 Globo Repórter

Nesta seção, apresentaremos os resultados da análise do texto do Globo Repórter a partir das seguintes características: o contexto de produção, a arquitetura interna do texto, os mecanismos de textualização, os mecanismos enunciativos e, por fim, com os aspectos não-linguísticos.

5.1.1 Contexto de Produção

Conforme exposto na fundamentação teórica, ao iniciar o processo de análise de um texto devemos antes compreendê-lo a partir de seu contexto de produção, ou seja, conhecer as condições de produção em que os textos são produzidos. Esta análise é feita partindo do princípio de que há dois conjuntos de fatores que exercem influência necessária sobre a organização dos textos: um mundo físico (lugar de produção, momento de produção, o emissor e o receptor) e um mundo social e subjetivo (lugar social, a posição social do emissor (enunciador), a posição social do receptor (destinatário) e os objetivos da interação).

Em se tratando do mundo físico, o lugar de produção do texto do Globo Repórter acontece em dois espaços físicos: dentro do estúdio do programa de televisão (Globo Repórter) e no local de gravação do tema retratado (Rio Amazonas). O processo de produção conta com a elaboração da pauta, seleção e anotações de dados sobre o

acontecimento para a produção do lide, a gravação de imagens, a gravação de áudio, a (re)edição e apresentação da reportagem.

Quanto ao emissor, apesar de ser evidente que se trata de Sérgio Chapelin, José Raimundo, Francisco José, bem como as pessoas entrevistadas pela presença física, não podemos apagar a voz da própria emissora (Rede Globo) e do próprio programa (Globo Repórter), e como exposto na fundamentação teórica existem os diferentes participantes envolvidos na elaboração do programa. Assim de acordo com o próprio site da emissora encontramos os seguintes participantes e suas funções, conforme quadro abaixo:

QUADRO 10 – Ficha técnica do Globo Repórter

Participantes	Função		Participantes	Função
Sérgio Chapelin	Apresentador		Mariana Estill Sabino	Editor
Silvia Sayão	Editora-chefe		Marislei Dalmaz	Editor
Marilei Zanini	Chefe de Redação		Rogério Marques	Editor
Meg Cunha	Chefe de Redação		Saulo de la Rue	Editor
Francesca Terranova	Chefe de Produção		Adriana Nagle	Editor de Imagem
Henrique Lucas	Coordenador de Produção		Dimitri Caldeira	Editor de Imagem
Tereza Maia	Coordenador de Produção		Gisele Machado	Editor de Imagem
Fernando Silva	Assistente de produção		Lilian Cavalheiro	Editor de Imagem
Juliana Briggs	Assistente de produção		Roberto Cavalcanti	Editor de Imagem
Luiz Costa Jr.	Assistente de produção		Susy Altman	Editor de Imagem
Paulo Keppler	Assistente de produção		Thiago Brandão	Editor de internet
Ana Dorneles	Produtor		Alexandre Arrabal	Diretor de Ilustração e Arte
Ana Rita Mendonça	Produtor		Luiz Nogueira	Arte
Arlete Heringer	Produtor		José Carlos Azevedo	Supervisor de Imagem
Assimina Vlahou	Produtor		Fernando Gueiros	Gerente de Operações
Beatriz David de Sanson	Produtor		Miguel Athayde	Diretor de Jornalismo - RJ

Cris Angelini	Produtor	Cristina Piasentini	Diretora de Jornalismo - SP
Jorge Ghiaroni	Produtor	Ricardo Villela	Diretor de Jornalismo - DF
Roberta Ferraz	Produtor	Mariano Boni de Mathis	Diretores Executivos
Angela Garambone	Editor	Silvia Faria	Diretora de jornalismo
Cláudia Guimarães	Editor	Ali Kamel	Diretor responsável
Malu Guimarães	Editor		

O programa também apresenta características específicas (a vinheta, o cenário do programa, a postura do apresentador - como compor e apresentar os conteúdos, entre outros) e são pensados de acordo com o modo comunicativo do programa.

A respeito do receptor, primeiramente, é importante observar que a própria emissora divulga o horário de programação, sendo o Globo Repórter exibido das 22h20 às 23h25. Este horário, atualmente, é considerado como horário nobre. Um outro fator a ser observado é em relação aos dados que obtivemos durante pesquisas, que de acordo com o IBOPE /Workstation-Mogi das Cruzes – abril/2013, o programa Globo Repórter tem em média uma audiência de 30 pontos. Além disso, considerando o público-alvo, vale destacar que o perfil do telespectador apresenta as seguintes características: a) 55% são do sexo feminino e 45% do masculino; b) 8% tem de 4 a 11 anos, 11% de 12 a 17 anos, 10% de 18 a 24 anos, 44% de 25 a 49 anos e 27% de 50 para mais; c) 42% pertence à classe A e B, 50% à classe C e 8% às classes D e E.

Assim, pode-se concluir que o Globo Repórter é voltado para um público adulto, para as classes A, B e C e levantamos hipóteses de que o público-alvo, ou seja, o destinatário do programa, com maior ou menor capacidade interpretativa e bagagem cultural e interesse na temática apresentada.

No mundo sociossubjetivo (social e subjetivo), observamos que os textos são constituídos por um conjunto de informações sobre um determinado assunto, ou tema, que norteia a construção do programa como um todo. Para fins de análise, fizemos um levantamento das edições exibidas entre junho/2012 a junho/2013. Os temas pertinentes ao Globo Repórter se dividem em quatro categorias. São eles: aventura, comportamento,

saúde e economia. Estas categorias são classificadas no próprio site do programa e também discutidas por Costa (2008). Como no site não encontramos todos os programas exibidos classificados de acordo com as categorias apresentadas, fizemos um quadro de acordo com a temática, conforme se pode visualizar abaixo:

QUADRO 11 – Temas do Globo Repórter

2012		
Data de exibição	Temas	Categoria
06/07/2012	Alimentos que beneficiam a saúde	(Saúde)
13/07/2012	Gastos excessivos	(Economia)
20/07/2012	Tailândia	(Aventura)
27/07/2012	As belezas das flores do Brasil	(Aventura)
03/08/2012	Eslovênia	(Aventura)
10/08/2012	Alergias	(Saúde)
17/08/2012	Amazônia	(Aventura)
24/08/2012	Brasil abaixo de zero	(Aventura)
31/08/2012	Trabalhadores que venceram batalhas e conquistaram seu espaço	(Comportamento)
07/09/2012	Gabão – último paraíso africano	(Aventura)
14/09/2012	No mundo das curas espirituais	(Espiritualidade)
21/09/2012 *	O que precisa ser feito para preservar as joias da Mata Atlântica? *	(Aventura)
28/09/2012	Croácia	(Aventura)
05/10/2012	Timidez	(Comportamento)
12/10/2012	Super-Heróis, Coragem, Preconceito e Educação	(Comportamento)
19/10/2012 *	Porque ‘Avenida Brasil’ mexeu tanto com o país *	(Comportamento)
26/10/2012	Dieta Atlântica	(Saúde)
02/11/2012	Os mistérios do Canal de Moçambique	(Aventura)
09/11/2012	Longevidade	(Saúde)
16/11/2012	Colômbia: Tesouros Escondidos	(Aventura)
23/11/2012	Aventuras dos animais que se arriscam na grande selva urbana	(Aventura)

30/11/2012	Índia	(Aventura)
07/12/2012	Mulheres batalhadoras que fazem a diferença	(Comportamento)
14/12/2012	Champagne e Provence – França	(Aventura)
21/12/2012	Os caminhos de Jesus Cristo na Terra Santa	(Aventura)
28/12/2012	Retrospectiva 2012	***

* "audiência" de acordo com o IBOPE

2013		
Data de exibição	Temas	Categoria
25/01/2013	Nas alturas da América	(Aventura)
01/02/2013	Coluna	(Saúde)
08/02/2013	não teve o programa (Carnaval)	-
15/02/2013	Terra dos reis, castelos imponentes do Vale do Loire encantam visitantes	(Aventura)
22/02/2013	Empreendedores	(Economia)
01/03/2013	Boa vida do interior do Brasil	(Comportamento)
08/03/2013	Veja o planeta como jamais foi visto antes: com os olhos de um pássaro	(Aventura)
15/03/2013	Diabetes e hipertensão	(Saúde)
22/03/2013	Roraima Montanha Misteriosa	(Aventura)
29/03/2013	Novos caminhos do Cristianismo	(Espiritualidade)
05/04/2013	Vietnã	(Aventura)
12/04/2013 *	Superalimentos *	(Saúde)
19/04/2013	Big Brother da vida real	(Comportamento)
26/04/2013	Expedição Tucumaque	(Aventura)
03/05/2013	Estresse	(Saúde)
10/05/2013	Moradores de rua	(Comportamento)
17/05/2013	Infinitas possibilidades do corpo humano	(Saúde)
24/05/2013	Cidades Prósperas	(Economia)
31/05/2013 *	Mistérios e belezas do Laos e Camboja *	(Aventura)
07/06/2013	Simpatias e Superstições	(Comportamento)
14/06/2013	Poupar	(Economia)
21/06/2013	Manifestações	(Comportamento)
28/06/2013	Vida profissional de homens e mulheres no Brasil	(Economia)

05/07/2013 *	Uruguai *	(Aventura)
--------------	-----------	------------

* "audiência" de acordo com o IBOPE

Durante a análise, percebeu-se que o programa tem a característica de não estar ligado a fatos do dia a dia ou da semana, o que o diferencia de outros programas jornalísticos como o telejornal. Entretanto, quando um fato é muito marcante ou tem uma repercussão na mídia, o programa adere à temática, como por exemplo, o programa do Globo Repórter exibido no dia 19 de outubro de 2012, sobre o tema “Por que ‘Avenida Brasil’ mexeu tanto com o país?” Nesse dia, de acordo com o IBOPE, o índice de audiência foi de 32 pontos, um dos maiores que o programa já alcançou. Outro tema de audiência foi em relação à saúde, que abordou a questão sobre superalimentos; o programa foi exibido no dia 12 de abril de 2013 e teve 29 pontos de audiência.

No entanto, nota-se que, do material coletado, a categoria mais apresentada durante um ano foi “aventura”, conforme figura abaixo, embora os temas abordados sejam em esquema de rotatividade.

FIGURA 4 – Categorias do Globo Repórter



Em relação à posição social do enunciador do texto encontramos, primeiramente, a própria rede de televisão (Rede Globo), em seguida, o próprio programa (Globo Repórter), que seguindo a categoria “aventura” tem a função social de mostrar os diferentes lugares do mundo. Em seguida, temos: a) o âncora/apresentador com a função de informar o tema apresentado e seus desdobramentos; b) os repórteres que irão guiar os telespectadores; c) os especialistas, cuja função é complementar a temática com bases teóricas ou científicas; d) os sujeitos comuns/entrevistados que irão expor suas vivências e transmitir seus conhecimentos sobre o tema apresentado.

O destinatário tem a função social do cidadão comum, que tem interesse pela temática e objetiva conhecer as belezas e os mistérios dos mais variados e diferentes lugares que serão apresentados no programa.

Após a análise sobre o contexto de produção, passemos, na seção seguinte, para a análise da arquitetura interna do texto, ou seja, os estratos do folhado textual que é organizado em três camadas sobrepostas.

5.1.2 A arquitetura interna do texto

Nesta seção, apresentaremos os resultados da análise textual do programa Globo Repórter seguindo os níveis de análise propostos no modelo do ISD. São eles: infraestrutura geral do texto; os mecanismos de textualização com os acréscimos de análise feitos por nós; e os mecanismos enunciativos.

5.1.2.1 Infraestrutura geral do texto

Conforme apresentado na fundamentação teórica, no primeiro nível do folhado textual denominado de infraestrutura, abordaremos, primeiramente, o plano global dos textos através da observação da organização dos conteúdos temáticos.

O Programa do Globo Repórter constitui-se em cinco partes. Na primeira parte, *abertura do programa*, o âncora apresenta uma aventura no Rio Amazonas, lugares que escapam ao ordinário e que são transformados em algo importante para ser veiculado,

convidando o telespectador para uma grande viagem e viver essa aventura. Na segunda parte, inicia-se o *primeiro bloco*, onde o telespectador, guiado pelos repórteres, embarcam para a grande aventura - Travessia do Rio Amazonas e o encontro das águas; conhecem as belezas encontradas às margens do Rio Tambo; a Cidade Teo Terra às margens do Tapajós; e as Margens do Rio Amazonas - Rio Ucayali; Na terceira parte, *segundo bloco* do programa, o telespectador irá conhecer as riquezas no meio da mata; as relíquias do ciclo da borracha; e a árvore da vida. Na quarta parte, *terceiro bloco*, os repórteres levam o telespectador ao Foz do Juruá; Aldeia indígena e no Parque Nacional Amakayako. E, por fim, no *quarto bloco*, o telespectador acompanha o encontro nas águas e o fim da expedição.

Pode-se concluir que o plano global do texto analisado tem como objetivo central convidar o telespectador a se aventurar junto com os repórteres e descobrir as curiosidades, pessoas e animais existentes no mundo afora.

Para que possamos ter uma percepção maior dos aspectos discursivos e linguístico-discursivos do gênero jornalístico grande reportagem, apresentaremos, nas próximas seções, os tipos de discursos, as possíveis sequências, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, de acordo com as diferentes vozes que se evidenciaram no gênero em questão, de acordo com o quadro 8, que foi apresentado no capítulo metodológico.

5.1.2.2 Âncora

No primeiro tema *abertura do programa*, encontramos somente o Sérgio Chapelin, que assume o papel do âncora, como enunciador do Globo Repórter. Ao analisar as características da infraestrutura, nota-se que o âncora utiliza, no início do texto, de um discurso mais próximo do telespectador, assim, pode-se concluir que o discurso utilizado é o interativo. As marcas linguísticas que caracterizam o discurso interativo são: dêiticos de pessoa – nossos repórteres [negrito]; dêiticos temporais [sublinhado]. Isso se faz presente em:

- 1 (00:17) – Sérgio Chapelin: boa noite!... no programa de hoje
- 2 o fim da grande aventura do projeto Globo Natureza... **nossos**

- 3 **repórteres...** concluem uma viagem de sete mil quilômetros...
(Anexo 1)

Ainda analisando o tipo de discurso do primeiro tema encontramos também o relato interativo presente no texto, cujas coordenadas gerais são disjuntas das coordenadas do mundo ordinário do agente-produtor e dos agentes ouvintes. Essa disjunção está marcada por organizadores temporais [negrito] e verbos no passado [sublinhado], conforme segmento abaixo:

- 4 **depois de alcançar** a mais alta nascente do Amazonas ...
5 Francisco José passou por povoados fantasmas... atravessou
6 as corredeiras do Apurimaque... e chegou as cidades sagradas
7 dos Incas... agora avança pela mata... para nos mostrar uma
8 rica vida selvagem... José Raimundo que partiu da foz...
(ANEXO 1)

Nos temas seguintes, *primeiro* e *segundo bloco*, o discurso predominante é o teórico, apresentando ausência de unidades que remetam diretamente ao interactante ou ao espaço-tempo e baixa densidade verbal. No entanto, o apresentador sempre finaliza o texto com a inserção de unidades de tempo [negrito], como ilustrado no excerto:

- 184 (13:06) – Sérgio Chapelin: so-fis-ticação... luxo e riqueza no
185 meio da mata... as relíquias do ciclo da borracha.. e a árvore
186 da vida... a gigante da floresta... **daqui a pouco**... (ANEXO 1)

Em relação aos mecanismos de textualização, especificamente os mecanismos de coesão nominal, observamos que os turnos de fala apresentam uma recorrência de cadeias anafóricas pronominais e nominais. O excerto ilustra o uso que o apresentador faz do nome próprio [itálico], da anáfora [sublinhado] e das elipses [negrito] para deixar o texto coerente e menos repetitivo.

- 1 (00:17) – Sérgio Chapelin: boa noite!... no programa de hoje
2 o fim da **grande aventura** do projeto Globo Natureza... nossos
3 **repórteres...** concluem uma viagem de sete mil quilômetros...
4 depois de alcançar a **mais alta** nascente do Amazonas ...
5 *Francisco José* passou por povoados fantasmas... **o** atravessou
6 as corredeiras do Apurimaque... e **o** chegou as cidades sagradas
7 dos Incas... agora avança pela mata... para nos mostrar uma
8 **rica vida** selvagem... *José Raimundo* que partiu da foz...

9 atravessa um MAR de água doce para nos mostrar as
 10 milionárias relíquias do ciclo da borracha... e uma cidade
 11 americana perdida na selva brasileira.... na fronteira que
 12 separa Brasil... Peru e Colômbia... o encontro nas águas.... as
 13 duas equipes... comemoram juntas o fim da **mais completa**
 14 expedição... feita no **MAIOR** reino do mundo... (ANEXO 1)

Nos mecanismos enunciativos, observamos que o âncora usufrui da responsabilidade enunciativa pela modalização apreciativa e as vozes. Na voz do âncora encontramos a voz do programa, ou seja, a voz da emissora, que tem um conteúdo a passar para o telespectador; e também a voz do repórter, que vivenciou os diferentes lugares do tema abordado e que relata suas experiências.

A modalização apreciativa contribui para dar a tonalidade do texto, ou seja, consiste em uma avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático. No excerto acima, nas linhas indicadas em 2, 4, 8, 13 e 14, fica visível o uso de termos que indicam grandiosidade [sublinhado e negrito], dando uma maior credibilidade ao texto.

5.1.2.3 Repórteres

Analisando as características da infraestrutura podemos notar, nos textos apresentados no *primeiro bloco*, a utilização de, ora um discurso mais próximo do telespectador, ora mais distante. Desse modo, em relação aos tipos de discurso, esses textos apresentam o discurso interativo e o discurso teórico.

O discurso interativo está presente na maior parte dos textos analisados, sendo eles característicos tanto na estruturação de passagem como em *off*, conforme definido anteriormente no capítulo 3. O uso desse tipo de discurso ocorre buscando sempre passar ao telespectador uma aproximação, ou seja, uma interação entre ambos.

As marcas linguísticas que caracterizam o discurso interativo são: dêiticos de pessoa - eu, nós, nosso, a gente, nossa equipe [em negrito]; dêiticos temporais - agora, hoje [em itálico]; dêiticos espaciais – aqui, neste lugar, desta terra [sublinhado]; verbos no presente, no futuro perifrástico e na primeira pessoa do singular/plural [negrito e sublinhado]. Isso se faz evidente em:

34 (02:38) – José Raimundo: na Amazônia Peruana a **nossa**
 35 **equipe viaja** rio abaixo... com tempo bom e pouca chuva... já
 36 **alcançamos**: o Rio Tambo... esse trecho... ele **atravessa** uma
 37 região montanhosa... as margens **são** verdes e a água **é**
 38 barrenta... mas logo **decidimos deixar** o TAMbo e ir a pé... em
 39 busca de uma grande cachoeira... **seguimos** o curso de um
 40 pequeno riacho que corre sobre as pedras... (Anexo 1)

O discurso teórico também aparece na produção do repórter, caracterizando-se por uma autonomia em relação às ações de linguagem de que o texto se origina, havendo uma relação de independência total do agente produtor. Assim, conforme Bronckart (2009), “o discurso teórico baseia-se em um mundo autônomo em relação ao mundo ordinário dos agentes-produtores e receptores” (p. 190).

As características do discurso teórico marcam-se pela: “ausência de unidades que remetem aos interactantes” (BRONCKART, 2009, p. 171), ou seja, ausência de dêiticos de pessoa, bem como os dêiticos espaciais e os dêiticos temporais; e por uma densidade verbal muito fraca; Podemos constatar em:

20 (01:41) – José Raimundo no inverno... a quantidade de água
 21 que as nuvens despejam no Amazônia... é três:: vezes maior
 22 que todo o volume do rio... segundo as pesquisas... por isso a
 23 chuva é companheira quase inseparável em todas as viagens...
 24 o caBOclo... costuma dizer o seguinte... no verão... CHove
 25 todo dia... e no inverno... chove o dia todo... e não é exagero
 26 não... embora corre aqui pra baixo... ((jornalista desce para
 dentro da lancha)) (Anexo 1)

Vale destacar que em numerosos segmentos dos textos encontramos uma fusão entre os dois tipos de discurso: o interativo e o teórico. Essa junção remete ao tipo de discurso considerado por Bronckart (2009, p. 192) como um verdadeiro tipo misto interativo-teórico, que é característico, principalmente, nos segmentos que aparecem nas exposições orais. Isso se faz presente em:

187 (13:27) – Off José Raimundo: médio Amazonas... região do
 188 Paritins... **é nesta área**... que o rio exhibe toda a sua grandeza...
 189 é onde ele corre na sua parte mais larga de sua calha... dez
 190 quilômetros... de uma margem a outra... e quanto mais
 191 avancamos... mais exuberante é a paisagem... chegamos ao
 192 coração da Amazônia brasileira... mil trezentos e cinquenta
 193 quilômetros... é a distância **deste ponto**... até a foiz... (Anexo 1)

Nota-se que nos segmentos 188, 191 e 193 há uma interação do produtor no texto, aparecendo como marca linguística o dêitico espacial [negrito] e formas verbais de primeira pessoa do plural [sublinhado]. Já os segmentos 189, 190 e 192 são marcados pela ausência de frases não declarativas.

No segundo tema, *primeiro bloco*, aparece também o relato interativo, marcado por verbos no passado [negrito] e a presença de marcadores temporais [itálico] e espaciais [sublinhado]:

- 94 (07:35) – José Raimundo: telhados baixos... estilo chalé...
 95 janelas largas... o caboclo **estranhou** essa arquitetura... mas
 96 **gostou** de uma das obras do milionário Henry Ford... plantar
 97 flores... na solera da porta... essa heRANça... ainda é
 98 preservada... nas casas de Teo Terra... *até hoje* belos jardins
 99 são cultivados...
- 100 (07:51) – Off José Raimundo: flores na entrada das casas... na
 101 principal praça da cidade... Teo Terra... parece o cenário de
 102 um antigo filme americano... as velhas seringueiras ainda
 103 estão por aqui... com as cicatrizes de um sonho frustrado...
 104 filho de um ex-funcionário da companhia... seu Francisco **era**
 105 criança... nos tempos do progresso... ele vai nos mostrar a
 106 escola onde **estudou**... (ANEXO 1)

Ainda analisando as questões da infraestrutura, a organização sequencial dos textos, ou seja, as sequências, observamos que o texto apresenta formas de esquematizações e a sequência dialogal, principalmente na interação dos repórteres com as pessoas comuns e com os especialistas do tema abordado.

No *primeiro bloco* do programa, encontramos o grau zero de planificação da ordem do EXPOR, ou seja, a forma de esquematizações com a finalidade de informar (segmento 61 ao 68).

- 61 (05:13) – Chico José: temos que passar a noite na margem do
 62 rio TAMbo... demoramos mais do que o previsto... na
 63 caminhada para filmar a cachoeira... e agora duas canoas estão
 64 aqui amarrada... na beira do rio... o ()... tai operando o ()...
 65 vamo dividi a equipe nas duas canoas... aqui óh:: cortinas de
 66 plástico... pra chuva não passa e já tá chovendo... o piloto está
 67 ali na minha rede... que eu emprestei pra ele... pra não fica na
 68 cadeira eh:: os mosquitos estão ai... atacando... (ANEXO 1)

A sequência dialogal é presente no texto, principalmente na interação do repórter com sujeitos comuns, concretizando-se nos discursos interativos. Ela se estrutura em turnos de fala assumidos diretamente pelos agentes-produtores que estão envolvidos na interação verbal. Como exemplo, podemos destacar:

- 350 (25:58) – José Raimundo: que barulho estranho... danado... e
 351 agora? o que será de nós? pelo amor de Deus... tem gasolina?
 352 (26:11) – Off José Raimundo: o motor parou de funcionar... e
 353 nem o piloto... sabe o que fazer...
 354 (26:15) – Piloto: daqui a gente não sai não... até porque eu não
 355 entendo da máquina...
 356 (26:20) – José Raimundo: E agora?
 357 (26:21) – Piloto: Agora ahh... vamo passa o rio... passa
 358 [
 359 (26:26) – José Raimundo: deixar a correnteza levar um
 360 pouquinho... (ANEXO 1)

Em relação aos mecanismos de conexão, pertencentes ao segundo nível do folheado textual, observamos a presença de mecanismos que articulam duas ou várias frases sintáticas, exercendo a função de ligação (e, mas). Isso se faz presente no segmento a seguir:

- 159 (11:24) – Chico José: a série anaconda foi gravada para o
 160 cinema nessa região da Amazônia peruana... **mas** aqui... o
 161 bicho não é um terror... é quase um animal de estimação...
 162 “Gerson”... vem cá... por favor... esse caboclo peruano... que
 163 mora na margem aqui do lago... perto do rio Ucayali... ele
 164 quase que cria... as cobras aqui... ele matem elas presas **e**
 165 quando vem alguém passando no rio **e** quer ver uma
 166 anaconda... ele mostra... é quase que a nossa sucuri...
 (Anexo1)

Quanto à coesão nominal, encontramos várias séries coesivas que se destinam a assegurar a não repetição do texto, sobretudo por meio de nomes ou pronomes pessoais e oblíquos [negrito], anáforas [sublinhado] e elipses [Ø], como ilustramos nos seguintes segmentos:

- 34 (02:38) – José Raimundo: na **Amazônia Peruana** a nossa
 35 equipe viaja rio abaixo... com tempo bom e pouca chuva... já
 36 **Ø** alcançamos: o **Rio Tambo**... esse trecho... **ele** atravessa uma
 37 região montanhosa... as margens são verdes e a água é

- 38 barrenta... mas logo **o** decidimos deixar o TAMbo e ir a pé...
em
39 busca de uma grande cachoeira... **o** seguimos o curso de um
40 pequeno riacho que corre sobre as pedras... (ANEXO 1)

Após analisarmos os mecanismos de conexão e coesão nominal, passaremos para os marcadores conversacionais, a fim de completar o modelo de análise. No texto analisado, encontramos, na fala do repórter, a presença de marcadores conversacionais com a função de iniciar um turno [itálico e sublinhado] ou mediá-los e finalizá-lo [negrito]. Essas características são encontradas nos seguintes segmentos:

- 41 (03:21) – Chico José: o calor da selva... uma água limpa e
42 bem fria... um local que é inteiramente preservado... não há
43 nenhum tipo de poluição nesta área da selva Amazonas... OH
44 Pedro... e essa água tá vindo de uma cachoeira... **né?**
(ANEXO 1)

- 556 (37:30) – Chico José: foi... foi maravilhosa... um pouco
557 cansativa... **né...** mais finalmente chegamos... ()...
(ANEXO 1)

Outro marcador que se faz presente são as pausas não sintáticas que, de acordo com Marcuschi (1991), apresentam-se em momentos de hesitação e ênfase. No caso do texto analisado encontramos a hesitação [negrito], principalmente no modo *passagem*. Vejamos alguns exemplos:

- 303 (22:23) – José Raimundo: o curioso... na verdade é o
304 revestimento natural de parede... vejam **oh:**.. a árvore está uns
305 cinco metros mais ou menos... e as raízes... descem... toda
306 essa altura... procurando água lá embaixo... (ANEXO 1)
- 458 (31:50) – Chico José: e eles são assim... **oh:** cheio de
459 liberdade... (ANEXO 1)
- 462 (31:58) – Chico José: esse aqui **oh:** agora resolveu pegar o
463 equipamento... (ANEXO 1)

Encontramos também o uso de frases interrogativas para iniciar um turno ou para dar continuidade a um diálogo [sublinhado] e a inserção ilustrativa [negrito], como nos mostra os segmentos abaixo:

131 (09:28) – Off José Raimundo: mas em **por exemplo...** os
132 caboclos não reclamavam... era o melhor da região... muito
(ANEXO 1)

275 vocês devem estar pensando... e os bichos? os animais que
276 vivem no rio? piranhas... jacarés... serpentes estão por aí... por
(ANEXO 1)

Desse modo, podemos constatar que o texto produzido pelos repórteres no programa analisado apresentam marcadores conversacionais, tornando o texto fluente e possibilitando a passagem de um tópico a outro com certa naturalidade. Assim, pode-se admitir que a tomada de turno e a passagem de um para outro têm papel importante na organização conversacional. Entretanto, percebemos que no programa Globo Repórter, as marcas conversacionais apareceram menos, deixando para nós a evidência de haver a interferência do texto escrito na produção desse gênero.

No último aspecto do folheado textual intitulado de mecanismos enunciativos, constatamos, na voz do repórter, a inserção de sua própria voz, ou seja, “a voz que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual”. (BRONCKART, 2009, p. 327). Essa inserção é realizada sob a forma do discurso direto e, de acordo com Bronckart (2009, p. 329), “estão presentes nos discursos interativos dialogados”, conforme nos mostra o exemplo a seguir:.

61 (05:13) – Chico José: temos que passar a noite na margem do
62 rio TAMbo... demoramos mais do que o previsto... na
63 caminhada para filmar a cachoeira... e agora duas canoas estão
64 aqui amarrada... na beira do rio... o ()... tai operando o ()...
65 vamo dividi a equipe nas duas canoas... aqui óh:: cortinas de
66 plástico... pra chuva não passa e já tá chovendo... o piloto está
67 ali na minha rede... que **eu** emprestei pra ele... pra não fica na
68 cadeira eh:: os mosquitos estão aí... atacando... (ANEXO 1)

Além disso, na voz do repórter, principalmente através da voz em *off*, encontramos também a inserção de vozes sociais, onde são mencionadas as instâncias

externas de alguns aspectos dos conteúdos tratados. A voz social é representada por diferentes instituições sociais responsáveis pela coleta de dados e informações dos conteúdos ou temáticas tratadas. É através da voz em *off* que teremos acesso às informações adicionais e complementares à fala de especialistas.

151 (10:46) – Off Chico José: na maior parte dos sete mil
 152 quilômetros que percorremos:... as margens do rio Amazonas
 153 e seus afluentes... são preservadas... o rio Ucayali do Peru é
 154 cheio de canais e igarapés... é o habitat natural... de um animal
 155 que também existe na Amazônia brasileira... o bicho
 156 preguiça... eles não se importam com a nossa presença... mas
 157 o animal mais famoso por aqui... é outro... não tão simpáticos
 158 como as preguiças... é a temida... anaconda... (ANEXO 1)

Essa análise nos permite identificar as atribuições que são dadas ao produtor, ao trazer para seu texto, as diferentes vozes (do próprio repórter, dos sujeitos comuns, das vozes sociais).

Ainda dentro das instâncias que se referem aos mecanismos enunciativos temos as modalizações. Nos textos dos repórteres, encontramos a modalização apreciativa por meio do uso de termos para indicar a grandiosidade e beleza de tudo o que está sendo retratado, principalmente no modo *off*. Isso se faz evidente no excerto abaixo:

84 (06:57) – Off José Raimundo: e as margens do Tapajós...
 85 vamos conhecer uma cidade que guardam marcas de um
 86 passado de **glória**... a **riqueza** do ciclo da borracha... que
 87 escreveu NESTE lugar... o capítulo **importante**... da história
 88 da Amazônia... (ANEXO 1)

187 (13:27) – Off José Raimundo: médio Amazonas... região do
 188 Paritins... é nesta área... que o rio **exibe** toda a sua **grandeza**...
 189 é onde ele corre na sua parte mais larga de sua calha... dez
 190 quilômetros... de uma margem a outra... e quanto mais
 191 avançamos... mais **exuberante** é a paisagem... chegamos ao
 192 coração da Amazônia brasileira... mil trezentos e cinquenta
 193 quilômetros... é a distância deste ponto... até a foiz...
 (ANEXO1)

Após analisar os excertos relativos às falas dos repórteres apresentaremos, na seção seguinte, a infraestrutura do texto dos especialistas.

5.1.2.4 Especialistas

Inicialmente, analisando a infraestrutura do texto, nos temas do primeiro ao quarto bloco, observamos a presença do especialista em somente três blocos (primeiro, segundo e terceiro). No entanto, no *quarto bloco* há a presença de profissionais de diferentes áreas que também irão trazer contribuições para enriquecer a temática apresentada.

No *primeiro e terceiro blocos*, o tipo de discurso predominante é o teórico, uma vez que há um distanciamento do enunciador em relação ao texto, mostrando uma certa autonomia em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem. É evidente a baixa densidade verbal, no entanto, os poucos verbos que aparecem estão no tempo presente ou futuro perifrástico [negrito]. Isso se faz presente nos segmentos 45 ao 48; 138 ao 141; 466 e 468.

45 (03:37) – Pedro: exatamente... ela **vem** da cachoeira Quari ...
 46 ((aparece escrito “Pedro Werneck documentarista”)) uns cem
 47 metros... de queda... que **vai formar** um dos afluentes... com
 48 o rio Tambo... (ANEXO 1)

138 (09:57) – Laurimar Legal ((aparece escrito: diretor do Museu
 139 de Santarém)): o que se tem notícia no mundo é a primeira
 140 vez que uma baleia... **chega**... a nadar... essa quantia de
 141 quilometro... (ANEXO 1)

Já no *segundo bloco*, o tipo de discurso é de narração, caracterizado por apresentar o mundo discursivo disjunto das coordenadas do mundo ordinário do agente-produtor e dos agentes- receptores. Os verbos estão no tempo passado [negrito].

212 (15:15) - Antônio Loureiro ((historiador)): sem dúvida
 213 nenhuma... **era** uma praia de areia branca...igual ao da Ponta
 214 Negra... uma baía de areia branca... onde **saía** três igarapés
 215 grandes... e também **tiveram** as suas... regiões finais
 216 aterradas... (ANEXO 1)

E, por fim, no *quarto bloco*, aparecem profissionais como o policial federal e o capitão dos portos com o discurso interativo, ou seja, os enunciadores estão implicados

na interação. As marcas linguísticas que caracterizam esse tipo de discurso são: dêiticos de pessoa [itálico], dêiticos temporais [sublinhado] e verbos no presente [negrito].

510 (34:29) – José Alberto Bahiano (policial federal): cada
 511 apreensão que *a gente realiza... pra gente...* é uma satisfação
 512 muito grande... porque tem certeza que essa substância não
 513 chegou no grande centro... pra **destruí** alguns familiares...
 514 algumas famílias... (ANEXO 1)

531 (35:34) – Carlos Amorim da Silva ((capitão dos portos)): pra
 532 uma mais... hoje ela pode chegar até uns cem metros...
 533 cinquenta metros... dependendo da situação do rio...
 (ANEXO 1)

Considerando os mecanismos de textualização, em relação à coesão nominal, encontramos o uso de retomadas, conforme segmento 45, fazendo com que o texto não se torne repetitivo. O especialista utiliza o pronome “ela” para retomar o tema “água” exposto pelo repórter. Observamos também marcadores conversacionais, como as expressões de concordância [exatamente, sem dúvida nenhuma] conforme segmentos 45 e 212.

Como mecanismos enunciativos, temos a voz do próprio especialista e dos profissionais que aparecem no programa que se fazem presentes no texto. Observou-se também a presença das vozes científicas e históricas, o que concede uma credibilidade e confiança maiores sobre o assunto tratado.

5.1.2.5 Sujeito Comum

A presença do sujeito comum aparece nos três primeiros blocos do programa e, ao analisarmos as questões de infraestrutura, observa-se que o tipo de discurso utilizado neste texto varia de acordo com o tipo de discurso do repórter, que está em interação com esse sujeito comum. Assim, no *primeiro bloco* temos, primeiramente, um relato interativo, onde os verbos aparecem no passado [negrito] e há a presença de marcadores espaciais [sublinhado].

107 (08:17) – Francisco Bezerra ((aposentado)): **tinha** uma
 108 vantagem... quando as funcionárias... as moças... concluíam o

- 109 curso primário... aqui nessa escola... eles **tinham** o direito de
 110 escolhe...**tinha** a vantagem de escolhe: um local pa trabalha...
 111 na companhia... (ANEXO 1)

Em outro momento, ainda no primeiro bloco, aparece o tipo de discurso de narração, que é marcado pelos verbos no passado [negrito] e a ausência de marcadores pessoais, temporais e espaciais. Isso pode ser notado no seguinte excerto:

- 125 (09:13) – Francisco Bezerra ((aposentado)): **tinha** que pega no
 126 serviço no horário CERto... na hora que a usina lá apitasse... lá
 127 apitasse e **baixava** a enxada no chão... (ANEXO 1)

No *segundo bloco* há a presença de dois sujeitos, uma peruana que acompanha a equipe de jornalismo e um guia, também peruano, que faz uso do tipo de discurso teórico. No *terceiro bloco* observamos o tipo de discurso interativo, pois o sujeito comum está em interação direta com o repórter, assim, encontramos neste trecho do texto a presença da sequência dialogal, conforme excerto abaixo.

- 382 (27:33) – José Raimundo: oi meu amigo... eh: Zé
 383 Raimundo... tudo bem?
- 384 (27:37) – Piloto do outro barco: **ok**... tranquilo... tou te
 385 ouvindo... pode falar...
- 386 (27:40) – José Raimundo: escuta... eu sei que você está
 387 carregado de passageiro ai... mais... seria possível rebocar...
 388 essa voadeira ai... até a próxima comunidade ai...
- 389 (27:49) – Piloto do outro barco: daqui a pouco... o pessoal
 390 pega vocês ai e bota na comunidade para aguardar socorro...
 391 que vocês vão buscar... **ok**...
- 392 (27:58) – José Raimundo: ok... ok... (ANEXO 1)

Em relação ao segundo nível do folheado textual, os mecanismos de textualização, observamos a presença dos marcadores conversacionais com a função de concordância [negrito], de acordo com os segmentos 384 e 391 acima.

E, por fim, nos mecanismos enunciativos, encontramos a voz do próprio sujeito, sendo que não vemos nesse texto a presença de outras vozes.

Toda a análise apresentada nesta seção está organizada em um quadro esquemático (anexo 3), para melhor visualização e comparação dos dados. Esse quadro servirá de estudo para que, posteriormente, possam ser levantadas as características ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem.

Na próxima seção, abordaremos os aspectos não-linguísticos, característicos da comunicação oral, conforme exposto por Schneuwly e Dolz (2004).

5.1.3 Aspectos não-linguísticos

Nesta seção, apresentaremos os resultados da análise do Globo Repórter em relação aos aspectos não-linguísticos com base no quadro exposto por Schneuwly e Dolz (2004).

No corpus analisado, em se tratando de uma comunicação que acontece no meio televisivo, o apresentador e repórteres, para ganhar credibilidade, precisam enfrentar um grande desafio que é combinar um bom texto com uma voz agradável, articulação clara e gestos e expressões corporais ilustrativos e harmoniosos. Assim, o domínio desses elementos, verbais e não-verbais é que irão fazer a diferença entre os profissionais.

Para melhor compreensão da observação desses aspectos, dividiremos nossa análise em subseções, de acordo com cada aspecto não-linguístico, seguindo o quadro 9 que foi apresentado no capítulo metodológico.

5.1.3.1 Meios para-linguísticos

Ao analisarmos a produção de cada enunciador do Globo Repórter, constatamos que o âncora/apresentador do programa tem uma fala sóbria, pausada e sem uma mudança brusca de entonação. A postura de Sérgio Chapelin assemelha-se a de um professor, cuja fala pausada tem a finalidade de se fazer ser compreendido por todos, tendo um endereçamento didático.

Os repórteres têm suas falas pausadas e bem articuladas, dando maior ênfase em algumas situações, principalmente quando a estruturação do programa está em *off*, ou

seja, quando a fala está coberta com imagens e não há exposição do repórter. Percebe-se que, durante a fala dos repórteres, existe uma preocupação de manter a mesma qualidade de voz utilizada na passagem (momento em que a gravação é feita no local do acontecimento).

Na enunciação dos especialistas, encontramos uma fala pausada e bem articulada. Isso se faz presente no seguinte segmento:

45 (03:37) – Pedro: exatamente... ela vem da cachoeira Quari...
 46 (aparece escrito “Pedro Werneck documentarista”) uns cem
 47 metros... de queda... que vai formar um dos afluentes... com
 48 o rio Tambo... (ANEXO 1)

Os sujeitos comuns, do Globo Repórter, produziram falas pausadas, porém alguns sons não muito bem articulados, o que é evidente nos seguintes segmentos:

389 (27:49) – Piloto do outro barco: daqui a pouco... o pessoal
 390 pega vocês ai e bota na comunidade para aguardar socorro...
 391 que vocês vão buscar... ok... (ANEXO 1)

5.1.3.2 Meios cinésicos

Passamos agora a analisar os meios cinésicos, que são, como exposto no capítulo teórico, as atitudes corporais, os movimentos, gestos, trocas de olhares. No Globo Repórter, o âncora apresenta gestos contidos, no entanto, tem uma incidência maior nos gestos das mãos, principalmente ao iniciar um turno ou para dar ênfase em uma palavra. Logo, na abertura do programa, o apresentador faz um leve meneio de cabeça, ao saudar o telespectador e, em seguida, aponta o dedo indicador em direção à câmera frontal, criando uma aproximação ainda maior entre o apresentador e o telespectador. Observamos também que seus olhos extremamente expressivos atuam em conjunto com suas sobrancelhas, transmitindo seus sentimentos, principalmente quando dá ênfase a um determinado assunto. Isso se faz presente no seguinte segmento do vídeo:

Exemplo 1

(00:17) – (ANEXO 1)



Ao observarmos os repórteres, notamos que eles apresentam gestos curtos e comedidos, havendo uma sincronia de seus gestos com aquilo que se quer transmitir, ou seja, as mãos, muitas vezes, ilustravam a sequência do texto. Os repórteres também transmitem uma grande expressividade facial, revelando, assim, em diferentes situações, seus sentimentos, como surpresa, alegria e ansiedade.

Já os especialistas e sujeitos comuns utilizam-se dos gestos para enfatizar os aspectos mais importantes na informação que está sendo dada, de uma forma contida e equilibrada, sem excessos.

5.1.3.3 Posição dos locutores

A seguir, abordaremos a posição dos locutores, um dos aspectos também importantes em relação à análise dos meios não-linguísticos, levantados por Schneuwly e Dolz (2004), que correspondem à ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias e contato físico. Na abertura do programa Globo Repórter, a imagem do âncora aparece num plano mais fechado, onde este está em pé, ao centro do estúdio e falando frente à câmera. Em seguida, a imagem abre e, em um plano mais aberto, o âncora avança alguns pequenos passos à frente, como se estivesse aproximando-se do telespectador.

Nota-se também que o posicionamento do âncora é quase fixo; a câmera é que faz toda a movimentação, permitindo ao apresentador apenas alguns pequenos passos.

A posição dos repórteres, especialista e sujeitos comuns aparecem em diferentes lugares e situações e, conforme a temática, aparecem num plano mais fechado em pé ou sentados. Em um plano mais aberto, observa-se os mesmos em diferentes posições:

andando, sentados, em frente a objetos, lugares ou outras pessoas e, de modo geral, sempre de frente para a câmera.

5.1.3.4 Aspecto Exterior

Ao analisar os aspectos exteriores de cada enunciador, pode-se destacar que o âncora, Sérgio Chapelin, veste-se seriamente com terno preto, camisa branca e gravata vermelha. Em relação aos aspectos exteriores dos repórteres e especialistas, nota-se que vestem roupas mais esportivas como camisa e calça-jeans, de cores claras e sem muitos acessórios. Já os sujeitos comuns vestem roupas simples, como calças, camisas, vestidos, sem muitos detalhes chamativos.

Diante do exposto, conclui-se que as pessoas não utilizaram acessórios chamativos e tiveram a preocupação com as escolhas de suas roupas. Com relação aos sujeitos comuns, supõe-se que não tiveram escolha para a vestimenta, no entanto, as que estavam vestindo não chamaram a atenção.

5.1.3.5 Disposição dos lugares

Por fim, nesta seção, partimos para a análise do último aspecto que é a disposição dos lugares. O âncora aparece dentro de estúdio e sem móveis ao seu redor. No chão, no centro do estúdio, há um círculo azul que simula o globo terrestre; as paredes são côncavas, posicionadas ao fundo, com linhas que simulam as marcações latitudinais e longitudinais da terra. Nela, existem telas quadradas, que exibem as imagens que serão veiculadas pelo programa.

Ao analisar a disposição dos lugares dos repórteres, especialistas e sujeitos comuns, observamos que estes variavam de acordo com o lugar em que se encontram, bem como com temática do assunto tratado.

Na próxima seção, faremos a análise completa do Câmera Record, da mesma forma em que foi apresentada aqui.

5.2 Câmera Record

Nesta seção, apresentaremos os resultados da análise do programa Câmera Record, abordando o contexto de produção, a arquitetura interna do texto, os mecanismos de textualização, os mecanismos enunciativos de acordo com cada enunciador e, por fim, os aspectos não-linguísticos.

5.2.1 Contexto de Produção

Considerando o lugar de produção do texto, ou seja, o mundo físico, o programa do Câmera Record acontece em dois momentos em diferentes espaços do tema retratado; no caso do texto analisado, os espaços são os diferentes lugares do Tocantins e dentro do estúdio do programa. O processo de produção também conta com a elaboração da pauta e as diversas etapas para compor o programa, conforme já descrito anteriormente na análise do programa o Globo Repórter.

O emissor do texto analisado, Câmera Record, é primeiramente a Rede Record de televisão que tem sua característica particulares e em seguida o próprio programa “Câmera Record” com seus principais participantes e funções para a preparação do programa, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 12 – Ficha técnica do Câmera Record

Participantes	Funções		Participantes	Funções
Rafael Gomide	Chefe de Redação		Márcia Regina Mamá	Editor
Pablo Toledo	Editor-Chefe		Fabíola Corrêa	Produtor
Celso Zambell	Editor-Executivo		Filipe Callil	Produtor
Anderson Lima	Editor-Executivo		Mariana Gomes	Produtor
Fabiana Corrêa	Chefe de Produção		Mateus Munin	Produtor
Ricardo Droppa	Chefe de Reportagem		Raquel Moraes	Produtor
Alfredo Feierabend	Editor		Eloisa Souza	Estagiários
Chico Fireman	Editor		Júlia Figueira	Estagiários
Jorge Valente	Editor		Luara Skrzek	Estagiários
Larissa Werren	Editor		Marianne Vasconcelos	Estagiários

Temos também o Marcos Hummel com a função de apresentar o programa, Heleine Heringer como repórter e as pessoas entrevistadas.

Em relação ao receptor, não encontramos nenhuma pesquisa que caracterize o seu telespectador, por isso, com bases nos dados apresentados a respeito do Globo Repórter e no horário de transmissão do programa Câmera Record, das 00h00 às 01h00, pode-se concluir que o programa é destinado a um público adulto, que tem interesse na temática apresentada. Em se tratando do mundo sociossubjetivo, fizemos um levantamento sobre a temática apresentada durante um ano, entre junho/2012 a junho/2013. Os temas do Câmera Record são diversos, no entanto, não apresentam uma rotatividade, tornando os assuntos muito próximos um do outro, conforme quadro abaixo:

QUADRO 13 – Temas do Câmera Record

2012		
Data de exibição	Temas	Categoria
06/07/2012	Segredos de uma alimentação saudável	(Saúde)
21/12/2012	Compras de presentes de última hora	(Economia)
14/12/2012	Como a aparência pode definir a vida das pessoas	(Comportamento)
07/12/2012	Abordagem de polícia carioca a dois suspeitos em moto	(Comportamento)
30/11/2012	Como estão os gêmeos da pesada	(Comportamento)
23/11/2012	Os 10 alimentos preferidos do brasileiro	(Saúde)
16/11/2012	Maiores predadores da natureza em ação	(Aventura)
09/11/2012	Conheça as curiosidades do norte do País	(Aventura)
02/11/2012	Momentos de tensão em safári na África	(Aventura)
26/10/2012	A importância das mãos na vida das pessoas	(Comportamento)
19/10/2012	Incríveis flagrantes da vida selvagem	(Aventura)
12/10/2012	Cicatrizes: a difícil luta para enfrentar as marcas de um acidente	(Comportamento)
05/10/2012	Maravilhas do Tocantins	(Aventura)

28/09/2012	Melhor amigo do homem: os dez cães mais queridos do Brasil	(Comportamento)
21/09/2012	Homens que combatem o fogo no Pantanal	(Comportamento)
14/09/2012	Polêmicas e as brigas dos famosos	(Comportamento)
07/09/2012	Curiosidades do mundo animal pelo Brasil	(Aventura)
31/08/2012	O drama da menina com o rosto cheio de pelos	(Comportamento)
24/08/2012	Belezas e adversidades de Aracajú (SE)	(Aventura)
17/08/2012	Histórias dramáticas da vida de obesos	(Comportamento)
10/08/2012	Como vivem os índios do Xingu	(Aventura)
03/08/2012	Imprevistos de tirar qualquer um do sério	(Comportamento)
20/07/2012	Conheça pessoas que enfrentaram desafios por problemas de visão	(Comportamento)
13/07/2012	A convivência com os filhos	(Comportamento)

2013

Data de exibição	Temas	Categoria
04/01/2013	Uma expedição pela Amazônia perdida	(Aventura)
11/01/2013	Gordos felizes	(Comportamento)
18/01/2013	Dragões e orangotangos da Indonésia	(Aventura)
25/01/2013	-----	-----
01/02/2013	Vida de “ex”	(Comportamento)
08/02/2013	Os heróis do interior do Maranhão	(Comportamento)
15/02/2013	A rotina diária com os pés e os cuidados para manter a saúde deles	(Saúde)
22/02/2013	Alimentos que curam	(Saúde)
01/03/2013	A vida simples, cercada de animais selvagens e domésticos.	(Comportamento)
08/03/2013 *	Os perigos e os segredos do coração *	(Saúde)
15/03/2013	Os heróis animais	(Comportamento)
22/03/2013	Limpezas de rios	(Comportamento)
29/03/2013	Gente que faz	(Comportamento)
05/04/2013	As cobras e os perigos da Amazônia	(Aventura)
12/04/2013	A vida das dançarinas de televisão	(Comportamento)
19/04/2013	Acumuladores	(Comportamento)

26/04/2013	Descubra os segredos de um corpo perfeito	(Saúde)
03/05/2013	Os heróis da floresta no Amapá	(Comportamento)
10/05/2013	Programa especial para Dia das Mães	(Comportamento)
17/05/2013 *	Saiba como é a vida depois da fama *	(Comportamento)
24/05/2013	Pegos no flagra	(Comportamento)
31/05/2013	Honestidade dos brasileiros	(Comportamento)
07/06/2013	Como está a vida de doméstica após mudanças nos direitos trabalhistas	(Economia)
14/06/2013	Os perigos da eletricidade	(Comportamento)
21/06/2013	Os micos mais engraçados do mundo	(Comportamento)
28/06/2013	O sultão do sertão	(Comportamento)
05/07/2013	Vida de	(Comportamento)

* "audiência" de acordo com IBOPE

Em relação à classificação dos temas, não encontramos nenhuma informação, nem mesmo no site da emissora. Assim, de acordo com o assunto, classificamos as categorias da mesma forma realizada no programa Globo Repórter. São quatro: aventura, comportamento, economia e saúde. A categoria mais apresentada durante um ano foi “comportamento”, conforme figura abaixo.

FIGURA 5 – Categorias do Câmera Record



Nota-se que esta categoria é apresentada com frequência, entretanto, uma das categorias de maior audiência foi “saúde”, obtendo 7 pontos, de acordo com o IBOPE.

Assim, percebemos que o programa Câmera Record apresenta escolhas de categorias diferentes do Globo Repórter, embora ambos dediquem-se a apenas um tema e tratem-no como uma novidade ou como uma exclusividade do programa, reconhecemos que é uma estratégia característica do gênero jornalístico grande reportagem. No caso dos programas analisados, o corpus da nossa pesquisa insere-se na categoria “aventura”.

A posição social do enunciador do texto é, primeiramente, a de uma emissora de televisão, a rede Record, em seguida, o próprio programa Câmera Record, que considera o programa como jornalístico temático, trazendo assuntos de interesse da população em geral, curiosidades, viagens, serviço, finanças e locais nunca antes vistos na TV. Em seguida, temos: a) o âncora/apresentador do programa com a função de informar o tema que será apresentado; b) a repórter que irá guiar os telespectadores; c) as pessoas comuns/entrevistados que irão expor suas experiências de vida. No Câmera Record a ausência de um especialista como enunciador do programa fica evidente. Isso nos faz avaliar que o programa está mais preocupado em mostrar os diferentes lugares, as pessoas que habitam nela e suas histórias, não se preocupando com informações mais científicas ou técnicas. Logo, podemos dizer que o conteúdo a ser transmitido tem a função de se aproximar de seu público.

Já o destinatário assume o papel de telespectador e que irá acompanhar o desdobramento da temática, conhecendo as belezas e os mistérios dos mais variados lugares, sem que se exija dele maiores conhecimentos para acompanhar o conteúdo.

Assim, após a análise do contexto de produção, passemos para a análise da arquitetura interna do texto.

5.2.2 A arquitetura interna do texto

Nesta seção, apresentaremos os resultados seguindo os níveis de análise propostos no modelo do ISD: infraestrutura geral do texto; mecanismos de textualização; mecanismos enunciativos. Lembramos que, nos mecanismos de textualização, acrescentaremos os marcadores conversacionais, uma vez que o modelo

do ISD não dá conta de analisar esses aspectos por serem característicos da oralidade. Acrescentamos também a análise dos meios não-linguísticos.

5.2.2.1 Infraestrutura geral do texto

O plano global do programa Câmera Record é organizado em seis partes. A primeira intitulada de *abertura do programa* apresenta trechos que serão exibidos durante a reportagem, convidando o telespectador a desvendar o paraíso que encontra-se em nosso país. Na segunda parte, início do *primeiro bloco*, a repórter apresenta a paisagem e os lugares que serão explorados, como se estivesse passando o itinerário da viagem. E o primeiro lugar a visitar é o Parque do Cantão, em busca dos moradores que vivem na floresta, as plantas e os bichos dessa região. Na terceira parte, no *segundo bloco* do programa, o âncora faz as saudações e comunica o próximo itinerário que, nesse caso, será conhecer as diversidades do local (Tocantins), bem como os índios que preservam sua própria cultura. Na quarta parte, *terceiro bloco*, o telespectador irá conhecer os animais selvagens da região do Tocantins, que vivem em harmonia com o homem. Na quinta parte, *quarto bloco*, é apresentada uma pequena cidade e sua história. E por fim, na sexta parte, *quinto bloco*, o telespectador irá conhecer uma senhora que vive sozinha no meio da floresta.

Assim, conclui-se que no plano global do texto analisado os temas apresentam uma organização semelhante, cujo objetivo central é apresentar as diferentes formas de vida, mostrando as curiosidades, pessoas e animais existentes em Tocantins.

Apresentaremos, nas próximas seções, cada enunciador encontrado no texto fazendo a análise de acordo com as diferentes vozes que se evidenciaram no gênero em questão, seguindo o modelo do quadro 8 apresentado no capítulo metodológico.

5.2.2.2 Âncora

Na abertura do programa, primeiro tema, temos Marcos Hummel que assume o papel do âncora/apresentador do programa e como um dos enunciadores do Câmera Record. Neste primeiro tema, o âncora, utiliza um discurso teórico no modo *off*, ou seja, o âncora se distancia do telespectador, apresentando a ausência de unidades que remetam diretamente ao interactante e a baixa densidade verbal, tendo a preocupação de mostrar as curiosidades do Tocantins, que serão apresentadas no programa. No entanto, o apresentador finaliza o texto dirigindo-se ao telespectador. Isso se faz presente com a inserção de dêiticos de pessoa [sublinhado] e utilização de unidades de tempo [negrito].

- 1 (00:01) – Off Marcos Hummel: natureza em estado bruto...
 2 será que a vida selvagem pode mesmo ser domesticada?
- 5 (00:14) – Off Marcos Hummel: asas... (e) cascos postos a
 6 prova...
- 9 (00:27) – Off Marcos Hummel: bichos de pele grossa...
 10 homens de pele gasta... sobreviventes de pele vermelha... um
 11 espetacular encontro de Amazônia de Pantanal e cerrado num
 12 mesmo endereço... que Brasil é esse? Você vai desvendar
 13 conosco **a partir de agora...** (ANEXO 2)

Nos demais temas, o discurso do âncora permanece no discurso teórico em que o enunciador não se implica e nem faz referências aos parâmetros físicos da ação da situação, marcado por verbos no presente.

Ao analisarmos os mecanismos de textualização, nota-se que o âncora utiliza frases interrogativas para iniciar ou finalizar um turno. O uso desses marcadores são características da oralidade. Isso se faz presente nos excertos 1 e 2; 12.

No texto, evidencia-se também a conexão de ligação “e”, circulados nos excertos 5, 484 e 485, cuja função é ligar as orações em um período, de modo a estabelecer as relações entre as ideias nelas contidas.

- 484 (27:34) – Marcos Hummel: um lugar selvagem (e) também
 485 domesticado... o jacaré atende o chamado do homem... (e) quem
 486 choca os ovos é o MACHO... (ANEXO 2)

Em relação aos mecanismos enunciativos, o âncora faz uso da responsabilidade enunciativa por meio das vozes e das modalizações apreciativas. Encontramos a voz da própria emissora, que deseja passar um determinado conteúdo e a voz da repórter e dos

sujeitos comuns, que relatam suas experiências nos diferentes lugares visitados no Tocantins.

O âncora utiliza-se de termos que indicam grandiosidade, para chamar a atenção da temática, sendo assim, no texto faz-se uso de modalizações apreciativas [negrito], como podemos constatar no seguinte excerto:

328 (17:33) – Marcos Hummel: boa noite... o estado mais novo
 329 do Brasil faz o encontro do Amazônia com o Pantanal e o
 330 cerrado... **uma riqueza** natural que só é possível em um local
 331 com **tamanha diversidade**... animais selvagem vivendo em
 332 harmonia com os homens... índios que preservam a própria
 333 cultura... e paisagens **de tirar o fôlego**... no Câmera Record de
 334 hoje uma **incrível** jornada pelo Tocantins... (ANEXO 2)

Nota-se que a utilização das modalizações apreciativas se faz presente no momento em que o âncora apresenta a temática que será abordada no bloco, no caso, no segundo tema. Essa organização se diferencia do Globo Repórter, pois é feita logo no primeiro tema, na abertura do programa.

5.2.2.3 Repórter

Ao analisarmos os tipos de discurso pertencentes ao segundo nível de análise – a arquitetura interna – notamos que o tipo de discurso predominante é o discurso interativo em detrimento de um discurso teórico. Ele predomina por praticamente todo o texto.

As marcas linguísticas que caracterizam o discurso interativo são: dêiticos de pessoa - eu, nós, nosso, a gente, nossa equipe [em negrito]; dêiticos temporais - agora, hoje [em itálico]; dêiticos espaciais – aqui, neste lugar, desta terra [sublinhado]; verbos no presente do indicativo, no futuro perifrástico e na primeira pessoa do singular/plural [negrito e sublinhado]. Essas características são evidentes em:

20 (01:38) – *Off* Heleine Heringer: vamos *agora*... em busca dos
 21 moradores... que **vivem** isolados na floresta... e das plantas e
 22 bichos que **fazem** desta terra uma das mais exuberantes do
 23 planeta... a seca e as queimadas **castigam** o estado do
 24 Tocantins... quem **vê** este pueirão... nem:: imagina:: as belezas

- 25 que se escondem nessas terras... a placa avisa... vamos entrar
 26 agora num paraíso ecológico... o parque do Cantão... (Anexo 2)

Em alguns segmentos do texto, encontramos a fusão dos dois tipos de discurso, o interativo e o teórico. Isso se faz presente em:

- 38 (03:11) – Off Heleine Heringer: temos que navegar vinte
 39 quilômetros rio acima... de repente uma movimentação na
 40 água... algo grande aparece perto de nosso barco... *mas* logo
 41 desaparece... *mais uma vez*... é a barbatana de um boto... os
 42 botos são mamíferos e vivem em bando... macho e fêmea
 43 formam um casal e ficam juntos a vida inteira... (Anexo 2)

No segmento 38 evidencia-se a interação do produtor do texto, marcada pela forma verbal de primeira pessoa do plural [sublinhado]. Nota-se também a presença de modalizadores argumentativos [itálico], presentes nos segmentos 40 e 41.

Ainda na continuidade da análise das questões de infraestrutura, na organização sequencial do texto, observa-se o grau zero de planificação – forma de esquematização, principalmente no início de cada bloco, com a finalidade de informar os acontecimentos a serem apresentados. Como exemplo, podemos destacar:

- 845 (45:45) – Off Heleine Heringer: seguimos para Araguacema...
 846 uma pequena cidade da duzentos e sessenta quilômetros da
 847 capital de Tocantins...
 848 (45:52) – Off Heleine Heringer: o rio Araguaia é o cartão
 849 postal do lugar... e faz divisa ao fundo com o estado do
 850 Maranhão...
 851 (46:00) – Off Heleine Heringer: estamos a procura de dona
 852 Lidu... e lá está ela... disposta na curva do rio... a canoa é de
 853 índio... tão estreita que cabe uma pessoa... que exige equilíbrio
 854 e força nas remadas... a mulher se aproxima... tem vigor de
 855 moça jovem... mas as rugas denunciam... ela beira os cem
 856 anos... como é possível tanta vitalidade? (ANEXO 2)

Fica evidente também a forma de esquematização pertencente ao domínio de definição, conforme os segmentos de 44 a 48:

- 44 (03:43) – Heleine Heringer: nessa parte... na época da seca...

45 o rio fica muito raso... aqui olha... tem entre quinze e vinte
 46 centímetro só... de profundidade... os barcos correm o risco de
 47 encalhar... nós vamos assim... com mais quanto... Leonardo...
 48 uns cinquenta metros? (ANEXO 2)

Além disso, a sequência dialogal é presente em boa parte do texto, sendo estruturada em turnos de fala assumidos diretamente pelos agentes-produtores que estão envolvidos na interação verbal. Como exemplo dessa marca, podemos destacar:

258 (14:24) – Heleine Heringer: aqui é o quarto... dona Maria?
 259 (14:25) – Dona Maria: é o quarto... uma bagunça toda...
 260 (14:27) – Heleine Heringer: o-lha... essa aqui é a sua cama?
 261 (14:30) – Dona Maria: hum... hum...
 262 (14:32) – Heleine Heringer: e essa rede aqui?
 263 (14:34) – Dona Maria: é porque quando eu adoeci não pude
 264 mais dormir na cama...
 265 (14:35) – Heleine Heringer: ah é?
 266 [
 267 (14:36) – Dona Maria: Éh:: (ANEXO 2)

Em relação aos mecanismos de textualização, aspecto do segundo nível do folheado textual, quanto à coesão nominal, encontramos várias séries coesivas que se destinam a assegurar a não repetição do texto, por meio de nomes ou pronomes pessoais e oblíquos [negrito], anáforas [sublinhado], catáfora [negrito e sublinhado] e elipses [ø], como apresentam nos seguintes seguimentos:

171 (10:04) – Off Heleine Heringer: logo adiante ø avistamos uma
 172 **ariranha**... brincando na margem do rio... as **ariranhas** se
 173 encontram na lista dos animais em extinção... ø são a maior
 174 espécie da família das lontras... cada bichinho desse pode
 175 medir... quase dois metros de comprimento... o macho... maior
 176 que a fêmea... pode pesar até vinte e seis quilos... (ANEXO 2)
 177 (10:32) – Off Heleine Heringer: a gestão dura até setenta dias
 178 e a aninhada pode trazer de um até cinco filhotes... um animal
 176 que encanta e se deixa encantar... (ANEXO 2)
 180 (10:42) – Off Heleine Heringer: seu **Manoel** é um dos únicos

181 moradores que permaneceram aqui... depois do lugar se tornar
182 área de preservação... (ANEXO 2)

Encontramos também a presença de marcadores conversacionais com a função de iniciar um turno [itálico e sublinhado] ou de mediar e finalizar um turno [negrito]. Essas características são encontradas principalmente no programa do Câmera Record. Isso se faz presente nos seguintes segmentos:

91 (06:04) – Heleine Heringer: é resultado... do que a gente
92 acabou de ver ali... olha... ela sai e fica por aqui... **né**... ela
93 volta sempre pro lugar onde ela nasceu... (ANEXO 2)

76 (05:18) – Heleine Heringer: é mais molinha... eu vou por de
77 volta... isso não impede que elas nasçam **né**... (ANEXO 2)

Outro marcador que se faz presente no texto são as pausas não sintáticas. Encontramos a hesitação [negrito], sendo esse marcador mais acentuado no programa Câmera Record, conforme podemos observar abaixo:

121 (07:47) – Helene Heringer: **ah::** ela pega... olha... que
122 gracinha... que meiga... olha... ela tá curiosa... olha aqui... **oh::**
123 é ela... é ela que tá querendo pegar a minha mão... **oh:**
(ANEXO 2)

Em relação ao último aspecto do folheado textual, os mecanismos enunciativos, destaca-se a ocorrência de algumas modalizações apreciativas (exuberante, beleza, surpreendente), ligadas às avaliações subjetivas do enunciador. Isso se faz presente, principalmente, na estrutura *off*. Vejamos os excertos:

32 (02:38) – *Off* Heleine Heringer: a impressão é que estamos
33 entrando num imenso oásis... mesmo com a seca estas águas
34 garantem vida **exuberante** por aqui... os pássaros aproveitam a
35 fresca da manhã pra desfilar na **beleza** do rio...

858 (46:38) – *Off* Heleine Heringer: o nome dela é dona Lidu...
859 no-venta e seis anos e mora aqui na beira do rio Coco... mais
860 **surpreendente** mora aqui no meio do mato e sozinha... a
861 casinha é de pau a pique... dona Lidu tem filhos na cidade mas

862 fica aqui por que ama a vida no mato... (ANEXO 2)

Ainda no nível de análise dos mecanismos enunciativos identificamos que, em menor grau, a voz da repórter aparece no texto e, quando isso ocorre, ela está normalmente ligada a segmentos que expressam sua opinião ou seu sentimento, de acordo com o excerto 649, 651. Em maior grau de ocorrência, há a presença de outras vozes que atravessam o discurso do enunciador. Chamou-nos a atenção a ocorrência de vozes sociais e dos sujeitos comuns, conforme os excertos 774:

647 (37:35) – Heleine Heringer: isso é o mais perto que consegui
648 chegar até agora... olha... dez me::tros... chegando mais
649 per::to... **meu** coração tá batendo muito forte... ((parada em
650 frente ao servo)) oi:... oi:... tá pastando tranquilo?... **eu** tó
651 a cinco metros dele... tá me olhando... viu que **eu** não ofereci
652 perigo... (ANEXO 2)

774 (43:11) – Heleine Heringer: é... **eu** acho que **eu** vou ter
775 que/que ir até lá...como é que a gente vai? (ANEXO 2)

Na próxima seção, teceremos algumas considerações a respeito da análise do discurso do sujeito comum.

5.2.2.4 Sujeito Comum

Em todos os blocos do programa Câmera Record, há a presença do sujeito comum e, ao analisarmos as questões de infraestrutura, observa-se que o tipo de discurso predominante em todo o texto é o discurso interativo, pois o sujeito comum está em interação direta com o repórter, fazendo-se presente na sequência dialogal, conforme excerto abaixo:

140 (08:55) – Heleine Heringer: sou Heleine... vim visitar o
141 senhor...
142 (08:58) – Manoel: aqui é Manuel Dias da Silva...
143 (08:59) – Heleine Heringer: é Manuel Dias da Silva? Esse ho/
144 Manoel gato... por isso chamam Manuel gato... olho claro...
145 parece olho de gato mesmo...
146 (09:06) – Manoel: pois é... bonito... né:

- 147 (09:07) – Heleine Heringer: é... dizem que o senhor hipnotiza
 148 animal?
 149 (09:09) – Manoel: mais... monstro...
 150 (09:10) – Heleine Heringer: é?
 151 (09:14) – Manoel: tem que tá... junto com os animais...
 152 (09:15) – Heleine Heringer: é... né... (ANEXO 2)

Nos mecanismos de textualização, de acordo com a análise, podemos destacar que os marcadores conversacionais aparecem durante a construção do texto, principalmente nos textos de pessoas comuns que são entrevistadas. Alguns recursos verbais não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do turno, mas situam-no no contexto geral, sendo considerados por Marcuschi (1991, p. 62), como “expressões altamente estereotipadas”; algumas sequer são lexicalizadas, como:

- 261 (14:30) – Dona Maria: **hum... hum...** (ANEXO 2)
 927 (49:52) – Dona Lidu: gostoso **heim...** (ANEXO 2)
 984 (52:14) – Dona Lidu: **ichi...** (ANEXO 2)

Em relação aos mecanismos enunciativos, encontramos a voz do próprio sujeito, sendo que não vemos no texto a presença de outras vozes.

Diante do exposto, organizamos em um quadro esquemático (anexo 4) toda a análise apresentada nesta seção, para melhor visualização e comparação dos dados.

Na próxima seção, abordaremos as marcas não-linguísticas, aspectos característicos da comunicação oral.

5.2.3 Aspectos não-linguísticos

A presente seção visa a apresentar os resultados da análise do Câmera Record em relação aos aspectos não-linguísticos com base no quadro exposto por Schneuwly e Dolz (2004). Para melhor compreensão, dividiremos nossa análise em subseções, de acordo com cada aspecto não-linguístico, seguindo o quadro 9 que foi apresentado no capítulo metodológico.

5.2.3.1 Meios para-linguísticos

Em relação aos meios para-linguísticos, nota-se que Marcos Hummel, o âncora/apresentador, tem uma fala sóbria, pausada e sem mudanças bruscas de entonação, tornando o texto didático e de fácil compreensão.

Já a repórter tem sua fala bem articulada, dando maior ênfase em algumas situações, principalmente quando a estruturação do programa está em *off*. Percebe-se que, durante a fala, existe uma preocupação da repórter em manter a mesma qualidade de voz utilizada na passagem (momento em que a gravação é feita no local do acontecimento). No entanto, na estruturação da passagem, algumas situações escapam do controle, evidenciando o descontrole da respiração, talvez pelo cansaço do trajeto percorrido ou até mesmo pela emoção, como podemos perceber no segmento abaixo:

640 (37:06) – Heleine Heringer: ((respiração ofegante)) é uma
 641 emoção muito forte... porque... é um bicho selvagem... isso é
 642 raríssimo... você conseguir caminhar assim... quase ao lado...
 643 de um veado... solto na natureza... ((respiração ofegante)) meu
 644 coração... tá batendo forte... não quero que ele se assuste...
 (ANEXO 2)

Em relação aos sujeitos comuns, nota-se uma fala pausada, porém alguns sons não muito bem articulados.

5.2.3.2 Meios cinésicos

No Câmera Record, o âncora apresenta gestos contidos e sóbrios, mantendo sua mão sobre a outra quase sempre em posição neutra na linha da cintura. Poucos são os gestos utilizados para melhor expressar o conteúdo da palavra. Observamos também que sua expressão facial não tem muita alteração. Podemos observar esses aspectos no seguinte trecho do vídeo:

Exemplo 2:

(17:33) – (ANEXO 2)



Já em relação à repórter, esta apresenta gestos curtos e comedidos, havendo uma sincronia em seus gestos com aquilo que se quer transmitir. Heleine Heringer mostra expressividade facial, revelando, assim, em diferentes situações, seus sentimentos (surpresa, alegria, ansiedade). Em situação de entrevista, ela tem uma boa postura ao segurar o microfone e um bom posicionamento do mesmo, mantendo-o em frente ao tórax, seguindo uma linha reta e posicionando-o levemente inclinado ao buscar a resposta, ou seja, direcionar o microfone às pessoas entrevistadas.

Os sujeitos comuns utilizam-se dos gestos para enfatizar os aspectos mais importantes na informação que está sendo dada, de uma forma contida e equilibrada, sem excessos.

5.2.3.3 Posição dos locutores

No programa Câmera Record, nota-se que a imagem do âncora aparece primeiramente num plano mais aberto, tendo a visão total do estúdio, e este vem do fundo do estúdio caminhando entre as mesas dispostas no espaço enquanto a câmera acompanha e fecha a imagem no momento em que o apresentador chega ao meio do estúdio. A imagem fecha a meio corpo do apresentador e este fica em uma posição controlada entre as câmeras, movimentando-se pouco.

Em relação à posição, os repórteres e sujeitos comuns aparecem em diferentes lugares e situações conforme a temática e aparecem num plano mais fechado em pé ou sentados. Em um plano mais aberto, observa-se os mesmos andando, sentados, em frente a objetos, lugares ou outras pessoas e, de modo geral, sempre de frente para a câmera.

5.2.3.4 Aspecto Exterior

Em relação aos aspectos exteriores, Marcos Hummel veste-se seriamente com terno cinza claro, camisa branca e gravata listrada em tons de cinza.

Já a repórter veste roupas mais esportivas como camisa e calça de sarja, de cores claras e sem muitos acessórios. E os sujeitos comuns vestem roupas simples, como calças, camisas e vestido.

Assim, nota-se que os enunciadores utilizaram- roupas discretas, de cores neutras e evitaram o uso de acessórios, fazendo com que a atenção do telespectador fique presa ao conteúdo a ser transmitido e não aos aspectos exteriores.

5.2.3.5 Disposição dos lugares

Ao analisar o último aspecto não-linguístico que é a disposição dos lugares, observamos que no Câmera Record, o âncora está dentro do estúdio do programa com suas laterais em janelas de vidros e, ao centro, várias mesas conjugadas e computadores. Ao redor do estúdio, acima das janelas, há várias televisões, algumas exibindo diferentes programações da emissora e outras somente com a logomarca da emissora. O estúdio do programa possui uma boa iluminação.

Já em relação à repórter e aos sujeitos comuns, observamos que estes irão variar de acordo com o lugar em que se encontram e a temática do assunto abordado.

Após a análise dos dois programas de televisão, cujos textos do gênero de referência – grande reportagem – foram usados, foi possível levantar as características do gênero jornalístico em questão. A partir dessas características, também se pôde elaborar um modelo didático para o ensino da linguagem oral, utilizando o gênero jornalístico de um programa de televisão e considerando o desenvolvimento das capacidades de linguagem, que será apresentado no próximo capítulo.

6 UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO JORNALÍSTICO GRANDE REPORTAGEM E ENCAMINHAMENTOS PARA ELABORAÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Como já abordado no capítulo metodológico, o modelo didático é um instrumento que tem como papel fundamental explicitar e sistematizar o conteúdo do gênero de texto a ser abordado para, posteriormente, levar à possível produção de uma sequência didática – SD.

Um modelo didático torna-se instrumento central na transposição didática, pois é a partir dele que será situado o “objeto para saber”, ou seja, o conteúdo que o professor precisa saber e o “objeto a ensinar” – o conteúdo a ser ensinado aos alunos. O objeto para saber é constituído da modelização, processo em que se delimitam as características essenciais que vão delinear o instrumento de ensino. O modelo didático de gênero é um objeto descritivo e operacional, sua construção tem a finalidade de apreender o fenômeno complexo da aprendizagem de um gênero.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 152), o modelo didático do gênero nos fornece “objetos potenciais para o ensino”, pois, de um lado, deve-se fazer a seleção do que ensinar, em função das capacidades dos alunos e, por outro, não se pode ensinar a partir do modelo, mas é por meio de diferentes atividades, das manipulações, que os alunos irão ter acesso ao gênero modelizado.

Assim, neste capítulo, retomamos as características que foram encontradas e apresentaremos as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem levantadas a partir da análise dos dois programas que fazem parte do corpus da nossa pesquisa, que tomamos como gênero de referência. Dessa forma, apresentamos junto as características e alguns possíveis encaminhamentos para elaboração de sequências didáticas. Para isso, organizaremos essas dimensões de acordo com o desenvolvimento das capacidades de linguagem: a capacidade de ação, a capacidade discursiva, a capacidade linguístico-discursiva e a capacidade não-verbal. Estamos considerando o desenvolvimento da capacidade não verbal, de acordo com pesquisa realizada por STUTZ (2012) em seu trabalho de doutorado, que irá explorar o gênero *sitcoms Friends* para o ensino da língua inglesa.

Partindo do pressuposto de que o gênero em discussão se concretiza a partir de três etapas: preparação do programa, gravação e edição, conforme exposto na análise dos programas – capítulo 5 e na fundamentação teórica – capítulo 3, o presente modelo didático foi organizado a partir dessas etapas, uma vez que ficou evidente a importância dessa organização para se ter um trabalho de qualidade. Assim consideramos importante trabalhar essas três etapas, que irão possibilitar o desenvolvimento das capacidades de linguagem. Portanto, apresentaremos as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem a partir das suas características em a) preparação do programa; b) gravação; c) edição.

O quadro a seguir apresenta possibilidades de um trabalho com gênero jornalístico grande reportagem, que foi elaborado por nós e que será explicado nas seções seguintes.

QUADRO 14 – Dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem

DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES	1 - Preparação do Programa	
	AÇÃO	Principais participantes e suas funções. Estabelecer quem irá gravar as reportagens. Escolha da emissora de televisão; estúdio do programa; categoria do programa.
	1.1 – Escolha do Tema	
	AÇÃO	Qual tema será apresentado; período de produção; momento de produção; público alvo; escolha das fontes que serão entrevistadas.
	1.2 – Pauta	
	AÇÃO	Quem são os emissores presentes no programa; que papel social esses emissores irão representar: emissores principais (âncora, repórteres) e secundários (especialistas e sujeitos comuns); conteúdo temático; objetivo do programa: informar e entreter com apelo emocional.

DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES	DISCURSIVAS	Como é feita a abertura do programa; desdobramento da temática em quatro ou cinco blocos; organização da temática para os diferentes enunciadores e fechamento;
		Música tema do programa; Imagens
		Âncora
		Na abertura e fechamento do programa - discurso ora mais aproximado do telespectador, ora mais distante;
		Nos demais blocos – discurso predominante é o mais distante do telespectador.
		Produção do texto em forma esquemática.
		Repórter
		Discurso ora mais aproximado do telespectador, ora mais distante.
		Produção de texto em forma esquemática.
		Que perguntas serão feitas aos entrevistados (especialistas e sujeitos comuns)
		Especialistas
		Discurso teórico
	LINGÜÍSTICO DISCURSIVAS	Âncora
		Coesão verbal – maior recorrência: verbos no presente;
		Coesão nominal: há recorrência de anáforas pronominais e nominais;
		Elipse;
		Diferentes vozes que constroem o texto (voz da própria emissora, voz do repórter);
		Modalizações apreciativas.
		Repórter
		Coesão verbal – maior recorrência: verbos no presente e futuro perifrástico;
		Conexão: função de ligação (e, mas)
		Coesão nominal: há recorrência de anáforas pronominais e nominais;
		Elipse;
		Marcadores conversacionais (posição inicial e mediana);

		Uso de frases interrogativas para iniciar ou dar continuidade em um turno;
		Inserção ilustrativa;
		Diferentes vozes que constroem o texto (vozes do próprio autor, vozes sociais);
		Modalizações apreciativas.
		Especialista
		Baixa densidade verbal;
	2 – Gravação do Programa	
	DISCURSIVAS	Local de gravação: dentro do estúdio e diferentes lugares de acordo com a temática;
		Estrutura da matéria: o que o repórter irá falar e o que os entrevistados irão dizer;
		Definir quando a fala do repórter irá acontecer em <i>off</i> e em passagem;
		Repórter
		Sequência dialogal (fase de abertura, fase transacional)
	LINGÜÍSTICO DISCURSIVAS	Âncora
		Formas de saudação na abertura e fechamento do programa
		Repórter
		Hesitação
		Marcadores conversacionais de concordância
		Especialistas e Sujeitos Comuns
		Expressões de concordância;
		Hesitação
	NÃO VERBAIS	Fala pausada, sóbria, bem articulada e sem mudanças bruscas de entonação;
		Gestos curtos e comedidos; Grande expressividade facial.

		Diferentes vestes de acordo com o enunciador, do mais formal (terno e gravata) ao mais esportivo (calça e camisa).
		Diferentes ângulos de multicâmeras; Planos mais abertos ou fechados.
DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES	3 – Edição	
	DISCURSIVAS	Encaminhamento da reportagem – de onde irá partir e onde irá chegar;
		Escolher as melhores falas dos enunciadores;
	NÃO VERBAIS	Escolher as imagens que serão utilizadas no momento <i>off</i> ;
		Colocar música para dar pausa no texto ou para dar ênfase na temática– trilha branca
		Escolher as situações em que é possível utilizar o próprio som do ambiente – background.

6.1 Preparação do programa

O primeiro aspecto relevante a ser explorado em relação ao ensino do gênero jornalístico grande reportagem é a preparação do programa. Para isso, primeiramente, é necessário estabelecer quais são os principais participantes e suas funções na elaboração do programa: editor chefe, editor de redação, produtor, repórter, operador de áudio, departamento de áudio, entre outros, conforme o tipo de programa a preparar.

Convém ressaltar que ao possibilitar aos alunos a chance de vivenciar diversos papéis na elaboração do programa, estamos dando a oportunidade para adquirirem versatilidade e desenvolver múltiplas habilidades e competências. Em seguida, é preciso ensinar aos alunos a utilização dos equipamentos tecnológicos e estabelecer quem irá gravar as entrevistas, as imagens e áudio. Assim, é preciso dar oportunidades para que os alunos possam manusear e aprender a utilizar equipamentos como: câmera de vídeo,

gravador, microfone e outros equipamentos que possam contribuir para melhor preparação de um programa.

É necessário, também, oportunizar ao aluno a escolha das diferentes emissoras de televisão, pois cada uma tem uma carga cultural muito forte e que irá influenciar no produto final. Outro fator a ser considerado é a apropriação do formato do estúdio do programa, pois é através dele que se cria a identidade do programa. E, por fim fazer a escolha da categoria (aventura, comportamento, saúde, economia) a ser trabalhada, uma vez que ela é determinante para que se possa atrair o telespectador.

Dessa forma, neste primeiro contato com o gênero, o professor estará trabalhando com o aluno a situação de produção, posto que é a partir dela, que começamos a construção de um texto. Assim, o foco está na interpretação do contexto sócio-histórico, levando em consideração o contexto físico e desenvolvendo a capacidade de ação, permitindo ao aluno uma reflexão sobre o contexto de produção.

Ainda dentro da preparação do programa, é necessária a escolha do tema a ser apresentado, o período de produção, o momento de produção, o público alvo e a escolha das fontes que serão entrevistadas. Como já tratado no capítulo 3, a escolha das fontes precisa ter uma atenção redobrada, pois é nela que reside a credibilidade de um veículo de comunicação. Dessa forma, o professor poderá explorar atividades em que os alunos terão que buscar informações sobre a temática escolhida e quais são as fontes mais adequadas para enriquecer a discussão. É imprescindível que as fontes tenham autoridade sobre o assunto, além disso, as fontes não devem ser escolhidas apenas para corroborar uma ideia que já está na cabeça do repórter.

Vale ressaltar que, nesta situação, o professor poderá trazer a comparação dos dois programas que utilizamos aqui como gênero de referência (Globo Repórter e Câmera Record), pois o Câmera Record não traz entrevistas com especialistas. Ao propor esse tipo de atividade ao aluno, estaremos possibilitando-lhes realizar inferências sobre qual assunto está sendo tratado, quando o texto foi produzido, para quem ele é dirigido e mobilizando conhecimentos de mundo que os alunos têm para a compreensão e produção de um texto. Nota-se que, proporcionando este trabalho, também estamos desenvolvendo a capacidade de ação.

Por fim, dentro da primeira fase – preparação do programa– é necessário explorar com os alunos a elaboração da pauta. Conforme abordado anteriormente, a pauta é um dos grandes desafios para o telejornalismo, sendo assim, não seria diferente para a produção do gênero jornalístico grande reportagem.

Logo, trabalhar com a elaboração da pauta é, primeiramente, explorar com os alunos o contexto sociossubjetivo: emissores principais (âncora, repórteres) e secundários (especialistas e sujeitos comuns), conteúdo temático e objetivo do programa: que tem como finalidade informar e entreter com apelo emocional. É levar o aluno a compreensão dos papéis sociais que os diferentes enunciadores assumem, levando em conta as propriedades de linguagem na relação com os aspectos sociais e culturais e saber avaliar a adequação de um texto e um tema à situação na qual irá proceder a comunicação, de acordo com o objetivo.

Trabalhando o contexto sociossubjetivo, estamos também desenvolvendo a capacidade de ação. Dessa forma, toda discussão feita até o momento em relação à preparação do programa nos permite compreender que o desenvolvimento da capacidade de ação é feito por meio da percepção das representações dos elementos do contexto de produção, da mobilização dos conteúdos e da escolha do gênero textual. Assim, de acordo com Cristóvão (2010), desenvolver capacidades de ação é mobilizar conhecimentos de mundo para compreensão e/ou produção de um texto.

Para a elaboração da pauta, é necessário também discutir com os alunos como será feita a abertura do programa, assim como se dará o desdobramento da temática, pois, de acordo com o gênero de referência, utilizado em nossa pesquisa, há quatro ou cinco blocos, ou seja, é preciso fazer com que o aluno reconheça a organização do texto como *layout*. Estamos considerando o layout como um rascunho, esboço ou projeto, um trabalho prévio que dá uma ideia de como será a estruturação desse texto dentro do programa, englobando também os elementos como: gráficos, imagens e a forma como eles se encontram no texto. Também a inserção da música tema do programa é fator fundamental, mas é preciso saber escolher os momentos em que ela será utilizada, geralmente isso acontece no fechamento de um bloco e na abertura de outro.

Logo, é momento de partir para os diferentes enunciadores que se fazem presentes no texto, levando os alunos a perceber a diferença entre formas de organização diversas do conteúdo mobilizado e de acordo com os diferentes papéis que se pode assumir perante o texto. Assim, assumindo o papel do âncora, é preciso possibilitar ao aluno conhecer os diferentes tipos de discurso que são característicos desse enunciatador, que ora está mais próximo do telespectador e ora mais distante, principalmente na abertura e fechamento do programa. Nos demais blocos, o discurso predominante do âncora está mais distante.

Na posição de repórter, é possível mostrar ao aluno que o agente produtor do texto estará em interação direta com o telespectador, no entanto, haverá momentos que também estará distante, não evidenciando o espaço-tempo da ação. Ainda na elaboração da pauta, é preciso estar atento às perguntas que serão feitas aos entrevistados (os especialistas ou sujeitos comuns). Ao possibilitar o trabalho com a entrevista, estaremos oferecendo uma série de contribuições para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos: desenvolvendo habilidades no entrevistador – no caso o repórter, de planejar e redimensionar perguntas já feitas em seu roteiro prévio – permitindo o desenvolvimento da velocidade de raciocínio; estimular a flexibilidade de pensamento, entre outros ganhos de desempenho.

Outro fator a ser considerado é a forma de planificar a linguagem, sendo predominante no gênero jornalístico grande reportagem a sequência esquemática e a dialogal.

Já assumindo o papel de especialista, o enunciador apresenta um discurso mais teórico, não se implicando na situação. Pode-se concluir que, nesta etapa, estamos desenvolvendo a capacidade discursiva, possibilitando ao aluno a construção de sentido mediante as representações sobre as características próprias do gênero, sendo: a planificação geral do texto, os diferentes segmentos organizados de forma linguística (os tipos de discurso) e as formas de planificar a linguagem no interior do texto (os possíveis tipos de sequência).

Ainda na elaboração da pauta, é possível desenvolver as capacidades linguístico-discursivas de acordo com cada enunciador presente no gênero em questão. Sendo assim, discorreremos sobre esta discussão de acordo com os enunciadores. No papel do âncora, a maior recorrência dos verbos é no tempo presente. Cabe então ao professor propor atividades onde será trabalhado o tempo verbal e, dessa forma, é possível possibilitar ao aluno o domínio das operações que colaboram para a coesão verbal.

Outro aspecto relevante é fazer com que o aluno tenha o domínio das operações que cooperam para a coesão nominal, sendo assim, cabe ao professor explorar atividades em que há recorrência de anáforas pronominais, nominais e o uso de elipses. Ao trabalhar com o gênero jornalístico grande reportagem, ainda assumindo o papel do âncora, é preciso levar o aluno a tomar consciência das diferentes vozes que constroem o texto, como a voz da própria emissora de televisão e a voz do repórter. As atividades propostas também devem levar o aluno a reconhecer as modalizações que se fazem presentes no texto, principalmente as apreciativas.

Ao assumir o papel de repórter, o aluno deve também dominar as operações que permitem a coesão verbal, explorando os tempos verbais no presente e no futuro perifrástico. Outro aspecto importante é o professor propor situações que contribuam para o aluno dominar os organizadores que irão garantir a coerência temática, seja por meio dos mecanismos de conexão e os marcadores conversacionais que se fazem presentes no gênero trabalhado.

O uso de frases interrogativas para iniciar ou dar continuidade em um turno e a inserção ilustrativa fazem parte dos marcadores conversacionais e devem ser explorados, permitindo a expansão do vocabulário para melhor compreensão e produção do texto. Ainda é necessário, também, retomar quais são as diferentes vozes que irão construir o texto (vozes do próprio repórter e vozes sociais) e as modalizações.

Em relação aos especialistas, é possível explorar a baixa densidade verbal, na organização das frases, sendo predominantes os advérbios e substantivos.

Assim, desenvolver as capacidades linguístico-discursivas é permitir ao aluno a construção do sentido mediante representações sobre as operações de textualização e enunciativas. Para isso, torna-se necessário abordar as unidades linguísticas como: coesão, conexão, coesão verbal, coesão nominal, modalizações e encadeamento da voz.

6.2 Gravação do programa

Após a definição e a apresentação de todas as etapas para a preparação do programa, partimos para a discussão da segunda etapa que contempla a organização do gênero jornalístico grande reportagem: a gravação do programa.

De acordo com Carvalho (2010, p. 41) é a hora de ir a campo. Nesta etapa, é preciso organizar os locais de gravação, sejam elas dentro do estúdio, com o âncora e em diferentes lugares externos com o repórter, a depender da temática abordada. É preciso estruturar a matéria, ou seja, antes mesmo de gravar é necessário que o repórter converse com os entrevistados, levante as informações pertinentes ao conteúdo temático e que estruture mentalmente o que estará no próprio texto e o que estará em sonora.

Para Carvalho (2010, p. 46), o repórter “não deve perguntar tudo de novo ao gravar a entrevista, nem pedir ao entrevistado que faça um raios-X da situação”. Outro

fator a ser considerado é a definição de quando a fala do repórter irá acontecer em *off* ou em passagem.

Durante a gravação, o aluno deve perceber que o repórter faz uso da sequência dialogal, permitindo uma maior percepção sobre as formas de planificação de um texto. Assim, a exploração dessa primeira parte para a gravação do programa permite ao aluno o desenvolvimento das capacidades discursivas.

Em se tratando do desenvolvimento das capacidades linguístico- discursivas, nota-se que a gravação do programa permite aos alunos pensarem nas formas de saudação na abertura e fechamento do programa pelo âncora. Há também a presença de marcadores conversacionais de concordância e hesitação por parte do repórter e dos especialistas.

Outro aspecto importante que se faz presente durante a gravação é o desenvolvimento das capacidades não verbais. O aluno precisa perceber a influência que se tem na produção do texto em relação ao tom de voz e entonação, entendendo que, para a produção de um bom texto, é preciso que a fala seja pausada, sóbria, bem articulada e sem mudanças bruscas de entonação. Isso transmite ao telespectador segurança sobre o que está sendo falado e é um dos atributos mais importantes no desempenho do apresentador ou do repórter.

Ainda em continuidade aos aspectos não verbais temos os recursos corporais, uma vez que podemos afirmar que, no telejornalismo, o corpo fala, ou seja, há uma similaridade instintiva entre entonação e gestos. Os movimentos de cabeça e expressão facial acompanham as mudanças vocais. É preciso dar a possibilidade ao aluno para examinar os recursos de expressão gestual, facial e corporal mais indicados. Desse modo, em consonância com os objetivos de clareza, credibilidade e precisão do programa, os gestos manuais devem ser sóbrios e variados, enfatizando o que há de mais importante na informação. Daí a importância de estudar o corpo enquanto veículo de comunicação, observando e ensaiando as mudanças do corpo e das expressões faciais antes das gravações.

Para Kyrillos (2003), o profissional, seja o âncora ou repórter, deve narrar o seu texto em frente ao espelho e observar suas mudanças de expressão facial, verificando se são condizentes com o conteúdo narrado.

Outro fator a ser considerado é em relação à veste. De acordo com o papel social a ser assumido, a roupa será o cartão de visita. Por isso, é importante levar o aluno a reconhecer as diferentes opções de vestes e a conscientização do não uso de acessórios

que possam desviar a atenção do telespectador. A veste pode ser do mais formal (terno, camisa e gravata) ao mais esportivo (calça jeans ou sarja, camisa social ou polo).

Por fim, é preciso estar atento aos diferentes ângulos de multicâmeras. Os planos podem variar, ora mais abertos, ora mais fechados, dependendo do enfoque a ser dado naquele momento. O segredo é fazer com que o telespectador se sinta parte daquela reportagem.

Desenvolver as capacidades não verbais é permitir ao aluno o conhecimento dos diferentes aspectos que são importantes para a composição da comunicação. Voz, fala, gestos, conhecimento do corpo e posicionamento devem atuar em plena harmonia para que se possa transmitir a informação desejada da melhor maneira.

De tudo exposto, partimos para a última etapa das dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem.

6.3 Edição

Nesta etapa, é preciso ter uma linha condutora e elaborar uma sequência que prenda o telespectador, levando-o a assistir o programa até o final. Portanto, primeiramente, é preciso fazer o encaminhamento da reportagem, ou seja, definir de onde irá partir e onde irá chegar. Assim, o professor deverá propor atividades que possibilitem aos alunos compreender a função da organização da reportagem. Para isso, de acordo com Carvalho (2010), a garantia do equilíbrio do programa está nas mãos do editor, pois, estando distante dos acontecimentos, ele irá conseguir ter uma visão mais ampla do conteúdo produzido. É preciso evidenciar também que o repórter e o editor do programa devem caminhar juntos na produção da reportagem.

Outro fator de extrema importância é selecionar as melhores falas dos entrevistados. Mais uma vez, nesta etapa, o aluno precisa conhecer a organização do texto como *layout*. Logo, ao pensarmos nessas duas questões propostas na edição, estaremos desenvolvendo no aluno a capacidade discursiva.

Para editar um programa, é preciso criar artes, vinhetas e uma linguagem visual interessante. Neste aspecto, voltamos ao desenvolvimento das capacidades não verbais, sendo possível explorar com os alunos a escolha de imagens que serão utilizadas no

momento *off*, pois conforme apresentado no capítulo teórico, a fala é coberta com imagens e não há exposição do repórter. A escolha de boas imagens permite que o repórter se aprofunde no assunto. Para Carvalho (2010, p.51), “em telejornalismo escrevemos com imagens” e é isso que fará toda a diferença na construção do texto e exibição do programa.

Um dos pontos que merece destaque é a vinheta, que pode estar antes ou depois do texto do apresentador para chamar a reportagem. A utilização da música para dar pausa no texto ou para dar ênfase na temática também deve ser explorada e proporcionar ao aluno o conhecimento dos tipos de sons que são possíveis de aparecer e completar a edição do texto. Assim, o aluno deve entender qual é a função da inserção da *trilha branca* ou *background* na condução do texto oral.

De tudo exposto, podemos compreender que o modelo didático irá possibilitar a construção das tarefas de ensino e de aprendizagem, com base nas capacidades de linguagem e desenvolvimento dos alunos. Assim, podemos reforçar o que De Pietro e Schneuwly (2003) nos alertam: “não se ensina o próprio modelo didático aos alunos, mas sim, os elementos das dimensões ensináveis, que servirão como um guia ao professor para a construção de tarefas a serem apresentadas em sequências didáticas.”. O professor considerará, para cada nível de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental I ou II, Ensino Médio), quais dimensões podem ser trabalhadas com seus alunos. Assim, o modelo didático oferece um horizonte de possibilidades para o trabalho do professor.

6.4 Síntese do Modelo Didático

Iniciamos resumindo os resultados a que chegamos para cada pergunta de pesquisa, cujo objetivo central foi identificar as características que definem o gênero jornalístico grande reportagem a fim de elaborar um modelo didático que pudesse guiar a ação do professor na elaboração de sequências didáticas, para o ensino de gêneros orais em contexto escolar.

Assim, traçamos como objetivos específicos: compreender quais e como são as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem; e organizar as dimensões ensináveis em um quadro esquemático como um modelo didático.

Para isso, propomo-nos a investigar quais são as características que definem o gênero jornalístico grande reportagem e quais são as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem, subdividindo-a em várias questões que guiaram a nossa análise: a) Quais são as características e as dimensões ensináveis da situação de produção?; b) Quais são as características e as dimensões ensináveis em relação à infraestrutura do texto?; c) Quais são as dimensões ensináveis dos mecanismos de textualização?; d) Quais são as dimensões ensináveis dos mecanismos enunciativos?; e) Quais são as características e as dimensões ensináveis em relação aos aspectos não verbais que se fazem presentes no gênero em questão?

As nossas análises nos permitiram chegar às seguintes respostas: para a pergunta “a) *Quais são as características e as dimensões ensináveis da situação de produção?*”, constatamos que o gênero jornalístico grande reportagem é transmitido às sextas-feiras, em horário nobre. Para Manoel Carlos (2012), considerava-se, há alguns anos atrás, que nobre na televisão era o horário que começava às 19 e se estendia até às 22 horas. Hoje esse tempo é medido das 18 horas à meia-noite. É quando o espaço comercial é mais caro e, conseqüentemente, os programas considerados mais importantes são apresentados. Assim, a partir dessa informação já é possível definir quem é o público-alvo e quais são os objetivos do programa.

Outro fator analisado foi em relação ao emissor do texto, sendo que, no gênero em questão, encontramos o âncora que assume o papel de apresentador, ou seja, o representante do programa; o repórter que tem a função de transmitir o conteúdo selecionado; os especialistas que irão trazer mais confiabilidade e credibilidade quanto às informações apresentadas; e, por fim, os sujeitos comuns que apresentam suas histórias de vida e ilustram o texto apresentado.

O lugar de gravação do programa acontece em dois momentos: um dentro do estúdio e outro em diferentes lugares, conforme a temática a ser abordada no programa. Logo, fica evidente que ao trabalhar com as características levantadas nesta pesquisa em relação ao contexto de produção, o professor terá subsídios para elaborar diversas tarefas, possibilitando, assim, desenvolver no aluno as capacidades de ação.

Dessa forma, a partir da análise, das características do contexto de produção e da função social assumida pelo programa, é possível definir as escolhas do conteúdo temático e organização da estrutura textual. Sendo assim, estaremos respondendo à pergunta “b) *Quais são as características e as dimensões ensináveis em relação à infraestrutura do texto?*”. Notamos também que o tipo de discurso característico do

programa é predominantemente o interativo e o teórico. As sequências recorrentes nos textos do gênero jornalístico grande reportagem são na forma de esquematizações, com a função de informar os acontecimentos de um determinado tema e a sequência dialogal, principalmente na interação entre os enunciadores.

Outra avaliação que pode ser concebida é a organização do programa, onde se tem a preocupação em esquematizar a pauta, escolher os diferentes enunciadores e o desdobramento da temática em quatro ou cinco blocos, a escolha das músicas e imagens que irão fazer parte do programa e as perguntas que serão feitas aos entrevistados. No período de gravação, existe a escolha dos diferentes lugares, as estrutura das falas e se a abordagem do tema acontecerá em *off* ou em passagem. Por fim, na edição do programa, existe o encaminhamento da reportagem e as escolhas das melhores falas.

Em síntese, ao considerar as características e as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem, em relação à infraestrutura do texto, estaremos possibilitando aos alunos o desenvolvimento das capacidades discursivas.

A terceira questão de nossa pesquisa foi: “*c) Quais são as dimensões ensináveis dos mecanismos de textualização?*”; para o propósito de ensino e produção de uma sequência didática, analisamos os aspectos linguístico-discursivos por serem dimensões de recorrência, como a coesão verbal, coesão nominal e conexões.

Em relação à coesão verbal, constatamos uma maior incidência no tempo presente, independentemente dos enunciadores. Quanto à coesão nominal, observamos que os turnos de fala apresentam cadeias anafóricas pronominais e nominais, principalmente na organização do texto do âncora e do repórter, evidenciando a preocupação em manter o texto coeso e menos repetitivo. Dessa forma, a temática apresentada atinge o seu objetivo de maneira clara e direta.

Outro aspecto que corrobora pensar nos elementos constituintes do gênero jornalístico grande reportagem é a presença dos marcadores conversacionais, que são específicos da oralidade e se efetivam no texto do repórter, dos especialistas e dos sujeitos comuns. Assim, nota-se a presença de marcadores com finalidades iniciais, mediais e finais de turnos; o uso de frases interrogativas e inserções ilustrativas; expressões de concordância e hesitações.

Assim, uma avaliação que pode ser concebida a partir das características levantadas é que, mesmo sabendo que o texto é preparado e esquematizado desde a preparação do programa e na elaboração da pauta, há um texto escrito. No entanto, a presença das marcas de oralidade são fortes e isso dará ao texto uma originalidade e

aproximação entre os enunciadores. Podemos dizer que o gênero jornalístico grande reportagem é um gênero híbrido, que abrange os gêneros mais simples aos mais complexos.

Em relação a nossa quarta pergunta: “*d) Quais são as dimensões ensináveis dos mecanismos enunciativos?*”, notamos que os enunciadores, principalmente o âncora e o repórter, usufruem da responsabilidade enunciativa pelas modalizações e vozes.

Quanto às modalizações empregadas, nota-se a recorrência da modalização apreciativa, contribuindo para dar tonalidade ao texto com julgamentos subjetivos dos enunciadores. Já na inserção de vozes, notamos que o âncora faz uso das diferentes vozes que constroem o texto (voz da própria emissora, voz do repórter) para reforçar o conteúdo temático a ser explorado no programa. Os repórteres tomam a responsabilidade enunciativa por meio do discurso direto e de sentenças curtas, por meio de sua própria voz e das vozes sociais.

A análise dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos possibilita ao professor a construção de tarefas de ensino e aprendizagem que possam desenvolver no aluno as capacidades linguístico-discursivas.

E por fim, respondendo a última pergunta: “*e) Quais são as características e as dimensões ensináveis em relação aos aspectos não-verbais, que se fazem presente no gênero em questão?*”, concluímos que, em se tratando de um gênero oral, mais especificamente de um gênero televisivo, no texto produzido, atuam, simultaneamente, a fala, o corpo, a voz, as imagens e a música, compondo, assim, uma linguagem própria.

A voz, a fala, o corpo, o uso dos gestos, os posicionamentos frente à câmera são partes que compõem o efeito final da comunicação, permitindo inúmeras possibilidades de demonstrar todos os tipos de sentimento, intenção e de vontade. Dessa forma, é importante possibilitar ao aluno conhecer a importância da utilização da fala pausada, sóbria, bem articulada. Outro fator importante é possibilitar a consciência do corpo e a utilização dos gestos e expressões faciais para tornar o texto verdadeiro.

Além disso, é preciso também cuidar da aparência, ser simples e elegante. Saber escolher as roupas adequadas, de preferência em cores pastéis. Para as mulheres, deve-se evitar o uso de decotes e ombros e braços não devem ficar à mostra. Os acessórios devem ser discretos, nada de brincos, colares e anéis enormes.

Outra avaliação dos aspectos não verbais são em relação aos posicionamentos e disposições dos diferentes lugares, as escolhas de imagens que serão utilizadas e as

músicas e efeitos sonoros que irão completar o texto. Conclui-se que o casamento do conteúdo do texto com a informação visual deve ser perfeito.

Assim, finalizamos esta seção, tendo todas as características levantadas do gênero jornalístico “grande reportagem”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, tecemos as nossas considerações enquanto pesquisadora acerca dos resultados obtidos e faremos alguns apontamentos a respeito dos possíveis desdobramentos desta pesquisa.

Acreditamos que as características levantadas do gênero jornalístico “grande reportagem”, partindo de um gênero de referência e a elaboração de um modelo didático, possam dar oportunidades aos professores de se apropriarem de conhecimentos sobre o gênero em questão. Isso pode possibilitar aos docentes formas de se fazer um trabalho didático, seja ele em um projeto maior dentro da instituição escolar ou até mesmo dentro da sala de aula, levando os alunos a compreenderem, dominarem e se apropriarem de conhecimentos que possam ser utilizados em outros contextos de produção textual.

Acreditamos que esta dissertação tenha atendido aos nossos questionamentos iniciais e atingido os objetivos. Ao construir um modelo didático do gênero jornalístico grande reportagem estamos promovendo o entendimento sobre o funcionamento do gênero abordado, fornecendo um mapa conceitual para possíveis análises e adequações de sequências didáticas. O reconhecimento do gênero e a construção de sequências didáticas pelos professores abrem um leque de possibilidades, permitindo que façam escolhas sobre os objetivos, temas e atividades que possam promover o desenvolvimento das capacidades de linguagem de seus alunos.

Como consequência à análise feita, enquanto pesquisadora, fica evidente a complexidade do gênero jornalístico grande reportagem, principalmente em transformá-lo em objeto de ensino aprendizagem, ou seja, em modelizá-lo. Também se evidencia a importância de conhecer muito bem as características de um determinado gênero, tomando-o como referência. Dessa forma, nossa pesquisa comprova o que dizem Schneuwly e Dolz (2004) sobre a constituição do oral como objeto legítimo de ensino, pois esse processo exige uma caracterização das especificidades linguísticas e dos saberes práticos nelas implicados.

Enquanto professora, percebo a necessidade da transformação do gênero para a escolarização e a transformação deste como “objeto a ser ensinado”. Também é relevante destacar que a presente pesquisa contribui para os estudos no que tange à apreensão de gêneros orais, uma vez que ainda existem poucos estudos e materiais

didáticos para ensiná-lo. De acordo com Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 150) “os meios didáticos e indicações metodológicas para o ensino escolar da língua oral ocupam um lugar limitado”.

No entanto, por ser uma pesquisa de mestrado e devido ao curto prazo para desenvolvê-la, não nos foi possível focalizar nossos estudos na elaboração de sequências didáticas e no trabalho efetivo, ficando, assim, como proposta para futuras pesquisas. Para isso, é necessário levar o conhecimento do gênero jornalístico grande reportagem para trabalhar com os professores, desde o estudo do modelo didático até o desenvolvimento didático e prático em sala de aula. Dessa forma, acreditamos que poderemos contribuir muito mais para que o desenvolvimento do trabalho do professor e das capacidades de linguagem dos alunos seja concretizado efetivamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons – a nova cultura oral**. Campinas: Cortez, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, F. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático**. (Coleção Trabalhado com... na escola). – 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e Internet**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARBERO, Jésus-Martin. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

BRASIL. Ministério das Comunicações. **História da radiodifusão**. Brasília, DF . Disponível em: <http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/redes-digitais-da-cidadania/44-historia-das-comunicacoes/22465-historia-da-radiodifusao>. Acesso em: 08/04/2013.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 2009.

_____. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Tradução: Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado; Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas, Mercado de Letras, 2006.

BULEA, Ecaterina. **Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

CARLOS, Manoel. **Horário Nobre**. Veja Rio, 2012. Acesso em: 10/07/2013. Disponível: <http://vejario.abril.com.br/blog/manoel-carlos/cronica-da-semana/horario-nobre>.

CARVALHO, Alexandre [et al.]. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado culto no Brasil. In CASTILHO, A. T. (org.) **Português falado culto no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 249-279.

CHANTLER, P.; HARRIS, S. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CRISTOVÃO, V. L. L. **Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático**. 268 f. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: PUC, 2001.

_____. **Entrevista – Vera Lúcia Lopes Cristóvão: o interacionismo sociodiscursivo em discussão**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 2, nº. 3, p. 11 – 21, ago./dez. 2010. Entrevista concedida a SILVA, A. A. P.; TOGNATO, M. I.

De PIETRO, J. F.; SCHNEUWLY, B. **Le modèle didactique du genre: un concept de l'ingénierie didactique**. Les cahiers THEODILE. Lille: Université Charles-de-Gaulle, no. 3: 27-52. 2003.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 149 -185.

INEP. **Edital ENEM 2012**. Disponível em: <http://concursosnobrasil.com.br/concursos/edital/edital-enem-2012.html>. Acesso em: 25/01/2013.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental**. (Coleção Trabalhado com... na escola). – 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

JESPERS, Jean-Jaques, **Jornalismo televisivo**, Coimbra: Minerva, 1998.

KYRILLOS, Leny. [et al] **Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. – São Paulo: Globo, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 10 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Anna Rachel ; GUIMARÃES, Ana Maria Mattos. O Interacionismo sociodiscursivo no Brasil. In: Abreu-Tardelli, Lília Santos; Cristovão, Vera Lúcia Lopes. (orgs). **O ensino e a aprendizagem dos gêneros**. Campinas: Mercado de Letras, 2009b.

MACHADO, Anna Rachel & CRISTOVÃO, Vera Lúcia. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 6, número especial, set./dez, 2006.

MACHADO, Anna Rachel. **Uma Experiência de Assessoria Docente e de Elaboração de Material Didático para o Ensino de Produção de Textos na Universidade**. DELTA, Vol. 16, n. 1, p.1-26, 2000.

_____. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. IN: **Gêneros, Teorias, Métodos, Debates**. MEURER, BONINI, MOTTAROTH (orgs), São Paulo : Parábola, 2. ed. 2007b. p. 237-259

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais & ensino**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, A. P; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. **Análise da Conversação**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, Cristina T. V. de.; GOMES, Isaltina Mª de A. M.; MORAIS, Wilma P. de. **O documentário como gênero jornalístico televisivo**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e969053bfccdc7be14f5e0a009b95215.pdf>. Acesso: 02/02/2013.

MELO, José Marques. **Jornalismo opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

_____. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MORAN, José Manuel. **Como ver a televisão**. São Paulo: Paulinas, 1991.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

PONTES, Elicio. **A TV na sala de aula: novo cenário, novos desafios**. Salto para o Futuro. Ano XXI Boletim 19 – Novembro/Dezembro 2011.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláis Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SCHWARZENEGGER, Arnold. **A Inacreditável História da Minha Vida**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/1184345-leia-trecho-da-autobiografia-de-arnold-schwarzenegger.shtml>. Acesso em: 25/01/2013.

SILVA, Carla Messias Ribeiro da. **O modelo didático do gênero comentário jornalístico radiofônico: uma necessária etapa para a intervenção didática**. – dissertação de mestrado – São Paulo, 2009.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

SPINELLI, Egle Müller. **Jornalismo Audiovisual: gêneros e formatos na televisão e internet**. Revista ALTERJOR (ECA-USP). Ano 03, Vol. 2 – julho-dezembro, 2012.

STUTZ, Lídia; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **A Construção de uma Sequência Didática na Formação Docente Inicial de Língua Inglesa**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 14/1, p. 569-589, jun. 2011.

SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva. **Grupo de estudos para formação continuada de docente em língua portuguesa: os gêneros orais como objeto de ensino-aprendizagem**. – Dissertação de Mestrado – Cascavel – PR, 2012.

TAHARA, M. **Mídia**. São Paulo: Global Editora, 1998.

VALIM, Maurício. **História da televisão: da sua invenção ao início das transmissões em cores.** Magia Comunicações, 1998-2010. Disponível em: <http://www.tudosobrevt.com.br/histortv/>. Acesso em: 08/04/2013.

ZANI, Juliana; BUENO, Luzia. **A arguição do candidato para qualificação ou defesa de mestrado e doutorado: um gênero oral a ser compreendido.** VII – SIGET na terra de Iracema os gêneros textuais nas múltiplas esferas de atividade humana – Fortaleza – UECE/UFC, 2013.

ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA: GLOBO REPÓRTER

Globo Repórter: Rio Amazonas 2: Nascente e foz – Exibido em: 05/08/2011

Transcrição	Vídeo	Música
	(00:01) – Logo marca do programa	(00:01) – Vinheta do Globo Repórter
	(00:13) – Logo marca globo natureza	(00:13) – Vinheta Globo Natureza
1 (00:17) – Sérgio Chapelin: boa noite!... no programa de hoje 2 o fim da grande aventura do projeto Globo Natureza... nossos 3 repórteres... concluem uma viagem de sete mil quilômetros... 4 depois de alcançar a mais alta nascente do Amazonas... 5 Francisco e José passou por povoados fantasmas... atravessou 6 as corredeiras do Apurimaque... e chegou as cidades sagradas 7 dos Incas... agora avança pela mata... para nos mostrar uma 8 rica vida selvagem... José Raimundo que partiu da foz... 9 atravessa um MAR de água doce para nos mostrar as 10 milionárias relíquias do ciclo da borracha... e uma cidade 11 americana perdida na selva brasileira.... na fronteira que 12 separa Brasil... Peru e Colômbia... o encontro nas águas.... as 13 duas equipes... comemoram juntas o fim da mais completa 14 expedição... feita no MAIOR reino do mundo...	(00:17) – Estúdio do programa / na parte inferior do quadro surge o nome do apresentador / ao fundo, atrás do apresentador, aparece imagens do Amazonas, dos repórteres e cenas que serão exibidas no programa 	(00:17) – Vinheta Globo Natureza
	(01:11) – Imagens do rio Amazonas	(01:11) – Trilha branca
15 (01:22) – <i>Off</i> José Raimundo: Viajar pelo maior rio do mundo 16 é sentir a emoção... de atravessar a mais importante das 17 florestas tropicais... paisagens que não se veem em nenhum 18 outro lugar.... agora a bordo de uma lancha rápida... uma	(01:22) – Diferentes imagens do Rio Amazonas	(01:22) – Trilha branca

19	voadeira... como preferem os caboclos...		
20	(01:41) – José Raimundo no inverno... a quantidade de água	(01:41) – Imagens	(01:41) –
21	que as nuvens despejam no Amazônia... é três:: vezes maior	do rio Amazonas, em	Trilha
22	que todo o volume do rio... segundo as pesquisas... por isso a	seguida aparece a	branca
23	chuva é companheira quase inseparável em todas as viagens...	imagem de José	
24	o caBOclo... costuma dizer o seguinte... no verão... CHove	Raimundo a bordo	
25	todo dia... e no inverno... chove o dia todo... e não é exagero	de uma lancha.	
26	não... embora corre aqui pra baixo...((jornalista desce para	Aparece escrito:	
27	dentro da lancha))	JOSÉ RAIMUNDO	
		– Baixo Amazonas	
		(02:07) Imagens do	(02:07)
		rio Amazonas	Trilha
			branca
28	(02:11) – <i>Off</i> José Raimundo: foi só falar... e ela apareceu... e	(02:11) Imagens do	(02:11)
29	veio muito forte... estamos no meio de uma tempestade...	rio Amazonas e a	Trilha
30		lancha em meio a	branca
		uma tempestade	
31	(02:20) – José Raimundo: foi preciso para de navegar... pois	(02:20) Imagens do	(02:20) -
32	vejam ali... ó... não dá pra saber... o que é rio... o que é céu...	José Raimundo na	Background
33	subir o rio assim... NEM pensar...	lancha em meio a	(chuva
		uma tempestade	forte)
			
		(02:33) Imagem da	(02:33) -
		lancha navegando	Trilha
			branca
34	(02:38) – José Raimundo: na Amazônia Peruana a nossa	(02:38) - Imagens na	(02:38) -
35	equipe viaja rio abaixo... com tempo bom e pouca chuva... já	embarcação no rio.	Trilha
36	alcançamos: o Rio Tambo... esse trecho... ele atravessa uma	((aparece escrito	branca
37	região montanhosa... as margens são verdes e a água é	“Rio Tambo,	
38	barrenta... mas logo decidimos deixar o TAMbo e ir a pé... em	Amazônia	
39	busca de uma grande cachoeira... seguimos o curso de um	Peruana”))	
40	pequeno riacho que corre sobre as pedras...	(02:50) Aparece um	

		mapa indicando o rio Tambo	
		(03:17) - Imagem do jornalista Chico José a beira do riacho	(03:17) – Trilha branca
41	(03:21) – Chico José: o calor da selva... uma água limpa e	(03:21) – Imagem do jornalista Chico José a beira do riacho e	(03:21) – Trilha branca
42	bem fria... um local que é inteiramente preservado... não há	aparece escrito na tela: Chico José -	
43	nenhum tipo de poluição nesta área da selva Amazonas...OH	Margens do Rio Tambo, Peru	
44	Pedro... e essa água tá vindo de uma cachoeira... né?		
45	(03:37) – Pedro: exatamente... ela vem da cachoeira Quari...	(03:37) – Imagem do documentarista	(03:37) – Trilha branca
46	((aparece escrito “Pedro Werneck documentarista”)) uns cem	Pedro, sentado a beira do riacho e	
47	metros... de queda... que vai formar um dos afluentes... com o	aparece escrito na tela: Pedro Werneck documentarista	
48	rio Tambo...		
49	(03:47) – <i>Off</i> Chico: estes riachos... que juntos... vão formar	(03:47) – Imagem do jornalista e a equipe	(03:47) – Trilha branca
50	os grandes rios... até chegar ao oceano atlântico... mais adiante	caminhando pela mata	(sobe som)
51	deixamos o leito do riacho e seguimos pela mata...		
52	(04:04) – Chico: eu vou pegar um atalho pela selva... que	(04:04) – Imagem do jornalista e a equipe	(04:04) – Trilha branca
53	ninguém passa por aqui... cachoeira bem no meio do mato...	caminhando pela mata	
54	(04:17) – <i>Off</i> Chico José: a sensação é de que estamos	(04:17) – Imagem de uma cachoeira	(04:17) – Trilha branca
55	perdidos... mas logo adiante... o esforço teve a sua		
56	recompensa... a queda d’água Quari... é uma das mais BElas do		
57	rio...		
		(04:36) – Imagem da cachoeira	(04:36 – Trilha branca

		(sobe som)
58 (04:55) – <i>Off</i> Chico José: escondida na selva... ela permanece 59 protegida... nem os turistas vem até aqui... o que não 60 imaginávamos... é que TODA essa beleza teria um preço...	(04:55) – Imagens da cachoeira em seguida aparece a imagem da lua – noite de lua cheia	(04:55) – Trilha branca
61 (05:13) – Chico José: temos que passar a noite na margem do 62 rio TAMbo... demoramos mais do que o previsto... na 63 caminhada para filmar a cachoeira... e agora duas canoas estão 64 aqui amarrada... na beira do rio... o ()... tai operando o ()... 65 vamo dividi a equipe nas duas canoas... aqui óh:: cortinas de 66 plástico... pra chuva não passa e já tá chovendo... o piloto está 67 ali na minha rede... que eu emprestei pra ele... pra não fica na 68 cadeira eh:: os mosquitos estão aí... atacando...	(05:13) – Imagem dos jornalistas dentro dos barcos	(05:13) – Trilha branca
	(05:46) – Imagem do nascer do sol	(05:46) – Trilha branca
69 (05:49) – <i>Off</i> Chico José: no dia seguinte continuamos a 70 viagem... até Atalaia... a margem do rio Tambo...	(05:49) – Imagem de um pequeno vilarejo	(05:49) – Trilha branca
	(05:56) – imagem do rio	(05:56) – Trilha branca
71 (06:01) – <i>Off</i> Chico José: alguns quilômetros abaixo... vamos 72 encontrar... mais um dos muitos rios... no roteiro da nossa 73 travessia...	(06:01) – Imagens do rio	(06:01) – Trilha branca
74 (06:11) – Chico José: o encontro das águas... em plena 75 Amazônia Peruana... aqui o Urubama encontra o Tambo e 76 forma o Ucaide... é o encontro TÃO importante... quanto o 77 Solimões e do Rio Negro... perto de Manaus... o que a partir 78 de agora... forma-se o principal rio do Peru...	(06:11) – Imagem do Chico José sentado em um barco, navegando o rio	(06:11) – Trilha branca
79 (06:30) – <i>Off</i> José Raimundo: do alto dá pra ver bem a 80 diferença de cor... entre as águas dos rios... e como são 81 curiosos... os encontros das águas ao longo dos sete mil	(06:30) – Imagens do rio (06:45) – aparece	(06:30) – Trilha branca

82	quilômetros... É AQUI que as águas turvas do Tapajós...	escrito – Rio Tapajós	(sobe som)
83	alcançam o Amazonas...		
84	(06:57) – <i>Off</i> José Raimundo: e as margens do Tapajós...	(06:57) – Imagens de	(06:57) –
85	vamos conhecer uma cidade que guardam marcas de um	uma cidade	Trilha
86	passado de glória... a riqueza do ciclo da borracha... que		branca
87	escreveu NESTE lugar... o capítulo importante... da história		
88	da Amazônia...		
89	(07:10) – <i>Off</i> José Raimundo: Teo Terra... a BEla terra...	(07:10) – Imagem	(07:10) –
90	como batizou o seu idealizador... o empresário americano...	antiga de fábricas –	Trilha
91	Henry Ford... o sonho dele era produzir borracha no coração	Henry Ford	branca
92	da floresta... o mundo... precisava de pneus... e a matéria	Aparece no canto da	
93	prima... estava ali...	tela, a logomarca da Globo e escrito abaixo: Arquivo	
94	(07:35) – José Raimundo: telhados baixos... estilo chalé...	(07:35) – Imagem de	(07:35) –
95	janelas largas... o caboclo estranhou essa arquitetura... mas	José Raimundo em	Trilha
96	gostou de uma das obras do milionário Henry Ford... plantar	uma casa	branca
97	flores... na solera da porta... essa heRANça... ainda é		
98	preservada... nas casas de Teo Terra... até hoje belos jardins		
99	são cultivados...		
100	(07:51) – <i>Off</i> José Raimundo: flores na entrada das casas... na	(07:51) – Imagem de	(07:51) –
101	principal praça da cidade... Teo Terra... parece o cenário de	flores, jardins e	Trilha
102	um antigo filme americano... as velhas seringueiras ainda	praça da cidade Teo	branca
103	estão por aqui... com as cicatrizes de um sonho frustrado...	Terra.	(sobe som)
104	filho de um ex-funcionário da companhia... seu Francisco era	(08:11) – Imagem de	
105	criança... nos tempos do progresso... ele vai nos mostrar a	um senhor e o	
106	escola onde estudou...	jornalista José Raimundo, em uma sala de aula	
107	(08:17) – Francisco Bezerra ((aposentado)): tinha uma	(08:17) – Imagem do	(08:17) –
108	vantagem... quando as funcionárias... as moças... concluíam o	Sr. Francisco,	Trilha
109	curso primário... aqui nessa escola... eles tinham o direito de	sentando em uma	branca
110	escolhe... tinha a vantagem de escolhe: um local pa trabalha...	das cadeiras de uma	
111	na companhia...	sala de aula	

		Aparece escrito na tela: Francisco Bezerra – Aposentado.	
112 (08:34) – <i>Off</i> José Raimundo: hoje restam poucos	(08:34) – Imagens da	(08:34) –	
113 equipamentos da antiga usina de borracha... MUITa coisa foi	antiga usina	Trilha	
114 levada embora... depois que a unidade brasileira foi fechada...	(08:44) – Imagens	branca	
115 nos anos cinquenta... a borracha de seringueira começou a	dos operário		
116 perder mercado... para a borracha sudestica... feita de	trabalhando na		
117 derivados do petróleo...	fábrica de borracha		
	Aparece no canto da		
	tela, a logomarca da		
	Globo e escrito		
	abaixo: Arquivo		
118 (08:53) – José Raimundo: isso aqui era o que? um ...	(08:53) – Imagem do	(08:53) –	
	jornalista e o	Trilha	
	aposentado andando	branca	
	pela área externa da		
	usina		
119 (08:55) – Francisco Bezerra ((aposentado)): é uma prensa... de	(08:55) – Imagem de	(08:55) –	
120 prensa a burracha... o sernandi... a burracha que vem da	uma máquina ao ar	Trilha	
121 seringueira... que o seringueiro colhe lá no mato....	livre	branca	
122 (09:03) – <i>Off</i> José Raimundo: a maior dificuldade enfrentada	(09:33) - Imagem do	(09:33) –	
123 pelo empreendimento de Henry Ford... foi adaptar o caboclo	jornalista e o	Trilha	
124 da Amazônia... à rotina rígida da fábrica...	aposentado andando	branca	
	pela área externa da		
	usina		
125 (09:13) – Francisco Bezerra ((aposentado)): tinha que pega no	(09:13) – Imagem do	(09:13) –	
126 serviço no horário CERto... na hora que a usina lá apitasse... lá	aposentado na área	Trilha	
127 apitasse e baixava a enxada no chão...	externa da usina	branca	
128 (09:22) – José Raimundo: se atrasasse?	(09:22) – Imagem do	(09:22) –	
	aposentado na área	Trilha	
	externa da usina	branca	
129 (09:23) – Francisco Bezerra ((aposentado)): se atrasasse cinco	(09:23) – Imagem do	(09:23) –	

130	minutos... pa chega no trabalho... o dia era pô falta.	aposentado na área externa da usina	Trilha branca
131	(09:28) – <i>Off</i> José Raimundo: mas em por exemplo... os	(09:28) – Imagens da cidade	(09:28) – Trilha
132	caboclos não reclamavam... era o melhor da região... muito		branca
133	acima dos padrões brasileiros... e de GRAça... mas nos	(09:40) – Imagens de uma ossada, em um museu	
134	registros da história de Teo Terra... há um episódio difícil de		
135	explicar.... a cidade... foi visitada por uma baleia... ela saiu do		
136	atlântico... entrou no Amazonas... e veio nadando rio acima...		
137	até o Tapajós... há mais de mil quilômetros de distância...		
138	(09:57) – Laurimar Legal ((aparece escrito: diretor do Museu	(09:57) – Imagem de um senhor a frente da ossada da baleia	(09:57) – Trilha
139	de Santarém)): o que se tem notícia no mundo é a primeira	Aparece escrito: Laurimar Legal - diretor do Museu de Santarém	branca
140	vez que uma baleia... chega... a nadar... essa quantia de		
141	quilometro...		
142	(10:08) – <i>Off</i> José Raimundo: seguimos viagem... é mesmo	(10:08) – Imagens do rio	(10:08) – Trilha
143	um oceano de água doce...		branca
144	(10:18) – José Raimundo: olhando assim não dá para anotar	(10:18) – Imagens de José Raimundo e ao fundo imagem do rio. A imagem vai se distanciando e aparece José Raimundo, em pé, no barco em meu ao Amazonas	(10:18) – Trilha
145	direito... mas aqui a correnteza é muito mais forte.... estamos		branca
146	na garganta do Amazonas... em território brasileiro... na parte		
147	MAIS estreita do rio... e a parte mais estreita... nas dimensões		
148	desse gigante... tem quase... dois quilômetros de largura... mil		
149	e oitocentos metros... pra ser exato... a profundidade é o dobro		
150	da média de toda a extensão... passa dos cem metros...		
151	(10:46) – <i>Off</i> Chico José: na maior parte dos sete mil	(10:46) – Imagens de um rio	(10:46) – Trilha
152	quilômetros que percorremos:... as margens do rio Amazonas	Aparece escrito: Rio Ucayali em seguida são apresentadas diferentes imagens	branca
153	e seus afluentes... são preservadas... o rio Ucayali do Peru é		
154	cheio de canais e igarapés... é o habitat natural... de um animal		
155	que também existe na Amazônia brasileira... o bicho		
156	preguiça... eles não se importam com a nossa presença... mas		

157	o animal mais famoso por aqui... é outro... não tão simpáticos	do rio seu canais e	
158	como as preguiças... é a temida... anaconda...	animais existentes ali Aparece a imagem do bicho preguiça e a imagem de uma cobra	
159	(11:24) – Chico José: a série anaconda foi gravada para o	(11:24) – Imagem do	(11:24) –
160	cinema nessa região da Amazônia peruana... mas aqui... o	Chico José em frente	Trilha
161	bicho não é um terror... é quase um animal de estimação...	a um enorme tronco	branca
162	“Gerson”... vem cá... por favor... esse caboclo peruano... que	de árvore e uma	
163	mora na margem aqui do lago... perto do rio Ucayali... ele	cobra passando pelo	
164	quase que cria... as cobras aqui... ele matem elas presas e	seu pé	
165	quando vem alguém passando no rio e quer ver uma		
166	anaconda... ele mostra... é quase que a nossa sucuri...		
167	(11:53) – <i>Off</i> Chico: Gerson diz que no começo... tinha	(11:53) – Imagens	(11:53) –
168	medo... mas agora não... é como um animal do brejo... para	do Gerson pegando	Trilha
169	ele... um ganha pão... a beira do rio...	uma anaconda e enrolando em seu pescoço	branca
170	(12:05) – Chico: aqui começa a GRANDE planície	(12:05) – Imagem do	(12:05) –
171	amazônica... na união dos rios... Ucayali e Maranó...	Chico José a bordo	Trilha
172	descemos desde a nascente do alto da Cordilheira dos Andes...	de um barco, nas	branca
173	à cinco mil e trezentos metros de altitude... atravessamos a	águas de um rio	
174	Amazônia Peruana e estamos chegando a Iquitos... aonde a		
175	altitude é de apenas cem metros... em relação ao nível do		
176	mar...		
		(12:27) – Imagens de um centro de uma cidade, movimentada	(12:27) – Trilha branca
177	(12:30) – <i>Off</i> Chico: Iquitos... é a maior cidade da Amazônia	(12:30) – Imagens da	(12:30) –
178	peruana... viveu dias de crescimento econômico... durante o	cidade de Iquitos	Trilha
179	ciclo da boRRACHA... no início do século passado... até		branca
180	hoje... Iquitos... não tem ligação rodoviária com outras		
181	cidades peruanas... mas as águas do Amazonas vão nos levar		

182	ao Brasil... é pra LÁ que vamos seguir... na nossa longa		
183	travessia...		
		(12:59) – 13:05 – Imagens do barco navegando nas águas do rio Amazonas	(12:59) – Trilha branca
184	(13:06) – Sérgio Chapelin: so-fis-ticação... luxo e riqueza no	(13:06) – Imagem de	(13:06) –
185	meio da mata... as relíquias do ciclo da borracha... e a árvore	Sérgio Chapelin no	Trilha
186	da vida... a gigante da floresta... daqui a pouco...	estúdio e atrás dele imagens de um palácio luxuoso.	branca
		(13:17) – Imagens da logomarca do programa	(13:17) – Vinheta do programa
<u>Segundo Bloco</u>			
187	(13:27) – <i>Off</i> José Raimundo: médio Amazonas... região do	(13:27) – Imagens de	(13:27) –
188	Paritins... é nesta área... que o rio exhibe toda a sua grandeza...	um rio. aparece no	Trilha
189	é onde ele corre na sua parte mais larga de sua calha... dez	canto da tela o	branca
190	quilômetros... de uma margem a outra... e quanto mais	logomarca do	
191	avancamos... mais exuberante é a paisagem... chegamos ao	programa Globo	
192	coração da Amazônia brasileira... mil trezentos e cinquenta	Natureza	
193	quilômetros... é a distância deste ponto... até a foiz...		
194	(13:57) – José Raimundo: estamos onde o Amazonas muda de	(13:57) – Imagem de	(13:57) –
195	nome... daqui em diante... rio acima... ele passa a se chamar...	José Raimundo a	Trilha
196	rio Solimões... até deixar o Brasil... e é nessa área... o gigante	bordo de um barco.	branca
197	mais uma vez... mostra a sua força... ele não deixa que suas	Aparece escrito na	
198	águas barrentas... se misturem com as águas do rio negro...	tela: José Raimundo – Rio Solimões	
199	(14:18) – <i>Off</i> José Raimundo: são os rios que descem da	(14:18) – Imagens	(14:18) –
200	cordilheira e trazem as águas barrentas... cheias de segmento...	do rio	Trilha
201	AS do rio Negro... são como chá de folhas... é que as águas	(14:54) – Imagens de	branca
202	escuras vêm dos recantos mais escondidos da floresta... e bem	um porto	
203	perto do famoso encontro das águas... fica uma das principais		
204	idades da bacia amazônica... estamos che-gando a Manaus...		

205	o porto da capital amazonense... é o mais movimentado do		
206	Norte... no passado... daqui saia à borracha que o Brasil		
207	exportava até meados do século vinte... segundo este		
208	historiador... o cais de um quilometro e meio... invadiu o rio...		
209	foi construído em cima de uma praia...		
210	(15:13) – José Raimundo: quer dizer que toda essa área aqui	(15:13) – Imagens de	(15:13) –
211	foi aterrada? era ainda um rio?	José Raimundo e o	Trilha
		historiador Antônio	branca
		Loureiro no cais do	
		porto	
212	(15:15) - Antônio Loureiro ((historiador)): sem dúvida	(15:15) – Imagem do	(15:15) –
213	nenhuma... era uma praia de areia branca... igual ao da Ponta	historiador e de	Trilha
214	Negra... uma baía de areia branca... onde saia três igarapés	costas o José	branca
215	grandes... e também tiveram as suas... regiões finais	Raimundo	
216	aterradas...	Aparece na tela	
		escrito: Antônio	
		Loureiro –	
			
217	(15:32) – <i>Off</i> José Raimundo: é uma época de muita	(15:32) – Imagens	(15:32) –
218	migração... quarenta por cento dos habitantes de Manaus...	do centro de Manaus	Trilha
219	eram estrangeiros... a capital do Amazonas já foi a cidade		branca
220	mais cosmopolita do Brasil...		(sobe som)
221	(15:46) – José Raimundo: na Manaus... no começo do século	(15:46) – Imagem de	(15:46) –
222	vinte... não havia material... nem mão de obra especializada...	José Raimundo em	Trilha
223	capaz de erguer um prédio... com esse nível de sofisticação...	frente a uma	branca
224	por isso a alfandega foi construída em Londres e transportada	construção histórica	
225	em navios... chegou desmontada como um quebra-cabeça...		
226	até os tijolos... vieram de lá...		
227	(16:10) – <i>Off</i> José Raimundo: a borracha chegou a representar	(16:10) – Imagens de	(16:10) –
228	quarenta por cento das exportações brasileiras... e o dinheiro...	operários em uma	Trilha

229	e a tanta riqueza... trouxe a sofisticação para o meio da selva...	fábrica de borracha	branca
230	o TEATro Amazonas é o símbolo da posteridade daquela	Aparece escrito:	
231	época... foi construído em mil oitocentos e noventa e seis...	Arquivo	
232	com tudo o que havia de mais requintado... lustre de cristal...	(16:26) – aparece	
233	pisos de madeira nobre... mármore... tecidos finos...	imagens de um teatro	
234	(16:50) – Otoni Mesquita / historiador: que era para mostrar a	(16:50) – Imagem do	(16:50) –
235	vitória do homem sobre a natureza... né... que era a	historiador Otoni,	Trilha
236	dificuldade de dominar essa região...	dentro do teatro. Aparece escrito na tela: Otoni Mesquita - historiador	branca
		(16:56) – Imagem do teto do teatro girando e indo para a imagem do rio Amazonas	(16:56) – Trilha branca (sobe som)
237	(17:03) – Chico José: durante cinco dias... este bote de	(17:03) – Imagem de	(17:03) –
238	madeira coberto de palha... vai ser a nossa casa... estamos	Chico José em um	Trilha
239	entrando... na reserva Pacaya Samyria... uma das mais	bote de madeira em	branca
240	importante da Amazônia peruana... pela riqueza de fauna que	meio ao rio Amazonas	
241	existe aqui...	Aparece escrito na tela: Chico José – Amazônia Peruana	
242	(17:21) – <i>Off</i> Chico José: navegamos por rios... de águas	(17:21) – Imagens do rio e imagem de tartarugas e aves	(17:21) –
243	escuras... nas margens... as aves vão aparecendo... esta... é a	Aparece escrito: Reserva Pacaya Samyria, Peru	Trilha
244	caça real e seu curioso... bico azulado... o atento gavião carra-	Vão aparecendo	branca
245	pateiro... parte da floresta... está alagada... aqui a caça é	imagens de acordo com as falas	(sobe som)
246	tranquilo até o entardecer... dez horas... sem pisar em terra		
247	firme...		

248	(18:13) – Chico José: não é um hotel cinco estrelas... mas é	(18:13) – Imagem de	(18:13) –
249	onde vamos passar a noite... cortar o mato aqui... amarrar uma	Chico José e um dos	Background
250	rede de uma árvore pra outra... e os mosquitos já estão	guias cortando o	(facão
251	pegando logo na chegada... imagina durante toda a noite...	mato da floresta	cortando o
252	pelo menos estamos em terra firme agora...		mato)
253	(18:35) – <i>Off</i> Chico José: no nosso grupo temos duas peruanas	(18:35) – Imagem	(18:35) –
254	entre os guias que cuidam de tudo...	dos guias estendendo	Trilha
		redes entre as	branca
		árvores	
255	(18:42) – Chico José: a () está dizendo... que vamos passar	(18:42) – Imagem do	(18:42) –
256	bem essa noite... e que a Dona Ester... é cozinheira... e ela	Chico José	Trilha
257	trouxe umas panelas ali... e vamo até ter direito a uma	segurando uma rede,	branca
258	comidinha quente a esta noite....	ajudando os guias	
		em seguida imagem	
		de uma das guias	
		segurando uma	
		panela	
259	(18:54) – <i>Off</i> Chico José: ela faz macarrão com molho de	(18:54) – Imagens da	(18:54) –
260	galinha... no fogão improvisado do acampamento... estamos	guia cozinhando no	Trilha
261	todos famintos... depois de um dia inteiro no barco...	chão da floresta em	branca
		seguida imagem de	
		todos da equipe de	
		jornalismo e os guias	
		comendo	
262	(19:04) – Chico José: e aí dona Ester... vai dar para todo	(19:04) – Imagem do	(19:04) –
263	mundo?	Chico José, em pé,	Trilha
		segurando um prato,	branca
		ao lado da guia que	
		está cozinhando	
264	(19:07) – Ester: sim	(19:07) – Imagem do	(19:07) –
		Chico José, em pé,	Trilha
		segurando um prato,	branca
		ao lado da guia que	
		está cozinhando	

265	(19:12) – <i>Off</i> Chico José: nove e quinze da noite... é hora de	(19:12) – Imagens	(19:12) –
266	dormir...	do céu, escuro, e uma bela lua cheia	Trilha branca (sobe som)
267	(19:17) – Chico José: agora mergulhar aqui... mudar de roupa	(19:17) – Imagem do Chico José, em frente a uma cabana improvisada	(19:17) – Trilha branca
268	e durmi... boa noite...		
		(19:24) – Imagens de Chico José entrando na cabana, em seguida a imagem do céu com a lua cheia e a passagem da noite para o dia	(19:24) – Trilha branca
269	(19:42) – <i>Off</i> Chico José: os pássaros aproveitam o	(19:42) – Imagens de pássaros nas árvores	(19:42) – Background (pássaros cantando) em seguida Trilha branca
270	amanhecer... para se alimentar nas árvores... esse... de penas		
271	pretas e amarelas... é um Jabu...		
272	(20:05) – Chico José: nessa etapa da viagem... em todos os	(20:05) – Imagem do Chico José	(20:05) – Trilha branca
273	lugares onde paramos para acampar... banho... só no rio... a	banhando-se no rio	
274	água é fria... mas o calor dessa região... se torna agradável...		
275	vocês devem estar pensando... e os bichos? os animais que		
276	vivem no rio? piranhas... jacarés... serpentes estão por aí... por		
277	toda a parte... mas o equilíbrio... da natureza nessa região... é		
278	tão forte... tão completo... que os animais não atacam... e		
279	também deve ser muito raro... alguém vir nadar nessa área da		
280	floresta...		

281	(20:49) – Chico José: é uma selva úmida... e alagada em	(20:49) – Imagens de	(20:49) –
282	alguns trechos... no alto de outra árvore próxima... avistamos	pássaros e da selva	Trilha
283	uma cigana... a ave que também existe na Amazônia		branca
284	brasileira...		
285	(21:09) – Guia: por que em as alas... tenem unas garras.. parte	(21:09) – Imagens	(21:09) –
286		do guia na floresta	Trilha
			branca
287	(21:14) – <i>Off</i> Chico José: as garras... os filhotes dessa ave...	(21:14) – Imagem do	(21:14) –
288	tem as garras... como as aves pré-históricas... tinham... a	guia falando sobre a	Trilha
289	milhares de anos... elas utilizam estas garras para subir nas	ave Cigana em	branca
290	árvores... mais adiante... encontramos o giGANte da floresta...	seguida a imagem da	
291	uma árvore... que os índios peruanos chamam... de árvore da	ave	
292	vida...	(21:35) – Imagem do	
		Chico José em frente	
		a uma enorme árvore	
293	(21:42) – Chico José: esta é o que se pode chamar realmente...	(21:42) – Imagem do	(21:42) –
294	de árvore gigantesca... e secular.... olha a largura do tronco	Chico José em frente	Trilha
295	dessa árvore... e olhando pra cima... não dá pra ver o topo... é	a uma enorme árvore	branca
296	uma prova de que os madeireiros... não conseguiram chegar		
297	ainda até aqui... é a mata nativa preservada...		
298	(22:07) – <i>Off</i> José Raimundo: e quando o homem não	(22:07) – Imagem de	(22:07) –
299	interfere... ou se afasta da área que foi desmatada... em	uma construção	Trilha
300	pouco... tempo a floresta tenta retomar o seu lugar... alguns	abandonada em meio	branca
301	anos depois... ela sobe pelas paredes... estamos na vila	a floresta	
302	Caricatuba... perto de Manaus...		
303	(22:23) – José Raimundo: o curioso... na verdade é o	(22:23) – Imagem de	(22:23) –
304	revestimento natural de parede... vejam oh:... a árvore está uns	José Raimundo	Trilha
305	cinco metros mais ou menos... e as raízes... descem... toda	andando entre a	branca
306	essa altura... procurando água lá embaixo...	construção	
		abandonada e a	
		árvore	
307	(22:41) – <i>Off</i> José Raimundo: o velho casarão... é uma	(22:41) – Imagem de	(22:41) –
308	herança da época em que os coronéis da borracha...	um velho casarão	Trilha
309	esbanjavam dinheiro... era uma hospedaria de luxo... para	entre as árvores	branca

310	acolher os estrangeiros... que visitavam a Amazônia... foi		
311	abandonado... a cerca de vinte anos...		
312	(22:56) – José Raimundo: as suítes do casarão... os aposentos	(22:56) – Imagem de	(22:56) –
313	amplos e confortáveis... foram divididos... e viraram... celas	José Raimundo	Trilha
314	de presidiários considerados... perigosos... num outro	dentro do casarão	branca
315	momento... elas serviram de isolamento para as vítimas de		(sobe som)
316	rancenise... todo o material de construção... foi importado... os		
317	tijolos... vieram... de Portugal... e vejam aqui... os azulejos...		
318	nas soleiras das portas... olha só que luxo.... São Francês...		
319	(23:37) – Sergio Chapelin: curiosos... cabeludos e	(23:37) – Imagem de	(23:37) –
320	barrigudos... os primatas que escaparam dos traficantes... e	Sergio Chapelin no	Trilha
321	uma aldeia... onde as crianças não falam português... veja a	estúdio e atrás dele	branca
322	seguir...	imagens que serão	(baixo som)
		apresentadas no	
		próximo bloco	
		(23:45) – Imagens da	(23:45) –
		logomarca do	Vinheta do
		programa	programa
Terceiro Bloco			
323	(23:59) – <i>Off</i> José Raimundo: partindo de Manaus em direção	(23:59) – Imagens	(23:59) –
324	a triplice fronteira... o Amazonas corta a parte mais densa da	do rio Amazonas	Trilha
325	floresta... sobreVOANDO a região do alto Solimões... dá pra	vista do alto	branca
326	perceber... que pelo menos aqui... a selva ainda está		
327	praticamente intacta...		
328	(24:22) – José Raimundo: estamos há seiscentos quilômetros	(24:22) – Imagem de	(24:22) –
329	de Manaus na região de Tem Fé... onde o Solimões... nos	José Raimundo	Trilha
330	meses de cheia... inunda mais de oitenta quilômetros de	sobrevoando o rio	branca
331	floresta... exatamente nesta área... estação ecológica de	Amazonas	
332	Marimau...	Aparece escrito no	
		canto da tela: José	
		Raimundo - aparece	
		escrito: Rio	
		Solimões	
333	(24:37) – <i>Off</i> José Raimundo: a reserva abriga mais de	(24:37) – Imagens de	(24:37) –

334	setecentas espécies de animais... é o maior ou o mais completo	pássaros	Trilha
335	santuário da fauna brasileira... mais adiante se chega ao Juruá	sobrevoando o rio,	branca
336	um dos grandes afluentes do Solimões... um rio... cheio de	em seguida a	
337	histórias misteriosas...	imagem do Juruá	
338	(25:00) – José Raimundo: Foz do Juruá... e a ilha da	(25:00) – Imagem de	(25:00) –
339	consciência... ali na frente... sabe por que esse nome? era uma	José Raimundo em	Trilha
340	recomendação aos aventureiros que se arriscavam... por essas	um barco, apontando	branca
341	bandas do Solimões... se for entrar: é melhor deixar a	para a Foz do Juruá	
342	consciência: na boca do rio... por que daqui pra frente... tudo		
343	pode acontecer... SALve-se quem puder... era assim mesmo		
344	antigamente... e hoje...		
345	(25:33) – <i>Off</i> José Raimundo: hoje subir o Juruá... ainda é	(25:33) – Imagem do	(25:33) –
346	uma aventura perigosa... arriscamos assim mesmo... e	rio Juruá	Trilha
347	avancamos rio acima...	Aparece escrito no	branca
		canto da tela: Rio	(sobe som
		Juruá	nas pausas
			da fala)
348	(25:50) – <i>Off</i> José Raimundo: tudo corria bem... mas di	(25:50) – Imagem do	(25:50) –
349	repente...	motor da lancha	Background
			(motor
			falhando)
350	(25:58) – José Raimundo: que barulho estranho... danado... e	(25:58) – Imagens	(25:58) –
351	agora? o que será de nós? pelo amor de Deus... tem gasolina?	do Piloto e José	Background
		Raimundo olhando	(motor
		para o motor da	falhando)
		lancha	
352	(26:11) – <i>Off</i> José Raimundo: o motor parou de funcionar... e	(26:11) – Imagem do	(26:11) –
353	nem o piloto... sabe o que fazer...	piloto olhando para o	Trilha
		motor da lancha	branca
354	(26:15) – Piloto: daqui a gente não sai não... até porque eu não	(26:15) – Imagem do	(26:15) –
355	entendo da máquina...	piloto sentado na	Background
		lancha conversando	
		com José Raimundo	
356	(26:20) – José Raimundo: E agora?	(26:20) – Imagem do	(26:20) –

		piloto sentado na lancha conversando com José Raimundo	Background
357 (26:21) – Piloto: Agora ahh... vamo passa o rio... passa		(26:21) – Imagem do piloto sentado na lancha conversando com José Raimundo	(26:21) – Background
358 [			
359 (26:26) – José Raimundo: deixar a correnteza levar um		(26:26) – Imagem do piloto sentado na lancha conversando com José Raimundo	(26:26) – Background
360 pouquinho...			
361 (26:27) – Piloto: fica por conta da correnteza...		(26:27) – Imagem do piloto sentado na lancha conversando com José Raimundo	(26:27) – Background
362 (26:32) – <i>Off</i> José Raimundo: na verdade a correnteza aqui é		(26:32) – Imagens do rio com pouca correnteza	(26:32) – Trilha branca
363 mais lenta ainda... por que nós estamos... eh:: o que eles			
364 chamam aqui de pulo...			
365 (26:41) – José Raimundo: é um atalho do Solimões... que		(26:41) – Imagem de José Raimundo sentado na lancha parada	(26:41) – Trilha branca
366 atravessa... a ilha da consciência... é tão pouca velocidade...			
367 que não dá nem pra... pra ir procurar a consciência de volta...			
368 aquela que a gente deixou... lá na boca do rio...			
369 (26:59) – <i>Off</i> José Raimundo: haja paciência... agora é torcer		(26:59) – Imagem da lancha para no meio do rio	(26:59) – Trilha branca
370 para que alguma embarcação apareça...			
371 (27:06) – José Raimundo: até ()... dá umas duas horas e meia		(27:06) – Imagem da lancha para no meio do rio e imagem do motor do barco	(27:06) – Trilha branca
372 daqui... no mínimo...			
373 (27:14) – <i>Off</i> José Raimundo: já nos preparávamos para uma		(27:14) – Imagem de José Raimundo e o piloto olhando para o rio	(27:14) – Trilha branca
374 noite à deriva... quando surgiu um barco de passageiros...			
375 quatro horas depois...			
376 (27:22) – Piloto: () tá na escuta...		(27:22) – Imagem do	(27:22) –

		piloto falando no rádio	Trilha branca
377 (27:26) – Piloto do outro barco: OK... Prossiga... ((aparece 378 escrito: - OK, prossiga!))		(27:26) – Imagem de um outro barco vindo em direção a lancha	(27:26) – Trilha branca
379 (27:27) – <i>Off</i> José Raimundo: e na aproximação... fizemos um 380 contato pelo rádio...		(27:27) – Imagem do barco vindo em direção a lancha	(27:27) – Trilha branca
381 (27:31) – Piloto do outro barco: fala que eu estou na escuta...		(27:31) – Imagem do barco vindo em direção a lancha Aparece escrito na tela: Fala que eu estou na escuta.	(27:31) – Trilha branca
382 (27:33) – José Raimundo: oi meu amigo... eh: Zé 383 Raimundo... tudo bem?		(27:33) – Imagem de José Raimundo falando no rádio	(27:33) – Trilha branca
384 (27:37) – Piloto do outro barco: ok... tranquilo... tou te 385 ouvindo... pode falar...		(27:37) – Imagem do barco vindo em direção a lancha Aparece escrito na tela: - Ok, tranquilo, estou te ouvindo, pode falar!	(27:37) – Trilha branca
386 (27:40) – José Raimundo: escuta... eu sei que você está 387 carregado de passageiro aí... mais... seria possível rebocar... 388 essa voadeira aí... até a próxima comunidade aí...		(27:40) – Imagem de José Raimundo falando no rádio	(27:40) – Trilha branca
389 (27:49) – Piloto do outro barco: daqui a pouco... o pessoal 390 pega vocês aí e bota na comunidade para aguardar socorro... 391 que vocês vão buscar... ok...		(27:49) – Imagem do barco passando pela lancha Aparece escrito: Daqui a pouco, o pessoal pega vocês	(27:49) – Trilha branca

		ai e bota na comunidade para aguardar socorro, que vocês vão buscar	
392	(27:58) – José Raimundo: ok... ok...	(27:58) – Imagem de uma outra lancha(voadeira) se aproximando	(27:58) – Trilha branca
393 394	(28:00) – <i>Off</i> José Raimundo: deu certo... o comandante do barco... mandou uma voadeira... para rebocar a nossa lancha...	(28:00) – Imagem de uma outra lancha(voadeira) se aproximando	(28:00) – Trilha branca
395	(28:06) – José Raimundo: muito obrigado... viu...	(28:06) – Imagem da outra lancha encostando na lancha da equipe de jornalismo	(28:06) – Trilha branca
396 397	(28:08) – Um dos rebocadores: OK... senhor... vamos lá... vocês são os hospedes... dos anjos da guarda...	(28:08) – Imagem da outra lancha encostando na lancha da equipe de jornalismo	(28:08) – Trilha branca
398 399	(28:13) – <i>Off</i> José Raimundo: dá sorte não pudemos reclamar... achar soCOorro... num lugar como este...	(28:13) – Imagem da voadeira puxando a lancha	(28:13) – Trilha branca
400 401 402 403 404 405	(28:21) – <i>Off</i> Chico José: na Amazônia Peruana... viajamos na outra direção... descemos até uma pequena cidade... a margem do rio... a cidade que leva o nome... de Francisco de Orellana... o conquistador espanhol... que foi o primeiro a percorrer o grande rio... um feito memorável... entre os anos de mil quinhentos e quarenta e um... e quarenta e dois...	(28:21) – Imagem de um barco navegando Aparece escrito na tela: Amazônia Peruana Aparece imagem de um monumento em uma pequena cidade	(28:21) – Trilha branca
406	(28:51) – Chico José: para não ser esquecido por esta e pelas	(28:51) – Imagem de	(28:51) –

407	futuras gerações... foi erguido um monumento... em	Chico José em frente	Trilha
408	homenagem a Orellana... no centro da cidade... é uma forma	ao Monumento da	branca
409	de lembrar para sempre que o descobridor do rio Amazonas...	cidade de Orellana	
410	passou por aqui...	Aparece escrito na tela: CHICO JOSÉ – Francisco de Orellana, Peru	
411	(29:08) – <i>Off</i> José Raimundo: nossa viagem avança por águas	(29:08) – Imagens de	(29:08) –
412	brasileiras dos Solimões... as fronteiras com o Peru e a	um barco navegando	Trilha
413	Colômbia... não estão muito longe...	Aparece escrito: Rio Solimões	branca
414	(29:18) – José Raimundo: nós estamos chegando numa	(29:18) – Imagem de	(29:18) –
415	comunidade... conhecida por vendaval... na verdade... é uma	José Raimundo	Trilha
416	aldeia indígena... uma das MAIS antigas aldeia... do povo de	sentado em um	branca
417	Kunã... nós vamos desembarcar aqui... pra conhecer um	lancha percorrendo	
418	pouco... como vivem esses índios dessa região...	um rio com diversas casa a sua beira	
419	(29:39) – <i>Off</i> José Raimundo: sen-sação de liberdade... o rio é	(29:39) – Imagens de	(29:39) –
420	parceiro até na hora de brincar...	crianças brincando no rio	Trilha branca
421	(29:46) – Voz de um índio: ()	(29:39) – Imagem de um índio dentro de uma sala de aula e José Raimundo ao lado	(29:39) – Trilha branca
422	(29:47) – Vozes de crianças: () ((repetindo o que o índio	(29:47) – Imagem de um índio dentro de uma sala de aula e José Raimundo ao lado	(29:47) – Trilha branca e vozes de criança repetindo o que o índio falou
423	falou))		
424	(29:48) – <i>Off</i> José Raimundo: na escola... as crianças...	(29:48) – Imagem de	(29:48) –

425	primeiro aprendem o idioma dos pais...	crianças sentadas e desenhando	Trilha branca
426	(29:54) – José Raimundo: como é obrigado nesse idioma?	(29:54) – Imagem de José Raimundo frente a sala de aula e olhando para o índio(professor) 	(29:54) – Trilha branca
427	(29:56) – Índio: (moessi)	(29:56) – Imagem da sala de aula	(29:56) – Trilha branca
428	[		
429	(29:57) – Crianças: (moessi) ((e as crianças repetem: moesi))	(29:57) – Imagem das crianças desenhando	(29:57) – Trilha branca
430	(29:58) – José Raimundo: (moessi)	(29:58) – Imagem das crianças desenhando	(29:58) – Trilha branca
431	[		
432	(29:59) – Crianças: (moessi) ((e as crianças repetem))	(29:59) – Imagem das crianças desenhando	(29:59) – Trilha branca
433	(30:00) – <i>Off</i> José Raimundo: falar português aqui... só	(30:00) – Imagem do professor recolhendo	(30:00) – Trilha branca
434	quando já estão crescidos... na roça eles plantam mandioca...	a atividade realizada	
435	no forno a lenha... torram a farinha... é pra comer... e pra	pela crianças e	
436	vender também... mas a base da alimentaÇÃO está no rio... os	seguida aparece a	
437	xigunas são bons pescadores... e como vivem em harmonia	imagem de crianças	
438	com a natureza... SoliMÕES... nunca deixa faltar peixe na	colhendo mandioca	
439	aldeia...	As imagens vão aparecendo de acordo com a fala de José Raimundo	
440	(30:31) – José Raimundo: a origem da etnia é esse igarapé...	(30:31) – Imagem de	(30:31) –

441	que fica a dois quilômetros da aldeia... diz uma lenda	José Raimundo	Trilha
442	indígena... durante uma pescaria dos deuses da natureza... em	andando a beira do	branca
443	VEIZ de peixe... veio gente no anzol... teria nascido assim os	rio em seguida	
444	primeiros Xingus...	imagem de uma índia dando banho em uma criança a beira do rio	
		(30:48) – Imagens percorrendo um rio	(30:48) – Trilha branca
445	(30:55) – Chico José: estamos há uns seis quilômetros de	(30:55) – Imagem de	(30:55) –
446	distância da fronteira com o Brasil... mas aqui... já navegamos	Chico José em frente	Trilha
447	entre dois países... de um lado a Colômbia... do outro o Peru...	ao rio	branca
448	o rio é a divisa entre as duas nações...		
449	(31:16) – <i>Off</i> Chico José: vamos conhecer um centro de	(31:16) – Imagens de	(31:16) –
450	recuperação de primatas... no Parque Nacional Amakayako...	macaquinhos brincando	Trilha branca
451	(31:26) – Chico José: o refúgio de primatas vem na margem	(31:26) – Imagem de	(31:26) –
452	do rio Amazonas... animais resgatados do tráfico de animais	Chico José no	Trilha
453	silvestres... são trazidos para cá... e aqui... eles são	Parque Nacional	branca
454	recuperados... filhotes como este... começam a ter contato	Amakayako	
455	com a natureza... ele está aprendendo... a viver na selva...		
456	(31:43) – <i>Off</i> Chico José: os macacos vivem soltos... nesta	(31:43) – Imagem de	(31:43) –
457	área da floresta colombiana...	um macaquinha na árvore	Trilha branca (sobe som)
458	(31:50) – Chico José: e eles são assim... oh: cheio de	(31:50) – Imagem de	(31:50) –
459	liberdade...	Chico José com um macaquinha em sua cabeça	Trilha branca
460	(31:53) – <i>Off</i> Chico José: o biólogo explica que todos foram	(31:53) – Imagem do	(31:53) –
461	salvos do tráfico...	biólogo com um	Trilha

		macaquinho na cabeça	branca
462	(31:58) – Chico José: esse aqui oh: agora resolveu pegar o	(31:58) – Imagem de	(31:58) –
463	equipamento...	um macaquinho subindo pelas pernas de um cinegrafista	Trilha branca
464	(32:02) – Biólogo: parece que	(32:02) – Imagem de	(32:02) –
465	[	um macaquinho subindo pelas pernas de um cinegrafista	Trilha branca
466	(32:03) – Chico José: ele vai operar	(32:03) – Imagem de	(32:03) –
467	[	um macaquinho subindo pelas pernas de um cinegrafista	Trilha branca
468	(32:04) – Biólogo: éh... éh... um auxiliar	(32:04) – Imagem de	(32:04) –
469	[	um macaquinho subindo pelo corpo cinegrafista	Trilha branca
470	(32:06) – Chico José: é um auxiliar técnico... exatamente	(32:06) – Imagem de	(32:06) –
471	isso...	um macaquinho no ombro do cinegrafista	Trilha branca
472	(32:09) – <i>Off</i> Chico José: o macaco de cheiro... é muito	(32:09) – Imagem de	(32:09) –
473	curioso...	um macaquinho no ombro do cinegrafista	Trilha branca
474	(32:13) – Chico José ((perguntando a um integrante da equipe	(32:13) – Imagem de	(32:13) –
475	de jornalismo)): como é que tá de áudio aí... com esse macaco	um macaquinho no ombro do cinegrafista	Trilha branca
476	ai no seu ombro?		
477	(32:18) – Um dos integrantes da equipe: ()? ((risos))	(32:18) – Imagem do macaquinho segurando o fio do microfone e	(32:18) – Trilha branca

		escalando até o topo	
478	(32:19) – Chico José: vai subindo o microfone ele... olha lá...	(32:19) – Imagem do	(32:19) –
479	vai escala	macaquinho	Trilha
480	[	segurando o fio do	branca
		microfone e	
		escalando até o topo	
481	(32:24) – Um dos integrantes da equipe: ()...	(32:24) – Imagem do	(32:24) –
		macaquinho	Trilha
		descendo do	branca
		microfone	
482	(32:30) – Chico José: Ahn... agora estamos com problemas de	(32:30) – Imagem do	(32:30) –
483	áudio... ((risos))	macaquinho	Trilha
		descendo do	branca
		microfone	
484	(32:36) – <i>Off</i> Chico José: o macaco cabeludo... é outro alvo...	(32:36) – Imagens de	(32:36) –
485	por causa do pelo valioso no mercado do tráfico... este	uma macaco maior e	Trilha
486	outro... é um filhote de barrigudo... que foi salvo BEM	bem peludo em	branca
487	pequeno... quando estava sendo levado... para o comércio	seguida a imagem do	
488	ilegal... o administrador do centro... resume... o que é o	administrador do	
489	trabalho de reabilitação dos primários...	Parque com um	
		macaco em seu	
		ombro	
490	(32:59) – Administrador ((voz narrando)): este lugar é uma	(32:59) – imagem do	(32:59) –
491	oportunidade a mais pra que estes macacos voltem a ser	administrador do	Trilha
492	macacos de verdade...	Parque com um	branca
		macaco em sua	
		cabeça	
493	(33:10) – <i>Off</i> Chico José: e pelo... visto disposição por aqui...	(33:10) – Imagem de	(33:10) –
494	NÃO falta...	macacos brincando	Trilha
			branca
			(sobe som)
495	(33:22) – Sergio Chapelin: o encontro nas águas... nossas	(33:22) – Imagem de	(33:22) –
496	equipes comemoram... juntas o fim da mais longa expedição	Sergio Chapelin no	Trilha
497	ao rio Amazonas... veja a seguir...	estúdio e ao fundo	branca e

	imagem dos repórteres se encontrando	vinheta do programa
	(33:32) – Imagens da logomarca do programa	(33:32) – Vinheta do programa
Quarto Bloco		
498 (33:41) – <i>Off</i> José Raimundo: o Alto dos Solimões... é uma 499 das regiões mais despovoada do Brasil... há municípios onde a 500 densidade demográfica... não passa de um habitante por 501 quilometro quadrado... talvez por isso... esta seja uma das 502 principais portas de entrada no Brasil... para o tráfico 503 internacional de drogas... neste posto de fronteira em Santo 504 Antônio do Sá... apenas dez policiais... trabalham para vigiar 505 uma das áreas mais perigosa da Amazônia... são duas 506 lanchas... com pouca autonomia... para percorrer mais de 507 quinhentos quilômetros de rio... calcula-se... que as 508 apreensões de drogas... não cheguem a dez por cento... do 509 volume que entra por aqui...	(33:41) – Imagens de um rio em seguida a imagem de José Raimundo sentado em um barco (33:57) – Imagens de policiais em um porto (34:22) – Imagem de um barco policial percorrendo o rio	(33:41) – Trilha branca (sobe som)
510 (34:29) – José Alberto Bahiano (policial federal): cada 511 apreensão que a gente realiza... pra gente... é uma satisfação 512 muito grande... porque tem certeza que essa substância não 513 chegou no grande centro... pra destruí alguns familiares... 514 algumas famílias...	(34:29) – Imagem de José Raimundo sentado no barco, conversando com um policial sentado em outro barco. Aparece escrito: JOSÉ ALBERTO BAHIANO – policial federal	(34:29) – Trilha branca
515 (34:42) – <i>Off</i> Chico José: depois de viajar milhares de 516 quilômetros desde as nascentes... até a foz do rio Amazonas... 517 o nosso encontro... é na tribo sem fronteira...	(34:42) – Imagens do rio	(34:42) – Trilha branca (sobe som)
518 (34:54) – <i>Off</i> Chico José: entre o Brasil... Colômbia e Peru...	(34:54) – Imagem de	(34:54) –

		um mapa destacando o ponto de encontro entre Brasil, Colômbia e Peru	Trilha branca (sobe som)
519	(34:58) – <i>Off</i> Chico José: é lá que o balão do Globo	(34:58) – Imagem do	(34:58) –
520	Natureza... vai marcar o fim da nossa expedição... no ponto	balão Globo	Trilha
521	exato do encontro dos três países...	Natureza sendo colocado no rio	branca (sobe som)
522	(35:06) – <i>Off</i> Chico José: de acordo com uma convenção	(35:06) – Imagem de	(35:06) –
523	internacional... quando os países se encontram no LEIt do	um mapa destacando	Trilha
524	rio... as fronteiras ficam na parte mais profunda do local	Brasil e Peru, em seguida a explicação sobre o encontro das águas através de desenho	branca (sobe som)
525	(35:18) – <i>Off</i> Chico José: ... e como as águas do Amazonas...	(35:18) – Imagem de	(35:18) –
526	sempre busca novos caminhos... o ponto eXATO... muda com	um barco navegando	Trilha
527	frequência...	próximo ao balão do Globo Natureza	branca (sobe som)
528	(35:25) – Chico José: a fronteira que tá ali na bóia... hoje... ela	(35:25) – Imagem de	(35:25) –
529	pode se afastar mais quanto metros dali... quando tá muito	um capitão frente ao	Trilha
530	cheio... por exemplo... pra mais ou pra menos?	rio	branca
531	(35:34) – Carlos Amorim da Silva ((capitão dos portos)): pra	(35:34) – Imagem de	(35:34) –
532	uma mais... hoje ela pode chegar até uns cem metros...	um capitão frente ao	Trilha
533	cinquenta metros... dependendo da situação do rio...	rio Aparece escrito: CARLOS AMORIM DA SILVA – capitão dos portos	branca
534	(35:42) – Chico José: finalmente... nós estamos chegando ao	(35:42) – Imagem de	(35:42) –
535	local do encontro das duas equipes na tribo fronteira... já	um barco navegando	Trilha
536	pudemos até manter contato... por rádio... com a equipe de	o rio e a imagem de	branca
537	José Raimundo... você já tá me ouvindo Zé?	Chico José com um rádio na mão em	

		seguida a imagem de um outro barco com José Raimundo, também com um rádio na mão	
538	(35:53) – José Raimundo: oi Chico... tô te ouvindo sim... tô te	(35:53) – Imagem de José Raimundo	(35:53) –
539	escutando bem... já estamos perto então... né?	falando no rádio	Trilha branca
540	(35:59) – Chico José: É:: estamos perto e eu já tenho até o	(35:59) – Imagem de Chico José falando no rádio	(35:59) –
541	visual bem da cidade de ()... estamos nos aproximando ainda	De acordo com a fala aparece a imagem do	Trilha branca
542	em águas colombiana... mas daqui a pouco estaremos ai perto	balão do Globo	
543	de você e do Brasil... o ponto de encontro pelo que me	Natureza	
544	consta... é uma boia que tem ai... não é isso?		
545	(36:16) – José Raimundo: isso... é uma boia do Globo	(36:16) – Imagem de José Raimundo	(36:16) –
546	Natureza... do projeto Globo Natureza... nós estamos aqui... já	falando no rádio e	Trilha branca
547	perto de Tabatinga... Chico... é:: mas não dá pra ver o seu	em seguida aparece a	
548	barco ainda não... acredito que mais alguns minutos de	imagem do balão do	
549	navegação... já vai dar pra avistar a embarcação...	Globo Natureza	
		(36:34) – Imagem das duas embarcações chegando ao ponto de encontro, próximos ao balão do Globo Natureza	(36:34) – Trilha branca
550	(36:40) – José Raimundo: olá Chico...	(36:40) – Imagem de José Raimundo acenando para o barco que se aproxima	(36:40) – Trilha branca
551	(36:43) – <i>Off</i> ((voz desconhecida)): e logo os dois se	(36:43) – Imagem do	(36:43) –

552	aproximam...	barco de José Raimundo se aproximando do barco de Chico José	Trilha branca
553	(36:46) – Chico José: e aí Zé... finalmente em... então vem pra	(36:46) – Imagem de Chico José acenando para o barco de José Francisco	(36:46) – Trilha branca
554	cá pra confraternizar... aqui pra trás é mais amplo...		
555	(36:54) – José Raimundo: sua casa parece ser mais	(36:54) – Imagem de José Raimundo em seu barco	(36:54) – Trilha branca
556	confortável do que a minha...		
557	(36:57) – Chico José: é: é verdade... mas nós só pegamos esse	(36:57) – Imagem de José Raimundo encostando no barco de Chico José	(36:57) – Trilha branca
558	barco bom assim no fim da viagem... antes a gente ando de		
559	canoa... andooo éh: todo tipo de embarcação... até rafthing nós		
560	fizemos... entra aí... cuidado aí... pra não escorrega... vem cá...	Em seguida José Raimundo subindo no barco de Chico José	
561	bota o pé aí e pula pra cá... aeeee... Zé...		
562	(37:21) – José Raimundo: valeu...	(37:21) – Imagem dos dois jornalistas no barco de Chico José se abraçando	(37:21) – Trilha branca
563	(37:22) – Chico José: Ae... FINALMENTE... tá um BAiano...	(37:22) – Imagem dos dois jornalista abraçados	(37:22) – Trilha branca
564	saiu de Pernambuco pra... ah:: pra Bahia...		
565	(37:28) – José Raimundo: como é que foi sua aventura por aí?	(37:28) – imagem dos dois jornalistas abraçados e andando dentro do barco	(37:28) – Trilha branca
566	(37:30) – Chico José: foi... foi maravilhosa... um pouco	(37:30) – imagem dos dois jornalistas abraçados e andando dentro do barco	(37:30) – Trilha branca
567	cansativa... né... mais finalmente chegamos... ()...		

568	(37:37) – José Raimundo: valeu Chico...	(37:37) – imagem dos dois jornalistas fora do barco se abraçando	(37:37) – Trilha branca
569	(37:38) – Chico José: valeu Zé...	(37:38) – imagem dos dois jornalistas fora do barco se abraçando	(37:38) – Trilha branca
570	(37:39) – José Raimundo: uma alegria grande...	(37:39) – imagem dos dois jornalistas caminhando	(37:39) – Trilha branca
571	(37:40) – Chico José: pra mim também... pra todos nós... só	(37:40) – imagem das duas embarcações no meio do rio	(37:40) – Trilha branca
572	tava esperando esse momento...		
573	(37:46) – Sergio Chapelin: as organizações Globo divulgaram	(37:46) – Imagem de Sergio Chapelin no estúdio e ao fundo logomarca do programa	(37:46) – Trilha branca
574	nesta semana um documento com os princípios editoriais em		
575	vigor... de seus produtos jornalísticos... presentes em todas as		
576	mídias... é o con-junto de posturas e procedimentos exigido de		
577	todos os profissionais do grupo... para a produção... de um		
578	jornalismo de qualidade... o documento aborda... não apenas		
579	os critérios... e métodos aplicados para assegurar a isenção... a		
580	correção e a agilidade do trabalho jornalístico... mas		
581	também... a conduta de todos os seus profissionais devem		
582	ter... em suas relações com as fontes... o público... e os		
583	veículos para os quais trabalham... você pode ver a íntegra do		
584	documento... no site do Globo Repórter... no endereço		
585	gl.com.br/globoreporter... fique agora com mais um capítulo		
586	di o Astro... a sua novela das onze... boa noite... tenham um		
587	bom fim de semana... e até a próxima sexta...		
		(38:50) – Imagem de diversos pontos apresentados na reportagem aparece	(38:50) – Música do Globo Natureza

	na tela os créditos finais	
--	-------------------------------	--

ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA: CÂMERA RECORD

Câmera Record – As maravilhas do Tocantins – Exibido em: 05/10/2012

Transcrição		Vídeo/Imagens	Música
1	(00:01) – <i>Off</i> Marcos Hummel: natureza em estado bruto...	(00:01) – Imagens da natureza; animais selvagem (vão aparecendo de acordo com a fala de Marcos Hummel	(00:01) – Trilha branca
2	será que a vida selvagem pode mesmo ser domesticada?		
3	(00:12) – Morador de Tocantins: vem calanguinho... vem cá...	(00:12) – Imagem do morador chamando calanguinho.	(00:12) – Trilha branca
4	rapaz...		
5	(00:14) – <i>Off</i> Marcos Hummel: asas... e cascos postos a	(00:14) – Imagem de pássaros voando e de um jacaré e uma tartaruga.	(00:14) – Trilha branca
6	prova...		
7	(00:21) – Heleine Heringer: é muito saborosa... ela assou na	(00:21) – Imagens de uma tartaruga assada e a repórter Heleine provando um pedaço da carne de tartaruga	(00:21) – Trilha branca
8	gordura.. ()		
9	(00:27) – <i>Off</i> Marcos Hummel: bichos de pele grossa...	(00:27) – Imagens de animais, de pessoas e rios.	(00:27) – Trilha branca
10	homens de pele gasta... sobreviventes de pele vermelha... um		
11	espetacular encontro de Amazônia de Pantanal e cerrado num		
12	mesmo endereço... que Brasil é esse? você vai desvendar		
13	conosco a partir de agora...		
14	(00:57) – <i>Off</i> Heleine Heringer: um paraíso inexplorado.... de	(00:57) – Imagens vão aparecendo de acordo com a fala da repórter.	(00:57) – Trilha branca
15	rio de águas quentes e limpas... que abrigam jacarés... e		
16	botos... tartarugas e ariranhas... antas... e pássaros... muitos		
17	pássaros... um lugar... onde a natureza... é protegida pelo		
18	homem...		
19	(01:36) – Heleine Heringer: que narizinho gelado...	(01:36) – Imagens da	(01:36) –

		repórter Heleine segurando um tamanduá.	Trilha branca
20 21 22 23 24 25 26	(01:38) – <i>Off</i> Heleine Heringer: vamos agora... em busca dos moradores... que vivem isolados na floresta... e das plantas e bichos que fazem desta terra uma das mais exuberantes do planeta... a seca e as queimadas castigam o estado do Tocantins... que vê este pueirão... nem:: imagina:: as belezas que se escondem nessas terras... a placa avisa... vamos entrar agora num paraíso ecológico... o parque do Cantão...	(01:38) – Imagens vão aparecendo de acordo com a fala da repórter.	(01:38) – Trilha branca
27 28 29 30 31	(02:18) – Heleine Heringer – o parque do Cantão... tem mais de oitocentos lagos que vão formando... olha aqui... canais como este e ilhas praticamente inexploradas... refugio perfeito para os animais... e é este paraíso que nós vamos conhecer agora...	(02:18) – Imagens da repórter saindo do carro e vai se aproximando e mostrando a ilha que se encontra naquele local. No canto superior da tela aparece o logotipo do programa e escrito: Heleine Heringer – Caseara - TO 	(02:18) – Background
		(02:36) – Imagens da repórter entrando em uma lancha em seguida já navegando sob o rio.	(02:36) – Trilha branca
32 33 34	(02:38) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a impressão é que estamos entrando num imenso oásis... mesmo com a seca estas águas garantem vida exuberante por aqui... os pássaros aproveitam a	(02:38) – Imagens da lancha navegando e a repórter apontando	(02:38) – Trilha branca

35	fresca da manhã pra desfilas na beleza do rio...	para as paisagens. Em seguida aparece imagens de pássaros voando.	
36 37	(02:58) – Heleine Heringer: me sinto... assim... privilegiada de tá... amanhecendo num lugar como esse... o nascer do sol...	(02:58) – Imagens da repórter a borda da lancha, apontando para as paisagens. 	(02:58) – Background
38 39 40 41 42 43	(03:11) – <i>Off</i> Heleine Heringer: temos que navegar vinte quilômetros rio acima... de repente uma movimentação na água... algo grande aparece perto de nosso barco... mas logo desaparece... mais uma vez... é a barbatana de um boto... os botos são mamíferos e vivem em bando... macho e fêmea formam um casal e ficam juntos a vida inteira...	(03:11) – Imagens da lancha navegando o rio. Em seguida as imagens vão aparecendo de acordo com a fala da repórter.	(03:11) – Trilha branca
44 45 46 47 48	(03:43) – Heleine Heringer: nessa parte... na época da seca... o rio fica muito raso... aqui olha... tem entre quinze e vinte centímetro só... de profundidade... os barcos correm o risco de encalhar... nós vamos assim... com mais quanto... Leonardo... uns cinquenta metros?	(03:43) – Imagens da repórter na lancha em e duas pessoas, puxando a lancha, uma em cada ponta, pois é um trecho onde rio é muito raso.	(03:43) – Trilha branca (Som baixo)
49	(04:02) – Leonardo: ()	(04:02) – Imagens da repórter na lancha em e duas pessoas, puxando a lancha, uma em cada ponta, pois é um trecho onde rio é muito raso.	(04:02) – Background

50	(04:05) – Heleine Heringer: duzentos metros... até conseguir	(04:05) – Imagens da	(04:05) –
51	alcançar a parte mais profunda do rio novamente...	repórter na lancha em e duas pessoas, puxando a lancha, uma em cada ponta, pois é um trecho onde rio é muito raso.	Trilha branca (Sobe som)
		(04:12) – Imagens da repórter na lancha em e duas pessoas, puxando a lancha, uma em cada ponta, pois é um trecho onde rio é muito raso.	(04:12) – Trilha branca
52	(04:17) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e o barqueiro corre perigo...	(04:17) – Imagens da	(04:17) –
53	ele se arrisca a pisar nas arraias... que ficam escondidas na	repórter na lancha em e duas pessoas, puxando a lancha, uma em cada ponta, pois é um trecho onde rio é muito raso. Em seguida	Trilha branca
54	areia do rio...	imagens de arraias	
55	(04:25) – Heleine Heringer: arraia... machuca... mesmo?	(04:25) – Imagem da repórter segurando o microfone e entrevistando um barqueiro.	(04:25) – Trilha branca
56	(04:27) – Manoel Coelho (barqueiro): Machu/ não... ela não	(04:27) – Imagem da	(04:27) –
57	só machuca... como fura... diz que se não fizer feito na	repórter segurando o microfone e	Trilha branca
58	roupa... não foi arraia... né...	entrevistando um	

		barqueiro. Em seguida imagem só do barqueiro e aparece no canto superior da tela o logotipo do programa e escrito: Manoel Coelho – barqueiro	
59	(04:33) – Heleine Heringer: tanta dor?	(04:33) – Imagem da repórter segurando o microfone.	(04:33) – Trilha branca
60	(04:34) – Manoel Coelho (barqueiro): tanta dor...	(04:34) – Imagem do barqueiro.	(04:34) – Trilha branca
61 62	(04:36) – <i>Off</i> Heleine Heringer: na areia mais pegadas... seguimos os rastros... são de tartaruga...	(04:36) – imagem de areia, com marcas.	(04:36) – Trilha branca
63 64 65 66	(04:42) – Heleine Heringer: a parte mais achatada... é do casco arrastando... e aqui... olha... o rabo... na época da reprodução elas procuram um lugar pra cavar... e deixar os ovos escondido sob a areia quente das praias secas...	(04:42) – imagem da areia com os rastros da tartaruga e a mão da repórter fazer o contorno dos rastros. Em seguida imagens de ovos e da tartaruga.	(04:42) – Trilha branca
67 68	(05:00) – Leonardo: ela coloca mais ou menos de cinquenta a oitenta ovos... elas botam... na mesma praia... sempre...	(05:00) – Imagem fechada na mão de um homem segurando um ovo e	(05:00) – Trilha branca

		vários ovos na areia.	
69	(05:07) – Heleine Heringer: tem uma tartaruguinha aqui	(05:07) – Imagem	(05:07) –
70	dentro... é... a casca é mole...	fechada na mão da repórter segurando um ovo.	Trilha branca
71	(05:10) – Leonardo: exatamente...	(05:10) – Imagem	(05:10) –
		fechada na mão da repórter segurando um ovo.	Trilha branca
72	(05:11) – Heleine Heringer: tem que tomar muito cuidado?	(05:11) – Imagem	(05:11) –
		fechada na mão da repórter segurando um ovo.	Trilha branca
73	(05:12) – Leonardo: tem que tomar cuidado... não pode	(05:12) – Imagem	(05:12) –
74	apertar nem nada... por que senão você deforma o crescimento	fechada na mão da repórter segurando um ovo.	Trilha branca
75	dela...		
76	(05:18) – Heleine Heringer: é mais molinha... eu vou por de	(05:18) – Imagem	(05:18) –
77	volta... isso não impede que elas nasçam né...	vai abrindo e aparece a repórter em uma das mãos segurando o ovo e na outra o microfone e ao lado dela duas pessoas. Todos ajoelhados na areia	Trilha branca
78	(05:24) – Leonardo: não... não... negativo...	(05:24) – Imagem da repórter colocando o ovo junto aos outros que estão na areia.	(05:24) –
			Trilha branca
79	(05:26) – Heleine Heringer: gente... que bunitinho... olha	(05:26) – Imagem	(05:26) –
80	aqui... óh... só aqui dá pra ver... um... dois... três... quatro...	dos ovos na areia e	Trilha
81	cinco... seis... sete... oito... nove... dez... e tem mais né... Leo...	imagem fechada na mão da repórter	branca

		apontando para os ovos.	
82	(05:35) – Leonardo: tem mais pra baixo... com certeza...	(05:35) – Imagem dos ovos em um buraco na areia.	(05:35) – Trilha branca
83 84 85	(05:39) – <i>Off</i> Heleine Heringer: na volta pra água... a tartaruga deixa um rastro diferente... sinal de que estava mais leve... depois da desova... a poucos metros... uma boa surpresa...	(05:39) – Imagem de rastros de tartaruga na areia em seguida imagens do rio	(05:39) – Trilha branca
86 87 88 89	(05:50) – Heleine Heringer: olha... o Fábio tá pegando uma tartaruga... acabou de pegar uma tartaruga... Fábio... traz ela aqui pra mim? olha... quanto tempo ela tem... mais ou menos? Quanto tempo?	(05:50) – Imagens de uma tartaruga no rio e um homem pegando-a. Em seguida caminha em direção a lancha onde está a repórter segurando um microfone. 	(05:50) – Trilha branca
90	(06:03) – Fábio: uns dois anos...	(06:03) – Imagem aberta da repórter na lancha e um homem, em pé, no lago segurando uma tartaruga.	(06:03) – Trilha branca
91 92 93	(06:04) – Heleine Heringer: é resultado... do que a gente acabou de ver ali... olha... ela sai e fica por aqui... né... ela volta sempre pro lugar onde ela nasceu...	(06:06) – Imagem da repórter passando a mão na tartaruga. A imagem vai fechando mostrando somente a mão do homem segurando a	(06:06) – Trilha branca

		tartaruga.	
94	(06:14) – Heleine Heringer: calma... eu já vou te soltar... só	(06:14) – Imagem	(06:14) –
95	pra te mostrar... tchau... ((riso))	da repórter pegando a tartaruga e virando para frente da câmera, tendo um enfoque somente para a tartaruga. Em seguida coloca a tartaruga na água.	Trilha branca (sobe som)
		(06:26) – Imagem da tartaruga na água. em seguida aparece um outro lugar com a imagem de um tamanduá	(06:26) – Trilha branca (sobe som)
96	(06:30) – <i>Off</i> Heleine Heringer: antes de seguir viagem... eu	(06:30) – Imagem de um tamanduá	(06:30) –
97	encontro um outro animal... também muito ameaçado... um	andando livremente.	Trilha branca
98	filhote de tamanduá...		
99	(06:39) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o bebê tem poucos meses de	(06:39) – Imagem de meio corpo de uma pessoa segurando um tamanduá filhote.	(06:39) –
100	vida... ainda se alimenta de leite e depende de carinho...		Trilha branca
101	(06:46) – <i>Off</i> Heleine Heringer: foi encontrado por este	(06:46) – Imagem de um homem segurando um tamanduá filhote e caminhando, se aproximando da câmera.	(06:46) –
102	bombeiro... que trabalha contra os incêndios no parque...		Trilha branca
103	(06:53) – Moisés Ferreira (Bombeiro): a mãe dela morta... ela	(06:53) – Imagem fechada do tamanduá no colo do bombeiro.	(06:53) –
104	agarrada... como bebê... agarrada no		Background
	[		

105	(06:58) – <i>Off</i> Heleine Heringer: um... hum... na mãe?	(06:58) – Imagem fechada do tamanduá no colo do bombeiro.	(06:58) – Background
106 107 108 109 110	(06:59) – Moisés Ferreira (Bombeiro): na mãe dela... e os urubu chegava com fome... pra come a mãe dela... e ela se mexia... com fome... quando a gente tiro... as garra dela tava na mãe dela... e aí quando a gente tiro ela começo a chora... choro sabe...	(06:59) – Imagem fechada do tamanduá no colo do bombeiro em seguida a imagem vai abrindo mostrando o rosto do bombeiro e o tamanduá no colo. Aparece no canto inferior o logotipo do programa e aparece escrito: Moisés Ferreira – bombeiro. Em seguida aparece a imagem da repórter no canto direito da tela, olhando para o bombeiro que segura o tamanduá.	(06:59) – Trilha branca
111	(07:17) – Heleine Heringer: faz barulhinho?	(07:17) – Imagem do bombeiro fazendo carinho no tamanduá.	(07:17) – Trilha branca
112 113	(07:18) – Moisés Ferreira (Bombeiro): faz um barulhinho até bom... um barulhinho de dá bastante pena...	(07:18) – Imagem do bombeiro fazendo carinho no tamanduá. A imagem vai se	(07:18) – Trilha branca

		fechando ficando somente o rosto do tamanduá	
114	(07:23) – <i>Off</i> Heleine Heringer: é uma fêmea.	(07:23) – Imagem fechada no rosto do tamanduá.	(07:23) – Trilha branca (sobe o som)
115 116 117 118	(07:26) – Heleine Heringer: vou tentar pegar... primeira vez que eu vejo um tamanduá... assim... tão de perto... imagina pegá no colo... olha que graça... ((risos)) gente... olha que gracinha... ela tem uma garra perigosa... mas não [	(07:26) – Imagem ainda fechada no tamanduá e os braços da repórter em direção ao tamanduá. A imagem vai abrindo e a repórter pega o tamanduá no colo.	(07:26) – Trilha branca
119 120	(07:45) – Moisés Ferreira (Bombeiro): ela não... não tem muita força...	(07:45) – Imagem da repórter com o tamanduá no colo e segurando uma de suas patas.	(07:45) – Trilha branca
121 122 123	(07:47) – Helene Heringer: ah:: ela pega... olha... que gracinha... que meiga... olha... ela tá curiosa... olha aqui... oh:: é ela... é ela que tá querendo pegar a minha mão... oh:	(07:47) – Imagem da repórter com o tamanduá no colo e segurando uma de suas patas.	(07:47) – Trilha branca
124 125	(07:58) – Moisés Ferreira (Bombeiro): sentiu mais contato com você...	(07:58) – Imagem fechada na mão da repórter e o tamanduá com suas garras segurando o seu dedo.	(07:58) – Trilha branca
126	(08:00) – Heleine Heringer: oh:: ela tá me cheirando...	(08:00) – Imagem	(08:00) –

127	((risos)) que narizinho gelado... gente que lindo isso... olha... é	fechada em metade	Trilha
128	um privilégio você poder ter um contato assim... com um	do rosto da repórter	branca
129	bicho... selvagem... que vai voltar pra mata um dia... mas eu	e o tamanduá com	(sobe som)
130	vou levar ela na lembrança... com certeza...	seu nariz encostado no rosto da repórter. A imagem vai se abrindo mostrando a repórter com o tamanduá no colo.	
		(08:26) – Imagem da repórter se abaixando com o tamanduá.	(08:26) – Trilha branca (sobe som)
131	(08:28) – <i>Off</i> Heleine Heringer: chega a hora da despedida... e	(08:28) – Imagem da repórter abaixada com o tamanduá cheirando o seu	(08:28) – Trilha branca (sobe som)
132	eu me emociono...	rosto.	
		(08:35) – Imagem fechada do rosto da repórter com o tamanduá cheirando e em seguida aparece a imagem da repórter na lancha, junto com duas pessoas navegando o rio.	(08:35) – Trilha branca (sobe som)
133	(08:36) – <i>Off</i> Heleine Heringer: voltamos para o rio...	(08:36) – Imagem da lancha navegando o rio.	(08:36) – Trilha branca (sobe som)
		(08:38) – Imagem da lancha navegando o rio.	(08:38) – Trilha branca

134	(08:42) – Heleine Heringer: bom... finalmente chegamos	(08:42) – Imagem do	(08:42) –
135	aqui... a ilha dentro do parque... onde fica seu Manoel gato...	barco parando na	Trilha
136	oi...	encosta do rio e a repórter se levantando e saindo do barco.	branca
		(08:50) – Imagem de uma casa em um barranco e a repórter indo em direção a ela.	(08:50) – Trilha branca (sobe som)
137	(08:53) – Manoel: oi...	(08:53) – Imagem de uma casa de madeira coberta de sapé. A repórter está ao lado e saiu um senhor se dentro dela.	(08:53) – Trilha branca
138	(08:54) – Heleine Heringer: tudo bom?	(08:54) – Imagem do senhor indo em direção a repórter	(08:54) – Background
139	(08:55) – Manoel: tudo bom...	(08:55) – Imagem da repórter dando a mão para o senhor (cumprimentando-o)	(08:55) – Background
140	(08:55) – Heleine Heringer: sou Heleine... vim visitar o	(08:55) – Imagem da repórter ao lado do senhor, com suas mãos no ombro dele.	(08:55) – Background
141	senhor...		
142	(08:58) – Manoel: aqui é Manuel Dias da Silva...	(08:58) – Imagem da repórter ao lado do senhor, com suas mãos no ombro dele.	(08:58) – Background
143	(08:59) – Heleine Heringer: é Manuel Dias da Silva? Esse ho/	(08:59) – Imagem da repórter ao lado do	(08:59) – Background
144	Manoel gato... por isso chamam Manuel gato... olho claro...		

145	parece olho de gato mesmo...	senhor, com suas mãos no ombro dele. Em seguida a imagem vai fechando no rosto do senhor.	
146	(09:06) – Manoel: pois é... bonito... né:	(09:06) – Imagem fechada no rosto do senhor e a mão da repórter em seu ombro.	(09:06) – Background
147 148	(09:07) – Heleine Heringer: é... dizem que o senhor hipnotiza animal?	(09:07) – Imagem fechada no rosto do senhor e a mão da repórter em seu ombro.	(09:07) – Background
149	(09:09) – Manoel: mais... monstro...	(09:09) – Imagem fechada no rosto do senhor e a mão da repórter em seu ombro.	(09:09) – Background
150	(09:10) – Heleine Heringer: é?	(09:10) – Imagem fechada no rosto do senhor e a mão da repórter em seu ombro.	(09:10) – Background
151	(09:14) – Manoel: tem que tá... junto com os animais...	(09:14) – Imagem vai abrindo no senhor, aparecendo meio corpo e no canto inferior da tela aparece o logotipo do programa e aparece escrito:	(09:14) – Background

	Manoel da Silva – morador.	
152 (09:15) – Heleine Heringer: é... né...	(09:15) – Imagem de meio corpo do senhor e no canto inferior da tela aparece o logotipo do programa e aparece escrito: Manoel da Silva – morador.	(09:15) – Background
153 (09:16) – Manoel: é... que já ()	(09:16) – Imagem de meio corpo do senhor e no canto inferior da tela aparece o logotipo do programa e aparece escrito: Manoel da Silva – morador.	(09:16) – Background
154 (09:19) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a prova logo aparece... um 155 calango se aproxima... e seu Manoel não tem dúvidas... 156 começa a conversar com ele...	(09:19) – Imagem de chão de terra ao redor da casa. Em seguida a imagem de um calango.	(09:19) – Trilha branca (sobe som)
157 (09:24) – Manoel: eh: vai pró sol... lá vem ele... () por que 158 você não vem pro sol?	(09:24) – Imagem do calango andando na terra ao redor da casa.	(09:24) – Trilha branca
159 (09:32) – <i>Off</i> Heleine Heringer: não é que o bicho parece 160 entender mesmo...	(09:32) – Imagem do calango andando na terra ao redor da casa.	(09:32) – Trilha branca
161 (09:34) – Manoel: vem calanguinho... vem cá... rapaiz... vem	(09:34) – Imagem do	(09:34) –

162	cá... anda... vem cá...	senhor chamando o calango. Em seguida imagem do calango andando.	Trilha branca (sobe som)
163	(09:40) – <i>Off</i> Heleine Heringer: seu Manoel diz que não faz	(09:40) – Imagem do	(09:40) –
164	mágica... tem setenta e cinco anos e sempre viveu por aqui...	senhor no meio da floresta, falando e apontando para as árvores.	Trilha branca
165	(09:49) – Manoel: o animal ele acostuma... ele acostuma com	(09:49) – Imagem	(09:49) –
166	a gente... pelo cheiro... pela estatura da pessoa ()...	aberta, o senhor conversando com a repórter em meio a floresta.	Trilha branca
167	(09:55) – <i>Off</i> Heleine Heringer: seu Manoel sai pela mata	(09:55) – Imagem da	(09:55) –
168	falando com os passarinhos...	beira rio, e um pássaro no galho de uma árvore Aparece escrito: produção Mariana Gomes. Em seguida a câmera se aproxima ficando em evidência o pássaro no galho da árvore beirando um rio.	Trilha branca
169	(09:59) – Manoel: não é ()... pegando os insetos que tá	(09:59) – Imagem de	(09:59) –
170	voando... comendo...	um pássaro em um galho de árvore a beira do rio.	Trilha branca
171	(10:04) – <i>Off</i> Heleine Heringer: logo adiante avistamos uma	(10:04) – Imagem de	(10:04) –
172	ariranha... brincando na margem do rio... as ariranhas se	uma ariranha	Trilha
173	encontram na lista dos animais em extinção... são a maior	brincando a margem	branca
174	espécie da família das lontras... cada bichinho desse pode	do rio.	(sobe som)
175	medir... quase dois metros de comprimento... o macho... maior	(10:22) – aparece	

176	que a fêmea... pode pesar até vinte e seis quilos...	escrito: imagens cedidas – Adriana Souza Luz	
177 178 179	(10:32) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a gestão dura até setenta dias e a aninhada pode trazer de um até cinco filhotes... um animal que encanta e se deixa encantar...	(10:32) – Imagem da ariranha brincando. Aparece um quadro no canto inferior esquerdo e escrito: 70 dias. Em seguida aparece um quadro no canto inferior esquerdo e escrito: 5 filhotes.	(10:32) – Trilha branca (sobe som)
180 181 182	(10:42) – <i>Off</i> Heleine Heringer: seu Manoel é um dos únicos moradores que permaneceram aqui... depois do lugar se tornar área de preservação...	(10:42) – Imagem do seu Manoel andando pela floresta. Em seguida imagem das ariranhas brincando.	(10:42) – Trilha branca (sobe som)
183 184	(10:51) – Manoel: amo a natureza... e parece que a natureza me ama... por que tudo gosta de...	(10:51) – Imagem do seu Manoel no meio da floresta.	(10:51) – Trilha branca
		(10:58) – Imagem do barco navegando o rio.	(10:58) – Trilha branca (Sobe som)
185 186 187	(10:59) – <i>Off</i> Heleine Heringer: saímos para mais uma expedição... dessa vez... a casa dos moradores está incravada numa ilha isolada...	(10:59) – Imagem do barco navegando o rio, e um dos tripulantes apontando para a paisagem	(10:59) – Trilha branca (Sobe som)
188 189 190	(11:11) – <i>Off</i> Heleine Heringer: os binóculos ajudam avistar aves exóticas numa árvore... é um bando de jacu cigano... eles são grandes... tamanho de uma galinha... e são pássaros que	(11:11) – Imagem fechada no barco e a repórter utilizando	(11:11) – Trilha branca

191	ruminam como os bois...	um binóculos. Em seguida aparece imagem de pássaros nas árvores.	
		(11:24) – Imagem de pássaros na árvore.	(11:24) – Trilha branca (sobe som)
192	(11:28) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mais de uma hora de barco...	(11:28) – imagem do barco se aproximando a margem do rio. Em seguida aparece a imagem de um macaquinho na árvore.	(11:28) – Trilha branca (sobe som)
193	rio acima... chegamos à única ilha habitada neste parque... o		
194	macaquinho prego... vem brindar a nossa chegada...		
195	(11:39) – <i>Off</i> Heleine Heringer: prá chegar até a casa de	(11:39) – Imagem da repórter caminhando em uma trilha junto com um guia.	(11:39) – Trilha branca
196	Levi... só com a ajuda mesmo de Leonardo... que conhece		
197	bem o caminho... é uma jornada de mais seis quilômetros...		
198	pela trilha...		
199	(11:51) – Leonardo: olha só que interessante... aqui... ó:: tem	(11:51) – Imagem do guia e a repórter no meio da trilha e apontando para uma palmeira. Em seguida a imagem fecha na palmeira.	(11:51) – Background
200	tocum... tocum é uma palmeira... que é muito utilizado pelos		
201	índios... pra caçar... eles usam o sistema de zarabatana... a		
202	onde eles colocam venenuzinho na ponta... da/da/desses		
203	espinhos...		
204	(12:08) – Heleine Heringer: () é bem pontiagudo... e é firme	(12:08) – Imagem da repórter pegando o espinho. Imagem fecha em sua mão.	(12:08) – Trilha branca (sobe som)
205	né...		
206	(12:12) – <i>Off</i> Heleine Heringer: até aqui... as árvores eram	(12:12) – Imagem da repórter caminhando em uma trilha junto	(12:12) – Trilha branca
207	típicas do cerrado... com galhos finos e retorcidos...		

		com um guia.	
208 (12:19) – Heleine Heringer: bom... nós estamos na mesma		(12:19) – Imagem da	(12:19) –
209 trilha... já está ficando pra traz o cerrado... é isso?		repórter e o guia em	Trilha
		meio a floresta.	branca
210 (12:23) – Leonardo: exatamente...		(12:23) – Imagem da	(12:23) –
		repórter e o guia em	Trilha
		meio a floresta.	branca
211 (12:24) – Heleine Heringer: árvores grandes como essa?		(12:24) – Imagem da	(12:24) –
		repórter colocando a	Trilha
		mão em um árvore.	branca
212 (12:26) – Leonardo: de maior espessura... né... e agora a gente		(12:26) – Imagem da	(12:26) –
213 começa a entra na floresta amazônica... na mudança do		floresta. Câmera	Trilha
214 bioma...		fecha no topo das	branca
		árvores e gira, dando	(sobe som)
		a sensação de estar	
		no meio dela.	
			
215 (12:34) – Heleine Heringer: gente que sen-sa-cio-nal...		(12:34) – Câmera	(12:34) –
		fechada no topo das	Trilha
		árvores e girando a	branca
		imagem.	
216 (12:34) – Leonardo: há diferença... tá vendo... não ti falei que		(12:34) – Câmera	(12:34) –
217 você sente...		fechada no topo das	Trilha
		árvores e girando a	branca
		imagem.	
218 (12:37) – Heleine Heringer: sen-sa-cio-nal...		(12:37) – Câmera	(12:37) –
		fechada no topo das	Trilha
		árvores e girando a	branca
		imagem.	
		(12:39) – Imagens da	(12:39) –
		repórter andando na	Trilha
		floresta.	branca

		(sobe som)
219 (12:42) – Heleine Heringer: na época da seca... a floresta fica 220 assim... olha... parece um bosque... mas dá uma olhada nestas 221 imagens... da época da cheia...	(12:42) – Imagens da repórter andando na floresta.	(12:42) – Trilha branca
222 (12:52) – <i>Off</i> Heleine Heringer: todo lugar fica 223 completamente alagado... a trilha que fazemos a pé passa a ser 224 feita de barco... uma imagem completamente diferente...	(12:52) – Imagens da floresta alagada.	(12:52) – Trilha branca
225 (13:03) – Leonardo: você está caminhando sete metros abaixo 226 da onde seria o nível da água...	(13:03) – Imagens da repórter e o guia caminhado na floresta.	(13:03) – Trilha branca
227 (13:08) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas voltamos a nossa trilha 228 seca... que ainda tem chão pela frente... uma merecida parada 229 pra matar a sede...	(13:08) – Imagens da repórter e o guia caminhado na floresta. Em seguida a imagem da repórter abaixada na beira de um rio.	(13:08) – Trilha branca
230 (13:19) – e no meio do mato uma árvore caída chama nossa 231 atenção...	(13:19) – Imagem de um tronco de árvore no chão.	(13:19) – Trilha branca
232 (13:21) – Heleine Heringer: olha Leo... o que que é isso?	(13:21) – Imagem da repórter e do guia na trilha. A repórter aponta para frente.	(13:21) – Trilha branca
233 (13:23) – Leonardo: então... isso aqui é uma/um tronco de 234 uma árvore seca... que é feito as canoas indígenas da região 235 aqui feito pelos ribeirinhos também... e só dá pra fazer com 236 madeira seca... madeira morta... porque se fizer com madeira 237 verde ela empena todinha...	(13:23) – Imagem da repórter e o guia caminhando em direção ao tronco de árvore caído. Aparece no canto inferior da tela o logotipo do programa e escrito:	(13:23) – Trilha branca

	Leonardo Azevedo - mateiro	
238 (13:40) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mais alguns quilômetros de 239 trilha... enfim chegamos à casa de seu Levi...	(13:40) – Imagem da repórter e o guia caminhando e chegando a um pequeno vilarejo. Aparece escrito: imagens José Roberto Straceri.	(13:40) – Trilha branca (sobe som)
240 (13:51) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a casa é humilde... de madeira 241 e coberta de sapé... encontramos dona Maria na horta... 242 colhendo temperos pra prepara o almoço...	(13:51) – Imagem de uma casa simples, em seguida aparece dona Maria em uma horta, colhendo temperos.	(13:51) – Trilha branca
	(13:56) – Imagens de uma cozinha rustica, fogão a lenha e legumes sendo picado.	(13:56) – Trilha branca (sobe som)
243 (14:00) – Heleine Heringer: oh:... dona Maria... o que vamos 244 ter pro almoço hoje?	(14:00) – Imagem de uma mão segurando um frango a beira de um fogão. A câmera abre mostrando a repórter ao lado de dona Maria em frente ao fogão a lenha.	(14:00) – Trilha branca
245 (14:04) – Dona Maria: frango 246 [	(14:04) – Imagem fechada em uma panela com frango dentro.	(14:04) – Trilha branca

247	(14:05) – Heleine Heringer: fran-go...	(14:05) – Imagem aberta na cozinha.	(14:05) – Trilha branca
248 249	(14:06) – Dona Maria: linguiça [	(14:06) – Imagem fechada em uma panela com linguiça dentro.	(14:06) – Trilha branca
250	(14:06) – Heleine Heringer: lin-guiça...	(14:06) – Imagem aberta na cozinha.	(14:06) – Trilha branca
251 252	(14:06) – Dona Maria: feijão [	(14:06) – Imagem fechada em uma panela com feijão.	(14:06) – Trilha branca
253	(14:07) – Heleine Heringer: fei-jão...	(14:07) – Imagem fechada em uma panela com feijão.	(14:07) – Trilha branca
254	(14:08) – Dona Maria: arroz... tomate...	(14:08) – Imagem fechada em uma panela com arroz.	(14:08) – Trilha branca
		(14:09) – A câmera percorre novamente as panelas, mostrando a comida.	(14:09) – Trilha branca
255 256 257	(14:14) – <i>Off</i> Heleine Heringer: dona Maria vive aqui isolada há mais de vinte anos... e mesmo doente não sai daqui por nada... a casa é simples... mas ela adora...	(14:14) – Imagem da dona Maria a beira de um fogão a lenha. Em seguida aparece imagem de uma cama com um gato em cima e o restante da cozinha.	(14:14) – Trilha branca
258	(14:24) – Heleine Heringer: aqui é o quarto... dona Maria?	(14:24) – Imagem da Dona Maria e a repórter entrando em	(14:24) – Background

	um cômodo cheio de roupas penduradas e uma rede. Aparece escrito: Maria Anastácio – moradora.	
259 (14:25) – Dona Maria: é o quarto... uma bagunça toda...	(14:25) – Imagem da Dona Maria e a repórter no quarto.	(14:25) – Background
260 (14:27) – Heleine Heringer: o-lha... essa aqui é a sua cama?	(14:27) – Imagem da Dona Maria e a repórter no quarto.	(14:27) – Background
261 (14:30) – Dona Maria: hum... hum...	(14:30) – Imagem da dona Maria e a repórter no quarto.	(14:30) – Background
262 (14:32) – Heleine Heringer: e essa rede aqui?	(14:32) – Imagem da repórter segurando a rede que está dentro do quarto e Dona Maria ao lado.	(14:32) – Background
263 (14:34) – Dona Maria: é porque quando eu adoeci não pude 264 mais dormir na cama...	(14:34) – Imagem da repórter segurando a rede que está dentro do quarto e Dona Maria ao lado.	(14:34) – Background
265 (14:35) – Heleine Heringer: ah é? 266 [	(14:35) – Imagem da repórter segurando a rede que está dentro do quarto e Dona Maria ao lado.	(14:35) – Background
267 (14:36) – Dona Maria: Éh::	(14:36) – Imagem da repórter segurando a rede que está dentro do quarto e Dona	(14:36) – Background

		Maria ao lado.	
268	(14:37) – Heleine Heringer: a senhora só dorme na rede	(14:37) – Imagem da	(14:37) –
269	agora? mas senhora acha a rede mais confortável?	repórter segurando a rede que está dentro do quarto e dona Maria ao lado.	Background
270	(14:41) – Dona Maria: pra minha doença... tá mais confortável	(14:37) – Imagem da	(14:37) –
271	do que a cama...	repórter segurando a rede que está dentro do quarto e dona Maria ao lado	Background
272	(14:44) – Heleine Heringer: posso senta aqui? posso deitar um	(14:44) – Imagem da	(14:44) –
273	pouquinho na sua cama?	repórter sentando na rede.	Background
274	(14:50) – Dona Maria: claro...	(14:50) – Imagem da repórter sentando na rede e Dona Maria segurando a rede.	(14:50) – Background
275	(14:52) – Heleine Heringer: gostoso né?	(14:52) – Imagem da repórter sentando na rede e dona Maria segurando a rede.	(14:52) – Trilha branca (sobe som)
		(14:53) – Imagem do seu Levi empurrando uma carriola no meio de uma trilha.	(14:53) – Trilha branca
276	(14:54) – <i>Off</i> Heleine Heringer: seu Levi está chegando da	(14:54) – Imagem do seu Levi empurrando uma carriola no meio de uma trilha.	(14:54) – Trilha branca
277	cidade... Ele fez o mesmo caminho que nós fizemos...		
278	(15:00) – Heleine Heringer: tá pesado isso aí? deixo ver...	(15:00) – Imagem da repórter indo em direção ao seu Levi e pegando a carriola.	(15:00) – Background

279	(15:02) – Levi: tó chegando da rua agora... () pesado...	(15:02) – Imagem da repórter levantando a carriola ao lado do seu Levi.	(15:02) – Background
280 281	(15:04) – Heleine Heringer: ai... pesado isso aqui em... quantos quilos mais ou menos?	(15:04) – Imagem da repórter segurando a carriola ao lado do seu Levi.	(15:04) – Background
282	(15:06) – Levi: eu acho uns trinta quilos...	(15:06) – Imagem da repórter segurando a carriola ao lado do seu Levi.	(15:06) – Trilha branca
283	(15:08) – Heleine Heringer: trinta quilos?	(15:08) – Imagem da repórter segurando a carriola ao lado do seu Levi.	(15:08) – Trilha branca
284 285 286	(15:12) – <i>Off</i> Heleine Heringer: dona Maria segue no preparo do almoço... e o seu Levi me leva pra conhecer o quintal privilegiado... dentro de uma reserva ecológica...	(15:12) – Imagem da senhora na cozinha, preparando o almoço. Em seguida a imagem do seu Levi no quintal da casa.	(15:12) – Trilha branca
287	(15:22) – Levi: ()	(15:22) – Imagens de um pé de pimenta em seguida do seu Levi caminhando pelo quintal.	(15:22) – Trilha branca
288	(15:25) – Heleine Heringer: e o senhor planta mandioca?	(15:25) – Imagem da repórter e do seu Levi em um racho de madeira coberto de sapé.	(15:25) – Trilha branca
289	(15:26) – Levi: planta.. () não dá pra compra tudo... né...	(15:26) – Imagem da	(15:26) –

290	não tem jeito...	repórter e do seu Levi em um racho de madeira coberto de sapé. Aparece no canto inferior da tela o logotipo do programa e escrito: Levi Anastácio – morador.	Trilha branca
		(15:31) – Imagem da margem de um rio.	(15:31) – Trilha branca
291	(15:33) – <i>Off</i> Heleine Heringer: um lago só pra eles na porta	(15:33) – Imagem da margem de um rio e a casa beirando a margem.	(15:33) – Trilha branca
292	de casa...	Aparece escrito: edição Márcia Regina Mama.	
293	(15:36) – <i>Off</i> Heleine Heringer: saímos para uma voltinha...	(15:36) – Imagem da repórter e do seu Levi remando um pequeno barco de madeira.	(15:36) – Trilha branca
294	(15:41) – Heleine Heringer: pra remar tem... tem alguma...	(15:41) – Imagem da repórter e do seu Levi remando um pequeno barco de madeira.	(15:41) – Trilha branca
295	alguma dica? como que eu faço?		
296	(15:50) – Levi: () mais pro meio...	(15:50) – Imagem fecha no remo da repórter e abre no seu Levi que mostra como sentar e	(15:50) – Trilha branca

		segurar o remo.	
297	(15:53) – Heleine Heringer: um pouquinho mais pro meio...	(15:53) – Imagem da	(15:53) –
298	se ela virá?	repórter sentando um	Trilha
		pouco mais para o	branca
		meio do barco.	
299	(15:57) – Levi: ela virá ()... vai molha nossa ropa...	(15:57) – Imagem da	(15:57) –
		repórter remando e	Trilha
		olhando para o seu	branca
		Levi que está	
		sentado atrás dela.	
300	(16:02) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a vida aqui parece andar num	(16:02) – Imagem	(16:02) –
301	ritmo mais devagar...	aberta do barco no	Trilha
		meio do rio.	branca
302	(16:08) – Heleine Heringer: agora remar assim dá uma calma	(16:08) – Imagem da	(16:08) –
303	né?	repórter e do seu	Trilha
		Levi remando	branca
		tranquilamente.	
304	(16:10) – Levi: é bem tranquilo...	(16:10) – Imagem da	(16:10) –
		repórter e do seu	Trilha
		Levi remando	branca
		tranquilamente.	
305	(16:15) – Heleine Heringer: acho que todo mundo que mora	(16:15) – Imagem da	(16:15) –
306	em cidade grande... tinha que passar por uma experiência	repórter e do seu	Trilha
307	dessa...	Levi remando	branca
		tranquilamente.	
308	(16:18) – <i>Off</i> Heleine Heringer: tão diferente da correria da	(16:18) – Imagens da	(16:18) –
309	cidade grande...	cidade grande.	Trilha
			branca
310	(16:23) – <i>Off</i> Heleine Heringer: seu Levi foi até cantor... mas	(18:23) – Imagem do	(18:23) –
311	largou tudo quando se apaixonou por dona Maria e veio morar	senhor, em seguida a	Trilha
312	aqui...	imagem da repórter e	branca
		senhor remando e a	
		imagem da dona	
		Maria cozinhando.	

313 (16:31) – Levi: lá na cidade grande a pessoa passa pela vida... 314 tanta correria... tanto engarrafamento... tanto isso... tanto 315 aquilo... e nada... tudo é correndo... enquanto... eu tô 316 vivendo...	(16:31) – Imagem da repórter e de seu Levi remando e conversando. 	(16:31) – Trilha branca
317 (16:45) – <i>Off</i> Heleine Heringer: remar é bom... mais dá 318 fome... e dona Maria logo aparece na janela pra avisar que o 319 almoço está pronto...	(16:45) – Imagem da repórter e do seu Levi remando. Em seguida aparece a imagem da senhora na janela da casa.	(16:45) – Trilha branca
320 (16:54) – Levi: vamo almoça gente... é hora de todo mundo 321 almoça... ok... fica parado ai... sem almoço...	(16:54) – Imagem de seu Levi e dona Maria, já com o prato feito na mão e a repórter se servindo nas panelas.	(16:54) – Trilha branca
322 (16:59) – Heleine Heringer: frango caipira é muito bom... se 323 for a lenha então da dona Maria... é uma delícia...	(16:59) – Imagem de Dona Maria, a repórter e seu Levi sentados em um banco e com o prato apoiado na perna, estão comendo.	(16:59) – Trilha branca
324 (17:07) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e é com essa comidinha 325 caseira... deliciosa que vamos nos lembrar dessa família 326 corajosa... que vivem aqui isolada... dentro de um paraíso 327 desfrutado por poucos...	(17:07) – Imagem fechada no prato com a comida. Em seguida a imagem abre em Dona Maria em pé na beira do fogão a lenha e depois a imagem de	(17:07) – Trilha branca

	seu Levi remando o barco.	
	(17:20) – Vinheta do Câmera Record	(17:20) – Vinheta do Programa Câmera Record
	<u>2º Bloco</u>	
328 (17:33) – Marcos Hummel: boa noite... o estado mais novo 329 do Brasil faz o encontro do Amazônia com o Pantanal e o 330 cerrado... uma riqueza natural que só é possível em um local 331 com tamanha diversidade... animais selvagem vivendo em 332 harmonia com os homens... índios que preservam a própria 333 cultura... e paisagens de tirar o fôlego... no Câmera Record de 334 hoje uma incrível jornada pelo Tocantins...	(17:33) – Imagem aberta de Marcos Hummel dentro do estúdio da emissora de televisão. Ele vem caminhando até o centro, entre as mesas e a imagem vai fechando em seu rosto. 	(17:33) – Trilha branca
	(18:00) – Imagem de um rio	(18:00) – Trilha branca
335 (18:04) – <i>Off</i> Heleine Heringer: eles moram na maior ilha 336 fluvial do mundo... um paraíso quase intocado...	(18:04) – Imagem de um pé caminhando pela areia, em seguida a vista, do alto, de uma ilha fluvial.	(18:04) – Trilha branca
337 (18:11) – <i>Off</i> Heleine Heringer: vivem da caça e da pesca... e 338 lutam para manter a cultura viva...	(18:11) – Imagem de índios com arco e flecha e outros em seus rituais de dança.	(18:11) – Trilha branca

339 (18:20) – <i>Off</i> Heleine Heringer: na culinária o prato 340 preferido... tartaruga na brasa...	(18:20) – Imagem de um índio andando e carregando uma tartaruga nos ombros.	(18:20) – Trilha branca
341 (18:25) – <i>Off</i> Heleine Heringer: nossa próxima parada aldeia 342 do Javaes...	(18:25) – Imagem do por do sol em seguida o rosto de uma índia com uma criança.	(18:25) – Trilha branca
343 (18:31) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a ilha do bananal tem vinte e 344 mil quilômetros quadrados... o tamanho do Estado de 345 Sergipe... fica a cinquenta quilômetros da cidade da Lagoa da 346 Confusão... o cerrado e a floresta amazônica se encontram 347 aqui... isolada pelas águas se torna refúgio para animais 348 selvagens e moradia de tribos indígenas...	(18:31) – Imagem de uma ilha, vista do alto. Aparece no canto esquerdo da tela uma parte do mapa do Brasil, Tocantins, destacando a Ilha do Bananal.	(18:31) – Trilha branca
349 (18:56) – Heleine Heringer: esse é o rio Javaé... do outro lado 350 é a ilha do bananal. uma área de preservação ambiental e por 351 isso é proibida a visitação... nós só vamos cruzar até a outra 352 margem do rio por que fomos convidados por moradores da 353 ilha... a tribo Javaé... uma oportunidade única pra conhecer a 354 maior ilha fluvial do mundo... quem vai nos guiar é o índio 355 Curiaúá... é a primeira vista ele não parece muito índio não... 356 faz questão de se vestir como homem branco... Curiaúá 357 sempre viveu na ilha do bananal... mas confessa que adora o 358 estilo e a música sertaneja...	(18:56) – Imagem da repórter a margem do rio. 	(18:56) – Trilha branca
359 (19:44) – Curiaúá: ((cantando)) mora aqui eu não posso mais 360 ficar... hoje mesmo vou deixar esta cidade... vou a procura 361 nem que for no mundo inteiro... de uma mulher que me ama 362 de verdade...	(19:44) – Imagem fechada no rosto do índio, só que está vestido de homem branco.	(19:44) – Trilha branca

363 (19:55) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas não demora e a 364 verdadeira alma de índio vai se revelando...	(19:55) – Imagem da repórter e o índio dentro do barco e navegando o rio.	(19:55) – Trilha branca
365 (20:03) – Curiauí: ((cantando)) ()	(20:03) – Imagem fechada no rosto do índio.	(20:03) – Trilha branca
366 (20:07) – <i>Off</i> Heleine Heringer: Curiauí vai nos mostrando os 367 animais da ilha... o veado campeiro passa apressado pelo 368 barranco...	(20:07) – Imagem do rio em seguida um veado no campo.	(20:07) – Trilha branca
369 (20:15) – Heleine Heringer: olha o ve-adinho...	(20:15) – Imagem de um barranco.	(20:15) – Trilha branca
370 (20:17) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o barranco se forma na época 371 da seca quando o nível do rio abaixa... a estiagem neste 372 inverno durou quatro meses... e o gado consegue até 373 atravessar o rio seco...	(20:17) – Imagem do rio e sua margem. Em seguida aparece a imagem de gados atravessando o rio.	(20:17) – Trilha branca
374 (20:31) – <i>Off</i> Heleine Heringer: já na época das chuvas oitenta 375 por cento da ilha ficam debaixo d'água... pra Curiauí águas 376 tão rasas se tornam um problemão... o barco fica preso na 377 areia...	(20:31) – Imagem área da ilha. Aparece escrito no inferior da tela: pós produção – Paulo Gouveia – Carlos Francisco.	(20:31) – Trilha branca
378 (20:45) – Heleine Heringer: esse é o perigo... agora vai ter que 379 empurrar...	(20:45) – Imagem da repórter e o índio no barco, conversando.	(20:45) – Trilha branca
	(20:50) – Imagem do índio descendo do barco para empurrar	(20:50) – Trilha branca
380 (20:58) – <i>Off</i> Heleine Heringer: somos cercados pelos 381 jacarés... mas estas águas escondem outros perigos...	(20:58) – Imagem do rio e aparece a cabeça de jacarés	(20:58) – Trilha branca
382 (21:04) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a arraia... elas podem chegar	(21:04) – Imagem de	(21:04) –

383 até cinco metros de comprimento... são perigosas e se	arraia no rio. aparece	Trilha
384 escondem na areia...	escrito no canto esquerdo da tela: 5 metros	branca
385 (21:12) – <i>Off</i> Heleine Heringer: Curiaú já sentiu a dor na	(21:12) – Imagem da	(21:12) –
386 própria pele...	repórter e o índio sentados no barco. A imagem fecha no pé do índio.	Trilha branca
387 (21:16) – Heleine Heringer: foi um ferimento grande?	(21:16) – Imagem fechada no pé do índio.	(21:16) – Background
388 (21:17) – Curiaú: foi...	(21:17) – Imagem fechada no pé do índio.	(21:17) – Background
389 (21:18) – Heleine Heringer: Como é que foi isso?	(21:18) – Imagem fechada no pé do índio.	(21:18) – Background
390 (21:20) – Curiaú: no começo esporo... né... parecendo aquela	(21:20) – Imagem	(21:20) –
391 esporadinha ()... né... doeu só um pititiquinho e depois... foi	fechada no pé do	Background
392 crescendo... crescendo... a dor foi aumentando e quando chega	índio.	
393 aqui não aguentei mais... comecei a chorar de dor...		
394 (21:33) – Heleine Heringer: e... o veneno faz o que?	(21:33) – A imagem abre na repórter que está sentada no barco e aponta para o pé do índio.	(21:33) – Background
395 (21:36) – Curiaú: faz que () corroi... né... corroi por	(21:36) – Imagem	(21:36) –
396 dentro...	fechada no pé do índio.	Background
397 (21:41) – <i>Off</i> Heleine Heringer: de repente Curiaú vê uma	(21:41) – Imagem do	(21:41) –
398 arraia exatamente no caminho do barco... arco e flecha na mão	barco navegando o	Trilha
399 e a pontaria é certa... mas ela ainda consegue descer rio	rio.	branca
400 abaixo... a atenção aumenta... a flecha mostra por onde ela		

401	vai...		
402	(22:00) – Heleine Heringer: ela tá viva ainda... vai tenta...	(22:00) – Imagem da repórter sentada no barco e apontando para o rio.	(22:00) – Trilha branca
403	flecha ela mais uma vez...		
404	(22:07) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e lá vai mais uma flechada...	(22:07) – Imagem do índio armando o arco e a flecha.	(22:07) – Trilha branca
405	pra provar que aqui não tem mentira de pescador... a imagem		
406	registra o feito inusitado...		
407	(22:24) – Heleine Heringer: o senhor tem pontaria em... olha...	(22:24) – Imagem da repórter o o índio na margem do rio, fora do barco e a arraia com a flecha em seu corpo.	(22:24) – Trilha branca
408	as duas flechadas no mesmo lugar...		
409	(22:32) – <i>Off</i> Heleine Heringer: Curiauí nos mostra a cauda	(22:32) – Imagem fechada na cauda da arraia.	(22:32) – Trilha branca
410	em forma de chicote... um enorme ferrão na ponta... venenoso		
411	esporão...		
412	(22:41) – Heleine Heringer: é um bicho bonito... mas	(22:41) – Imagem fechada na arraia. Em seguida a imagem vai abrindo e aparece a repórter abaixada ao lado da arraia.	(22:41) – Trilha branca
413	perigoso... eu até não posso chegar muito perto... porque...		
414	corro o risco dela me acertar justamente com esse esporão...		
415	olha... é isso que entra... dentro da pele... é interessante ver...		
416	que... o esporão... ele tem os espinhos... contrários... então ele		
417	entra... quando ele sai... ele sai rasgando... e deixa o veneno...		
418	esse veneno... que apodrece toda... a carne... em volta do		
419	ferimento...		
420	(23:30) – <i>Off</i> Heleine Heringer: temos que tomar cuidado... a	(23:30) – Imagem fechada da arraia.	(23:30) – Trilha branca
421	musculatura da arraia é muito forte... capaz de dar uma		
422	chicotada com o esporão...		
423	(23:37) – Heleine Heringer: olha... eu vou tentar chegar... aqui	(23:37) – Imagem fechada na cauda da arraia.	(23:37) – Trilha branca
424	perto... pra gente medir... o tamanho do esporão... aqui ó... ele		
425	deu mais ou menos este tamanho aqui... são... dez centímetros		
426	ó...		
427	(23:55) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o índio garante que a arraia	(23:55) – Imagem da repórter e o índio ao	(23:55) – Trilha
428	vai se recuperar do ferimento da flecha...		

	lada da arraia.	branca
429 (23:59) – Heleine Heringer: vamos devolver ela pra natureza?	(23:59) – Imagem fechada na arraia. Em seguida aparece ela já na água.	(23:59) – Trilha branca
	(24:05) – Imagem de pássaros sobrevoando o rio. Em seguida aparece o barco, onde está a repórter e o índio, navegando o rio.	(24:05) – Trilha branca (sobe som)
430 (24:11) – <i>Off</i> Heleine Heringer: de volta ao rio... logo 431 chegamos a aldeia Porto Velho.	(24:11) – Imagem do barco se aproximando da margem do rio.	(24:11) – Trilha branca
432 (24:16) – Heleine Heringer: chegar aqui... na tribo...	(24:16) – Imagem da jornalista descendo do barco	(24:16) – Trilha branca
	(24:20) – Imagem da repórter andando por uma trilha e subindo um barranco.	24:20) – Trilha branca
433 (24:24) – <i>Off</i> Heleine Heringer: casas de barro e de sapé se 434 misturam na paisagem seca...	(24:24) – Imagem de casas construídas de barro e sapé. Imagem de uma aldeia indígena	(24:24) – Trilha branca
435 (24:28) – <i>Off</i> Heleine Heringer: na aldeia o calor de mais de 436 cinquenta graus... faz os mais velhos se esconderem do sol... 437 as crianças só aprendem o português quando vão pra escola...	(24:28) – Imagem dos índios na beira de pequenos lagos em seguida aparecem os índios em baixo de árvores	(24:28) – Trilha branca

		e na aldeia	
438	(24:40) – <i>Off</i> Heleine Heringer: depois de uma breve	(24:40) – Imagem do	(24:40) –
439	caminhada... voltamos a beira do rio... Curiaúá logo chega	rio em seguida a	Trilha
440	com o almoço do dia...	imagem de um índio	branca
		trazendo uma	
		tartaruga	
		(24:50) – Imagem do	(24:50) –
		índio carregando a	Trilha
		tartaruga, descendo	branca
		do barco e	
		caminhando até a	
		aldeia	
441	(24:55) – <i>Off</i> Heleine Heringer: somente os índios podem	(24:55) – Imagem do	(24:55) –
442	pescar a tartaruga da Amazônia e só na quantidade necessária	índio com a tartaruga	Trilha
443	pra alimentar a tribo...	no braços,	branca
		caminhando até a	
		aldeia.	
444	(25:03) – a mais velha da aldeia é chamada pra preparar o	(25:03) – Imagem de	(25:03) –
445	prato pre-ferido do povo Javaé... as patas se mexem na medida	uma índia mais	Trilha
446	em que a carne vai cozinhando dentro do casco...	velha, com uma vara	branca
		na mão mexendo na	
		brasa no chão em	
		que está assando um	
		peixe sobre uma	
		grelha. Em seguida	
		aparece a imagem	
		fechada na tartaruga	
		sobre a grelha que	
		está assando.	
447	(25:17) – Heleine Heringer: eu não tô acostumada a vê uma	(25:17) – Imagem da	(25:17) –
448	cena dessa da tartaruga... né... ela ainda tá mexendo... agora	repórter falando no	Trilha
449	vocês já estão acostumados... isso faz parte da sua cultura...	microfone e ao lado	branca
		de um jovem.	
450	(25:28) – Kuruka Javaé (líder Indígena): é... exatamente... a	(25:28) – Imagem da	(25:28) –

451	gente tá acostumado... isso é normal... pra nós é normal... a	repórter segurando o	Trilha branca
452	necessidade memo de/de come... nós não pegamo a	microfone em	
453	tartaruga... mata e joga... não... nós pegamo ela justamente pa	direção ao jovem.	
454	cume né...	Aparece no canto superior da tela o logotipo do programa e escrito: Kuruka Javaé – líder indígena.	
455	(25:43) – <i>Off</i> Heleine Heringer: enquanto a carne assa... as	(25:43) – Imagem da	(25:43) – Trilha branca
456	mulheres se enfeitam... pintura de pele é tradicional entre os	tartaruga assando em	
457	indígenas...	seguida imagem das índias se pintando.	
458	(25:56) – <i>Off</i> Heleine Heringer: duas horas depois a tartaruga	(25:56) – Imagem da	(25:56) – Trilha branca
459	está pronta... o casco é quebrado com cuidado... para o	tartaruga na grelha.	
460	banquete... apenas uma esteira no chão... adultos e crianças se	Em seguida é	
461	reúnem para o momento esperado...	estendida uma esteira no chão e os índios se reúnem em volta dela.	
462	(26:07) – Heleine Heringer: tá cozida... tá gostosa?	(26:07) – Imagem	(26:07) – Trilha branca
		fechada na tartaruga sendo tirada a sua carne.	
463	(26:08) – Curiaúá: hum... tá (uili)... tá ()...	(26:08) – Imagem	(26:08) – Trilha branca
		fechada na tartaruga sendo tirada a sua carne.	
464	(26:12) – Heleine Heringer: bom... quero experimentar	(26:12) – Imagem	(26:12) – Trilha branca
465	então... como é que eu faço? eu vou pegar aqui... e já tá com	fechada na tartaruga	
466	um pouquinho de sal?	sendo tirada a sua carne. Em seguida a imagem abre na repórter abaixada e	

		pegando um pedaço da carne de tartaruga.	
467	(26:20) – Índia: tá... sal e ()...	(26:20) – Imagem dos índios e a repórter em voltada da tartaruga	(26:20) – Trilha branca
468 469 470 471 472 473 474 475	(26:25) – Heleine Heringer: é muito saborosa... ela assou na gordura... mesmo... ela foi... a gordura foi derretendo... é muito saborosa... é... uma carne... como se fosse uma carne de frango caipira... só que ainda com mais... sabor de... de gordura... um pouquinho de sabor de peixe... é gostoso... a carne é bem mais consistente do que de frango... mas é gostoso... vou pegar mais um pedacinho aqui... uma carne mais escura...	(26:25) – Imagem da repórter comendo a carne de tartaruga e outro índios em volta comendo também. A repórter está segurando o microfone em uma das mãos. 	(26:25) – Trilha branca
476	(27:05) – <i>Off</i> Heleine Heringer: sal é o único tempero...	(27:05) – Imagem das crianças comendo.	(27:05) – Trilha branca
477 478 479	(27:11) – <i>Off</i> Heleine Heringer: são apenas algumas horas na tribo... pouco tempo pra conhecer uma cultura tão diferente... os curumins vem dizer adeus...	(27:11) – Imagem aberta da aldeia, mostrando as crianças, as mulheres e os grupos indígenas	(27:11) – Trilha branca
480	(27:21) – Vozes de crianças e adultos: tchau... tchau...	(27:21) – Imagem de um grupo acenando.	(27:21) – Trilha branca
481 482 483	(27:23) – <i>Off</i> Heleine Heringer: uma tribo... que apesar das roupas de branco... luta pra manter a tradição milenar indígena...	(27:23) – Imagem de uma criança e uma mãe pintando o seu	(27:23) – Trilha branca

		braço.	
	<u>3º Bloco</u>		
484	(27:34) – Marcos Hummel: um lugar selvagem e também	(27:34) – Imagem	(27:34) –
485	domesticado... o jacaré atende o chamado do homem... e quem	aberto do estúdio,	Trilha
486	choca os ovos é o MACHO...	Marcos Hummel vem do fundo da sala caminhando até o centro, entre as mesas. A imagem se fecha em seu rosto.	branca
			
		(27:44) – Imagem de pássaros voando e animais andando em longo cerrado.	(27:44) – Trilha branca
487	(27:50) – <i>Off</i> Heleine Heringer: como é possível viver uma	(27:50) – Imagem de um servo em meio ao cerrado. Em seguida aparece a repórter próxima ao servo.	(27:50) – Trilha branca
488	cena dessa... chegar tão perto de um servo macho selvagem...		
489	(27:55) – Heleine Heringer: oi::	(27:55) – Imagem da repórter de frente para o servo.	(27:55) – Trilha branca
490	(28:00) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e a ema... maior ave do	(28:00) – Imagem de uma ema chocando ovos. Em seguida aparece a ema andando e a repórter pegando um ovo de ema na mão.	(28:00) – Trilha branca
491	Brasil... está chocando no ninho e permite que eu coloque a		
492	mão nos ovos...		
493	(28:08) – Heleine Heringer: hum... cuidado... é quentinho...	(28:08) – imagem da	(28:08) –

		repórter ajoelhada próxima do ninho e com um ovo na mão. Ao lado dela tem um homem.	Trilha branca
494	(28:13) – <i>Off</i> Heleine Heringer: como um jacaré gigante	(28:13) – Imagem de	(28:13) –
495	atende a batida das palmas da mão... bichos selvagens...	um rio e a cabeça de	Trilha
496	tratados como animais de estimação...	um jacaré para fora d'água. Em seguida imagem de mãos batendo palma, e de animais selvagem.	branca
497	(28:27) – <i>Off</i> Heleine Heringer: aqui no Câmera Record você	(28:27) – Imagem de	(28:27) –
498	já viu muita coisa estranha... uma gatinha carinhosa? não...	um gato e um urubu,	Trilha
499	olha só a estrela é o Zeca... um urubu de estimação... Nice é a	juntos e uma pessoa alimentando-os.	branca
500	dona dele...		
501	(28:43) – <i>Off</i> Heleine Heringer: aqui dona Zé passeia na rua	(28:43) – Imagem de	(28:43) –
502	com a jiboia Chica e não tem que não se assuste... aí...	uma jiboia, em seguida abre a imagem e a cobra está no ombro de uma senhora que passeia pelas ruas da cidade.	Trilha branca
503	(28:51) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e o que você diria de leões e	(28:51) – Imagem de	(28:51) –
504	tigres brincando com o Ariel e a Raquel? chega dá medo...	leões e tigres brincando com um	Trilha
505	não é mesmo?	homem(Ariel) e uma mulher (Raquel).	branca
506	(29:03) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e a baby que passeia com seu	(29:03) – Imagem	(29:03) –
507	Adelino na coleira...	fechada em um porco tomando banho, em seguida a imagem abre e o	Trilha branca

	porco está preso a uma corrente e passeando pelas ruas da cidade com um homem.	
508 (29:07) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas os animais que você vai 509 ver agora... são selvagens... vivem soltos no rio... no meio da 510 mata...	(29:07) – Imagem de animais selvagens na mata e no rio.	(29:07) – Trilha branca
511 (29:15) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas atendem o chamado deste 512 homem... um fazendeiro do Tocantins que conquistou 513 verdadeiras feras...	(29:15) – Imagem fechada em um jacaré no rio em seguida imagem aberta em um homem e a repórter ao lado, a beira de um rio.	(29:15) – Trilha branca (som de palmas)
	(29:25) – Imagem do jacaré no rio, em seguida a imagem passa rapidamente por uma cidade.	(29:25) – Trilha branca
514 (29:29) – <i>Off</i> Heleine Heringer: estamos no município de 515 Lagoa da Confusão... a trezentos quilômetros de Palmas no 516 Tocantins...	(29:29) – Imagem de uma cidade e no canto esquerdo da tela aparece uma parte do mapa do Brasil. 	(29:29) – Trilha branca
	(29:40) – Imagem da câmera percorrendo	(29:40) – Trilha

		uma estrada, animais selvagens e chegando a entrada de uma fazenda.	branca
517	(29:42) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a sede da fazenda Praia Alta	(29:42) – Imagem de	(29:42) –
518	fica as margens do Rio do Porto...	uma fazenda.	Trilha branca
519	(29:48) – <i>Off</i> Heleine Heringer: toda tarde seu Elói vai a beira	(29:48) – Imagem do	(29:48) –
520	do barranco e bate palmas.... faz barulhos estranhos... seu Elói	seu Elói a beira do	((som de
521	está chamando jacarés... ele garante que eles são de	rio, com uma	palmas))...
522	estimação... e logo vão aparecer...	bandeja com pedaços de carne. Em seguida aparece seu Elói batendo palmas e a imagem do jacaré no rio.	(29:59) – Background hum, hum, hum)
523	(30:05) – Heleine Heringer: bater palma...	(30:05) – Imagem do jacaré no rio.	(30:05) – Trilha branca
524	(30:07) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e eu tento ajudar...	(30:07) – Imagem do jacaré no rio em seguida imagem da repórter batendo palmas.	(30:07) – Trilha branca ((som de palmas))
525	(30:10) – Heleine Heringer: e o som? hum... hum... hum...	(30:10) – Imagem da repórter e seu Elói ao lado, ambos na beira do rio, em cima de um deck.	(30:10) – Background
526	(30:12) – Elói: mais ou menos isso...	(30:12) – Imagem fechada no rosto de seu Elói e da repórter.	(30:12) – Background
527	(30:13) – Heleine Heringer: mais...não tá...	(30:13) – Imagem	(30:13) –

		fechada no rosto de seu Elói e da repórter.	Background ((som huim...huim ...huim))
528 (30:17) – Elói: o som é o som que o filhote faz...	529 quando...quando novinho ele faz esse som...	(30:17) – Imagem fechada no rosto de seu Elói e da repórter. Em seguida aparece a imagem do jacaré no rio.	(30:17) – Background ((som huim, huim, huim))
530 (30:24) – Heleine Heringer: eu tenho que confessar seu Elói...	531 eu tenho medo... o senhor não tem medo de chegar lá?	(30:25) – Imagens da câmera percorrendo pelo rio. Em seguida imagem do seu Elói e a repórter descendo para perto da margem do rio, onde estão dois jacarés.	(30:25) – Background
532 (30:31) – Elói: não...		(30:31) – Imagem do seu Elói e a repórter perto da margem do rio, onde estão dois jacarés.	(30:31) – Trilha branca
533 (30:34) – <i>Off</i> Heleine Heringer: é... mas o animal está	534 acostumado com o cheiro do seu Elói e não gosta muito de	(30:34) – Imagem do jacaré no rio. Em seguida aparece outras imagens de diversos jacarés (não os que estão na fazenda)	(30:34) – Trilha branca
535 estranhos... é um jacaré Assú... que quer dizer... jacaré	536 gigante... essa espécie é exclusiva da América do Sul... ele é o		
537 predador do topo da cadeia alimentar... pra enfrenta-lo só	538 mesmo essa sucuri corajosa... normalmente se alimentam de		
539 pequenos animais e peixes... mas quando está com fome...	540 pode comer até mesmo os da própria espécie...	(30:56) – Imagem de uma sucuri enrolada em um jacaré.	

541 (31:10) – <i>Off</i> Heleine Heringer: pode chegar até seis metros e 542 pesar perto dos trezentos quilos...	(31:10) – Aparece escrito no canto da tela: 10 metros em seguida aparece escrito no canto da tela: 300 quilos.	(31:10) – Trilha branca
	(31:15) – Imagem de um jacaré andando pela floresta.	(31:15) – Trilha branca
543 (31:19) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas mesmo sendo um dos 544 maiores predadores do Brasil... tem lá suas delicadezas... 545 reparem... a mamãe jacaré carrega os filhotes dentro da boca...	(31:19) – Imagem de um jacaré na floresta. Em seguida aparece a imagem de um jacaré com um jacarezinho na boca.	(31:19) – Trilha branca
	(31:28) – Imagem de vários filhotes de jacaré. Em seguida aparece a imagem do jacaré no rio do seu Elói.	(31:28) – Trilha branca
546 (31:33) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas todo cuidado é pouco... 547 quando estamos perto de um animal selvagem desse porte...	(31:33) – Imagem do jacaré no rio do seu Elói.	(31:33) – Trilha branca
548 (31:42) – Heleine Heringer: um misto de admiração e medo 549 ((risos))... não sei qual que eu tenho mais... admiração por ser 550 um bicho tão lindo... tão imponente... ou o medo de chegar (551)...	(31:42) – Imagem de perto do jacaré no rio do seu Elói. Em seguida aparece imagem aberta da beira do rio com a repórter e seu Elói e volta a fechar a	(31:42) – Background ((som de palmas))

		imagem no jacaré.	
552	(31:51) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o nome dele é Venceslau e	(31:51) – Imagem	(31:51) –
553	seu Elói mostra como identificar... veja o detalhe do rabo do	fechada no jacaré	Trilha
554	jacaré... Venceslau tem um olho cego... que também	que está no rio. Em	branca
555	machucou brincando...	seguida aparece seu	
		Elói a beira do rio,	
		com uma vara na	
		mão alimentando o	
		jacaré.	
556	(32:03) – Heleine Heringer: tá vendo que é um pouco	(32:03) – Imagem	(32:03) –
557	branquinho...	fechada na cabeça do	Trilha
		jacaré.	branca
558	(32:06) – <i>Off</i> Heleine Heringer: é a disputa pelo espaço...	(32:06) – Imagem do	(32:06) –
559	como se fosse uma forma de chamar a atenção do seu Elói...	rio com o jacaré.	Trilha
			branca
560	(32:15) – Elói: a gente acaba tem um pouco de carinho... né....	(32:15) – Imagem de	(32:15) –
561	é que nem fosse um cachorrinho de criação...	seu Elói e a repórter	Trilha
		na beira do rio.	branca
		Aparece escrito no	
		inferior da tela o	
		logotipo do	
		programa e escrito:	
		Elói Amélio –	
		fazendeiro.	
		(32:18) – Imagem do	(32:18) –
		jacaré no rio.	Trilha
			branca
562	(32:20) – <i>Off</i> Heleine Heringer: deixamos os jacarés e vamos	(32:20) – Imagem da	(32:20) –
563	a procura de novas aventuras... pelas terras do fazendeiro... ele	câmera percorrendo	Trilha
564	nunca permitiu a caça e a pesca por aqui... e por isso...	a fazenda e	branca
565	animais selvagens e muitas espécies de pássaros vêm se	mostrando no campo	
566	refugiar no lugar...	animais selvagens e	
		pássaros voando.	
		(32:38) – Imagens	(32:38) –

		do campo e os animais selvagens.	Trilha branca (sobe som)
567 (32:41) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a raposa desfila com a presa 568 na boca... curiosa dá uma paradinha pra espiar...		(32:41) – Imagem de uma raposa atravessando uma estrada de terra. Em seguida aparece a raposa parada do outro lado da estrada, com uma presa na boca.	(32:41) – Trilha branca
		(32:47) – Imagem do campo e de pássaros voando.	(32:47) – Trilha branca
569 (32:49) – <i>Off</i> Heleine Heringer: logo avistamos pássaros 570 raros... como estas inhumanas...		(32:49) – Imagem de pássaros voando e de pássaros no campo.	(32:49) – Trilha branca
571 (32:56) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a maior ave brasileira... a ema 572 também vivem em bandos por aqui... e acredite... seu Elói 573 sabe quantas são em cada família...		(32:56) – Imagem de uma ema chocando ovos no meio do campo. Em seguida aparece a imagem de várias emas andando pelo campo.	(32:56) – Trilha branca
574 (33:08) – Eloi: (mais ou menos) vinte e duas...		(33:08) – Imagem do campo com as emas andando.	(33:08) – Trilha branca
575 (33:10) – Heleine Heringer: vinte e duas emas... são animais 576 selvagens que o senhor trata como se fosse de 577 estimação...como o senhor sabe que eram vinte e duas?		(33:10) – Imagem do campo com as emas andando. Em seguida aparece a repórter e seu Elói	(33:10) – Trilha branca

	no meio do campo conversando.	
		
578 (33:17) – Eloí: porque eu conheci o ninho delas...	(33:17) – Imagem da repórter e seu Elói no meio do campo conversando.	(33:17) – Trilha branca
579 (33:19) – Heleine Heringer: quantas eram no início?	(33:19) – Imagem da repórter e seu Elói no meio do campo conversando.	(33:19) – Trilha branca
580 (33:20) – Elói: vinte e quatro ovos...nasceram vinte e duas...	(33:20) – Imagem da repórter e seu Elói no meio do campo conversando. Em seguida aparece a imagem das emas andando pelo campo.	(33:20) – Trilha branca
581 (33:23) – Heleine Heringer: o senhor é um privilegiado de ter 582 es/estes animais selvagens:: no seu QUINtal... na sua 583 FAzenda...	(33:23) – Imagem das emas andando pelo campo. Em seguida aparece a imagem da repórter e seu Elói no meio do campo conversando.	(33:23) – Trilha branca
584 (33:30) – Elói: sou... graças a Deus...	(33:30) – Imagem da repórter e seu Elói no meio do campo conversando.	(33:30) – Trilha branca
585 (33:33) – <i>Off</i> Heleine Heringer: estamos com sorte...é época 586 de postura de ovos... vamos a procura de um ninho e olha	(33:33) – Imagem do campo com as emas	(33:33) – Trilha

587	lá uma... no meio da lavoura que acabou de ser colhida...	andando. A câmera percorre todo o campo até chegar em uma ema que está chocando no ninho.	branca
588	(33:47) – Heleine Heringer: e a gente vê aqui... olha... que é	(33:47) – Imagem da	(33:47) –
589	uma lavoura que tá sendo trabalhada... e pelo rastro... a gente	repórter e seu Elói,	Trilha
590	vê que eles realmente tomam cuidado pra não atropelar o	próximos ao ninho	branca
591	ninho...	da ema, com vários ovos.	
592	(33:59) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e o interessante aqui é que	(33:59) – Imagem de	(33:59) –
593	quem choca os ovos é o papai ema...	uma ema chocando os ovos.	Trilha branca
594	(34:05) – Elói: a fêmea só vem pra colocar...quem faz o	(34:05) – Imagem da	(34:05) –
595	ninho... que convida e que acasala... é o macho né...	repórter e seu Elói conversando no meio do campo.	Trilha branca
596	(34:10) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o nosso cinegrafista extra	(34:10) – Imagem de	(34:10) –
597	série se aproxima... chega a menos de um metro do macho... e	um cinegrafista perto da ema chocando os ovos. A imagem fecha no rosto da ema macho. A ema se levanta e sai do ninho.	Trilha branca
598	seu Elói faz questão de contar os ovos...		
599	(34:22) – Elói: quarenta... quarenta um... ovos... bota pertinho	(34:22) – Imagem fechada nos ovos e de um dedo apontando para eles.	(34:22) –
600	()...		Trilha branca
601	(34:28) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o macho não sai de perto...	(34:28) – Imagem da ema macho perto do seu Elói e dá repórter.	(34:28) –
602	(34:30) – Heleine Heringer: olha ele lá... oh:... querendo	(34:30) – Imagem da	(34:30) –

602	volta... pra chocar os ovos... não tá entendendo o que está	ema macho andando	Trilha
603	acontecendo... vamo embora... pra ele chocar com	pelo campo sem se	branca
604	tranquilidade...	afastar muito do ninho.	
		(34:40) – Imagem da ema macho voltando para o ninho	(34:40) – Trilha branca
605	(34:46) – <i>Off</i> Heleine Heringer: tanto cuidado é	(34:46) – Imagem	(34:46) –
606	recompensado... veja que estes filhotes já tem alguns meses de	fechada no rosto da	Trilha
607	vida...	ema que está no ninho. Em seguida a imagem abre mostrando alguns filhotes de ema correndo pelo campo.	branca
608	(34:51) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a ninhada leva um ano pra	(34:51) – Imagem da	(34:51) –
609	chegar na fase adulta... mas pra chegar até lá... elas tem que	ema e seus filhotes.	Trilha
610	fugir dos predadores... um deles é o quati... que passa rápido...	Aparece escrito no	branca
611	cortando a trilha de um lado pro outro... mas os animais	canto esquerdo da	
612	selvagens que seu Elói mais gosta... são os servos do	tela: 1 ano. Em	
613	pantanal... que também já se acostumaram com ele...	seguida aparece a imagem de pássaros voando e um quati cortando uma trilha.	
614	(35:15) – Elói: ele acompanha... inclusive... até a gente	(35:15) – Imagem	(35:15) –
615	observa quando falta um filhote...certo... que provavelmente	fechada no seu Elói.	Trilha
616	foi uma onça que pegou... dificilmente eles escapam do/do/do	Em seguida aparece	branca
617	ataque de uma onça...	a imagem de uma onça.	
618	(35:29) – <i>Off</i> Heleine Heringer: nos aproximamos de duas	(35:29) – Imagem do	(35:29) –
619	fêmeas... reparem que o seu Elói assovia... e ela balança a	campo com dois	Trilha
620	orelhinha...	servos. Aparece escrito na	branca ((assovios))

	tela: chefia de produção Fabiana Corrêa – Ricardo Droppa. Em seguida aparece a imagem de um cervo balançando a orelha.	
621 (35:43) – Heleine Heringer: a gente tá... ((assovios)) muito 622 perto agora... vinte e cinco metros... é Emocionante... um 623 bicho ma-ra-vi-lhoso... ó lá... não tá se sentido ameaçada... 624 bastante... 625 [	(35:43) – Imagem da repórter no campo em seguida aparece a imagem do servo.	(35:43) – Trilha branca ((assovios))
626 (35:53) – Elói: continua comendo...	(35:53) – Imagem de um servo tranquila pelo campo.	(35:53) – Trilha branca
627 (35:56) – Heleine Heringer: continua comendo ó... isso é sinal 628 de que ela tá tranquila aqui...	(35:56) – Imagem de um servo tranquila pelo campo.	(35:56) – Trilha branca
629 (36:00) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mais a frente encontramos 630 outra fêmea...	(36:00) – Imagem de um servo tranquila pelo campo.	(36:00) – Trilha branca
	(36:03) – Imagem da repórter andando pelo campo e se aproximando do servo.	(36:03) – Trilha branca
631 (36:07) – Heleine Heringer: gente... é emocionante... eu tó a 632 dez metros da... fêmea... tá me olhando...	(36:07) – Imagem da repórter andando pelo campo e se aproximando do servo.	(36:07) – Trilha branca
	(36:18) – Imagem do servo fugindo,	(36:18) – Trilha

		correndo pelo campo	branca (sobe som)
633 (36:23) – <i>Off</i> Heleine Heringer: começamos a procurar um	634 servo macho... e não demora muito... encontramos... nosso	635 cinegrafista vai chegando cada vez mais perto...ele não parece	636 se importar e deita na lama pra se refrescar... é a minha vez de
637 chegar mais perto... apesar de parecer tranquilo... não	638 podemos esquecer que é um animal selvagem... a briga entre	639 machos é violenta...	
		(36:23) – Imagem da repórter andando pelo campo. Em seguida aparece a imagem de um servo andando pelo campo e depois deita na lama.	(36:23) – Trilha branca
		(37:03) – Imagem da repórter caminhando pelo campo e um servo logo a frente.	(37:03) – Trilha branca
640 (37:06) – Heleine Heringer: ((respiração ofegante)) é uma	641 emoção muito forte... porque... é um bicho selvagem... isso é	642 raríssimo... você conseguir caminhar assim... quase ao lado...	643 de um veado... solto na natureza... ((respiração ofegante)) meu
644 coração... tá batendo forte... não quero que ele se assuste...		(37:06) – Imagem da repórter caminhando pelo campo em direção ao servo.	(37:06) – Trilha branca
645 (37:31) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e ele não se incomoda com	646 minha presença... pra minha sorte...	(37:31) – Imagem fechada do servo	(37:31) – Trilha branca
647 (37:35) – Heleine Heringer: isso é o mais perto que consegui	648 chegar até agora... olha... dez me::tros... chegando mais	649 per::to... meu coração tá batendo muito forte... ((parada em	650 frente ao servo)) oi:... oi:... tá pastando tranquilo?... eu tó a
651 cinco metros dele... tá me olhando... viu que eu não ofereci	652 perigo...		(37:35) – Background
		(38:10) – Imagem da repórter bem perto do servo.	(38:10) – Trilha branca (sobe som)
653 (38:15) – <i>Off</i> Heleine Heringer: pela galhada da pra ver que é	654 um servo adulto... todo ano ele perde o chifre e quando cresce	(38:15) – Imagem fechada na cabeça do	(38:15) – Trilha

655	a galhada... ganha mais uma ponta... e eu conto...ele tem doze	servo.	branca
656	anos... eu passo cerca de vinte minutos observando o servo...		
657	até que ele descida voltar pra mata...		
658	(38:39) – Heleine Heringer: é com essa imagem do macho	(38:39) – Imagem da	(38:39) –
659	indo embora tran-quilo... é que eu me despeço... dessa terra	repórter vendo o	Trilha
660	maravilhosa... um dos animais... que convive tão de perto...	servo indo embora.	branca
661	com o homem...		
		(38:47) – Imagem de muitos pássaros voando.	(38:47) – Trilha branca (sobe som)
662	(38:48) – <i>Off</i> Heleine Heringer: como é possível... um lugar	(38:48) – Imagem de	(38:48) –
663	guardar tantas surpresas... seu Elói... um homem	muitos pássaros	Trilha
664	privilegiado... que tem no quintal de casa... um mundo de	voando. Em seguida	branca
665	bichos selvagens... de estimação... tão perto dos olhos e das	a imagem do seu	
666	mãos... amados e protegidos...	Elói andando a beira do rio e as imagens dos animais que tem na fazenda (jacaré, servo, ema)	
		(39:05) – Imagem de muitos pássaros voando.	(39:05) – Trilha branca (sobe som)
667	(39:09) – Marcos Hummel: tinha uma pedra no meio do	(39:09) – Imagem	(39:09) –
668	caminho... ou seria no meio da margem? A confusão... deu	de Marcos Hummel	Trilha
669	nome... a uma lagoa...	dentro do estúdio, vindo do canto esquerdo da sala, entre as mesas, até o centro da sala.	branca
		(39:18) – Imagem de um rio com por do sol.	(39:18) – Trilha branca

		(sobe som)
670 (39:20) – <i>Off</i> Heleine Heringer: onde será que anda a grande 671 pedra... quem deu nome a essa lagoa? Preste atenção... você 672 consegue ver alguma coisa?	(39:20) – Imagem de um rio com por do sol. Em seguida a câmera vai percorrendo pelas águas até chegar a margem.	(39:20) – Trilha branca
673 (39:28) – Heleine Heringer: mas ela tá... no meu da água?	(39:28) – Imagem da Repórter e mais uma pessoa ao seu lado, que não dá para ver o rosto, a margem de uma lagoa e apontando para frente.	(39:28) – Trilha branca
674 (39:30) – Morador: não moça... é perto... duzentos metros pra 675 entra no/no/na mata lá...	(39:30) – Imagem de um senhor conversando com a repórter a beira da lagoa. Em seguida a imagem volta para a lagoa, dando um zoom em uma mata.	(39:30) – Trilha branca
676 (39:37) – <i>Off</i> Heleine Heringer: será mesmo que ela existe? 677 será que se esconde? ou simplesmente... muda de lugar?	(39:37) – Imagem da lagoa.	(39:37) – Trilha branca
678 (39:46) – Moradora: essa pedra é uma confusão... uma hora 679 diz que tá num lugar... uma hora diz que tá no outro...	(39:46) – Imagem de uma mulher dando uma entrevista.	(39:46) – Trilha branca
680 (39:48) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a cidade de Lagoa da 681 Confusão... é bem pequenininha... um lugar tran-quilo... 682 apesar do nome...	(39:48) – imagem do centro de uma cidade.	(39:48) – Trilha branca
	(39:56) – Imagem de	(39:56) –

700	cidade... estão apenas começando...	câmera percorrendo a lagoa e o centro da cidade.	Trilha branca
701	(41:02) – Raimunda de Souza ((moradora)): uma pedra que	(41:02) – Imagem	(41:02) –
702	ela não fica no meio... ela fica quase na outra margem... só	fechada em uma	Trilha
703	que dá impressão que ela tá no meio... as vezes você acha que	mulher falando a um	branca
704	ela tá no meio... as vezes você acha que ela tá do outro lado...	microfone. Aparece	
705	as vezes você acha que ela tá dum lado... outra vez você acha	no canto inferior da	
706	que ela tá perto do morro... é uma confusão infinita...	tela o logotipo do programa e escrito: Raimunda de Souza – moradora.	
707	(41:19) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas a confusão no lugar não	(41:19) – Imagem da	(41:19) –
708	para nas águas da lagoa não... histórias de caçadores... até hoje	repórter, seu Dedeco	Trilha
709	seu Dedeco e eu Gaterio...	e seu Gateiro, sentados em um banco, em baixo de uma sobra de árvore a beira da lagoa, conversando.	branca
710	(41:30) – <i>Off</i> Heleine Heringer: disputam quem deu o	(41:30) – Imagem	(41:30) –
711	primeiro tiro em uma onça... e o pior... garantem... as duas	em forma de	Trilha
712	balas entraram... no mesmo buraco...	desenho animado retratando da história comentada pela repórter. Aparece escrito: arte Pedro Tarantino – Gabriel Herculano.	branca
713	(41:38) – Heleine Heringer: tá uma confusão essa história...	(41:38) – Imagem	(41:38) –
714	[	fechando no rosto do seu Gateiro.	Background
715	(41:39) – Otacílio Dias (Dedeco): tá...	(41:39) – Imagem	(41:39) –
		percorre para a	Background

		repórter.	
716	(41:40) – Heleine Heringer: quem que deu o tiro?	(41:40) – Imagem percorre até o rosto de seu Dedeco.	(41:40) – Background
717	(41:41) – Otacílio Dias (Dedeco): quem deu o tiro uma vez	(41:41) – Imagem fecha no rosto do seu	(41:41) – Background
718	foi eu... outra vez foi ele	Dedeco.	
719	[		
720	(41:42) – Heleine Heringer: e você?	(41:42) – Imagem percorre pelo rosto da repórter e passa para o rosto do seu Gateiro.	(41:42) – Background
721	(41:43) – Seu Gateiro: o segundo	(41:43) – Imagem fechada no rosto do seu Gateiro.	(41:43) – Background
722	[		
723	(41:44) – Heleine Heringer: mas tinha um buraco só	(41:44) – Imagem abre no seu Dedeco e seu Gateiro sentados.	(41:44) – Background
724	[		
725	(41:45) – Seu gateiro: é	(41:45) – Imagem aberta no seu Dedeco e seu Gateiro sentados.	(41:45) – Background
726	[		
727	(41:46) – Otacílio Dias (Dedeco): é o buraco	(41:46) – Imagem aberta no seu Dedeco e seu Gateiro sentados.	(41:46) – Background
728	[		
729	(41:49) – Otacílio Dias (dedeco): ()	(41:49) – Imagem aberta no seu Dedeco e seu Gateiro sentados e aparece os braços da repórter (gesticulando)	(41:49) – Background
730	[		

731	(41:50) – Heleine Heringer: ma... co/co/mo... do mesmo	(41:50) – Imagem do	(41:50) –
732	tempo leva no mesmo buraco? é uma confusão isso.	seu Dedeco e seu	Background
733	[	Gateiro sentados e	
		abre imagem	
		aparecendo a	
		repórter.	
734	(41:56) – Seu Gateiro: é...é... já uma confusão viu	(41:56) – Imagem	(41:56) –
735	[	fecha no rosto do seu	Background
		Gateiro.	
736	(41:57) – Otacílio Dias (Dedeco): é confusão pode ser	(41:57) – Imagem	(41:57) –
737	confusão... mas verdade ela é...	fecha no rosto do seu	Background
		Dedeco.	
738	(42:03) – <i>Off</i> Heleine Heringer: seu Dedeco conhecido pe-la	(42:03) – Imagem	(42:03) –
739	vitalidade... também é vítima de uma GRANde confusão...	fechada no rosto do	Trilha
		sei Dedeco. Em	branca
		seguida abre a	
		imagem aparecendo	
		o seu Dedeco e seu	
		Gateiro.	
740	(42:08) – <i>Off</i> Heleine Heringer: dizem que algum tempo... um	(42:08) – Imagem	(42:08) –
741	dos filhos descobriu que ele tinha três mulheres dentro de	em forma de	Trilha
742	casa... o rapaz veio de outra cidade pra terminar com esse	desenho animado	branca
743	estranho romance... colocou todo mundo pra correr... mas será	retratando a história	
744	que é verdade?	contada pela	
		repórter.	
745	(42:23) – Otacílio Dias (Dedeco): isso aí é demais de	(42:23) – Imagem	(42:23) –
746	confusão ((risos)) mas é confusão ()... mas outra	fechada no rosto do	Trilha
747	[	seu Dedeco.	branca
			(risos)
748	(42:31) – Heleine Heringer: é verdade ou não é?	(42:31) – Imagem	(42:31) –
		aberta no seu	Trilha
		Dedeco e seu	branca
		Gateiro.	
749	(42:32) – Otacílio Dias (Dedeco): eu não sei não...	(42:32) – Imagem	(42:32) –

		aberta no seu Dedeco e seu Gateiro.	Trilha branca (sobe som)
750	(42:33) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mas seu gaterio está ai pra	(42:33) – Imagem	(42:33) –
751	comprovar... e repete as palavras ditas por seu Dedeco... sobre	aberta no seu	Trilha
752	o dia do acontecido...	Dedeco e seu Gateiro.	branca
753	(42:42) – Antonio Pereira (Seu Gateiro): na idade que eu to	(42:42) – Imagem	(42:42) –
754	com noventa e poucos anos eu no só homem pra... menos de	aberta no seu	Trilha
755	três muié... três pra frente ((risos)) ()	Dedeco e seu	branca
756	[	Gateiro falando. Aparece no conto inferior da tela o logotipo do programa e escrito: Antonio Pereira – morador.	
757	(42:50) – Otacílio Dias (Dedeco): isso é (verdade)...	(42:50) – Imagem fechada no seu Dedeco.	(42:50) – Trilha branca
758	(42:53) – <i>Off</i> Heleine Heringer: histórias a parte... vamos	(42:53) – Imagem da	(42:53) –
759	voltar a lagoa... onde anda a tal pedra?	lagoa e uma mata ao fundo dela.	Trilha branca
760	(42:59) – Heleine Heringer: mas eu não tô vendo pedra	(42:59) – Imagem do	(42:59) –
761	nenhuma	seu Dedeco, seu	Trilha
762	[	Gateiro e a repórter sentados em baixo da árvore.	branca
763	(43:01) – Otacílio Dias (Dedeco): (pois é)	(43:01) – Imagem do	(43:01) –
764	[	seu Dedeco, seu Gateiro e a repórter sentados em baixo da árvore, conversando.	Trilha branca

765	(43:02) – Heleine Heringer: é grande ou pequena?	(43:02) – Imagem do seu Dedeco, seu Gateiro e a repórter sentados em baixo da árvore, conversando.	(43:02) – Trilha branca
766 767	(43:03) – Otacílio Dias (Dedeco): é grande... é uma pedra grande...	(43:03) – Imagem do seu Dedeco, seu Gateiro e a repórter sentados em baixo da árvore, conversando.	(43:03) – Trilha branca
768 769 770	(43:04) – Antônio Pereira (Seu Gateiro): vai rapando a vista com/na água [	(43:04) – Imagem vai fechando em seu Gateiro que está apontando para a lagoa.	(43:04) – Trilha branca
771	(43:06) – Otacílio Dias (Dedeco): é rapando a vista na água...	(43:06) – Imagem vai fechando em seu Gateiro que está apontando para a lagoa.	(43:06) – Trilha branca
772 773	(43:07) – Antônio Pereira: até que/que... ainda gorinha eu vi ela... ela se torna branca na hora desce...	(43:07) – Imagem do seu Gateiro.	(43:07) – Trilha branca
774 775	(43:11) – Heleine Heringer: é... eu acho que eu vou ter que/que ir até lá...como é que a gente vai?	(43:11) – Imagem do seu Gateiro e a repórter na beira do lago, conversando.	(43:11) – Trilha branca
776 777	(43:15) – Antônio Pereira (Seu Gateiro): tem um barco ali que deve ser de aluguer...	(43:15) – Imagem do seu Gateiro e a repórter na beira do lago, conversando.	(43:15) – Trilha branca
778	(43:18) – <i>Off</i> Heleine Heringer: antes de embarcar... mais uma	(43:18) – Imagem do	(43:18) –

779	descoberta...	seu Gateiro andando pela encosta do lago.	Trilha branca
780	(43: 22) – Heleine Heringer: tem jacaré?	(43: 22) – Aparece a imagem fechada em uma mulher falando em um microfone.	(43: 22) – Background
781 782	(43:23) – Raimunda de Souza (moradora): tem... o pai da lagoa tem seis metros...	(43:23) – Imagem fechada em uma mulher falando em um microfone. A imagem vai abrindo aparecendo da repórter que está segurando o microfone.	(43:23) – Background
783 784	(43:26) – Heleine Heringer: será que eu encontro ele se eu for de barquinho?	(43:26) – Imagem da repórter segurando o microfone e entrevistando a mulher.	(43:26) – Background
785 786 787 788	(43:28) – Raimunda de Souza (moradora): bom eu acho que você poderia procurar... ele deve tá lá... escondido no meio no pântano... só cuidado pro barco não encalha nele... porque se encaLHA ((risos))	(43:28) – Imagem da repórter segurando o microfone e entrevistando a mulher.	(43:28) – Background
789 790	(43:37) – Heleine Heringer: eu vou tenta então... tá bom?	(43:37) – Imagem fechada na mulher.	(43:37) – Background
791	(43:39) – Raimunda de Souza (moradora) falô... boa sorte...	(43:39) – Imagem fechada na mulher.	(43:39) – Background
792	(43:40) – Heleine Heringer: tá bom... obrigada...	(43:40) – Imagem fechada na mulher.	(43:40) – Trilha branca
793	(43:42) – Raimunda de Souza (moradora): tchau...	(43:42) – Imagem da repórter indo em	(43:42) – Trilha

		direção ao barco.	branca
794 (43:43) – <i>Off</i> Heleine Heringer: hora de tirar toda essa 795 confusão a limpo...		(43:43) – Imagem da repórter caminhando com seu Gateiro. Em seguida aparece os dois já dentro do barco.	(43:43) – Trilha branca
796 (43:47) – a lagoa cobre o equivalente a mil campos de 797 futebol... são quatro quilômetros e meio de uma margem a 798 outra... vamos admirando o pântano... moRAda dos pássaros... 799 e algum tempo depois...		(43:47) – Imagem do barco percorrendo a lagoa. A bordo estão a repórter, seu Gateiro e o barqueiro. Aparece escrito no canto esquerdo da tela: 1.000 campos de futebol. Em seguida aparece a lagoa e o pântano que margeia.	(43:47) – Trilha branca
800 (44:06) – Heleine Heringer: bom seu Gateiro... cadê a pedra?		(44:06) – A imagem fecha no barco, focalizando bem seu Gateiro e a repórter.	(44:06) – Trilha branca
801 (44:07) – Seu Gateiro: óh a Pedra ali... 802 [		(44:07) – A imagem fecha no barco, focalizando bem seu Gateiro e a repórter. Seu Gateiro aponta para frente.	(44:07) – Trilha branca
803 (44:08) – Heleine Heringer: ali... 804 [		(44:08) – A câmera fecha na repórter que também aponta para frente.	(44:08) – Trilha branca

805	(44:09) – Seu Gateiro: é só falta pisa ()	(44:09) – Imagem do	(44:09) –
806	[	lago.	Trilha branca
807	(44:11) – Heleine Heringer: mas ela tá na margem... debaixo...	(44:11) – Imagem do	(44:11) –
808	das árvores	lago.	Trilha branca
809	[		
810	(44:15) – Seu Gateiro: Tá:: tá com duzentos metros... como eu	(44:15) – Imagem do	(44:15) –
811	falei ou cento e cinquenta	lago. A câmera da	Trilha
812	[	um zoom até a	branca
		margem do lago.	
813	(44:18) – Heleine Heringer: não mas aqui ela tá parecendo	(44:18) – Imagem do	(44:18) –
814	que ela tá na margem...	lago. Em seguida	Trilha
		volta a focalizar no	branca
		barco aparecendo	
		seu Gateiro e a	
		repórter	
		conversando.	
815	(44:21) – Seu Gateiro: é aparência... é confusão...	(44:21) – Imagem do	(44:21) –
		seu Gateiro e a	Trilha
		repórter	branca
		conversando,	
		sentado no barco.	
816	(44:25) – <i>Off</i> Heleine Heringer: mais cem metros... e aí... ela	(44:25) – Imagem do	(44:25) –
817	começa a aparecer...	lago e uma pedra	Trilha
		que está no meio	branca
		dele.	
818	(44:30) – Heleine Heringer: parece que a água tá mexendo	(44:30) – Imagem do	(44:30) –
819	assim... parece que ela tá mexendo um pouco...	barco próximo a	Trilha
		pedra.	branca
820	(44:34) – Seu Gateiro: é... parece... parece memo... só	(44:34) – Imagem	(44:34) –
821	parece...	fechada da pedra.	Background
822	(44:38) – Heleine Heringer: deixo eu tocar aqui nessa pedra...	(44:38) – Imagem da	(44:38) –
823	bom... que ela existe ela existe... isso a gente já /já viu... agora	repórter colocando a	Background
824	vamos vê se...	mão na pedra.	

825	[		
826	(44:46) – Seu Gateiro: dá uma sacudida nela... não vai cai	(44:46) – Imagem da	(44:46) –
827	não...	repórter sentada no	Background
828	[	barco e tentado	
		empurrar a pedra.	
829	(44:50) – Heleine Heringer: é... tô sacudindo	(44:50) – Imagem da	(44:50) –
830	[	repórter sentada no	Background
		barco e tentado	
		empurrar a pedra.	
831	(44:50) – Seu Gateiro: vai sacudir pra ver se ela mexe.	(44:50) – Imagem da	(44:50) –
832	((risos))	repórter sentada no	Background
		barco e tentado	
		empurrar a pedra.	
833	(44:51) – Heleine Heringer: parece que ela tá mexendo...	(44:51) – Imagem da	(44:51) –
834	porque o barco ou se é ela ou é o barco... é:: tá bem firme...	repórter sentada no	Background
		barco e tentado	
		empurrar a pedra.	
		(44:58) – Imagens	(44:58) –
		rápidas de diferentes	Trilha
		ângulos da pedra.	branca
835	(45:02) – <i>Off</i> Heleine Heringer: e é quando o sol começa a	(45:02) – Imagem do	(45:02) –
836	descer e enche a lagoa de ainda mais mistérios... que	por do sol sobre a	Trilha
837	encontramos o ilustre morador... o guardião da pedra... o pai	lagoa e a pedra. Em	branca
838	da lagoa... ele existe mesmo... e desliza tranqui:lo sobre a	seguida aparece a	
839	água... certo de que por aqui... é ele quem manda...	imagem da lagoa e	
		um jacaré nadando.	
840	(45:22) – <i>Off</i> Heleine Heringer: enquanto isso os biguás	(45:22) – Imagem de	(45:22) –
841	repousam sobre a pedra que já faz parte... da cultura da	pássaros sobre a	Trilha
842	cidade...	pedra no meio da	branca
		lagoa.	
		(45:32) – Imagem	(45:32) –
		fechada na pedra.	Trilha
		Em seguida a	branca
		imagem vai abrindo	

		e a pedra vai ficando mais distante em meio a lagoa.	
843 (45:35) – Marcos Hummel: aos noventa e seis anos ela vive 844 sozinha e não depende de ninguém... uma lição de vida...		(45:35) – Imagem de Marcos Hummel no canto direito da tela em meio as mesas e computadores. A câmera vai se aproximando fechando a imagem em Marcos.	(45:35) – Trilha branca
		(45:40) – Imagem percorrendo a estrada em direção a uma cidade. (a imagem da a sensação de que estamos dentro do carro).	(45:40) – Trilha branca
845 (45:45) – <i>Off</i> Heleine Heringer: seguimos para Araguacema... 846 uma pequena cidade da duzentos e sessenta quilômetros da 847 capital de Tocantins...		(45:45) – Imagem da entrada de uma cidade. A câmera se aproxima de uma placa que indica o nome da cidade. Aparece no canto esquerdo da tela parte do mapa do Brasil, para indicar de onde estão falando.	(45:45) – Trilha branca
848 (45:52) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o rio Araguaia é o cartão 849 postal do lugar... e faz divisa ao fundo com o estado do		(45:52) – Imagem de um rio. Aparece no	(45:52) – Trilha

850	Maranhão...	inferior da tela escrito: finalização Carol Ligas.	branca
851	(46:00) – <i>Off</i> Heleine Heringer: estamos a procura de dona	(46:00) – Imagem do	(46:00) –
852	Lidu... e lá está ela... disposta na curva do rio... a canoa é de	rio e uma mulher de	Trilha
853	índio... tão estreita que cabe uma pessoa... que exige equilíbrio	costa remando um	branca
854	e força nas remadas... a mulher se aproxima... tem vigor de	barco simples de	
855	moça jovem... mas as rugas denunciam... ela beira os cem	madeira.	
856	anos... como é possível tanta vitalidade?	Aparece escrito: editores executivos – Celso Zambell – Anderson Lima.	
857	(46:35) – Dona Lidu: ()	(46:35) – imagem da dona Lidu varrendo o chão de terra batida em frente a uma casa de barro coberta de sapé.	(46:35) – Trilha branca
858	(46:38) – <i>Off</i> Heleine Heringer: o nome dela é dona Lidu...	(46:38) – Imagem da	(46:38) –
859	no-venta e seis anos e mora aqui na beira do rio Coco... mais	dona Lidu varrendo	Trilha
860	surpreendente mora aqui no meio do mato e sozinha... a	o chão de terra	branca
861	casinha é de pau a pique... dona Lidu tem filhos na cidade mas	batida em frente a	
862	fica aqui por que ama a vida no mato...	uma casa de barro, coberta de sapé. Em seguida a câmara percorre a margem do rio e a mata que está ao redor	
863	(46:50) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a casinha é de pau a pique...	(46:50) – Imagem de	(46:50) –
864	dona Lidu tem filhos na cidade mas fica aqui por que ama a	uma casa barro e	Trilha
865	vida no mato...	sapé. Em seguida a câmera fecha a imagem no rosto de dona Lidu.	branca

866 (47:00) – Dona Lidu: ((risos))... eu não me acostumo em casa 867 de filho não...	(47:00) – Imagem aberta da repórter e a dona Lidu, no quintal da casa de pau a pique. Aparece no canto inferior da tela o logotipo do programa e escrito: Liduina Ferreira – 96 anos.	(47:00) – Trilha branca
868 (47:03) – Heleine Heringer: é né [	(47:03) – Imagem aberta da repórter e a dona Lidu, no quintal da casa de pau a pique. No canto inferior da tela o logotipo do programa e escrito: Liduina Ferreira – 96 anos.	(47:03) – Trilha branca
869 (47:04) – Dona Lidu: éh::	(47:04) – Imagem da câmera percorrendo as árvores do quintal.	(47:04) – Trilha branca
870 (47:05) – Heleine Heringer: prefere viver aqui com a 871 natureza...	(47:05) – Imagem da câmera percorrendo as árvores do quintal.	(47:05) – Trilha branca (sobe som)
872 (47:09) – <i>Off</i> Heleine Heringer: vida dura e cheia de 873 trabalho... o chão de terra batida está sempre bem varrido... a 874 água... vem do poço que ela tem em frente de casa... e olha... 875 tem mais força que muita mulher jovem... pela primeira vez 876 na vida... vou tirar água de poço...	(47:09) – Imagem da dona Lidu no quintal, arrumando algumas panelas que estão expostas no sol	(47:09) – Trilha branca

		e com uma vassoura na mão. Em seguida aparece a imagem da dona Lidu varrendo o chão.	
877	(47:28) – Heleine Heringer: e agora o que que eu faço?... vai	(47:28) – Imagem da	(47:28) –
878	soltando a corda... eu acho que esse poço deve te... quanto	repórter e dona Lidu	Trilha
879	metros dona Lidu? dez quinze metros?... precisa tomar	em frente a um poço.	branca
880	cuidado pra/ pra corda não queimar a mão né?... ô dona Lidu...		
881	a água já tá lá no fundo do poço... tá acabando?... olha		
882	gente!... é pesado dona Lidu... e a senhora consegue fazer isso		
883	sozinha?... nossa vida... que braço forte que a senhora tem...		
884	(48:15) – Dona Lidu: (não da conta só)	(48:15) – Imagem fechada na repórter que está puxando a corda para trazer o balde cheio de água e dona Lidu ao lado.	(48:15) – Trilha branca
885	(48:16) – Heleine Heringer: to dando olha/ não... to dando	(48:16) – Imagem fechada na repórter que está puxando a corda para trazer o balde cheio de água e dona Lidu ao lado. Em seguida a imagem vai abrindo	(48:16) –
886	conta... mas se quiser me ajuda eu aceito... tá pesado...	aparecendo o poço.	Trilha branca
887	(48:20) – Dona Lidu: ((risos))	(48:20) – Imagem da repórter puxando a corda e dona Lidu ao lado.	(48:20) – Trilha branca
888	(48:21) – Heleine Heringer: tá ainda na metade do poço...	(48:21) – Imagem fechada dentro do poço com o balde na	(48:21) –
889	vamo lá dona Lidu...		Trilha branca

	metade.	(sobe som)
890 (48:25) – Dona Lidu: isso ai...	(48:25) – Imagem fechada dentro do poço com o balde na metade.	(48:25) – Trilha branca
891 (48:27) – Heleine Heringer: oh:...ainda bem que vem cheio 892 hein... vamo vê... gente... que peso dona Lidu ((risos))	(48:27) – Imagem aberta na repórter tirando do balde do poço e dona Lidu ajudando.	(48:27) – Trilha branca
893 (48:39) – Dona Lidu: ()	(48:39) – Imagem aberta na repórter e dona Lidu segurando o balde que está cheio de água.	(48:39) – Trilha branca
894 (48:40) – Heleine Heringer: a senhora faz isso todo dia dona 895 Lidu... que força a senhora tem...	(48:40) – Imagem da dona Lidu pegando o balde e despejando a água em outro recipiente que está ao seu lado.	(48:40) – Trilha branca
	(48:49) – Imagem fechada na água que está sendo despejada.	(48:49) – Trilha branca (sobe som)
896 (48:59) – Heleine Heringer: nossa a casa é grande né dona 897 Lidu...	(48:59) – Imagem da dona Lidu e a repórter entrando na casa de pau a pique.	(48:59) – Trilha branca
898 (49:01) – <i>Off</i> Heleine Heringer: Dona Lidu me convida pra 899 entrar... a cozinha é grande... com fogão a lenha... a comida é 900 simples...	(49:01) – Imagem da repórter e dona Lidu dentro da casa, na cozinha.	(49:01) – Trilha branca
901 (49:09) – Heleine Heringer: o que que tem aí?	(49:09) – Imagem	(49:09) –

		fechada na panela com comida dentro.	Trilha branca
902	(49:10) – Heleine Heringer: mas na panela está o segredo da	(49:10) – Imagem	(49:10) –
903	força de dona Lidu...	fechada na panela com arroz dentro.	Trilha branca
904	(49:13) – Dona Lidu: ()	(49:13) – Imagem da dona Lidu pegando a panela.	(49:13) – Trilha branca
905	(49:15) – Heleine Heringer: ok... é pato... vamos ver... olha	(49:15) – Imagem da dona Lidu abrindo a panela e a repórter ao lado vendo o que tem dentro.	(49:15) – Trilha branca
906	pato... esse que a senhora caçou na arapuça?		
907	(49:24) – Dona Lidu: é::	(49:24) – Imagem fechada na panela, com pato em molho dentro.	(49:24) – Trilha branca
908	(49:26) – Heleine Heringer: posso experimentá?	(49:26) – Imagem fechada na panela, com pato em molho dentro.	(49:26) – Trilha branca
909	[		
910	(49:27) – Dona Lidu: pode	(49:27) – Imagem fechada na panela, com pato em molho dentro.	(49:27) – Trilha branca
911	[		
912	(49:28) – Heleine Heringer: será que tá gostoso?	(49:28) – Imagem aberta na repórter segurando a panela que está em cima do fogão e dona Lidu ao lado segurando a tampa.	(49:28) – Trilha branca
913	(49:29) – Dona Lidu: pega uma coxa que tem aí	(49:29) – Imagem da dona Lidu pegando a	(49:29) – Trilha
914	[		

	panela e trazendo para perto da repórter.	branca
915 (49:30) – Heleine Heringer: mas com a mão? 916 [	(49:30) – Imagem da dona Lidu pegando a panela e trazendo para perto da repórter.	(49:30) – Trilha branca
917 (49:31) – Dona Lidu: com a mão...	(49:31) – Imagem da dona Lidu, abaixando um pouco a panela.	(49:31) – Trilha branca
918 (49:33) – Heleine Heringer: posso pega com a mão... então eu 919 vo pega uma coxinha aqui do pato com a mão... pronto... olha 920 a senhora almoço esse patinho aqui...	(49:33) – Imagem da dona Lidu segurando a panela e a repórter colocando a mão dentro para pegar um pedaço do pato em molho.	(49:33) – Trilha branca
921 (49:41) – Dona Lidu: ()	(49:41) – Imagem da dona Lidu segurando a panela e a repórter com um pedaço do pato em molho, na mão.	(49:41) – Trilha branca
922 (49:44) – Heleine Heringer: o cheiro tá bom... posso come 923 dona Lidu?	(49:44) – Imagem da repórter comendo o pedaço de pato e da dona Lidu colocando a panela no fogão.	(49:44) – Trilha branca
924 (49:46) – Dona Lidu: pode () quem quise experimentá pode 925 vim...	(49:46) – Imagem da repórter comendo o pedaço de pato e da dona Lidu colocando	(49:46) – Trilha branca

	a panela no fogão.	
926 (49:51) – Heleine Heringer: hum:::	(49:51) – Imagem da repórter comendo o pedaço de pato	(49:51) – Trilha branca
927 (49:52) – Dona Lidu: gostoso heim...	(49:52) – Imagem da repórter comendo o pedaço de pato	(49:52) – Trilha branca
928 (49:53) – Heleine Heringer: gostoso... bem temperadinho... 929 delícia...	(49:53) – Imagem da repórter comendo o pedaço de pato	(49:53) – Trilha branca
930 (49:58) – Marcos Hummel: um paraíso natural onde bicho 931 homem é um mero expectador...	(49:58) – Imagem fechada em Marcos Hummel no estúdio	(49:58) – Trilha branca
932 (50:03) – Dona Lidu: oh (você ve ai)...	(50:03) – Imagem da repórter, dona Lidu e um cachorro, andando pela mata. Dona Lidu apontando para a mata.	(50:03) – Trilha branca
933 (50:04) – Heleine Heringer: ah! esse cachorro atacou a onça 934 lá...	(50:04) – Imagem da repórter apontado para o cachorro e dona Lidu apontando para a mata. 	(50:04) – Trilha branca
935 (50:09) – Dona Lidu: bem aqui... ela pulou no chão ()...	(50:09) – Imagem de dona Lidu apontando para mata e a repórter ao lado, olhando para onde dona Lidu aponta.	(50:09) – Trilha branca

936 (50:11) – Marcos Hummel: e ela não troca essa vida por 937 nada...	(50:11) – Imagem fechada em Marcos Hummel dentro do estúdio.	(50:11) – Trilha branca
938 (50:13) – Heleine Heringer: e quando não tem o que comer?	(50:13) – Imagem fechada no rosto de dona Lidu.	(50:13) – Trilha branca
939 (50:17) – Dona Lidu: eu vo/eu vo/faço uma arapuca e pego pato ()...	(50:17) – Imagem fechada no rosto de dona Lidu.	(50:17) – Trilha branca
940 (50:20) – Heleine Heringer: aqui tem uma passagenzinha 941 aqui... pro tamanho da dona Lidu dá, mais olha aqui... é tudo 942 pequenininho né dona Lidu?	(50:20) – Imagem da repórter e dona Lidu entrando na casa de pau a pique.	(50:20) – Trilha branca
943 (50:31) – <i>Off</i> Heleine Heringer: Dona Lidu vive aqui sem 944 energia... a geladeira fica no quarto...	(50:31) – Imagem de dentro da casa.	(50:31) – Trilha branca
945 (50:37) – Dona Lidu: agora eu boto a banana aqui...	(50:37) – Imagem de uma geladeira aberta e a mão de dona Lidu apontando para dentro dela.	(50:37) – Trilha branca
946 (50:39) – <i>Off</i> Heleine Heringer: na casa ela tem apenas um 947 lugar para o descanso...	(50:39) – Imagem aberta do quarto.	(50:39) – Trilha branca
948 (50:43) – Heleine Heringer: oh sua cama aqui...	(50:43) – Imagem aberta do quarto.	(50:43) – Trilha branca
949 (50:46) – Dona Lidu: é tá/tô limpando ai ()...	(50:46) – Imagem da repórter e dona Lidu se aproximando da cama.	(50:46) – Trilha branca
950 (50:48) – Heleine Heringer: é né... com mosquiteiro... tem 951 muito mosquito aqui?	(50:48) – Imagem da repórter passando a	(50:48) – Trilha

		mão no mosquitoireo que está sob a cama.	branca
952	(50:50) – Dona Lidu: nã/ e/é agora não tem não...	(50:50) – Imagem da repórter passando a mão no mosquitoireo que está sob a cama.	(50:50) – Trilha branca
953	(50:52) – Heleine Heringer: não né...	(50:52) – Imagem da repórter e dona Lidu passando para um outro cômodo.	(50:52) – Trilha branca
954	(50:54) – Dona Lidu: a cadeira do meu veio...	(50:54) – Imagem da dona Lidu caminhando em direção ao canto do cômodo e a repórter atrás.	(50:54) – Trilha branca
955	(50:56) – <i>Off</i> Heleine Heringer: no outro quarto a mulher com	(50:56) – Imagem da	(50:56) –
956	o rosto marcado... pela dificuldades da vida... guarda as	dona Lidu	Trilha
957	lembranças do marido... dez anos já se passaram e Dona Lidu	conversando com a	branca
958	ainda tem a cadeira de rodas que ele usou antes de morrer...	repórter.	
959	(51:10) – Dona Lidu: ichi... chorei a noite todinha aqui...	(51:10) – Imagem da	(51:10) –
960	minha fia tava ali... morando numa casinha ali... ()...	dona Lidu em pé com uma das mãos em cima de uma cadeira de rodas e a repórter ao lado.	Trilha branca (sobe som)
961	(51:22) – <i>Off</i> Heleine Heringer: ela sempre foi mulher de	(51:22) – Imagem da	(51:22) –
962	poucas palavras... e agora tem dificuldade pra ouvir também...	dona Lidu no quintal	Trilha
963	mas mostra que a velhice não tirou a coragem...	da casa varrendo o chão de terra batida.	branca
964	(51:32) – Heleine Heringer: a senhora não tem medo de onça?	(51:32) – Imagem da dona Lidu no quintal	(51:32) – Trilha branca
965	(51:33) – Dona Lidu: hum... hum...	(51:33) – Imagem	(51:33) –

		fechada na dona Lidu no quintal.	Trilha branca
966	(51:34) – Heleine Heringer: não tem?	(51:34) – Imagem fechada na dona Lidu no quintal.	(51:34) – Trilha branca
967 968	(51:35) – Dona Lidu: onça vem bem ai e o cachorro bota pra correr...	(51:35) – Imagem fechada no cachorro que está deitado no chão.	(51:35) – Trilha branca
969 970	(51:38) – <i>Off</i> Heleine Heringer: oi... é esse daqui que protege da onça?	(51:38) – Imagem fechada no cachorro e a repórter se aproximando e passando a mão na cabeça dele.	(51:38) – Trilha branca
971	(51:40) – Dona Lidu: é e o outro...	(51:40) – Imagem de um outro cachorro.	(51:40) – Trilha branca
972 973	(51:42) – <i>Off</i> Heleine Heringer: ela jura que uma vez se deparou com uma onça... a poucos metros da casa...	(51:42) – Imagem de uma onça andando pela mata.	(51:42) – Trilha branca
974 975 976 977	(51:47) – <i>Off</i> Heleine Heringer: Dona Lidu passava perto da mata quando deu de cara com a fera... bem em cima dela numa árvore... teve que usar uma espingarda pra assustar a onça... e mesmo ferida... fugiu...	(51:47) – Imagem e forma de desenho animado retratando a história contada.	(51:47) – Trilha branca
978 979	(52:01) – Dona Lidu: eu alevei quatro tiros eu quebrei o braço...	(52:01) – Imagem da dona Lidu e a repórter dentro da casa, na cozinha.	(52:01) – Trilha branca
980 981	(52:05) – <i>Off</i> Heleine Heringer: Dona Lidu faz questão de mostrar o lugar onde esteve tão perto da morte...	(52:05) – Imagem da repórter e dona Lidu andando pela mata. Aparece escrito no canto inferior da	(52:05) – Trilha branca

	tela: editor-chefe – Pablo Toledo.	
982 (52:10) – Dona Lidu: uma onça vem aí...	(52:10) – Imagem da repórter e dona Lidu andando pela mata.	(52:10) – Trilha branca
983 (52:12) – Heleine Heringer: a senhora vê pegada de onça... as vezes?	(52:12) – Imagem da repórter e dona Lidu andando pela mata.	(52:12) – Trilha branca
984 (52:14) – Dona Lidu: ichi...	(52:14) – Imagem da repórter e dona Lidu andando pela mata.	(52:14) – Trilha branca
985 (52:15) – <i>Off</i> Heleine Heringer: a trilha nos leva de volta ao 986 rio... e assim no despedimos dessa mulher... forte... 987 batalhadora... que mesmo sozinha e isolada... não troca o 988 pedaço de terra dela... por nenhum outro lugar nesse mundo...	(52:15) – Imagem aberta em uma trilha que chega até um rio. Em seguida aparece a imagem de dona Lidu tirando a água do poço, varrendo o chão e remando o barco. Aparece escrito no canto inferior da tela: chefe de redação – Rafael Gomide.	(52:15) – Trilha branca
	(52:30) – Imagem da dona Lidu remando o barco.	(52:30) – Trilha branca (sobe som)
989 (52:35) – <i>Off</i> Marcos Hummel: uma mescla de cores...	(52:35) – Imagem de pássaros nas árvores e do por do sol.	(52:35) – Trilha branca (sobe som)
990 (52:40) – <i>Off</i> Marcos Hummel: sabores...	(52:40) – Imagem da	(52:40) –

	repórter na aldeia indígena comendo tartaruga.	Trilha branca
991 (52:44) – <i>Off</i> Marcos Hummel: culturas...	(52:44) – Imagem dos índios se pintando.	(52:44) – Trilha branca
992 (52:49) – <i>Off</i> Marcos Hummel: um paraíso escondido... bem 993 no meio do coração do país...	(52:44) – Imagem da floresta	(52:44) – Trilha branca
994 (52:55) – <i>Off</i> Marcos Hummel: pássaros de várias espécies...	(52:55) – Imagem de pássaros sobre a pedra da lagoa da confusão e de pássaros nas árvores e voando.	(52:55) – Trilha branca
995 (53:00) – <i>Off</i> Marcos Hummel: animais selvagens...	(53:00) – Imagem de jacaré no rio e do servo no campo. Aparece escrito no inferior da tela: agradecimentos – Treking Ecoturismo – Praia Alta Ecoturismo.	(53:00) – Trilha branca
996 (53:05) – <i>Off</i> Marcos Hummel: animais carentes...	(53:05) – Imagem da repórter segurando o tamanduá em seu colo. Aparece escrito: Agradecimentos – Prefeituras – Caseara – Araguacema – Lagoa da Confusão	(53:05) – Trilha branca
997 (53:09) – Heleine Heringer: que gracinha...	(53:09) – Imagem da	(53:09) –

	repórter segurando o tamanduá e ele encostando o seu nariz no rosto da repórter.	Trilha branca
998 (53:12) – <i>Off</i> Marcos Hummel: gente agarrada a terra e cheia 999 de história para contar...	(53:12) – Imagem da dona Maria, seu Levi e dona Lidu	(53:12) – Trilha branca
1000 (53:16) – Dona Lidu: eu levei quatro tiros eu quebrei o 1001 braço...	(53:16) – Imagem da dona Lidu na cozinha da casa, conversando com a repórter.	(53:16) – Trilha branca
1002 (53:19) – <i>Off</i> Marcos Hummel: assim é o Tocantins... um 1003 pedacinho do Brasil repleto de natureza e recheado de um 1004 povo exuberante...	(53:19) – Imagem de rios e lagoas mostrados na reportagem. De animais e dos índios.	(53:19) – Trilha branca
1005 (53:30) – Marcos Hummel: imagens inéditas desta incrível 1006 jornada pelo Tocantins você pode ver a partir de agora... no 1007 portal r7... o Câmera Record volta na semana que vem... até 1008 lá... boa noite...	(53:30) – Imagem fechada em Marcos Hummel dentro do estúdio. Aparece escrito no inferior da tela: R7.com	(53:30) – Trilha branca
	(53:43) – Imagem de Marcos Hummel deixando o estúdio. Aparece na tela o símbolo da Record.	(53:43) – Vinheta